ARTEMIS



AUTOR DE **PERDIDO EM MARTE**

ANDY WEIR


ARTEMIS



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

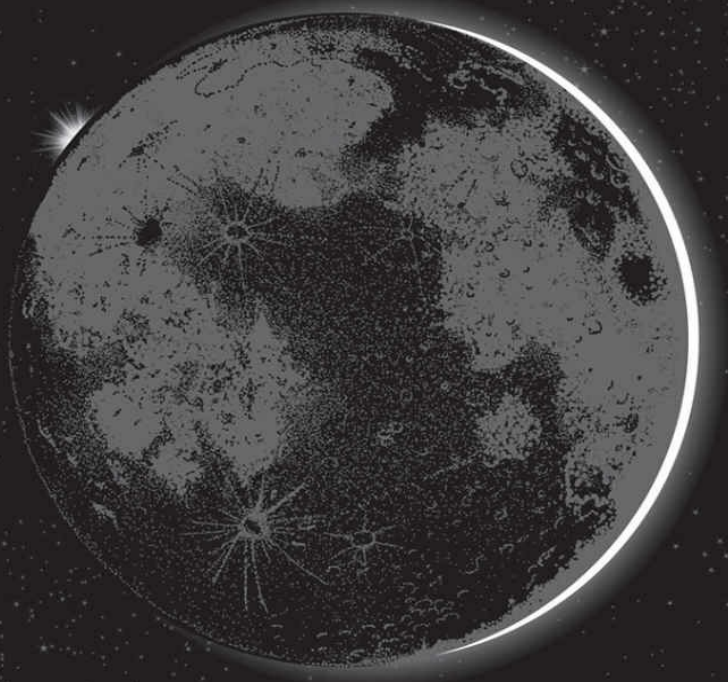
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ARTEMIS



ANDY WEIR

ARQUEIRO



https://t.me/SBDLivros

https://t.me/StarBooksDigital

Título original: *Artemis*

Copyright © 2017 por Andy Weir
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Crown Publishers, uma empresa do Crown Publishing Group, uma divisão da Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado *preparo de originais:* Victor Almeida *revisão:* André Marinho e Flávia Midori *projeto gráfico e diagramação:* Valéria Teixeira *capa:* Will Staehle *adaptação de capa:* Gustavo Cardozo *imagem de capa:* kovalto1/ Shutterstock *foto do autor:* © Aubrie Pick *adaptação para e-book:* Marcelo Morais CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W451a
Weir, Andy

Artemis [recurso eletrônico]/ Andy Weir; tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2019.

recurso digital

Tradução de: Artemis

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-920-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título.

18-53739 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARA MICHAEL COLLINS, DICK GORDON,
JACK SWIGERT, STU ROOSA, AL WORDEN,
KEN MATTINGLY E RON EVANS.
PORQUE ESSES CARAS NEM DE LONGE
RECEBEM CRÉDITO SUFICIENTE.

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

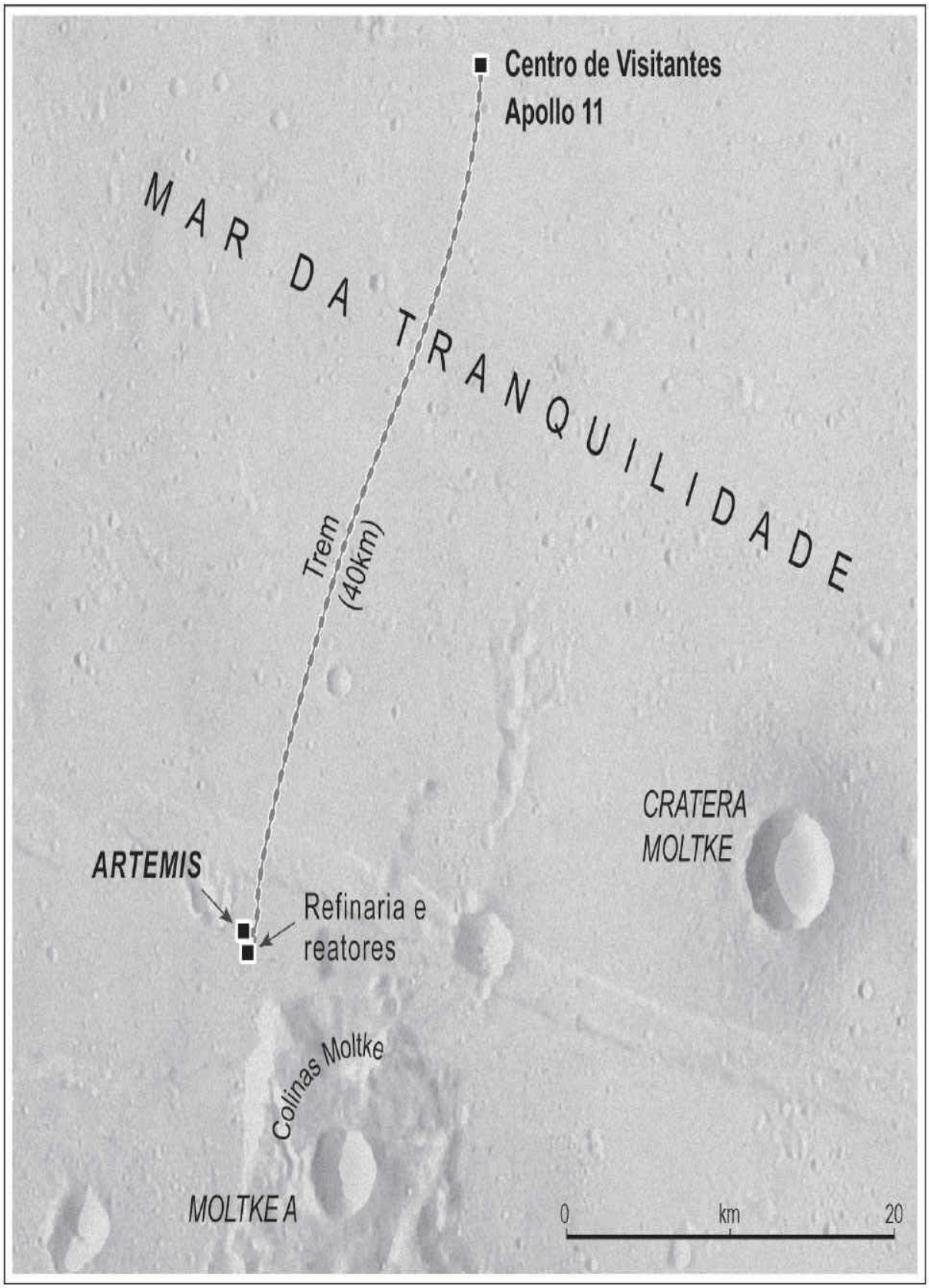
17

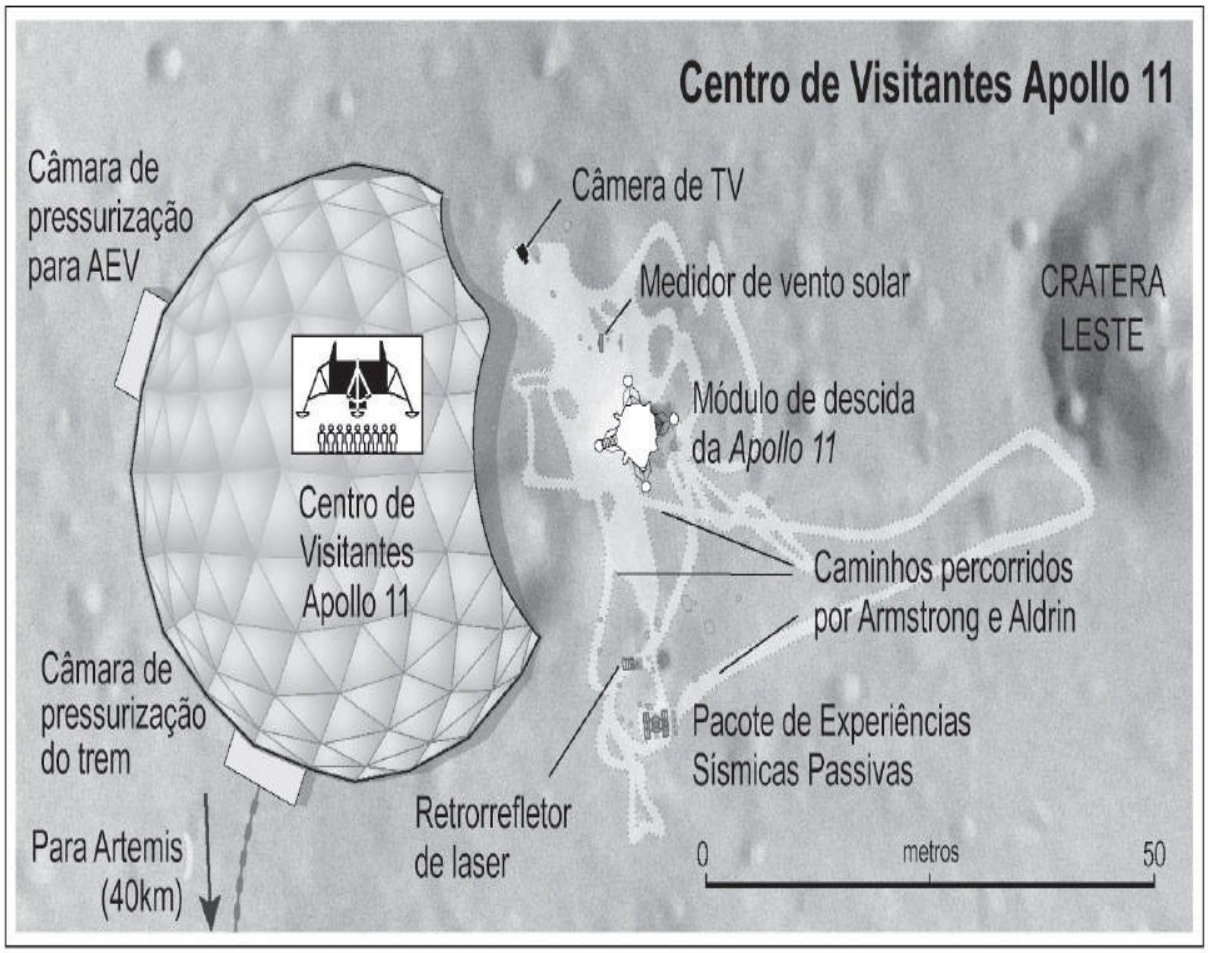
Agradecimentos

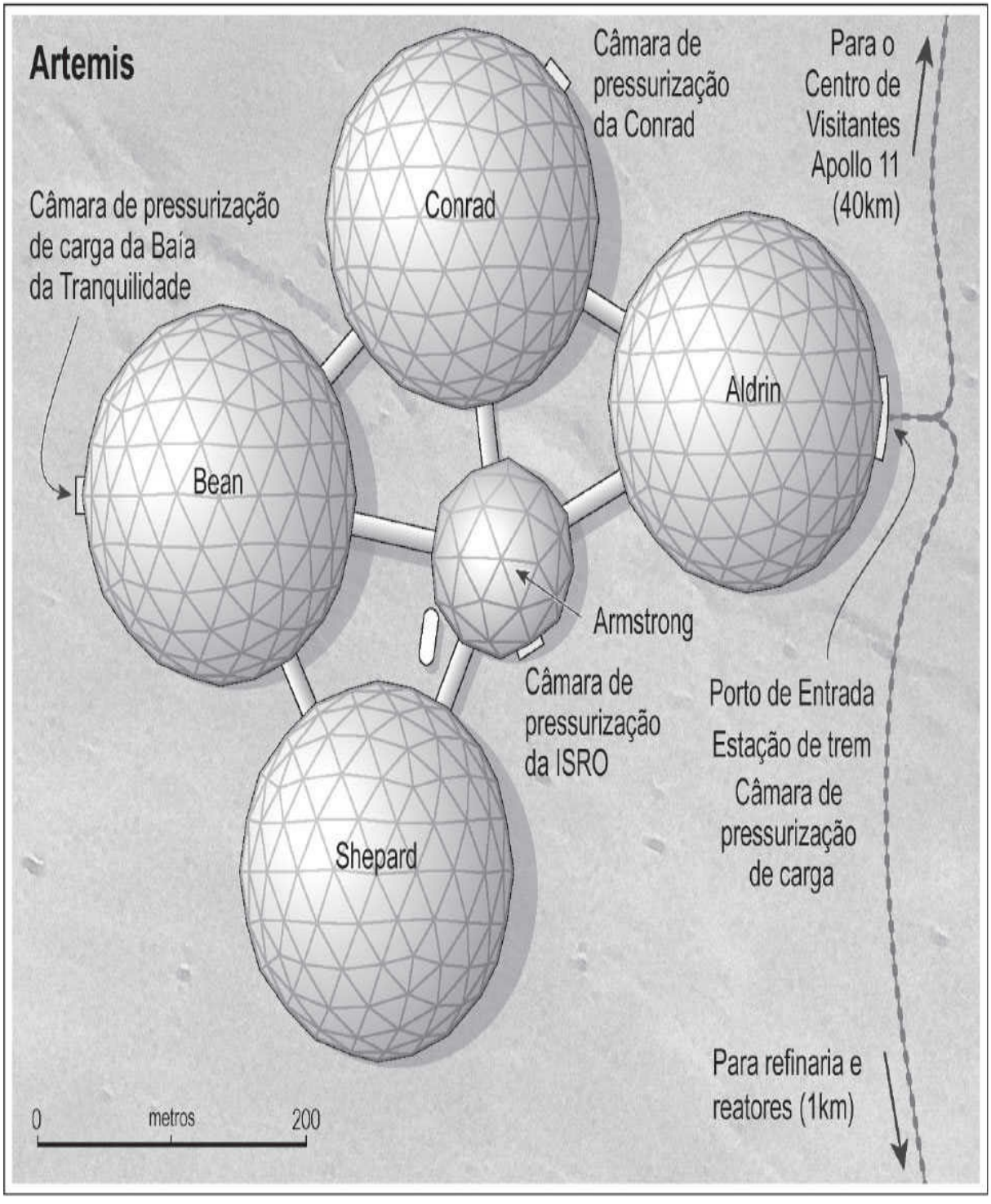
Leia um trecho de outro livro do autor

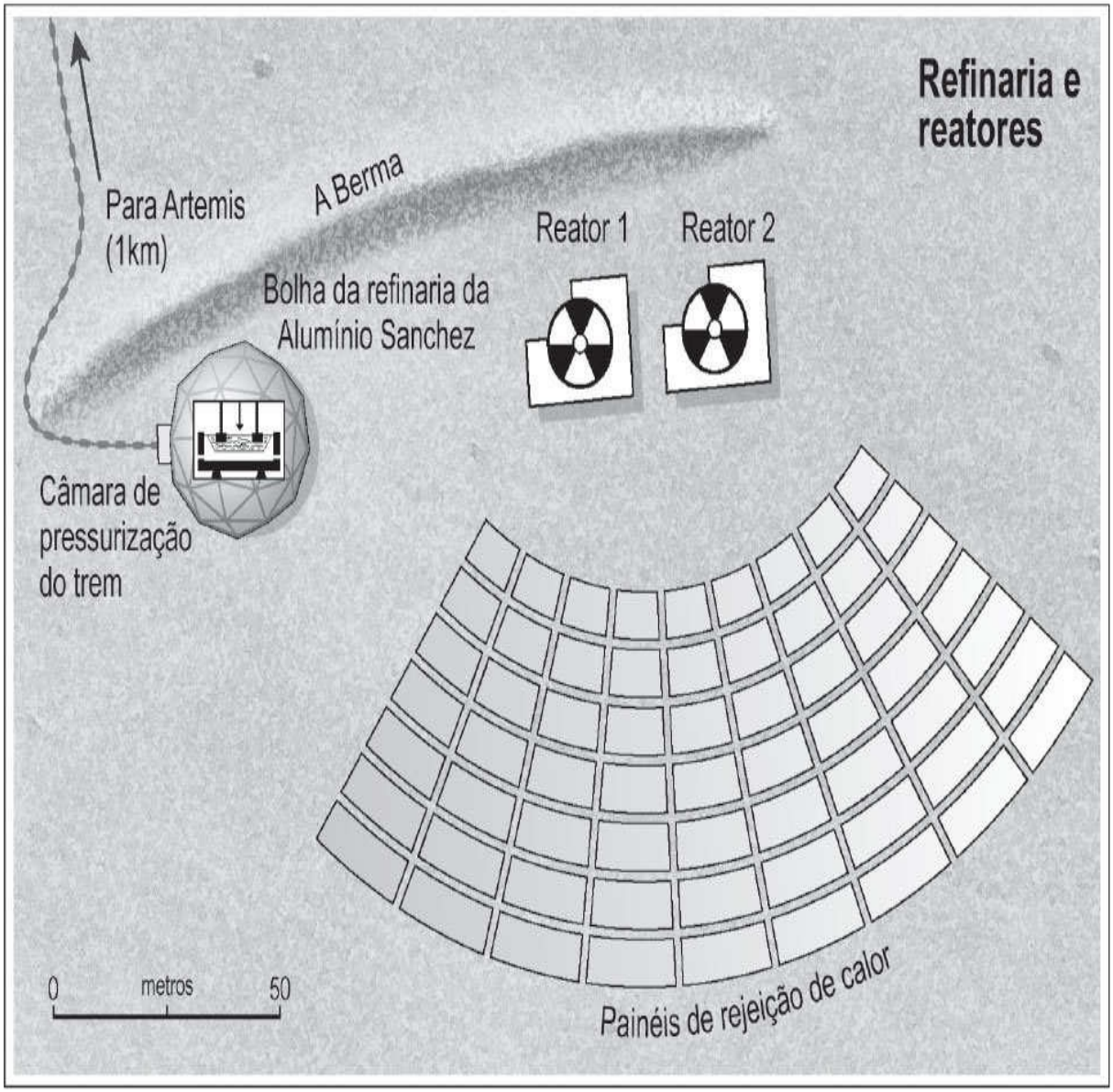
Sobre o autor

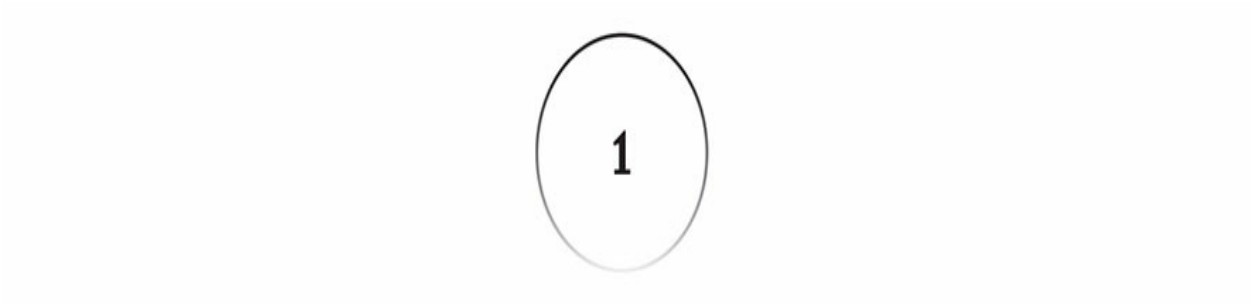
Informações sobre a Arqueiro


Centro de Visitantes
Apollo 11
MAR DA TRANQUILIDADE
Trem
(40km)
CRATERA
MOLTKE
ARTEMIS
Refinaria e
reatores
Colinas Moltke
MOLTKE A
0
km
20


Centro de Visitantes Apollo 11
Câmara de pressurização para AEV
Câmera de TV
Medidor de vento solar
CRATERA LESTE
Módulo de descida da *Apollo 11*
Centro de Visitantes Apollo 11
Caminhos percorridos por Armstrong e Aldrin
Câmara de pressurização do trem
Pacote de Experiências Sísmicas Passivas
Retrorrefletor de laser
Para Artemis (40km)
0
metros
50


Artemis
Câmara de pressurização da Conrad
Para o Centro de Visitantes Apollo 11 (40km)
Câmara de pressurização de carga da Baía da Tranquilidade
Conrad
Aldrin
Bean
Armstrong
Câmara de pressurização da ISRO
Porto de Entrada
Estação de trem
Câmara de pressurização de carga
Shepard
Para refinaria e reatores (1km)
0
metros
200


Refinaria e reatores
Para Artemis (1km)
A Berma
Reator 1
Reator 2
Bolha da refinaria da Alumínio Sanchez
Câmara de pressurização do trem
0
metros
50
Painéis de rejeição de calor



Eu corria e saltava pelo terreno cinza e poeirento em direção à enorme cúpula da Bolha Conrad. A câmara de pressurização, cercada de luzes vermelhas, estava a uma distância preocupante.

É difícil correr carregando 100 quilos de equipamento – mesmo em gravidade lunar. Mas você ficaria pasmo ao ver a velocidade com que consegue se mover quando sua vida está em perigo.

Bob vinha ao meu lado. A voz dele chegou pelo rádio:

– Me deixe conectar meus tanques ao seu traje!

– Isso só vai fazer com que você também seja morto.

– O vazamento é enorme – disse ele, bufando. – Dá para *ver* o gás escapando dos seus tanques.

– Agradeço pelo papo furado.

– Eu sou o perito em atividades extraveiculares aqui. Pare agora mesmo e me deixe fazer a maldita conexão.

– Negativo. – Continuei correndo. – Ouvi um estalo, logo antes do alarme de vazamento. Fadiga do metal. Deve ser o conjunto da válvula. Se fizer a conexão cruzada, vai acabar furando sua mangueira numa borda serrilhada.

– Estou disposto a correr o risco!

– E eu estou disposto a não permitir isso. Acredite, Bob. Eu entendo de metais.

Passei a dar saltos longos e regulares. Parecia que estava em câmera lenta, mas era o melhor modo de me mover com todo aquele peso. As informações projetadas no interior do capacete diziam que a câmara de pressurização estava a 52 metros.

Olhei as informações na tela do braço. Minha reserva de oxigênio despencou enquanto eu fazia isso. Parei de olhar.

Os saltos davam resultado. Agora estava realmente indo com tudo. Cheguei a deixar Bob para trás, e ele é o mais hábil perito em AEV na Lua. O truque é o seguinte: acrescente mais ímpeto para a frente toda vez que você tocar no chão. Só que isso também significa que cada salto é um negócio complicado. Se você fizer merda, vai cair de cara e rolar pelo chão. Os trajes espaciais são fortes, mas é melhor não raspá-los contra o regolito.

– Você está indo rápido demais! Se tropeçar, pode rachar seu visor!

– É melhor do que sugar vácuo – respondi. – Devo ter uns dez segundos.

– Estou logo atrás de você. Não espere por mim.

Só percebi como eu estava indo rápido quando as placas triangulares da Conrad

preencheram meu campo de visão. Elas estavam se aproximando *muito*, *muito* depressa.

Não tinha tempo para diminuir a velocidade. Dei um último salto e acrescentei uma cambalhota para a frente. Foi o tempo exato (mais por sorte do que por habilidade), e bati com os pés na parede. É, Bob estava certo. Eu estava indo rápido demais.

Caí, me levantei de qualquer jeito e agarrei o volante da escotilha.

Meus ouvidos estalaram. Alarmes berraram dentro do capacete. O tanque estava no finalzinho. Não podia mais neutralizar o vazamento.

Empurrei a escotilha e cambaleei para dentro. Tentei respirar e minha visão ficou turva. Fechei a escotilha com um chute, ergui a mão para o tanque de emergência e puxei o pino.

A parte de cima do tanque voou para longe e o ar inundou o compartimento. Veio tão depressa que metade se liquefez em partículas de névoa devido ao resfriamento resultante da expansão rápida. Desabei quase inconsciente.

Ofeguei dentro do traje e contive a ânsia de vomitar. Era um esforço muito maior do que eu tinha condições de fazer. Comecei a sentir dor de cabeça por causa da falta de oxigênio. Ela continuaria a me incomodar por algumas horas, no mínimo. De alguma forma, consegui ter mal da montanha na Lua.

Aos poucos minha respiração foi se normalizando. Bob finalmente chegou à escotilha. Eu o vi espiar pela janelinha redonda.

– Status? – perguntou ele pelo rádio.

– Consciente – respondi com dificuldade.

– Consegue ficar de pé? Ou devo pedir ajuda?

Bob não poderia entrar sem me matar: eu estava no chão da câmara de pressurização com um traje ruim. Mas qualquer uma das duas mil pessoas na cidade poderia abrir a câmara pelo outro lado e me arrastar para dentro.

– Não precisa.

Fiquei de quatro, depois me levantei. Firmei o corpo contra o painel de controle e iniciei a limpeza. Jatos de ar com alta pressão me golpearam por todos os lados. A poeira lunar cinza fez redemoinhos dentro da câmara e foi sugada para dutos de ventilação ao longo da parede.

Depois da limpeza, a porta interna da escotilha se abriu automaticamente.

Saí na antecâmara, soltei a escotilha interna e despenquei num banco.

Bob passou pela câmara de pressurização do modo normal – sem toda a parte dramática com o tanque de emergência (que, por sinal, agora precisaria ser substituído). Só o método convencional: bombas e válvulas. Depois do ciclo de limpeza, ele se juntou a mim na antecâmara.

Sem dizer nada, ajudei Bob a tirar seu capacete e as luvas. Você nunca deve deixar que alguém tire o traje sozinho. Dá para fazer, mas é um pé no saco. Há uma tradição nessas coisas. Ele retribuiu o favor.

– Bom, acho que não deu certo – falei enquanto ele tirava meu capacete.

– Você quase morreu. – Bob saiu do traje. – Deveria ter ouvido minhas instruções.

Eu me espremi para fora do traje e olhei a parte de trás. Apontei para um pedaço de metal serrilhado que já havia sido uma válvula.

– Como eu disse, a válvula explodiu. Fadiga do metal.

Ele olhou para a válvula e confirmou.

– É. Você tinha razão em recusar a conexão cruzada. Muito bem. Mesmo assim, isso não deveria ter acontecido. Onde você conseguiu esse traje?

– Comprei de segunda mão.

– Por quê?

– Porque não tinha dinheiro para um novo. Quase não tinha dinheiro para um usado, e vocês, seus escrotos, não iam me deixar entrar para o sindicato se eu não tivesse um traje.

– Você deveria ter economizado para comprar um novo.

Bob Lewis é um ex-fuzileiro naval americano que age sem frescuras. Mais importante, é o principal treinador do Sindicato de Atividades Extraveiculares (AEV). Presta contas a um chefe, mas somente ele determina se a pessoa tem condições de entrar. E se você não é do sindicato, não tem permissão de fazer AEV sozinho nem guiar grupos de turistas na superfície. É assim que os sindicatos funcionam. Sacanas.

– E então? Como me saí?

Ele bufou.

– Está de sacanagem? Você fracassou na prova, Jazz. Você fracassou com louvor.

– Por quê? Fiz todas as manobras exigidas, cumpri todas as tarefas e terminei a pista de obstáculos em menos de sete minutos. E quando aconteceu um problema quase fatal não coloquei meu parceiro em perigo e voltei à cidade em segurança.

Ele abriu um armário e guardou as luvas e o capacete.

– Seu traje é sua responsabilidade. Ele falhou. Isso significa que *você* falhou.

– Como você pode me culpar pelo vazamento? Tudo estava ótimo quando saímos!

– Essa é uma profissão que visa aos resultados. A Lua é uma puta velha e malvada. Ela não se importa em saber *por que* seu traje falha. Ela simplesmente mata quando isso acontece. Você deveria ter inspecionado melhor o equipamento.

Ele pendurou o resto do traje no suporte dentro do armário.

– Qual é, Bob!

– Jazz, você quase morreu lá fora. Não dá para aprovar você! – Ele fechou o armário e começou a sair. – Faça o teste de novo daqui a seis meses.

Bloqueei o caminho dele.

– Isso é ridículo! Por que eu preciso ficar no banco de espera por causa de uma regra arbitrária do sindicato?

– Preste mais atenção na inspeção dos equipamentos. – Ele me contornou e saiu da antecâmara. – E pague o preço integral quando consertar aquele vazamento.

Depois que ele saiu, me joguei no banco.

– Merda.

Fui andando pelo labirinto de corredores de alumínio até minha casa. Pelo menos não era uma longa caminhada. A cidade inteira só tem 500 metros de diâmetro.

Moro em Artemis, a primeira (e até agora única) cidade na Lua. É feita de cinco esferas enormes chamadas de “bolhas”. A metade inferior fica no subsolo, de modo que Artemis é exatamente como os antigos livros de ficção científica diziam que seria uma cidade lunar: um punhado de cúpulas.

A Bolha Armstrong está situada no meio, cercada pela Aldrin, a Conrad, a Bean e a Shepard. Cada bolha se conecta com as vizinhas por meio de túneis. Eu me lembro de ter feito um modelo da Artemis num trabalho de escola. Foi bem simples: só umas bolas e palitos. Demorei dez minutos.

É caro vir para cá e é mais caro ainda morar neste lugar. Mas uma cidade não pode ser feita somente de turistas ricos e bilionários excêntricos. Precisa de trabalhadores. Você não espera que

J. Ricaço Nababesco III limpe seu próprio banheiro, não é?

Eu faço parte da ralé.

Moro na Conrad Inferior 15, uma área maltrapilha da Bolha Conrad quinze andares abaixo da superfície. Se meu bairro fosse um vinho, os peritos diriam que é "merdoso, com notas de fracasso e péssimas decisões na vida".

Fui andando pela fileira de portas quadradas igualmente espaçadas até chegar à minha. Pelo menos era uma das "camas de baixo". Mais fácil de entrar e sair. Passei meu Gizmo diante da fechadura e a porta se abriu com um estalo. Me arrastei para dentro e ela se fechou.

Me estendi na cama olhando para o teto, que ficava a menos de 1 metro do meu rosto.

Tecnicamente é um "domicílio-cápsula", mas todo mundo chama de caixão. É só uma cama num lugar fechado com uma porta que eu posso trancar. Existe apenas uma utilidade para um caixão: dormir. Bom, certo, há outro uso (que também implica ficar na horizontal), e você já entendeu.

Tenho uma cama e uma prateleira. E só. Há um banheiro comunitário no fim do corredor e chuveiros públicos a alguns quarteirões de distância. Meu caixão nunca vai ser capa da revista *Melhores casas e paisagens lunares*, mas foi o que deu para arranjar.

Consultei meu Gizmo para ver a hora.

– Meeeerda.

Não tinha tempo para ficar remoendo. O cargueiro da CEQ ia pousar naquela tarde e eu tinha trabalho a fazer.

Só para esclarecer: o Sol não define "tarde" para nós. Só temos um "meio-dia" a cada 28 dias da Terra e, de qualquer modo, não podemos vê-lo. Cada bolha tem dois cascos de 6 centímetros de espessura com 1 metro de pedra britada entre eles. Você poderia disparar um obus contra a cidade e ela não deixaria passar nada. A luz do Sol definitivamente não consegue entrar.

Então o que usamos para indicar as horas? O horário do Quênia. Era de tarde em Nairóbi, portanto era de tarde em Artemis.

Meu corpo estava imundo de suor e sujeira devido à minha quase mortal AEV. Não havia tempo para tomar uma chuveirada, mas pelo menos poderia trocar de roupa. Tirei o traje resfriador de AEV e vesti o macacão azul. Apertei o cinto e me sentei de pernas cruzadas, em seguida prendi o cabelo num rabo de cavalo. Depois peguei meu Gizmo e saí.

Não temos ruas em Artemis. Temos corredores. Custa um monte de dinheiro construir propriedades na Lua e certamente não vão desperdiçá-lo com ruas. Você pode ter um carro ou uma motoneta elétrica se quiser, mas os corredores são projetados para pedestres. A gravidade é apenas um sexto da terrestre. Andar não exige muita energia.

Quanto mais vagabundo o bairro, mais estreitos são os corredores. Os corredores da Conrad Inferior chegam a ser claustrofóbicos. Só têm largura para duas pessoas se cruzarem, e mesmo assim elas precisam ficar de lado.

Andei em direção ao centro da bolha. Não havia elevador ali perto, por isso subi os degraus de três em três. As escadas no núcleo são iguais às da Terra – degraus curtos, pequenos, de 21 centímetros de altura, o que deixa os turistas mais confortáveis. Em áreas onde não há turistas, têm meio metro de altura. Coisa da gravidade lunar. De qualquer modo, fui saltando pela escada de turistas até chegar ao térreo. Subir quinze andares de escadas provavelmente parece horrível, mas aqui não é grande coisa. Nem fiquei sem fôlego.

O térreo é onde estão todos os túneis que se conectam com as outras bolhas. Naturalmente todas as lojas, butiques e outras armadilhas para forasteiros ficam ali, por causa do tráfego de pedestres. Na Conrad isso significava principalmente restaurantes que serviam Grude para

turistas que não podem pagar por comida de verdade.

Uma aglomeração se afunilava entrando no Conector Aldrin. É o único modo de ir da Conrad para a Aldrin (a não ser pelo caminho mais longo, através da Armstrong), por isso é uma via importante. Passei pela grande porta circular que funcionava como uma válvula. Se o túnel sofresse algum rompimento, o ar que escapasse da Conrad forçaria essa porta a se fechar. Assim, todo mundo na Conrad seria salvo. Se você estivesse no túnel nessa hora… bom, eu não ia querer ser você.

– Ora, vejam se não é Jazz Bashara! – exclamou um babaca ali perto.

Ele agia como se fôssemos amigos. Não éramos.

– Dale – respondi.

Continuei andando.

Ele se apressou para me alcançar.

– Um cargueiro deve estar chegando. Nenhuma outra coisa faz esse seu rabo preguiçoso entrar num uniforme.

– Ei, você se lembra daquela vez em que eu dei atenção para o que você tinha a dizer? Ah, espera, foi engano. Isso nunca aconteceu.

– Ouvi dizer que você fracassou na prova de AEV hoje. – Ele fez "tsc-tsc", fingindo desapontamento. – Que pena! Eu passei na primeira tentativa, mas nem todo mundo pode ser como eu, não é?

– Vá se foder.

– É, preciso dizer: os turistas pagam uma *bela* grana para ir lá fora. Estou indo agora mesmo para o Centro de Visitantes fazer uns passeios guiados. Vou faturar bem.

– Certifique-se de pular nas pedras bem afiadas.

– Não. Pessoas que *passaram* na prova sabem que não devem fazer isso.

– Fiz a prova só de curtição – falei, fingindo indiferença. – AEV não é trabalho de verdade.

– Aham, certo. Algum dia espero ser um carregador como você.

– Entregador – resmunguei. – A palavra certa é "entregador".

Ele deu um sorrisinho que merecia um soco. Felizmente tínhamos chegado à Bolha Aldrin. Empurrei-o com o ombro e saí do túnel. A porta-válvula da Aldrin estava de prontidão, como a da Conrad. Apertei o passo e virei à direita para sair da linha de visão de Dale.

A Aldrin é o oposto da Conrad em todos os aspectos. A Conrad é cheia de encanadores, sopradores de vidro, metalúrgicos, oficinas de solda, de consertos, e assim por diante. Já a Aldrin é um local de férias. Tem hotéis, cassinos, bordéis, teatros e até um parque decente com grama de verdade. Turistas ricos de toda a Terra vêm para estadias de duas semanas.

Passei pela Galeria. Não era o caminho mais rápido para onde estava indo, mas eu gostava do visual.

Nova York tem a Quinta Avenida, Londres tem a Bond Street e Artemis tem a Galeria. As lojas nem se incomodam em mostrar os preços. Se você precisa perguntar é porque não pode pagar. O Ritz-Carlton Artemis ocupa um quarteirão inteiro e se estende por cinco andares para cima e mais cinco para baixo. Uma única noite ali custa 12 mil grades – mais do que eu ganho num mês como entregadora, ainda que eu tenha outras fontes de renda.

Apesar do preço das férias na Lua, a demanda sempre é maior do que a oferta. Os terráqueos de classe média podem se dar a esse luxo como uma experiência única na vida usando um financiamento adequado. Ficam em hotéis mais vagabundos em bolhas mais vagabundas, como a Conrad. Já os ricos fazem viagens anuais e se hospedam em bons hotéis. E, nossa, como eles consomem!

Mais do que qualquer outro lugar, é pela Aldrin que o dinheiro entra em Artemis.

No bairro das lojas chiques não havia nada que eu pudesse comprar. Quem sabe algum dia teria o suficiente para pertencer a esse local. Pelo menos era esse o plano. Dei mais uma olhada, virei as costas e fui para o Porto de Entrada.

A Aldrin é a bolha mais próxima da zona de pouso. Ninguém ia querer que os ricos se sujassem viajando pelas áreas pobres, não é? O melhor é trazê-los logo para a parte bonita.

Andei devagar pela grande passagem em arco até o porto. O enorme complexo da câmara de pressurização é a segunda maior área aberta da cidade (só o Parque Aldrin é maior). O salão estava cheio de atividade. Abri caminho entre trabalhadores que deslizavam com eficiência de um lado para outro. Na cidade a gente precisa andar devagar para não trombar com turistas. Já o porto é só para profissionais. Todos sabemos fazer o Passo Longo de Artemis e podemos realizar um bocado de coisas.

No lado norte do porto, algumas pessoas esperavam perto da câmara de pressurização do trem. A maioria ia para os reatores da cidade e para a refinaria da Alumínio Sanchez, 1 quilômetro ao sul. A refinaria usa uma quantidade gigantesca de calor e produtos químicos extremamente nocivos, de modo que todo mundo concorda que deva ficar bem longe. Quanto aos reatores… bom, são reatores nucleares. Também achamos melhor que eles fiquem longe.

Dale deslizou feito uma cobra até a plataforma do trem. Ia ao Centro de Visitantes Apollo 11. Os turistas adoram. A viagem de meia hora de trem propicia uma visão estonteante do terreno lunar, e o Centro de Visitantes é um lugar fantástico para espiar o local de pouso sem precisar sair da parte pressurizada. E, para os que quiserem se aventurar lá fora e ter uma visão melhor, Dale e outros peritos em AEV estavam prontos para levá-los num passeio.

Bem na frente da câmara de pressurização do trem havia uma enorme bandeira do Quênia. Embaixo estavam as palavras: “Você está embarcando na Plataforma Exterior do Quênia, em Artemis. Esta plataforma é propriedade da Corporação Espacial Quênia. Aplicam-se as leis marítimas internacionais.”

Encarei Dale com raiva. Ele não notou. Droga, desperdicei um olhar maligno perfeito.

Verifiquei a programação da zona de pouso no meu Gizmo. Hoje não havia nenhum navio de carne (é como chamamos os transportes de passageiros). Eles só chegam cerca de uma vez por semana. O próximo seria dali a uns três dias. Graças a Deus. Não há nada mais irritante do que garotos riquinhos torrando a poupança em busca de uma “xota lunar”.

Fui para o lado sul, onde a câmara de pressurização de carga estava preparada. Nela podiam caber 10 mil metros cúbicos de carga num único ciclo, mas trazer tudo para dentro era um processo lento. O módulo tinha chegado horas antes. Os peritos em AEV o levaram inteiro para a câmara e fizeram a limpeza com ar em alta pressão.

Tentamos ao máximo impedir que a poeira lunar entre na cidade. Por exemplo, eu não pulei a parte da limpeza nem depois da aventura com a válvula defeituosa. Por que todo esse trabalho? Porque respirar poeira lunar é *extremamente* perigoso. É composta de pedras pequeninas, minúsculas, e não existe vento ou água para alisá-las. Cada grão é um pesadelo cortante, pontiagudo, só esperando para rasgar seus pulmões. É melhor fumar um maço de cigarros de amianto do que respirar essa porcaria.

Quando cheguei à câmara de carga, a gigantesca porta interna estava aberta e o módulo vinha sendo descarregado. Fui até Nakoshi, o estivador-chefe. Ele estava sentado atrás de sua mesa de inspeção, examinando o conteúdo de uma caixa de transporte. Satisfeito ao ver que ela não continha contrabando, fechou-a e a carimbou com o símbolo de Artemis – um *A* maiúsculo com o lado direito parecendo um arco e flecha.

– Bom dia, Sr. Nakoshi – falei, cheia de animação.

Meu pai e ele eram amigos desde que eu era uma menininha. Para mim, ele era como um parente, um tio querido.

– Entre na fila com os outros entregadores, sua merdinha.

Certo, talvez fosse mais como um primo distante.

– Qual é, Sr. N – disse com voz suave. – Estou esperando essa carga por semanas. A gente conversou sobre isso.

– Você transferiu o pagamento?

– O senhor carimbou o pacote?

Ele me encarou e enfiou a mão embaixo da mesa. Pegou uma caixa ainda lacrada e a empurrou para mim.

– Não estou vendo nenhum carimbo – falei. – Toda vez precisa ser desse jeito? Éramos tão amigos! O que aconteceu?

– Você cresceu e virou um tremendo pé no saco. – Ele pôs seu Gizmo em cima da caixa. – E você tinha potencial demais. Desperdiçou tudo. São 3 mil grades.

– Não eram 2.500, como a gente combinou?

Ele balançou a cabeça.

– Três mil. Rudy andou farejando. Risco maior significa pagamento maior.

– Isso parece mais um problema seu do que meu. Nós combinamos 2.500.

– Hummm. Talvez eu devesse fazer uma inspeção detalhada, então. Ver se há alguma coisa aí que não deveria estar…

Franzi os lábios. Não era hora de fincar o pé. Abri o aplicativo do banco do meu Gizmo e iniciei a transferência. Os dispositivos fizeram a mágica que os computadores fazem para identificar uns aos outros e verificar.

Nakoshi pegou seu Gizmo, olhou para a página de confirmação e assentiu. Depois, carimbou a caixa.

– O que tem aí dentro, afinal?

– Os filmes pornôs que a sua mãe estrelou.

Ele bufou e continuou com as inspeções.

E é assim que se faz contrabando em Artemis. Na verdade, é bem simples. Só é necessário um funcionário corrupto que você conheça desde os 6 anos. *Trazer* o contrabando para Artemis… bom, isso é outra história. Mais tarde falo a respeito.

Eu poderia ter pegado mais um punhado de pacotes para entregar, mas esse era especial. Fui até meu carrinho e pulei no banco do motorista. Eu não precisava realmente de um carrinho – Artemis não foi feita para veículos –, mas era mais rápido, e desse jeito eu poderia entregar mais coisas. Como sou paga por entrega, valeu o investimento. Meu carrinho é difícil de ser controlado, mas é bom para carregar coisas pesadas. Por isso decidi que ele era macho. Dei-lhe o nome de Gatilho.

Pagava mensalmente para guardar o Gatilho no porto. Em que outro lugar poderia mantê-lo? Tenho menos espaço em casa do que um prisioneiro comum na Terra.

Liguei o Gatilho – não há chave nem nada, só um botão. Por que alguém roubaria um carrinho? O que você faria com ele? Venderia? Você nunca iria se dar bem. Artemis é uma cidade pequena. Ninguém rouba bosta nenhuma. Bom, certo, há alguns furtos em lojas. Mas ninguém pega carrinhos.

Saí do porto.

Fui serpenteando com o Gatilho pelas passagens opulentas da Bolha Shepard. Era muito diferente do meu bairro vagabundo. Os corredores da Shepard têm lambris de madeira e carpetes de bom gosto, que absorvem ruídos. Há lustres a cada 20 metros, para iluminar. Pelo menos não são absurdamente caros. Temos bastante silício na Lua, de modo que o vidro é feito aqui. Mesmo assim, quanta ostentação!

Se você acha que passar *férias* na Lua é caro, não vai querer saber quanto custa morar na Bolha Shepard. A Aldrin tem apenas lojas e hotéis chiques, mas é na Shepard que vivem os artemisenses ricos.

Estava indo para a propriedade de um dos caras mais ricos da cidade: Trond Landvik. Ele tinha feito fortuna na indústria de telecomunicações da Noruega. Sua casa ocupava um bom pedaço do térreo da Shepard. Era estupidamente grande, considerando que só moravam ele, a filha e uma empregada. O dinheiro era dele, né? Se ele queria ter uma mansão na Lua, quem era eu para julgar? Eu só levava as merdas ilegais para o sujeito, como era requisitado.

Parei o Gatilho perto da entrada da propriedade (ou pelo menos uma das entradas) e toquei a campainha. A porta deslizou para o lado e revelou uma russa corpulenta. Irina trabalhava para os Landviks desde a alvorada dos tempos.

Ela me encarou sem dizer nada. Eu a fitei de volta.

– Entrega – falei por fim.

Irina e eu já tínhamos interagido um zilhão de vezes, mas todas as vezes ela me obrigava a declarar o que ia fazer ali.

A mulher bufou, virou-se e foi para dentro. Era meu convite para entrar.

Fiz uma careta de desprezo para as costas dela enquanto Irina me levava pelo vestíbulo da mansão. Ela apontou para um corredor e foi na direção oposta, sem dizer uma palavra.

– É sempre um prazer revê-la, Irina! – gritei atrás dela.

Passando pelo arco, encontrei Trond reclinado num sofá, de moletom e roupão de banho. Conversava com um asiático que eu nunca tinha visto.

– De qualquer modo, o potencial de lucro é… – Ele me viu entrar e sorriu. – Jazz! É sempre bom ver você!

O convidado de Trond tinha uma caixa aberta ao lado. Ele sorriu com educação e fechou-a desajeitadamente. Claro, isso só me deixou curiosa, quando em geral eu não ligaria a mínima.

– Bom ver você também – respondi.

Em seguida larguei o contrabando no sofá.

Trond indicou o convidado.

– Este é Jin Chu, de Hong Kong. Jin, esta é Jazz Bashara. Ela cresceu aqui mesmo, na Lua.

Jin fez um breve aceno de cabeça, depois falou com sotaque americano:

– É um prazer conhecê-la, Jazz.

Isso me pegou desprevenida e acho que foi evidente.

Trond gargalhou.

– É, o Jin aqui é produto das escolas particulares americanas de classe alta. Hong Kong, cara. É um lugar mágico.

– Não tão mágico quanto Artemis! – Jin sorriu. – É minha primeira visita à Lua. Pareço criança numa loja de doces! Sempre fui fã de ficção científica. Cresci assistindo a *Star Trek*. Agora posso viver isso.

– *Star Trek*? – perguntou Trond. – Sério? Isso tem tipo… uns cem anos.

– O que é bom é para sempre – disse Jin. – A idade é irrelevante. Ninguém fica pegando no pé dos fãs de Shakespeare.

– Tem razão. Só que aqui não existe nenhuma alienígena gostosa para ser seduzida. Não dá para ser *exatamente* o Capitão Kirk.

– Na verdade – Jin Chu levantou um dedo –, Kirk só fez sexo com três alienígenas em toda a série clássica. E esse número presume que ele dormiu com Elaan de Troyius, algo que ficou implícito, mas nunca confirmado. De modo que podem ter sido só duas.

Trond fez uma reverência, como se suplicasse.

– Não vou desafiá-lo em nada que tenha a ver com *Star Trek.* Você vai ao local de pouso da *Apollo 11* enquanto estiver aqui?

– *Sem dúvida* – respondeu Jin. – Ouvi dizer que existem passeios pelo exterior. Acham que eu devo fazer?

Entrei na conversa:

– Não. Há um perímetro de exclusão em volta de todo o local. A Área de Observação do Centro de Visitantes deixa você na mesma distância.

– Ah, sei. Então não adianta.

Engole essa, Dale.

– Alguém quer chá ou café? – ofereceu Trond.

– Sim, por favor – respondeu Jin. – Café puro, por favor.

Afundei numa poltrona ali perto.

– Chá preto para mim.

Trond pulou por cima do sofá (não é uma coisa tão empolgante quanto parece – lembre-se da gravidade aqui), foi até o aparador e pegou um cesto de vime.

– Acabo de conseguir um pouco de café turco de alto nível. Você vai adorar – comentou Trond. – Jazz, talvez você também goste.

– Café não passa de um tipo ruim de chá – retruquei. – Chá preto é a única bebida que vale a pena.

– Vocês, sauditas, adoram chá preto – disse Trond.

É, *tecnicamente* eu sou cidadã da Arábia Saudita, mas não vou lá desde os 6 anos. Absorvi algumas atitudes e crenças do meu pai, mas não me encaixaria em nenhum lugar da Terra hoje em dia. Sou artemisense.

Trond começou a preparar as bebidas.

– Conversem vocês dois, só vou demorar um minuto.

Por que ele não mandava Irina fazer isso? Não sei. Honestamente, não imagino para que ela serve.

Jin deixou o braço em cima da Caixa Misteriosa.

– Ouvi dizer que Artemis é um destino romântico popular. Há muitos recém-casados aqui?

– Na verdade, não – respondi. – Eles não podem pagar. Mas temos casais mais velhos tentando apimentar a relação.

Ele pareceu confuso.

– Gravidade – expliquei. – O sexo é totalmente diferente com um sexto da gravidade terrestre. É ótimo para casais que estão juntos há muito tempo. Eles podem redescobrir o sexo juntos, é como uma novidade.

– Nunca pensei nisso.

– Há um monte de prostitutas na Aldrin, se você quiser saber mais.

– Ah! É… Não. Não é o meu barato.

Ele não esperava que uma mulher recomendasse putas. Os terráqueos tendem a ficar tensos com esse assunto, e nunca entendi por quê. É um serviço feito em troca de pagamento. Por que

tanta frescura?

Dei de ombros.

– Se mudar de ideia, elas cobram umas 2 mil grades.

– Não vou mudar de ideia. – Ele riu de nervoso e mudou de assunto. – Bom… por que o dinheiro artemisense é chamado de grade?

Pus os pés em cima da mesinha de centro.

– É uma abreviação de "gramas desembarcadas". Uma grade paga 1 grama de carga mandada da Terra para Artemis, cortesia da CEQ.

– Tecnicamente não é uma moeda – disse Trond junto ao aparador. – Não somos um país; não podemos ter uma moeda. As grades são créditos de serviço pré-pago da CEQ. Você paga em dólares, euros, ienes, qualquer coisa. Em troca, tem um crédito de massa para ser transportada até Artemis. Você não precisa usá-lo todo de uma vez, por isso eles mantêm um rastreamento do seu saldo.

Ele carregou a bandeja até a mesinha de centro.

– Acabou sendo uma unidade útil para o comércio. Assim a CEQ funciona como um banco. A gente nunca poderia se dar bem com uma coisa assim na Terra, mas não estamos na Terra, certo?

Jin estendeu a mão para pegar seu café. Quando fez isso, dei uma olhada na caixa. Era branca com um texto em preto, nítido, dizendo AMOSTRA ZAFO – APENAS USO AUTORIZADO.

– Então esse sofá em que estou sentado veio da Terra? – perguntou Jin. – Quanto custou para trazê-lo?

– Esse aí pesa 43 quilos – respondeu Trond. – Então custou 43 mil grades para transportá-lo.

– Quanto uma pessoa comum ganha? – indagou Jin. – Se não se incomodam que eu pergunte.

Peguei meu chá e deixei o calor da xícara penetrar nas mãos.

– Eu ganho 12 mil grades por mês como entregadora. É um serviço que paga pouco.

Jin tomou um gole de café e fez careta. Já vi isso antes. Os terráqueos odeiam o nosso café. A física determina que ele tenha gosto de bosta.

O ar da Terra tem 20% de oxigênio. O restante é feito de coisas de que o corpo humano não precisa, tipo nitrogênio e argônio. Assim, o ar de Artemis é oxigênio *puro* com 20% da pressão do ar da Terra. Isso nos dá a quantidade certa de oxigênio ao mesmo tempo que minimiza a pressão nos cascos. Não é um conceito novo – remonta aos dias do projeto Apollo. O problema é que, quanto mais baixa a pressão, menor o ponto de ebulição da água. Aqui a água ferve a 61°C, de modo que é o mais quente que o chá ou o café podem ficar. Aparentemente é frio demais, ou nojento, para quem não está acostumado.

Jin recolocou discretamente a xícara na mesa. Não iria pegá-la de novo.

– O que o traz a Artemis? – perguntei.

Ele tamborilou com os dedos na caixa de ZAFO.

– Estamos trabalhando há meses num acordo comercial. Finalmente vamos fechar o negócio, por isso eu queria me encontrar pessoalmente com o Sr. Landvik.

Trond se acomodou no sofá e pegou a caixa de contrabando.

– Já falei para me chamar de Trond.

– Trond então será – concordou Jin.

Trond rasgou o embrulho e tirou uma caixa de madeira escura. Levantou-a contra a luz e

olhou-a de vários ângulos. Não sou muito chegada à estética, mas até eu podia ver que era uma coisa linda. Entalhes intricados cobriam cada superfície e havia uma etiqueta de bom gosto escrita em espanhol.

– O que temos aqui? – perguntou Jin.

Um pouco incomodado, Trond deu um sorriso e abriu a caixa: 24 charutos, embrulhados um a um, estavam ali dentro.

– Charutos dominicanos. As pessoas acham que os cubanos são os melhores, mas estão erradas. Os dominicanos são o que há.

Eu contrabandeava uma caixa daquelas para ele todo mês. A gente precisa amar os clientes fixos.

Ele apontou para a porta.

– Jazz, poderia fechar?

Uma escotilha nitidamente funcional se escondia atrás dos painéis de parede com acabamento requintado. Deslizei-a, fechando, e girei a maçaneta. As escotilhas são bastante comuns nas casas chiques. Se a bolha perder pressão, você pode lacrar sua casa e não morrer. Algumas pessoas são paranoicas a ponto de lacrar os quartos à noite, só para garantir. Se você quer a minha opinião, é um desperdício de dinheiro. Nunca ocorreu algo assim na história de Artemis.

– Eu tenho um sistema especial de filtragem de ar – disse Trond. – A fumaça jamais sai desta sala.

Ele desembrulhou o charuto, cortou a ponta com os dentes e a cuspiu num cinzeiro. Depois colocou o charuto na boca e o acendeu com um isqueiro de ouro. Soltou várias baforadas e suspirou.

– Coisa boa… coisa boa.

Estendeu a caixa para Jin, que recusou com um gesto educado. Depois me ofereceu.

– Claro. – Peguei um e enfiei no bolso do peito. – Vou fumar depois do almoço.

Era mentira. Mas por que eu recusaria uma coisa assim? Provavelmente me renderia umas 100 grades.

Jin franziu a testa.

– Desculpe, mas… os charutos são considerados contrabando?

– É realmente ridículo – disse Trond. – Eu tenho uma sala lacrada! Minha fumaça não incomoda ninguém! É injustiça, estou dizendo!

– Ah, você reclama demais. – Virei-me para Jin. – É o fogo. Um incêndio em Artemis seria um pesadelo. A gente não pode ir lá para fora. Os materiais inflamáveis são ilegais, a não ser que haja um motivo realmente bom para eles. A última coisa que queremos é um punhado de idiotas andando por aí com isqueiros.

– Bom… acho que é isso.

Trond brincou com seu isqueiro. Eu o havia contrabandeado para ele anos antes. A intervalos de alguns meses ele precisava de mais gás. Mais dinheiro para mim.

Tomei outro gole de chá quente e peguei meu Gizmo.

– Trond?

– Claro. – Ele pegou seu Gizmo e o segurou perto do meu. – Ainda são 4 mil grades?

– Aham. Só para avisar: da próxima vez vou ter que aumentar para 4.500. As coisas estão ficando mais caras para mim ultimamente.

– Sem problema.

Ele digitou enquanto eu esperava. Depois de um momento, minha tela mostrou a verificação

de transferência. Aceitei e a transação estava completa.

– Tudo certo. – Virei-me para Jin. – Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Jin. Divirta-se enquanto estiver aqui.

– Obrigado!

– Tenha um bom dia, Jazz. – Trond sorriu.

Deixei os dois para fazer o que iam fazer. Eu não sabia o quê, mas com certeza não era lícito. Trond fazia todo tipo de merda duvidosa, por isso eu gostava dele. Se ele tinha trazido um cara até a Lua, havia algo muito mais interessante do que um "acordo comercial".

Virei a esquina e saí pelo vestíbulo. Irina me lançou um olhar ferino enquanto eu ia embora. Torci o nariz para ela. Ela fechou a porta atrás de mim sem dizer adeus.

Eu já ia pular no Gatilho quando meu Gizmo soltou um bipe. Havia um trabalho de entrega. Eu era veterana e estava mais perto, por isso o sistema o ofereceu primeiro para mim.

LOCAL DE RECOLHIMENTO: AG-5250. MASSA: ±100KG.
LOCAL DE ENTREGA: NÃO ESPECIFICADO. PAGAMENTO: 452ğ.

Um trabalho valendo 452 grades. Mais ou menos um décimo do que eu tinha acabado de receber por uma caixa de charutos.

Aceitei. Precisava ganhar uma grana.

Caro Kelvin Otieno,

Meu nome é Jasmine Bashara. As pessoas me chamam de Jazz. Tenho 9 anos. Moro em Artemis.

Minha professora é a Sra. Teller. Ela é uma boa professora, apesar de ter pegado meu Gizmo quando eu brincava com ele durante a aula. Ela passou um trabalho de casa pedindo que eu mandasse e-mails para crianças do complexo da CEQ no Quênia. Ela me deu o seu endereço. Você fala inglês? Sei falar árabe também. Qual língua vocês falam no Quênia?

Gosto dos programas de TV americanos e minha comida predileta é sorvete de gengibre. Geralmente como Grude. Queria ter um cachorro, mas não podemos. Ouvi dizer que gente pobre pode ter cachorro na Terra. É verdade? Você tem um cachorro? Se você tiver um cachorro, por favor, me fale sobre ele.

Quênia tem um rei?

Meu pai é soldador. O que o seu pai faz?

Cara Jazz Bashara,

Eu sou Kelvin e também tenho 9 anos. Moro com a minha mãe e o meu pai. Tenho três irmãs. Elas são umas chatas e as duas mais velhas batem em mim. Agora estou ficando maior e um dia vou bater nelas. Brincadeirinha, os garotos nunca devem bater em meninas.

Os quenianos falam inglês e suaíli. Não temos rei. Temos um presidente, uma assembleia nacional e um senado. Os adultos votam neles e eles fazem as leis.

Minha família não tem cachorro, mas temos dois gatos. Um deles só aparece para comer, mas o outro é muito legal e dorme no sofá o tempo todo.

Meu pai é funcionário da CEQ. Trabalha no Portão 14 e garante que só gente autorizada possa entrar. A gente vive numa das habitações do complexo. Minha escola também fica no complexo. Todo mundo que trabalha na CEQ tem escola gratuita para os filhos. A CEQ é muito generosa e todos nós agradecemos.

Minha mãe fica em casa. Cuida de nós, as crianças. Ela é legal.

Minha comida predileta é cachorro-quente. O que é Grude? Nunca ouvi falar.

Também adoro programas de TV americanos, principalmente as novelas. São bem empolgantes, apesar de a minha mãe não me deixar assistir. Mas a internet aqui é boa, por isso eu vejo quando ela não está olhando. Por favor, não conte a ela kkkk. O que a sua mãe faz?

O que você quer ser quando crescer? Quero construir foguetes. Agora eu faço maquetes de foguetes. Terminei um modelo de um CEQ 209-B. Ficou muito legal no meu quarto. Um dia quero fazer foguetes de verdade. As outras crianças querem ser pilotos de foguete, mas eu não.

Você é branca? Ouvi dizer que todo mundo em Artemis é branco. Existem muitos brancos aqui no complexo. Eles vêm do mundo inteiro para trabalhar aqui.

Kelvin,
Que pena que você não tem um cachorro! Espero que você faça foguetes um dia.

Foguetes de verdade, e não maquetes.

Grude é a comida dos pobres. São algas secas com sabor artificial cultivadas em tanques aqui em Artemis porque a comida da Terra é cara. Grude é um negócio nojento. O sabor artificial deveria dar um gosto bom, mas só faz ficar com um gosto bizarro. Preciso comer isso todo dia. Odeio.

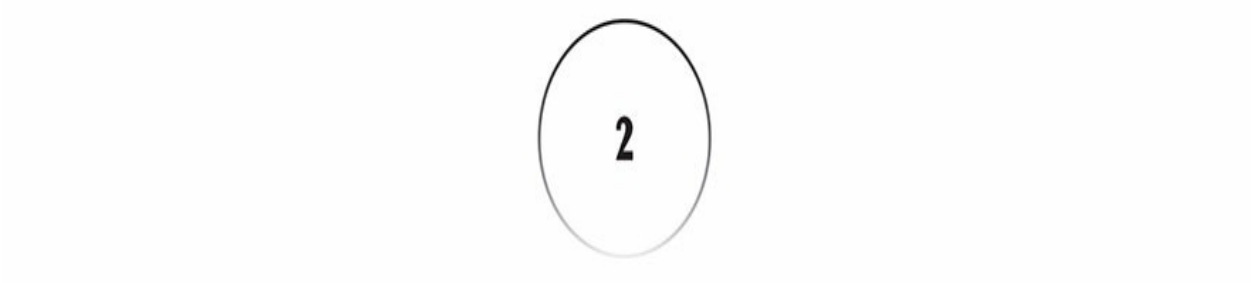
Não sou branca. Sou árabe. Um tom meio castanho-claro. Metade das pessoas aqui é branca. Minha mãe mora em algum lugar na Terra. Ela foi embora quando eu era bem pequena. Não me lembro dela.

As novelas são cafonas, mas tudo bem você gostar de coisas cafonas. Ainda podemos ser amigos.

Você tem quintal na sua casa? Pode ir lá fora quando quiser? Eu só vou poder sair quando tiver 16 anos, porque existem regras para as AEVs. Um dia vou conseguir minha licença de AEV e sair quando tiver vontade, e ninguém vai ficar mandando em mim.

Construir foguetes parece um trabalho legal. Espero que você consiga.

Não quero ter que trabalhar. Quando crescer, quero ser rica.



A Armstrong é um horror. É uma pena que uma parte tão bosta da cidade tenha sido batizada com o nome de um cara tão incrível.

O ruído de equipamentos industriais reverberava nas paredes enquanto eu guiava o Gatilho pelos corredores antigos. Apesar de as fábricas de equipamento pesado ficarem a quinze andares de distância, o som ainda chegava. Fui até o Centro de Suporte de Vida e parei do lado de fora da porta pesada.

O Centro de Suporte de Vida é um dos poucos lugares da cidade onde há protocolos de segurança genuínos. Você não vai querer que qualquer um entre. A porta tinha um painel e você podia balançar o seu Gizmo na frente dele. É claro que eu não estaria na lista aprovada. A partir dali eu precisava esperar.

O pedido era para eu pegar um pacote de aproximadamente 100 quilos. Para mim não era problema. Posso levantar o dobro disso sem suar. Não são muitas garotas que podem dizer isso na Terra! Claro, precisam superar uma gravidade seis vezes maior, mas isso é problema delas.

A não ser pela massa, o pedido era vago. Não havia informações sobre o que era nem para onde ia. Eu precisaria descobrir com o cliente.

O Centro de Suporte de Vida de Artemis é único na história das viagens espaciais. Eles não processam dióxido de carbono para transformá-lo de novo em oxigênio. Têm equipamento para fazer isso e baterias que duram meses, se for necessário. Mas há um suprimento de oxigênio muito mais barato e praticamente infinito vindo de outra fonte: a indústria de alumínio.

A refinaria da Alumínio Sanchez, do lado de fora da cidade, produz oxigênio a partir do processamento do minério. Na verdade, é isso que eles chamam de refinar: remover o oxigênio para conseguir o metal puro. A maioria das pessoas não sabe, mas há uma quantidade de oxigênio espantosa na Lua. Você só precisa de uma porrada de energia para consegui-lo. A Sanchez gera tanto oxigênio como subproduto que não somente produz um montão de combustível de foguete, como também fornece todo o ar respirável da cidade e ainda joga fora o excesso.

Assim, na verdade temos mais oxigênio do que podemos usar. O Centro de Suporte de Vida controla o fluxo, garante que o suprimento vindo da tubulação da Sanchez seja seguro e separa o dióxido de carbono do ar usado. Além disso, cuida da temperatura, da pressão e de todas as outras coisas divertidas. Vende o CO_2 para as fazendas de Grude, que o usam para cultivar as algas que os pobres comem. Tudo tem sempre a ver com a economia, não é?

– Olá, Bashara – disse uma voz familiar atrás de mim.

Merda.

Abri meu sorriso mais falso e me virei.

– Rudy! Não me avisaram que era com você que eu ia pegar a entrega. Se soubesse, não teria vindo!

Certo, não vou mentir. Rudy DuBois é um cara lindo. Tem 2 metros de altura e é louro feito um sonho erótico de Hitler. Saiu da Polícia Montada do Canadá há dez anos para virar chefe de segurança de Artemis, mas ainda usa o uniforme todo dia. E cai bem nele. De verdade. Não gosto dele, mas… você sabe… se fosse algo casual, sem compromisso…

Ele é o equivalente à lei na cidade. Claro, toda sociedade precisa de leis e de alguém para implementá-las. Rudy só tende a se esforçar um pouquinho demais.

– Não se preocupe – disse ele, pegando seu Gizmo. – Não tenho provas suficientes de que você está fazendo contrabando. Ainda.

– Contrabando? Eu? Nossa, Sr. Certinho, o senhor tem mesmo umas ideias estranhas.

Que saco! Ele vem pegando no meu pé desde um incidente quando eu tinha 17 anos. Felizmente ele não pode deportar pessoas do nada. Só a administradora de Artemis tem essa autoridade. E ela não vai fazer isso a não ser que Rudy ofereça uma prova convincente. Assim nós temos *certo* equilíbrio. Não muito grande.

Olhei em volta.

– E cadê o pacote?

Ele balançou o Gizmo em cima do painel e a porta deslizou para o lado. O Gizmo de Rudy era igual a uma varinha mágica. Podia abrir literalmente qualquer porta em Artemis.

– Me siga.

Rudy e eu entramos na instalação industrial. Técnicos operavam equipamentos enquanto engenheiros monitoravam o enorme painel de controle ao longo de uma parede.

Com a exceção de Rudy e eu, todo mundo na sala era vietnamita. É mais ou menos assim que são as coisas em Artemis. Algumas pessoas que se conhecem emigram, estabelecem algum tipo de serviço e depois contratam os amigos. E, claro, contratam pessoas conhecidas. Na verdade, é uma história tão antiga quanto o tempo.

Os trabalhadores nos ignoravam enquanto passávamos por entre as máquinas e um labirinto de tubos de alta pressão. O Sr. Đoàn olhava de sua cadeira no centro da parede de controle. Encarou Rudy por um segundo e assentiu lentamente.

Rudy parou logo atrás de um homem que limpava um tanque de ar. Deu um tapinha no ombro do sujeito.

– Pham Binh?

Binh se virou e grunhiu. Seu rosto desgastado pelo tempo mostrava uma carranca permanente.

– Sr. Binh. Sua mulher, Tâm, esteve na Dra. Roussel hoje de manhã.

– É – confirmou ele. – Ela é desajeitada.

Rudy girou seu Gizmo. A tela mostrou uma mulher com hematomas no rosto.

– Segundo o médico, ela está com um olho roxo, um hematoma no rosto, duas costelas machucadas e uma concussão.

– Ela é desajeitada.

Rudy me entregou o Gizmo e deu um soco na cara de Binh.

Quando eu era uma jovem delinquente, tivera algumas brigas com Rudy. Posso dizer que ele é um filho da puta forte. Nunca me deu um soco nem nada, mas uma vez me segurou com apenas uma das mãos enquanto digitava no seu Gizmo com a outra. E eu fiz uma tremenda força para me soltar. O aperto dele parecia um torno de ferro. Ainda penso nisso às vezes, tarde da

noite.

Binh desmoronou no chão. Tentou se levantar, mas não conseguiu. Quando você não consegue sair do chão na gravidade da *Lua*, é porque o negócio foi sério.

Rudy se ajoelhou e puxou a cabeça de Binh pelos cabelos.

– Vejamos… É, essa bochecha está inchando direitinho. Agora, quanto ao olho roxo… – Rudy deu um soco rápido no olho do sujeito quase inconsciente e depois deixou a cabeça dele cair.

Em posição fetal, Binh gemeu.

– Pare…

Rudy se levantou e pegou seu Gizmo das minhas mãos. Posicionou-o de modo que nós dois víssemos.

– Duas costelas machucadas, não é? A quarta e a quinta do lado esquerdo?

– É o que parece – concordei.

Ele chutou a lateral do corpo do sujeito caído. Binh tentou gritar, mas não tinha fôlego.

– Vou presumir que ele tenha sofrido uma concussão com um daqueles socos na cabeça – disse Rudy. – Não quero levar as coisas longe demais.

Os outros técnicos haviam parado para olhar o espetáculo. Vários sorriam. Đoàn, ainda em sua cadeira, tinha um leve ar de aprovação no rosto.

– É assim que vai ser, Binh – avisou Rudy. – De agora em diante, o que acontecer com ela vai acontecer com você. Entendeu?

Binh chiou, caído no chão.

– Entendeu?! – perguntou Rudy, mais alto desta vez.

Binh assentiu com fervor.

– Bom. – Rudy sorriu e se virou para mim. – Esse é o seu pacote, Jazz. Aproximadamente 100 quilos para a Dra. Roussel. Cobre da conta dos Serviços de Segurança.

– Saquei.

É assim que a Justiça funciona por aqui. Não temos cadeias nem multas. Se você cometer um crime sério, nós o exilamos para a Terra. Para todas as outras coisas existe Rudy.

Depois da “entrega especial”, fiz mais alguns recolhimentos e entregas comuns. A maioria era de itens do porto para endereços domésticos. Consegui um contrato para transportar um punhado de caixas de uma residência para o porto. Adoro ajudar as pessoas a se mudar. Elas costumam dar boas gorjetas. A mudança desse dia foi bem modesta. Era um jovem casal sendo transferido de volta para a Terra.

A mulher estava grávida. Não é possível ter um bebê na gravidade lunar – é possível que o feto tenha má formação. De qualquer modo, não é possível criar um bebê aqui. É terrível para o desenvolvimento dos ossos e dos músculos. Eu tinha 6 anos quando vim para a Lua. Era a idade mínima para residir aqui na época. Depois eles aumentaram para 12. Será que eu deveria estar preocupada?

Estava a caminho do próximo recolhimento quando meu Gizmo berrou. Não foi um tilintar de um telefonema nem o bipe de uma mensagem, e sim o *berro* de um alarme. Tirei-o do bolso.

FOGO: CS12-3270 – ÁREA ISOLADA. TODOS OS VOLUNTÁRIOS NAS IMEDIAÇÕES DEVEM COMPARECER.

– Droga.

Pus o Gatilho em marcha a ré e recuei até encontrar um trecho com largura suficiente para dar meia-volta. Virada para o lado certo, acelerei na direção das rampas.

– Jazz Bashara respondendo – falei no meu Gizmo. – Localização atual: Conrad Superior 4.

O computador central de segurança anotou meu informe e mostrou um mapa da Conrad. Eu era um dos muitos pontos naquele mapa, todos convergindo para CS12-3270.

Artemis não tem corpo de bombeiros. Temos voluntários. A fumaça e o fogo são coisas tão mortais aqui que os voluntários precisam saber respirar com tanques de ar. Assim, todos os peritos e treinandos em AEV são automaticamente voluntários. É, há uma ironia nisso.

O incêndio era na Conrad Superior 12, oito andares acima de mim.

Cantei pneus pelas rampas, subindo até o CS12, depois acelerei pelos corredores em direção ao terceiro anel. Dali precisava encontrar o local, que ficava aproximadamente a 270 graus do norte verdadeiro. Não demorei muito. Um pelotão de peritos em AEV já havia convergido para lá.

Uma luz vermelha piscava em cima da porta grossa do endereço. A placa na fachada dizia FÁBRICA DE VIDRO QUEENSLAND.

Bob estava ali. Como membro de posto mais alto do sindicato, o incêndio era sua responsabilidade. Ele deu um aceno breve com a cabeça, reconhecendo minha presença.

– Certo, escutem! – gritou ele. – Tivemos um incêndio descontrolado na fábrica de vidro que queimou todo o oxigênio disponível no lugar. Há catorze pessoas lá dentro; todas conseguiram entrar a tempo no abrigo de ar. Não há feridos e o abrigo vem funcionando bem.

Ele parou na frente da porta.

– Não podemos simplesmente esperar que a sala esfrie, como faríamos normalmente. A fábrica cria vidro através da reação de silício com oxigênio, por isso eles têm grandes tanques de oxigênio comprimido aí dentro. Se os tanques explodirem, a sala vai conter a explosão, mas as pessoas lá dentro não terão chance. E se deixarmos oxigênio novo entrar, a coisa toda vai explodir.

Bob nos afastou da porta para criar uma área vazia.

– Precisamos de uma tenda aqui, lacrada na parede em volta da porta. Precisamos de um túnel-acordeão inflável *dentro* da tenda. E precisamos de quatro trabalhadores de resgate.

Os membros da brigada de incêndio, muito bem-treinados, partiram imediatamente para o trabalho. Montaram um cubo vazado com tubos ocos. Depois grudaram plástico com fita adesiva na parede em volta da porta corta-fogo, penduraram-no por cima do cubo e grudaram as bordas. Deixaram a aba de trás aberta.

Levaram um túnel-acordeão para dentro da tenda. Não se tratava de uma tarefa simples: diferentemente da tenda improvisada, os túneis infláveis eram feitos para aguentar a pressão – grossos e pesados, projetados para resgatar pessoas de abrigos de ar quando há um vácuo completo do lado de fora. Meio exagerado nessa situação, mas era o que tínhamos.

A tenda não era muito grande e o túnel ocupava a maior parte do espaço dentro dela. Assim, Bob apontou para as quatro pessoas menores que tinham aparecido.

– Sarah, Jazz, Arun e Marcy. Entrem.

Nós quatro nos adiantamos. Os outros instalaram tanques de ar nas nossas costas, máscaras de respiração e óculos. Um a um, testamos os equipamentos e fizemos sinal de positivo.

Entramos na tenda. Quase não cabíamos. Bob colocou um cilindro de metal na entrada.

– O abrigo de ar fica na parede oeste. Há catorze pessoas lá dentro.

– Entendido. Catorze – disse Sarah.

Perita em AEV, totalmente licenciada e com o maior tempo de experiência de todos nós, ela

era a líder da equipe de inserção. Os outros voluntários da brigada de incêndio fecharam a aba da tenda com fita adesiva, a não ser por um canto, que deixaram ligeiramente aberto.

Sarah girou a válvula do cilindro, que espalhou uma névoa de dióxido de carbono dentro da tenda. Deslocar o oxigênio é um processo ruim, mas não precisávamos expulsar até o último átomo. Só tínhamos que deixar a percentagem o mais baixa possível. Depois de um minuto ela fechou a válvula de novo e as pessoas do lado de fora lacraram o último canto da tenda.

Ela tateou a porta.

– Está quente.

Íamos abrir uma porta para uma sala prestes a explodir. Não iríamos acrescentar oxigênio. Mesmo assim, era uma situação tensa.

Ela digitou o código de destravamento no painel da porta. É, um código. Assim que os alarmes de incêndio de uma sala disparam, as portas e aberturas ficam imediatamente lacradas. As pessoas não podem mais sair e precisam entrar num abrigo de ar ou morrer. Parece cruel? Bom, não é. Um incêndio se espalhando na cidade seria muito pior do que algumas pessoas morrendo numa sala lacrada. Artemis *não* dá moleza com a segurança contra incêndio.

Ao comando de Sarah, a porta se abriu com um estalo e o calor de dentro encheu nossa tenda. Logo comecei a suar.

– Meu Deus – disse Arun.

A fábrica estava cheia de fumaça. Alguns cantos reluziam em vermelho com o calor. Se houvesse algum tanque de oxigênio de sobra, ele certamente estaria pegando fogo. Ao longo da parede mais distante dava para ver o formato de um abrigo de ar de uso industrial.

Sarah não perdeu tempo.

– Jazz, você vai na frente comigo. Arun e Marcy, fiquem aqui e segurem a parte de trás do inflável.

Juntei-me a Sarah. Ela agarrou um dos lados da abertura frontal do túnel e eu agarrei o outro. Arun e Marcy fizeram o mesmo com a metade de trás.

Sarah avançou e eu acompanhei seu passo. O túnel-acordeão se expandiu atrás de nós, com Arun e Marcy segurando firme a parte de trás.

A reação de silício com oxigênio cria um bocado de calor, por isso a sala é à prova de fogo. Por que simplesmente não derreter areia como fazem na Terra? Porque não temos areia na Lua. Pelo menos não útil o suficiente. Mas temos bastante silício e oxigênio, que são subprodutos da indústria de alumínio. Assim podemos produzir a quantidade de vidro que quisermos. Só precisamos fazer do modo difícil.

A câmara de reação primária ficava logo à frente. Teríamos que passar o túnel em volta dela para chegar aos funcionários presos.

– Provavelmente é um ponto quente – falei.

Sarah assentiu e nos guiou num círculo amplo. Não queríamos derreter um buraco no nosso túnel de resgate.

Chegamos à escotilha do abrigo e eu bati à janelinha redonda. Alguém apareceu, um homem com os olhos marejados e o rosto coberto de cinzas. Provavelmente era o chefe, que teria entrado por último no abrigo. Ele levantou o polegar para mim e eu retribuí o gesto.

Sarah e eu entramos no túnel, depois prendemos a argola em volta da escotilha do abrigo. Isso, pelo menos, era fácil. Era exatamente para isso que o túnel fora projetado. Ainda na tenda, Arun e Marcy apertaram sua extremidade do túnel contra o plástico e prenderam com fita adesiva. Tínhamos criado uma rota de fuga para os funcionários, mas ela estava cheia de ar irrespirável da sala.

– Pronto? – gritou Sarah.

– Lacrado e pronto! – berrou Arun de volta.

As pessoas do lado de fora cortaram uma fenda no plástico. A fumaça do túnel vazou para o corredor, mas a brigada já estava com ventiladores e filtros prontos para minimizar sua dispersão.

– A tenda está aberta! Agora! – gritou Arun.

Sarah e eu trocamos um olhar para confirmar que estávamos prontas. Juntas respiramos fundo e abrimos as válvulas dos nossos tanques de ar. O gás que escapava empurrou a fumaça pelo túnel e para o corredor. Logo o túnel continha ar "respirável". Conrad Superior 12 iria cheirar a fuligem durante dias.

Nós duas tossimos quando respiramos mas o ar não estava tão ruim. Não precisava ser agradável. Só precisava não ser tóxico. Considerando que não mataria os trabalhadores, Sarah girou o volante da escotilha do abrigo de ar.

De modo admirável, as pessoas saíram numa fila rápida e controlada. Meu respeito pela Vidros Queensland subiu um ponto. Eles mantinham os funcionários bem-treinados para emergências.

– Um! Dois! Três! – Sarah foi contando cada um à medida que passavam. Eu também contava, para confirmar.

Assim que ela chegou ao catorze, gritei:

– Catorze! Confirmado!

Ela olhou dentro do abrigo.

– Abrigo vazio!

Fiz a mesma coisa.

– Abrigo vazio! Confirmado!

Acompanhamos as pessoas que tossiam e engasgavam pelo túnel, até que estivessem em segurança.

– Bom trabalho – disse Bob.

Outros voluntários já colocavam máscaras de oxigênio nos funcionários sujos de fuligem.

– Jazz, temos três moderadamente feridos, queimaduras de segundo grau. Leve-os até a Dra. Roussel. O resto de vocês, enfiem aquela tenda e o túnel na sala e lacrem de novo a porta corta-fogo.

Pela segunda vez naquele dia, o Gatilho e eu servimos de ambulância.

No fim das contas, os tanques de oxigênio não explodiram. Mesmo assim, a Vidros Queensland estava destruída. Uma pena. Eles sempre tinham sido eficientes na segurança contra incêndios. Nunca tiveram nenhuma infração. Azar, acho. Agora precisariam reconstruir a partir do zero.

Mesmo assim, seu abrigo de ar com boa manutenção e os exercícios regulares para o caso de incêndios tinham salvado um bocado de vidas. Fábricas podem ser reconstruídas. Pessoas, não. Era uma vitória.

Naquela noite fui para meu bar predileto: o Hartnell's Pub.

Ocupei o lugar de sempre: o segundo banco perto da ponta do balcão. O primeiro costumava ser do Dale, mas esses dias tinham acabado.

O Hartnell's era um buraco na parede. Sem música. Sem pista de dança. Só um balcão e algumas mesas descombinadas. A única concessão ao conforto era a espuma de absorção de

ruídos na parede. Billy sabia o que seus fregueses valorizavam: álcool e silêncio. O clima era completamente assexuado. Ninguém dava em cima de ninguém no Hartnell's. Se você estivesse a fim de sexo, iria a uma boate na Aldrin. O Hartnell's era para beber. E você podia ter a bebida que quisesse, desde que fosse cerveja.

Eu adorava o lugar. Em parte porque Billy era um barman agradável, mas principalmente porque era o bar mais próximo do meu caixão.

– Boa noite, querida – disse Billy. – Ouvi dizer que houve um incêndio hoje. Soube que você entrou.

– Na Queensland – respondi. – Sou baixa, por isso me fizeram de voluntária. A fábrica teve perda total, mas tiramos todo mundo numa boa.

– Bom trabalho.

Ele serviu um copo da cerveja alemã reconstituída de minha preferência. Os turistas dizem que tem gosto de merda, mas é a única cerveja que eu conheço e funciona para mim. Algum dia vou comprar uma alemã de verdade para ver o que estou perdendo. Ele a colocou na minha frente.

– Obrigado pelo seu serviço, querida.

Peguei a cerveja e tomei um gole. Boa e geladinha.

– Obrigada!

Billy assentiu e foi para a outra ponta do balcão servir outro freguês.

Abri o navegador no meu Gizmo e fiz uma busca por "ZAFO". Era uma conjugação do verbo *zafar*, em espanhol, que significava "safar". De algum modo, duvidei que o Sr. Jin de Hong Kong tivesse trazido alguma coisa com nome espanhol. Além disso, "ZAFO" estava em maiúsculas. Provavelmente era uma sigla. Mas de quê?

O que quer que fosse, não consegui encontrar nenhuma menção na internet. Isso significava que era algo secreto. Agora eu queria *mesmo* saber. Preciso confessar que sou meio xereta. Só que naquele momento eu não tinha como avançar, por isso deixei isso de lado.

Eu tinha o mau hábito de verificar minha conta bancária todos os dias, como se o fato de olhá-la compulsivamente a fizesse crescer. Mas o aplicativo do banco não estava interessado nos meus sonhos e me deu a notícia frustrante:

SALDO: 11.916ğ

Tudo que eu tinha era mais ou menos 2,5% do meu objetivo de 416.922 grades. Era o que eu queria. Era disso que eu *precisava*. Nada era mais importante.

Se eu pudesse entrar para a porcaria do Sindicato de AEV, conseguiria um bom dinheiro. Os passeios guiados rendem uma grana preta. Oito clientes por passeio, a 1.500 grades cada. São 12 mil grades por viagem. Bom, 10.800 grades depois de eu pagar os 10% do sindicato.

Eu só poderia guiar dois passeios por semana – limitação determinada pelo sindicato. Eles são cautelosos com relação à exposição de seus membros à radiação.

Poderia ganhar mais de 85 mil grades por mês. E isso só com os passeios. Também tentaria um serviço como caubói de carga. São os peritos em AEV que levam os transportes à câmara de carga e os descarregam. Então eu teria acesso às mercadorias transportadas *antes* que Nakoshi as inspecionasse. Poderia pegar contrabando no ato ou separar para recuperar mais tarde com uma saidinha à meia-noite. O que fosse melhor. O fato é que eu poderia deixar o Nakoshi totalmente de fora dos meus negócios.

Continuaria a viver como uma pobretona até ter economizado o dinheiro. Precisava. Descontando as despesas de sobrevivência, provavelmente conseguiria tudo em seis meses.

Talvez cinco.

Como estava, com meu salário de entregadora e o contrabando por fora, demoraria aproximadamente a eternidade.

Droga, eu queria muito ter passado naquele teste.

Assim que tivesse as 416.922 grades na mão, ainda continuaria ganhando um bocado de grana. Poderia morar num lugar *legal*. Meu caixão de merda custava apenas 8 mil por mês, mas eu nem conseguia ficar de pé dentro dele. Eu queria um banheiro particular. Não parece grande coisa, mas é. Percebi isso mais ou menos na centésima vez em que precisei andar por um corredor público, de camisola, para dar uma mijada à noite.

Pagando 50 mil por mês – bem dentro do que eu estaria ganhando –, poderia conseguir um apartamento na Bolha Bean. Um apê legal com sala, quarto, banheiro e chuveiro próprio. Sem mais nada comunitário. Até poderia conseguir um lugar com um nicho para cozinhar. Não uma cozinha – isso seria estupidamente caro –, mas um fogão de nicho que chegasse a 80 graus e um micro-ondas de 500 watts.

Balancei a cabeça. Algum dia, talvez.

Acho que minha frustração era visível mesmo da outra ponta do balcão. Billy se aproximou.

– Ei, Jazz. Por que essa tristeza?

– Dinheiro. Nunca tenho dinheiro suficiente.

– Pois é, querida. – Ele se inclinou para perto. – Então… lembra quando eu contratei seus serviços para conseguir um pouco de etanol puro?

– Claro.

Numa concessão à natureza humana básica, Artemis permite bebida alcoólica, mesmo sendo inflamável. Por outro lado, estabelecem o limite abaixo do etanol puro, que é *incrivelmente* inflamável. Eu o contrabandeei e só cobrei 20% ao Billy. É minha taxa para amigos e parentes.

Ele olhou para os dois lados. Uns dois fregueses regulares cuidavam da própria vida. Tirando isso, estávamos sozinhos.

– Quero mostrar uma coisa…

Billy enfiou a mão embaixo do balcão e pegou uma garrafa de líquido marrom. Derramou um pouco num copo.

– Aqui. Tome um gole.

Dava para sentir o cheiro de álcool a 1 metro de distância.

– O que é?

– Uísque single malt Bowmore. Envelhecido por quinze anos. Experimente. É por conta da casa.

Jamais sou de recusar bebida grátis. Tomei um gole. Cuspi com nojo. Tinha gosto do rabo flamejante de Satã.

– Hummm – disse ele. – Não é bom?

Tossi e enxuguei a boca.

– Isso *não* é uísque.

Ele olhou para a garrafa, franzindo a testa.

– Ué… Consegui um cara na Terra para ferver os líquidos e me mandar o extrato. Reconstituí com água e etanol. Deveria ser exatamente a mesma coisa.

– Bom, não é – falei com a garganta áspera.

– Uísque é um gosto que a gente adquire…

– Billy, já engoli coisas que saíram de pessoas e tinham sabor melhor do que isso.

– Merda. – Ele guardou a garrafa. – Vou continuar trabalhando nisso.
Engoli a cerveja para afastar o gosto ruim.
Meu Gizmo soltou um bipe. Mensagem do Trond:

Livre esta noite? Pode dar um pulinho na minha casa?

Eca. Eu só estava começando a tomar minhas cervejas.

É tarde. Não dá para ser outro dia?

Melhor se for esta noite.

Estou me sentando para jantar…

Pode jantar mais tarde. Isso vale o seu tempo, garanto.

Espertinho.
– Parece que vou ter que me retirar – falei ao Billy.
– Mais uma! Você só tomou um copo!
– O dever me chama. – Entreguei-lhe meu Gizmo.
Ele o levou à caixa registradora.
– Um copo… Você nunca pagou uma conta tão baixa.
– Não vai virar um hábito.

Ele balançou meu Gizmo em cima da caixa registradora e depois me devolveu. A transação estava feita (muito tempo atrás, eu tinha configurado minha conta para aceitar o Hartnell's como um ponto de compra "sem necessidade de verificação"). Enfiei o Gizmo no bolso e saí. Os outros fregueses não se despediram, nem mesmo me olharam. Meu Deus, adoro o Hartnell's.

Irina abriu a porta e franziu a testa como se eu tivesse acabado de mijar no seu *borscht*. Como sempre, não deixou que eu passasse sem declarar o que ia fazer.

– Oi, sou Jazz Bashara – falei. – A gente já se encontrou mais de cem vezes. Vim ver o Trond, a convite dele.

Ela me levou pela entrada até a sala de jantar. O cheiro de comida deliciosa pairava no ambiente. Alguma coisa com carne, pensei. Rosbife? Uma iguaria rara quando a vaca mais próxima está a 400 mil quilômetros de distância.

Espiei ali dentro e vi Trond tomar uma bebida num copo. Usava seu roupão de sempre e conversava com alguém do outro lado da mesa. Não dava para ver quem era.

Sua filha Lene estava sentada ao lado. Fascinada, ela olhava o pai falar. A maioria dos jovens de 16 anos odeia os pais. Nessa idade eu era um *tremendo* pé no saco para o meu pai (hoje sou só um desapontamento geral). Já Lene olhava para Trond como se ele tivesse posto a

Terra no céu.

Ela me viu e acenou empolgada.

– Jazz! Oi!

Trond sinalizou para eu entrar.

– Jazz! Entre, entre. Conhece a administradora?

Entrei e… puta merda! A administradora Ngugi estava ali. Estava simplesmente… ali! Sentada à mesa.

Em poucas palavras, Fidelis Ngugi é o motivo para Artemis existir. Quando era ministra de Finanças do Quênia criou toda a indústria espacial do país a partir do zero. O Quênia tinha um – e apenas um – recurso para oferecer às empresas espaciais: o equador. Naves lançadas do equador podiam aproveitar totalmente a rotação da Terra para economizar combustível. Ngugi então percebeu que o país podia oferecer mais uma coisa: política. As nações ocidentais afogavam as empresas espaciais comerciais em burocracia. Ngugi disse: "Foda-se isso. Que tal fazermos diferente?"

Não estou citando literalmente.

Só Deus sabe como ela convenceu cinquenta corporações de 34 países a jogar bilhões de dólares para criar a CEQ, mas convenceu. E garantiu que o Quênia aprovasse isenções de impostos e leis especiais só para a nova megacorporação.

Você pode estar se perguntando: "Por que isso?" Não é justo favorecer uma única empresa com leis especiais? Diga isso à East India Tea Company. Isso é economia global, e não um jardim de infância.

E imagine só, quando a CEQ precisou escolher alguém para administrar Artemis, escolheu… Fidelis Ngugi! É assim que as coisas são feitas. Ela tirou dinheiro de *lugar nenhum*, criou uma indústria gigantesca em seu país que anteriormente era de Terceiro Mundo e acabou ganhando o emprego de governante da Lua. Governava Artemis havia mais de vinte anos.

– Ahn… – falei com eloquência. – Éé…

– Sei o que está sentindo. Legal, né? – comentou Lene.

O *dhuku*, o lenço de cabeça tradicional de Ngugi, se contrapunha ao vestido moderno, ocidental. Ela se levantou educadamente, andou na minha direção e disse:

– Olá, querida.

Seu inglês com sotaque suaíli rolava tão suavemente da boca que eu senti vontade de adotá-la como vovó ali mesmo.

– Ja… Jasmine – gaguejei. – Sou Jasmine Bashara.

– Eu sei.

O quê?

Ela sorriu.

– Nós já nos conhecemos. Eu contratei seu pai para instalar um abrigo de ar de emergência na minha casa. Ele levou você. Isso foi na época em que a moradia da administração ficava na Bolha Armstrong.

– Uau… não me lembro disso.

– Você era muito nova. Era uma criancinha adorável, grudada em cada palavra do seu pai. Como vai o Ammar?

Pisquei duas vezes.

– Ah… papai está bem. Obrigada. Não o vejo muito. Ele tem sua oficina e eu tenho o meu trabalho.

– Seu pai é um homem bom. Empresário honesto e trabalhador. Um dos melhores

soldadores da cidade também. É uma pena que vocês tenham se desentendido.

– Espere aí, como a senhora soube que…?

– Lene, foi ótimo ver você de novo. Como você cresceu!

– Obrigada, administradora! – Lene riu de orelha a orelha.

– E, Trond, obrigada pelo jantar delicioso.

– Quando quiser, apareça. Será um prazer recebê-la, administradora.

Trond se levantou. Não acreditei que ele estava usando um roupão! Tinha jantado com a pessoa mais importante da Lua usando o roupão de banho! Depois apertou a mão de Ngugi como se os dois fossem do mesmo nível ou algo assim.

Irina apareceu e levou Ngugi embora. Será que havia uma leve sugestão de admiração no rosto da velha russa rabugenta? Acho que até Irina conhecia seus limites. Não é possível odiar *todo mundo*.

– Puta merda, cara – falei ao Trond.

– Maneiríssimo, hein? – Trond se virou para a filha. – Certo, fofinha, está na hora de você dar no pé. Jazz e eu temos negócios a discutir.

Ela bufou como só as adolescentes conseguem fazer.

– Você sempre me manda embora quando as coisas ficam interessantes.

– Não tenha tanta pressa. Você vai ser uma empresária cruel e escrota em pouco tempo.

– Como o meu pai.

Ela sorriu. Em seguida, estendeu as mãos para o chão e pegou as muletas. Eram do tipo que apertam a parte de cima do braço. Colocou-as facilmente em posição e ficou na vertical. Suas pernas pendiam soltas. Beijou Trond no rosto e saiu apoiada nas muletas sem que os pés tocassem o chão.

O acidente de carro que tinha matado a mãe dela havia paralisado Lene pelo resto da vida. Trond possuía dinheiro a rodo, mas nada poderia comprar de volta a possibilidade de sua filha andar. Nada mesmo? Na Terra, Lene estava confinada a uma cadeira de rodas, mas na Lua ela podia se mover facilmente usando muletas.

Assim, ele contratou gente importante para administrar a maior parte das suas empresas e se mudou para Artemis. E, de uma hora para outra, Lene podia andar de novo.

– Tchau, Jazz! – disse ela enquanto saía.

– Tchau, gata.

Trond girou sua bebida no copo.

– Sente-se.

A mesa de jantar era enorme, por isso peguei uma cadeira a dois espaços de Trond.

– O que tem no copo?

– Uísque. Quer?

– Talvez uma provinha.

Ele empurrou o copo para mim. Tomei um gole.

– Ahhh, isssso… – falei. – Assim está melhor.

– Não sabia que você curtia uísque.

– Normalmente não. É que hoje tomei uma imitação medonha, de modo que precisava lembrar como a bebida deve ser. – Ofereci o copo de volta.

– Fique com ele.

Trond foi até o aparador, serviu-se de mais um copo e voltou à cadeira.

– Por que a administradora estava aqui? – perguntei.

Ele pôs os pés na mesa e se inclinou para trás na cadeira.

– Estou pensando em comprar a Alumínio Sanchez e queria a bênção dela. Por Ngugi, tudo bem.

– Por que você iria querer uma empresa de alumínio?

– Porque gosto de negócios de construção. – Ele estufou o peito de modo teatral. – É o meu barato.

– Mas alumínio? Quero dizer, não é meio… blé? Eu tinha a impressão de que, como ramo de negócios, anda meio mal das pernas.

– Verdade. Não é como nos velhos tempos, quando o alumínio era rei. Cada bolha exigia *40 mil toneladas* de alumínio para ser construída. Agora a população chegou a um platô e não estamos mais fazendo bolhas novas. Francamente, eles teriam falido há muito tempo se não fosse pela produção de combustível monopropelente de alumínio. E mesmo isso quase não dá lucro.

– Parece que você perdeu o período das vacas gordas. Por que entrar no negócio agora?

– Acho que posso tornar a empresa tremendamente lucrativa de novo.

– Como?

– Não é da sua conta.

Ergui as mãos.

– Opa. Assunto delicado. Ótimo, você quer fazer alumínio. Por que não fundar uma empresa própria?

Ele bufou.

– Se ao menos fosse fácil! É impossível competir com a Sanchez. O que você sabe sobre a produção de alumínio?

– Praticamente nada – respondi e me recostei na cadeira.

Trond parecia a fim de bater papo. Era melhor deixar que ele desembuchasse. E eu lucrava com isso. Ganhava mais bebida enquanto ele falava.

– Primeiro eles coletam minério de anortita. Isso é fácil. Só precisam pegar as rochas certas. Eles têm colheitadeiras automáticas funcionando dia e noite. Depois refinam o minério com um processo químico e de eletrólise que usa uma porrada de eletricidade. E estou falando de uma porrada mesmo. A Alumínio Sanchez usa *80%* da produção dos reatores da cidade.

– Oitenta? – Eu nunca tinha pensado nisso, mas dois reatores de 29 megawatts eram um pouco demais para uma cidade de duas mil pessoas.

– É, mas a parte interessante é como eles pagam por isso.

Trond pegou uma pedra no bolso. Não era grande coisa – só um negócio cinza, cheio de arestas, como todas as outras pedras lunares que eu tinha visto na vida. Jogou-a para mim.

– Aqui. Um pouco de anortita para você.

– Ei, uma pedra. – Peguei-a no ar. – Obrigada.

– É feita de alumínio, oxigênio, silício e cálcio. O refino separa a pedra nesses elementos básicos. Eles vendem o alumínio. Esse é o objetivo. E vendem o silício para os vidreiros e o cálcio para os eletricistas por quase nada, mais para se livrar dos dois. Mas há um subproduto incrivelmente útil: oxigênio.

– É, é isso que a gente respira. Eu sei.

– Sim, mas você sabia que a Sanchez recebe eletricidade grátis em troca desse oxigênio?

Ele tinha me pegado.

– Verdade?

– Aham. É um contrato que remonta aos primeiros dias de Artemis. A Sanchez faz o nosso ar, por isso Artemis dá à Sanchez a quantidade de energia que eles querem, completamente de graça.

– Eles não precisam pagar a conta de luz? Nunca?

– Desde que continuem produzindo oxigênio para a cidade. E a eletricidade é a parte mais cara do refino. Eu não teria como competir. Não é justo.

– Pobre bilionário. Você deveria mandar construir uma piscina para nadar nas suas lágrimas.

– É, os ricos são malvados, blá-blá-blá…

Esvaziei meu copo.

– Obrigada pelo uísque. Por que estou aqui?

Ele inclinou a cabeça de lado e me olhou. Será que estava escolhendo as palavras com cuidado? Trond nunca fazia isso.

– Ouvi dizer que você não passou na prova de AEV.

Gemi.

– Será que *todo mundo* na cidade sabe disso? Vocês todos se encontram para conversar sobre mim quando não estou por perto, por acaso?

– É uma cidade pequena, Jazz. Eu tenho os ouvidos atentos.

Empurrei o copo para ele.

– Se vamos falar dos meus fracassos, vou querer mais uísque.

Trond me passou seu copo cheio.

– Quero contratar você. E quero pagar uma grana preta.

Ele ganhou minha atenção.

– Bom, então está bem. Por que não começou dizendo logo isso? O que precisa ser contrabandeado? Alguma coisa grande?

Ele se inclinou para a frente.

– Não é contrabando. É um empreendimento diferente. Acho que vou tirá-la um pouco de sua zona de conforto. Você sempre foi honesta, pelo menos comigo. Tenho sua palavra de que isso vai ficar entre nós? Mesmo se você recusar o serviço?

– Claro.

Uma coisa aprendi com meu pai: sempre cumpra seus tratos. Ele trabalhava dentro da lei e eu não, mas o princípio era o mesmo. As pessoas confiam mais num criminoso de confiança do que num empresário duvidoso.

– O acordo de eletricidade em troca de oxigênio é a única coisa que existe entre mim e a indústria de alumínio. Se a Sanchez parar de fornecer oxigênio será uma quebra de contrato. Então eu entro e me ofereço para assumir o negócio. O mesmo acordo: oxigênio grátis em troca de eletricidade grátis.

– Onde você conseguiria o oxigênio? Você não tem uma refinaria.

– Nenhuma regra diz que ele precisa ser refinado. A cidade está cagando e andando para a origem do oxigênio, desde que venha. – Ele juntou as mãos. – Nos últimos quatro meses estive coletando e armazenando oxigênio. Tenho o bastante para suprir toda a cidade por mais de um ano.

Levantei uma sobrancelha.

– Você não pode simplesmente pegar o ar da cidade e guardar. É de uma ilegalidade monumental!

Ele fez um gesto como se não desse importância.

– Por favor. Não sou idiota. Eu comprei o oxigênio legalmente. Tenho contratos com a Sanchez para entregas regulares.

– Você está comprando oxigênio da Sanchez com o objetivo de tomar o contrato da

Sanchez?

Ele deu um risinho.

– Eles fazem tanto oxigênio que a cidade inteira não o respira com velocidade suficiente. Eu o comprei devagar, aos poucos, usando várias empresas de fachada para ninguém saber que estou armazenando.

Belisquei meu queixo.

– Oxigênio é praticamente a definição de inflamável. Como você conseguiu que a cidade deixasse você armazenar uma quantidade tão grande?

– Não fiz isso. Construí tanques enormes do lado de fora da Bolha Armstrong. Estão no triângulo formado pelos túneis de conexão entre a Armstrong, a Bean e a Shepard. Totalmente a salvo dos turistas idiotas, e se alguma coisa der errado, eles simplesmente vão vazar para o vácuo. Estão conectados aos Centros de Suporte de Vida, mas separados por uma válvula física do lado de fora. Nada de ruim pode acontecer à cidade.

– Ahn... – Girei meu copo na mesa. – Você quer que eu interrompa a produção de oxigênio da Sanchez.

– É, quero. – Ele se levantou e foi até o aparador. Desta vez escolheu uma garrafa de rum. – A cidade vai querer uma solução rápida e eu vou obter o contrato. Assim que isso acontecer, nem terei de construir minha própria refinaria. A Sanchez verá a inutilidade de produzir alumínio sem eletricidade grátis e vai deixar que eu compre a empresa.

Ele se serviu de mais bebida e voltou à mesa. Depois, abriu um painel revelando um punhado de controles. As luzes da sala diminuíram de intensidade e uma tela de projeção se acendeu na parede mais distante.

– Você é um supervilão ou algo assim? – Indiquei a tela. – Quero dizer, qual é!

– Gostou? Acabei de mandar instalar.

A tela mostrava uma foto de satélite de nossa área no Mar da Tranquilidade. Artemis era um minúsculo agrupamento de círculos iluminados pelo Sol.

– Estamos nas terras baixas – disse Trond. – Há bastante olivina e ilmenita em volta. São ótimos para produzir ferro, mas se você quiser alumínio vai precisar de anortita. É rara por aqui, mas as terras altas estão *atulhadas* do minério. Por isso as colheitadeiras da Sanchez operam nas colinas Moltke, 3 quilômetros ao sul daqui.

Ele virou o ponteiro de laser de seu Gizmo e indicou uma região ao sul da cidade.

– As colheitadeiras são quase completamente autônomas. Só se comunicam com a base para instruções se ficarem presas ou se não souberem como agir. São uma parte essencial das operações da companhia, ficam todas num mesmo lugar, completamente sem vigilância.

– Certo. Estou vendo onde isso vai dar…

– É. Quero que você sabote as colheitadeiras. Faça todas pararem de uma vez. E se certifique de que não possam ser consertadas. A Sanchez vai levar pelo menos um mês para que as substitutas sejam mandadas da Terra. Nesse meio-tempo eles não terão minério de anortita. Não ter anortita significa não produzir oxigênio. Não produzir oxigênio significa que eu venci.

Cruzei os braços.

– Não sei se isso funciona para mim, Trond. A Sanchez tem tipo uns cem funcionários, não é? Não quero que as pessoas percam o emprego.

– Não se preocupe com isso. Eu quero *comprar* a empresa, e não arruiná-la. Todo mundo vai manter o emprego.

– Certo, mas eu não sei nada sobre as colheitadeiras.

Os dedos dele voaram sobre os controles e a tela mudou para a imagem de uma

colheitadeira. Parecia algo saído de um catálogo.

– As colheitadeiras são do modelo Tsukuruma, da Toyota. Eu tenho quatro no meu armazém, prontas para serem usadas.

Epa! Certo. Uma coisa do tamanho de uma colheitadeira teria que ser transportada aos pedaços e montada aqui. Além do mais, isso precisaria ser realizado em segredo, para que ninguém fizesse perguntas incômodas, tipo: "Diga, Trond, por que sua empresa está montando colheitadeiras?" Seu pessoal precisaria estar trabalhando nisso por um longo tempo.

Trond deve ter visto as engrenagens girando na minha cabeça.

– Sim, estou trabalhando nisso há um bom tempo. De qualquer modo, você pode examinar minhas colheitadeiras quanto quiser. Tudo em segredo, claro.

Levantei-me da cadeira e fui até a tela. Cara, aquela colheitadeira era um monstro.

– Então meu problema é encontrar um ponto fraco nessas coisas? Não sou engenheira.

– São veículos automatizados sem nenhum equipamento de segurança. Você é inteligente, tenho certeza de que vai pensar em alguma coisa.

– Certo, e o que vai acontecer se eu for apanhada?

– Jazz quem? – perguntou ele em tom teatral. – A entregadora? Mal conheço. Por que ela faria uma coisa dessas? Estou passado!

– Entendi.

– Só estou sendo honesto. Parte do trato é sua palavra de que não vai me levar com você caso seja apanhada.

– Por que eu? Por que você acha que eu consigo fazer isso?

– Jazz, eu sou um empresário. Meu trabalho é explorar recursos subutilizados. E você é um recurso *tremendamente* subutilizado.

Ele se levantou e foi até o aparador pegar mais uma dose.

– Você poderia ser qualquer coisa. Não quis ser soldadora? Sem problema. Poderia ser cientista. Engenheira. Política. Líder empresarial. Qualquer coisa. Mas é entregadora.

Fiz uma careta.

– Não estou julgando – disse ele. – Apenas analisando. Você é inteligente de verdade e quer dinheiro. Eu preciso de alguém inteligente de verdade e tenho dinheiro. Está interessada?

– Hummm…

Demorei um momento pensando. Seria ao menos possível?

Eu precisaria ter acesso a uma câmara de pressurização. Só existem quatro em toda a cidade e você precisa ser membro licenciado do Sindicato de AEV para usá-las – os painéis de controle das câmaras verificam seu Gizmo.

Depois havia a viagem de 3 quilômetros até as colinas Moltke. Como eu faria isso? Andando? E quando chegasse, o que faria? As colheitadeiras teriam câmeras e filmariam tudo num arco de 360 graus para objetivos de orientação. Como eu iria sabotá-las sem ser vista?

Além disso, eu sentia cheiro de encrenca no ar. Trond tinha sido esquivo e ambíguo com relação aos motivos para entrar no ramo de alumínio. E era o *meu* rabo que estava na reta se algo desse errado, e não o dele. Se eu fosse apanhada, seria exilada para a Terra. Provavelmente não conseguiria *ficar de pé* na Terra, quanto mais viver lá. Estava na gravidade lunar desde os 6 anos.

Não. Eu era contrabandista, não sabotadora.

– Desculpe, mas não é para mim – respondi. – Você vai ter que encontrar outra pessoa.

– Eu ofereço 1 milhão de grades.

– Feito.

E aí, Kelvin?
Quais são as novidades? Não tenho notícias suas há alguns dias. Entrou para o clube de xadrez?

Que tipo de clube de xadrez do ensino médio tem exigências para a entrada, afinal? Eles têm tantos candidatos que precisam recusar alguns? Tipo, não têm tabuleiros suficientes? Ou mesas suficientes? Número limitado de nerds?

Minha escola está tentando me colocar nas turmas de superdotados. De novo. Papai quer que eu vá, mas por que eu deveria? Provavelmente só vou ser soldadora. Não preciso saber cálculo diferencial para juntar pedaços de metal. Suspiro…

Ei, o que aconteceu com a Charisse? Você a convidou para sair? Falou com ela? Deu alguma indicação de que você existe? Ou está mantendo seu plano brilhante de evitá-la a todo custo?

Jazz,
Desculpe, andei ocupado ultimamente com coisas extracurriculares. Entrei para o clube de xadrez, sim. Joguei várias vezes para estabelecer meu nível de habilidade e eles me ranquearam em 1.124. Não é muito bom, mas estou estudando e treinando para melhorar. Jogo contra meu computador todo dia e agora vou poder jogar contra pessoas também.

Por que você não entra para as turmas de superdotados? O avanço acadêmico é uma ótima maneira de honrar os pais. Você deveria pensar nisso. Tenho certeza de que seu pai ficaria muito orgulhoso. Meus pais adorariam se eu entrasse para as turmas avançadas, mas matemática é difícil. Eu tiro nota alta, mas é difícil.

Eu tenho determinação. Quero construir foguetes, e sem matemática não dá.

Não, não falei com Charisse. Tenho certeza de que ela não vai se interessar por um cara como eu. As garotas gostam de caras grandes, fortes, que batem nos outros. Não sou nada disso. Se eu falasse com ela só seria humilhado.

Kelvin,
Cara!
Não sei onde você está se informando sobre as garotas, mas está ERRADO. As garotas gostam de caras legais que façam a gente rir. NÃO gostamos de caras que brigam e não gostamos de caras idiotas. Acredite. Eu sou uma garota.

Papai me colocou na oficina para ajudar. Posso fazer sozinha os serviços mais simples. Ele me paga, o que é legal. Só que parou de me dar mesada, agora que tenho pagamento. Então estou trabalhando para ganhar um pouco menos do que recebia sem fazer nada. Não sei se concordo muito com esse plano, mas tudo bem.

Papai está tendo problemas com o Sindicato dos Soldadores. Aqui você pode ser autônomo

ou fazer parte de um sindicato. E o sindicato não gosta dos autônomos. Em geral, papai não tem problemas com os sindicatos, mas ele diz que o dos soldadores é “mafioso”. Acho que o crime organizado saudita é praticamente dono do sindicato. Por que saudita? Não sei. Quase todos os soldadores aqui são sauditas. Simplesmente somos o povo que acabou controlando o ramo de soldas.

De qualquer modo, o sindicato obriga as pessoas a se filiar usando táticas perversas. Não é que nem nos filmes, em que eles ameaçam as pessoas ou algo assim. Só espalham boatos. Histórias de que você é desonesto e que faz um trabalho de merda. Coisas do tipo. Mas papai passou a vida inteira criando uma reputação. Os rumores falsos não pegam. Nenhum cliente dele acredita.

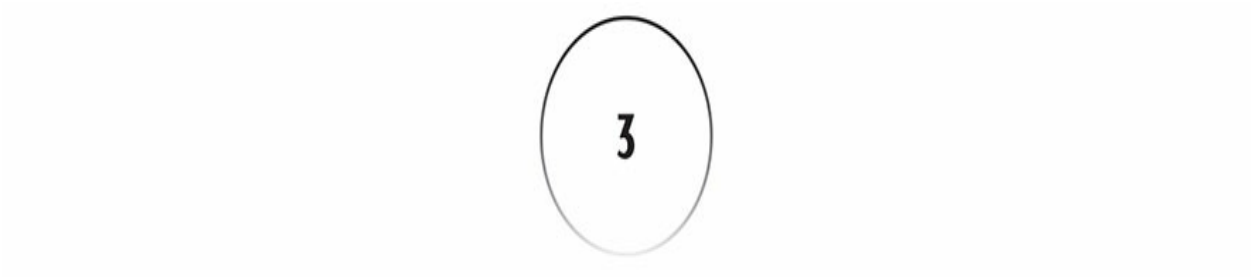
É isso aí, pai!

Jazz,
Que pena esse negócio do Sindicato dos Soldadores. Na CEQ não existem sindicatos. É uma zona administrativa especial e as leis normais que regem os sindicatos não valem. A CEQ tem muito poder junto ao governo queniano. Existem muitas leis especiais para ela, mas a CEQ é boa para todos nós e merece um tratamento especial. Sem ela seríamos pobres como os outros países africanos.

Já pensou em se mudar para a Terra? Tenho certeza de que você poderia virar cientista ou engenheira e ganhar um monte de dinheiro. Você é cidadã da Arábia Saudita, não é? Eles têm várias corporações grandes aqui. E empregos para gente inteligente.

Kelvin,
Não, não quero morar na Terra. Sou uma garota da Lua. Além disso, seria um tremendo problema médico. Estou aqui durante mais da metade da vida, de modo que meu corpo está acostumado a um sexto da gravidade de vocês. Antes de ir para a Terra eu teria que fazer um monte de exercícios e tomar comprimidos especiais para estimular o crescimento de músculos e ossos. Depois precisaria passar horas numa centrífuga todo dia… Eca. Não, obrigada.

Fale com a Charisse, seu titica de galinha.



Fui me esgueirando por um corredor enorme na Aldrin Inferior 7. Na verdade, não precisava me esgueirar. Nessa hora profana não havia ninguém à vista.

Cinco da manhã era um conceito altamente teórico para mim. Eu sabia que existia, mas raramente observava. Nem queria. Mas nessa manhã era diferente. Trond insistia no segredo, por isso precisávamos nos encontrar antes do horário de expediente.

Havia portas de galpões a cada 20 metros. Os lotes aqui eram poucos e grandes, prova da quantidade de dinheiro que essas empresas tinham à mão. A oficina da empresa do Trond estampava apenas uma placa dizendo LE7-4030 – INDÚSTRIAS LANDVIK.

Bati à porta. Um segundo depois, ela deslizou e abriu parcialmente. Trond pôs a cabeça para fora e olhou para os dois lados do corredor.

– Você foi seguida?

– Claro – respondi. – E trouxe os caras direto para você. Por acaso não sou muito inteligente.

– Espertinha.

– Babaquinha.

– Venha. – Ele sinalizou para eu entrar.

Entrei e ele fechou a porta imediatamente. Eu não sabia se ele achava isso discreto ou não. Mas o cara ia me pagar 1 milhão de grades. A gente podia brincar de 007 se ele quisesse.

Na verdade, a oficina era uma garagem. Uma garagem *enorme*. Sério, eu seria capaz de matar para ter aquele espaço. Faria uma casinha num canto e depois, não sei, instalaria grama falsa no resto? Quatro colheitadeiras idênticas, cada qual em sua baia, ocupavam o lugar.

Fui até a mais próxima e olhei.

– Uau.

– É – disse Trond. – Você só percebe como elas são grandes quando vê uma de perto.

– Como você conseguiu trazê-las para a cidade sem que ninguém soubesse?

– Não foi fácil. Mandei virem em partes. Só o meu pessoal de confiança sabe sobre elas. Montei uma equipe de sete mecânicos que ficam de boca fechada.

Examinei a oficina gigantesca.

– Tem mais alguém aqui?

– Claro que não. Não quero que ninguém saiba que contratei você.

– Estou magoada.

A colheitadeira tinha 4 metros de altura, 5 de largura e 10 de comprimento. Era coberta de material reflexivo para minimizar o aquecimento pelo Sol. Cada uma das seis rodas tinha 1,5

metro de diâmetro. A maior parte da máquina era uma enorme caçamba vazia. Um poderoso equipamento hidráulico na frente e uma dobradiça atrás formavam o mecanismo de derramamento da caçamba.

A frente da colheitadeira tinha uma pá articulada. Não havia compartimento de passageiro, claro. As colheitadeiras eram automáticas, mas podiam ser controladas remotamente caso necessário. Uma caixa de metal lacrada ficava onde você poderia esperar que ficasse a cabine. Tinha o logotipo da Toyota, junto com a palavra "Tsukuruma" em letras elegantes.

Caixas de ferramenta e equipamentos de manutenção sobre rodas cercavam a colheitadeira, deixados pelos trabalhadores no fim do turno.

– Certo – falei, captando a cena. – Vai ser um desafio.

– Qual é o problema? – Trond foi até uma das rodas e se encostou nela. – É só um robô, não tem nenhuma defesa. A única inteligência artificial serve para estabelecer a rota. Tenho certeza de que você e um grande cilindro de acetileno poderiam pensar em algo.

– Isso não é um *tanque*, Trond. Não vai ser fácil matar. – Andei um pouco em volta da colheitadeira e analisei o chassi mais de perto. – E há câmeras por toda parte.

– Claro, a máquina precisa das câmeras para se orientar.

– E manda o vídeo de volta para os controladores. Assim que ela parar de funcionar, os controladores vão passar as imagens para ver o que aconteceu. Vão me ver.

– Então cubra qualquer marca de identificação em seu traje de AEV. Sem problema.

– Ah, tem problema, sim. Eles vão chamar os peritos em AEV para perguntar o que está acontecendo, e então os peritos virão atrás de mim. Não vão saber quem eu sou, mas podem me arrastar de volta para dentro e ter um momento Scooby-Doo quando tirarem meu capacete.

Ele deu a volta até onde eu estava, perto da colheitadeira.

– Entendo seu argumento.

Passei as mãos pelos cabelos. Não tinha tomado banho naquela manhã. Estava me sentindo como um punhado de graxa mergulhado numa graxa mais pegajosa ainda.

– Preciso bolar algo que tenha efeito retardado, de modo que aconteça *depois* que eu estiver segura.

– E não se esqueça: você precisa dar perda total nesses troços. Se restar alguma coisa para consertar, as equipes de reparo da Sanchez vão deixar as colheitadeiras funcionando em alguns dias.

– É, eu sei. – Belisquei o queixo. – Onde fica a bateria?

– No compartimento da frente. A caixa com o logo da Toyota.

Encontrei uma caixa de disjuntores primários perto do compartimento da frente. Dentro, estavam os disjuntores principais para proteger os equipamentos eletrônicos de picos ou cortes de energia. Não valeu nada.

Recostei-me num armário de ferramentas ali perto.

– Quando estão cheias, elas levam o material para a refinaria?

– Sim. – Ele pegou uma chave inglesa e jogou para o alto.

– Então elas… o quê? Largam a carga e voltam para a Moltke?

– Depois de recarregar.

Passei a mão ao longo do metal liso e reflexivo da caçamba.

– Qual o tamanho da bateria?

– É uma de 2,4 megawatts-hora.

– Uau! – Virei-me para ele. – Eu poderia fazer uma solda de arco voltaico com essa energia.

Ele deu de ombros.

– Carregar 100 toneladas de rocha exige energia.

Entrei embaixo da colheitadeira.

– Como ela lida com a rejeição de calor? Cera com tecnologia de transição de fase?

– Não faço ideia.

Quando você está num vácuo, livrar-se do calor é um problema. Não existe ar para levá-lo para longe. E quando você tem eletricidade, cada joule de energia acaba se tornando calor. Pode ser devido à resistência elétrica, à fricção de partes móveis ou reações químicas na bateria que liberam a energia. No fim das contas, tudo termina virando calor.

Artemis tem um complexo sistema de resfriamento que leva o calor para painéis térmicos perto do complexo do reator. Eles ficam na sombra e irradiam a energia lentamente na forma de luz infravermelha. Só que as colheitadeiras precisam ser autônomas.

Depois de um tempo, encontrei o que estava procurando. A válvula do sistema de rejeição de calor. Reconheci imediatamente o tipo: papai e eu tínhamos instalado muitas dessas no passado, enquanto consertávamos veículos lunares.

– É. É cera – confirmei.

Vi os pés de Trond se aproximando.

– O que isso quer dizer? – perguntou ele.

– As caixas da bateria e do motor ficam dentro de um reservatório de cera sólida. Para derreter a cera, é preciso de um bocado de energia; e é para aí que o calor vai. Os canos com cera são cercados por tubos com líquido de refrigeração. Quando a colheitadeira volta para casa, para recarregar, eles bombeiam água fria nesses tubos para esfriar a cera de novo, depois tiram a água recém-aquecida. Então esfriam a água com tranquilidade enquanto a colheitadeira volta para trabalhar.

– Então você pode fazer as colheitadeiras superaquecerem? – perguntou ele. – É esse o seu plano?

– Não é tão simples assim. Existem sistemas de segurança para impedir o superaquecimento. As colheitadeiras simplesmente desligariam até esfriar. Os engenheiros da Sanchez logo consertariam o problema. Tenho outra ideia.

Saí de baixo da colheitadeira, fiquei de pé e estiquei as costas. Depois subi pela lateral e entrei na caçamba. Minha voz ecoou enquanto eu falava.

– Alguma das câmeras dela pode enxergar aqui dentro?

– Por quê? Ah! Você vai viajar escondida numa colheitadeira até as colinas Moltke!

– Trond, as câmeras podem enxergar aqui dentro?

– Não. O objetivo delas é orientação. Apontam para fora. Ei, como você vai sair da cidade? Não tenho privilégios nas câmaras de pressurização.

– Não se preocupe com isso.

Saí da caçamba e pulei 4 metros até o chão. Puxei uma cadeira, girei-a e montei nela. Encostei o queixo na palma da mão e me perdi em pensamentos.

Trond se aproximou.

– Então…?

– Estou pensando – respondi.

– As mulheres sabem quanto ficam sensuais sentadas assim?

– Claro.

– Eu *sabia*!

– Estou tentando me concentrar.

– Desculpe.

Olhei para a colheitadeira durante vários minutos. Trond ficou andando sem rumo pela baia, mexendo em ferramentas. Ele era um gênio empresarial, mas tinha a paciência de um garoto de 10 anos.

– Certo – falei finalmente. – Tenho um plano.

– É? – Trond largou uma chave de soquete e correu na minha direção. – Conte.

Balancei a cabeça.

– Não se preocupe com os detalhes.

– Eu gosto de detalhes.

– Uma mulher tem o direito de guardar segredos. – Fiquei de pé. – Mas vou destruir completamente as colheitadeiras deles.

– Fantástico!

– Tudo bem. Estou indo para casa. Preciso de um banho.

– É – disse Trond. – Precisa mesmo.

Assim que voltei para o meu caixão, tirei as roupas mais depressa do que uma garota bêbada depois do baile de formatura. Vesti um roupão e fui para os chuveiros públicos. Paguei as 200 grades extras para afundar numa banheira. Foi uma sensação boa.

Passei o dia fazendo entregas, como sempre. Não queria que nenhum babaca atento notasse uma mudança na minha rotina imediatamente antes de um crime ser cometido. Era só um dia normal. Ninguém precisava me olhar assobiando com cara de inocente. Trabalhei até umas quatro da tarde.

Fui para casa, me deitei (como se eu tivesse escolha) e fiz algumas pesquisas. Uma coisa invejo nos terráqueos: a internet deles é muito mais rápida. Em Artemis temos uma rede local que serve bem para transações de grades e e-mails, mas, quando se trata de buscas na rede, todos os servidores estão lá na Terra. E isso significa um mínimo de quatro segundos de espera para cada pedido. A velocidade da luz não é tão rápida quanto eu gostaria.

Bebi tanto chá que precisei correr para o banheiro comunitário a cada vinte minutos. Depois de horas trabalhando, cheguei a uma conclusão: eu queria mesmo ter um banheiro próprio.

No fim acabei bolando um plano. E, como todos os bons planos, exigia um ucraniano maluco.

Com o Gatilho, fui até o Centro de Pesquisas da Agência Espacial Europeia e parei no corredor estreito.

As agências espaciais do mundo inteiro foram as primeiras a alugar propriedades em Artemis. Nos velhos tempos, a Armstrong Térreo era a melhor área da cidade. Desde então, mais quatro bolhas brotaram e as agências permaneceram. Seus projetos visuais que já foram de ponta estavam desatualizados em duas décadas.

Desci do Gatilho e me dirigi aos laboratórios. A primeira sala, uma minúscula área de recepção, era uma lembrança dos dias em que os imóveis eram muito mais limitados. Quatro corredores saíam em ângulos estranhos. Algumas portas não podiam ser abertas se outras estivessem abertas. O aborto ergonômico era resultado de dezessete governos projetando um laboratório por meio de uma comissão. Passei pela porta do centro, fui pelo corredor quase até o fim e cheguei ao laboratório de microeletrônica.

Martin Svoboda estava curvado sobre um microscópio e estendeu a mão para o café, distraído. Sua mão passou por três béqueres de ácido mortal antes de pegar a caneca e tomar um gole. Juro que aquele idiota ainda vai acabar se matando.

Ele tinha sido designado para Artemis pela AEE há quatro anos, para estudar métodos de fabricação de microcircuitos eletrônicos. Aparentemente a Lua tem algumas vantagens especiais nessa área. O laboratório da AEE é um cargo altamente desejado, por isso ele devia ser bom no que fazia.

– Svoboda – falei.

Nada. Ele não tinha me notado e não me ouviu falar. O cara é assim.

Dei-lhe um tapa na nuca e ele sacudiu a cabeça para longe do microscópio. Sorriu como uma criança vendo uma tia querida.

– Ah! Oi, Jazz! O que há?

Sentei-me num banco diante dele.

– Preciso de um pouco da sua ciência maluca.

– Maneiro! – Ele girou o banco para me encarar. – O que posso fazer?

– Preciso de um equipamento eletrônico. – Tirei um esquema do bolso e lhe entreguei. – Isso. Ou algo parecido.

– Papel? – Ele segurou o esquema como se fosse uma amostra de urina. – Você escreveu isso em papel?

– Não sei usar aplicativos de desenho – respondi. – Só… O que você acha?

Ele desdobrou o papel e franziu a testa para os meus rabiscos. Svoboda era o melhor engenheiro eletrônico da cidade. Algo assim não deveria ser um desafio para ele.

Ele virou o desenho de lado.

– Você desenhou isso com a mão esquerda?

– Não sou artista, certo?

Svoboda coçou o queixo.

– Deixando de lado a qualidade artística, é um projeto elegante. Você copiou de algum lugar?

– Não, por quê? Tem alguma coisa errada?

Ele ergueu o rosto para ela.

– É só que… está mesmo bem-feito.

– Obrigada?

– Não sabia que você era tão talentosa.

Dei de ombros.

– Achei uns tutoriais de eletrônica na internet e trabalhei a partir disso.

– Você aprendeu sozinha? – Ele olhou de novo o esquema. – Quanto tempo demorou?

– A maior parte da tarde.

– Aprendeu tudo isso *hoje*? Você seria uma tremenda cientista…

– Pare. – Levantei a mão. – Não vim aqui para receber elogios. Você pode fazer ou não?

– Claro, claro. Para quando você precisa?

– Quanto antes, melhor.

O homem jogou o esquema na mesa do laboratório.

– Posso fazer para amanhã.

– Fantástico. – Desci do banco e peguei meu Gizmo. – Quanto?

Ele hesitou. O que nunca é bom sinal durante negociações.

Svoboda tinha feito serviços para mim durante anos, principalmente removendo chips

antipirataria de produtos eletrônicos contrabandeados. Geralmente cobrava 2 mil grades por trabalho. Por que desta vez seria diferente?

– Duas mil grades? – sugeri.

– Hummm. Você consideraria uma troca?

– Claro. – Guardei o Gizmo. – Precisa de algum contrabando?

– Não.

– Sei.

Droga, eu sou uma contrabandista! Por que as pessoas vivem me pedindo outras merdas?!

Ele se levantou e fez um gesto para eu segui-lo. Acompanhei-o até o canto de trás do laboratório, onde ele fazia seus trabalhos por fora. Por que comprar seu próprio equipamento quando os contribuintes europeus podem pagar para você?

– Contemple! – Ele indicou a mesa.

O item que estava no meio não parecia grande coisa. Era só uma caixa pequena de plástico transparente com alguma coisa dentro. Olhei mais de perto.

– Isso aí é uma camisinha?

– É! – respondeu ele, com orgulho. – Minha última invenção.

– Os chineses chegaram cinco séculos antes de você.

– Não é uma camisinha comum! – Ele empurrou um cilindro do tamanho de uma garrafa térmica na minha direção. Tinha um fio elétrico e uma tampa com dobradiça. – Vem com isso.

Abri a tampa. Buracos minúsculos no interior adornavam as paredes e havia um cilindro de metal arredondado no fundo.

– Ah. Certo…

– Posso lucrar vendendo esses kits a 3 mil grades cada.

– Uma camisinha só custa 50 grades. Por que alguém compraria isso?

Ele riu.

– É reutilizável!

Pisquei.

– Está de sacanagem?

– De jeito nenhum! Ela é feita de um material fino, mas durável. Dá para usar centenas de vezes. – Svoboda apontou para a parte de metal arredondado. – Depois do uso, você vira a camisinha do avesso, coloca nesse cilindro…

– Eca.

– Então liga o limpador. Há um ciclo de limpeza por líquido e depois um de alta temperatura por dez minutos. Aí, ela estará esterilizada e pronta para ser usada de novo…

– Ah, meu Deus, não.

– Você provavelmente deveria lavar primeiro…

– Pare com isso! Por que *alguém* iria querer uma coisa assim?

– Porque a longo prazo economiza dinheiro e tende a falhar menos do que uma camisinha comum.

Lancei um dos meus olhares mais duvidosos.

– Faça as contas – disse ele. – As camisinhas comuns são caras demais. Ninguém fabrica aqui, pois não existe matéria-prima para fazer látex. *Meu* produto pode ser usado duzentas vezes, no mínimo. É uma economia de *10 mil grades*.

– Ahn… – Agora ele estava falando minha língua. – Certo, talvez não seja uma coisa tão maluca, afinal de contas. Só que não tenho dinheiro para investir agora…

– Ah, não estou procurando investidores. Preciso de alguém para testar.

– E você acha que *eu* tenho o pau certo para o trabalho?

Ele revirou os olhos.

– Preciso saber como é a sensação para uma mulher.

– Não vou fazer sexo com você.

– Não, não! – Ele se encolheu. – Só quero que você use na próxima vez em que fizer sexo. Depois me conte como isso afetou sua experiência.

– Por que você não come uma garota e pergunta para ela?

Svoboda olhou para os sapatos.

– Não tenho namorada e sou péssimo com as mulheres.

– Existem bordéis espalhados por toda a Aldrin! De alto nível, de baixo nível, o que você quiser.

– Não serve. – Ele cruzou os braços. – Preciso de dados fornecidos por uma mulher que esteja fazendo sexo *por diversão*. A mulher precisa ser sexualmente experiente, coisa que sem dúvida você é…

– Cuidado com o que fala…

– E com probabilidade de fazer sexo num futuro próximo. O que, de novo…

– Escolha bem suas próximas palavras.

Ele fez uma pausa.

– Pois é. Você entende o que eu quero.

Suspirei.

– Não posso pagar só 2 mil grades?

– Não preciso de dinheiro. Preciso de testes.

Olhei com raiva para a camisinha. *Parecia* bastante normal.

– E é eficaz? Tem certeza de que não vai estourar nem nada?

– Ah, sem dúvida. Eu fiz uma bateria de testes: estiramento, pressão, fricção, tudo.

Um pensamento perturbador brotou na minha mente.

– Espera aí. Você usou essa?

– Não, mas não importaria se tivesse usado. O processo de limpeza a esteriliza.

– Está brin… – Parei e respirei fundo. Então, com o máximo de calma possível, falei: – Importaria, sim, Svoboda. Talvez não higienicamente, mas psicologicamente.

Ele deu de ombros.

Deliberei por um momento e enfim disse:

– Certo, trato feito. Mas não prometo sair correndo para transar.

– Claro, claro. Só… na próxima vez em que acontecer naturalmente, sabe?

– Ok, tudo bem.

– Excelente! – Ele pegou a caixa da camisinha e o equipamento de limpeza e me entregou. – Ligue se tiver alguma dúvida.

Peguei o material cautelosamente. Não me senti tão confortável, mas, pensando bem, não havia nada de errado. Eu só ia fazer um teste de produto. Não é esquisito, certo?

Certo?

Estava saindo quando parei e me virei para ele.

– Ei… Já ouviu falar de uma coisa chamada ZAFO?

– Não. Deveria ter ouvido?

– Não. Não se preocupe. Passo aqui amanhã de tarde para pegar o negócio.

– É o meu dia de folga. Quer me encontrar no parque, em vez disso? Digamos, às três da tarde?

– Pode ser.
– Posso perguntar para que é essa coisa?
– Não.
– Está bem. Vejo você amanhã.

Conrad Inferior 6.

Atravessei com o Gatilho os corredores familiares e tentei ignorar a sensação esquisita no meu estômago. Conhecia cada corredor torto, cada loja e cada arranhão em cada parede. Podia fechar os olhos e dizer onde estava só pelos ecos e pelo ruído de fundo.

Virei a esquina para a rua dos Artesãos. Os melhores comerciantes da cidade trabalhavam aqui, mas não existiam placas espalhafatosas nem anúncios. Eles não precisavam atrair fregueses. Ganhavam a vida com sua reputação.

Parei na frente do CI6-3028, desci e hesitei diante da porta. Dei as costas num momento de covardia, respirei fundo, depois me virei de novo e toquei a campainha.

Um homem de rosto gasto pelo tempo atendeu. Tinha barba bem-aparada e usava uma *taqiyah* (touca) branca. Olhou para mim em silêncio por um momento e disse: – Oi.

– *Boa tarde, pai* – falei em árabe.
– *Está com problemas?*
– *Não.*
– *Precisa de dinheiro?*
– *Não, pai. Agora sou independente.*

Ele franziu a testa.

– *Então por que veio aqui?*
– *Uma filha não pode visitar o pai simplesmente para honrá-lo?*
– Conversa fiada – disse ele, em inglês. – O que você quer?
– Preciso de um equipamento de solda emprestado.
– Interessante. – Ele deixou a porta aberta e entrou na oficina. Esse era o único convite que eu receberia.

Pouca coisa havia mudado no decorrer dos anos. A oficina à prova de incêndios estava quente e atulhada, como todas as outras. O equipamento meticulosamente organizado de papai ficava pendurado nas paredes. Uma bancada dominava um canto da sala, perto de um conjunto de máscaras de soldador.

– Venha – chamou ele.

Acompanhei-o pela porta dos fundos até a residência. A sala minúscula era palaciana, comparada com meu humilde caixão. A casa de papai tinha dois caixões ao longo de uma parede. Isso era muito comum entre os artemisenses de classe baixa. Não eram tão bons quanto quartos, mas davam privacidade, o que vinha a calhar. Eu cresci naquela casa. Fiz… coisas naquele caixão.

Ele tinha um nicho de cozinhar que usava fogo de verdade. Era uma das poucas vantagens de viver num cômodo à prova de incêndio. Muito melhor do que um micro-ondas. Você pode achar que um fogão de verdade significa comida gostosa, mas está errado. Papai se esforçava, mas Grude é Grude. Não se pode fazer muito com algas.

Mas havia uma grande mudança. Na parede dos fundos uma chapa de metal de 1 metro de largura ia do chão ao teto – nem de longe na vertical. Eu diria que estava inclinada a uns 20 ou 30 graus.

Apontei para a novidade.

– O que é isso?

Papai olhou.

– É uma ideia que tive há um tempo.

– Para que serve?

– Descubra.

Argh! Se eu tivesse ganhado 1 grade cada vez em que ele disse isso na minha vida… Nunca dava uma resposta direta; tudo precisava ser uma porcaria de uma experiência de aprendizado.

Ele cruzou os braços e me observou, como sempre fazia nesses pequenos testes.

Fui até lá e toquei na chapa. Era muito forte, claro. Ele nunca fazia nada pela metade.

– Uma folha de alumínio de 2 milímetros?

– Correto.

– Então não precisa suportar força lateral… – Passei os dedos pela intercessão da folha com a parede. Senti pequenos calombos a cada 20 centímetros. – Pontos de soldadura? Não parece coisa sua.

Ele deu de ombros.

– Pode ser uma ideia idiota. Não estou disposto a ir em frente com ela.

Dois ganchos se projetavam da parte de cima da chapa, a apenas alguns centímetros do teto.

– Você vai pendurar alguma coisa nela.

– Correto. O quê?

Olhei de cima a baixo.

– A resposta está nesse ângulo estranho… Tem um transferidor que possa me emprestar?

– Vou lhe poupar o trabalho. Está a 22,9 graus da vertical.

– Ahn… A longitude de Artemis é de 22,9… Ah! Certo, saquei. – Virei-me para ele. – É para orações.

– Correto. Eu chamo de parede de orações.

A Lua sempre aponta a mesma face para a Terra. Assim, mesmo em órbita, do nosso ponto de vista a Terra não se move. Bom, *tecnicamente* o planeta oscila um pouco por causa da libração lunar, mas não preocupe sua cabecinha bonita com isso. O lance é que a Terra é fixa no céu. Ela gira no mesmo lugar e tem fases, mas não se move.

A chapa apontava para a Terra de modo que papai pudesse se virar para Meca enquanto rezava. A maioria dos muçulmanos aqui simplesmente olhava para o oeste. Era o que papai tinha feito durante toda a minha vida.

– Como você vai usar isso? – perguntei. – Alças especiais ou algo assim? Quero dizer, ela está quase na vertical.

– Não seja ridícula. – Ele pôs as duas mãos na parede de orações e se inclinou para ela. – Assim. Simples e fácil. E tem mais a ver com a Quibla do que virar para o oeste na Lua.

– Parece idiota, papai. Os muçulmanos da Austrália não fazem um buraco e se viram para o chão. Você acha que Maomé ficaria impressionado?

– Ei. – Ele reagiu incisivo. – Você não pode falar sobre o Profeta se não pratica o islamismo.

– Está bem, está bem. – Apontei para os ganchos. – Para que serve aquilo?

– Descubra.

– Argh! – falei. Depois acrescentei, de má vontade: – Para prender um tapete de orações?

– Correto. – Ele foi até a mesa perto do nicho de cozinhar e se sentou numa cadeira. – Não quero fazer buracos no meu tapete, por isso encomendei outro na Terra. Vai chegar em algumas

semanas.

Sentei-me na outra cadeira, onde tinha comido incontáveis refeições.

– O senhor tem o número do manifesto de transporte? Eu posso arranjar para ele chegar mais depressa…

– Não, obrigado.

– Pai, não é ilegal eu mexer uns pauzinhos para…

– Não, obrigado – repetiu ele, um pouco mais alto dessa vez. – Não vamos discutir isso.

Trinquei os dentes, mas fiquei quieta. Estava na hora de mudar de assunto.

– Pergunta esquisita: já ouviu falar de uma coisa chamada ZAFO?

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Não é uma palavra em grego antigo que significa "lésbica"?

– Não, isso é Safo.

– Ah. Então não. O que é?

– Não faço ideia – respondi. – É só uma coisa que eu vi de passagem e fiquei pensando.

– Você sempre foi curiosa. E é fantástica para descobrir respostas. Talvez devesse colocar seu gênio em alguma coisa útil, para variar.

– Pai – falei com um leve alerta na voz.

– Ótimo. – Ele cruzou os braços. – Então você precisa de um equipamento de solda?

– É.

– Na última vez em que você teve acesso ao meu equipamento, a coisa não correu bem.

Tentei não romper o contato visual, mas não consegui. Olhei para o chão.

Meu pai falou num tom mais suave:

– Desculpe. Não deveria ter mencionado isso.

– Não, tudo bem.

Um silêncio incômodo se instalou: havíamos dominado essa arte no decorrer dos anos.

– Bom… – disse ele, sem graça. – Então… você precisa do quê?

Clareei a cabeça. Não tinha tempo para remoer a culpa.

– Preciso de um maçarico, uns dois tanques de acetileno, um tanque de oxigênio e uma máscara.

– E neônio?

Encolhi-me.

– Sim. Neônio, claro.

– Você está ficando enferrujada – disse ele.

Eu não precisava de neônio, mas não podia dizer isso.

Quando você solda alumínio, precisa inundá-lo com um gás não reativo para impedir que a superfície oxide. Na Terra usam argônio porque é abundante. Só que não temos gases nobres na Lua, por isso precisamos trazê-los da Terra. E o neônio tem a metade do peso do argônio, e é isso que usamos. Para mim não importava, porque ia trabalhar no vácuo. Não haveria oxigênio para oxidar o metal. Mas não queria que ele soubesse. Além disso, ia cortar aço, e não alumínio. E, de novo, não havia motivo para compartilhar isso com papai.

– E para que é isso? – perguntou ele.

– Vou instalar um abrigo de ar para uma amiga.

Eu tinha mentido para o meu pai mais vezes do que podia contar, especialmente quando era adolescente. Toda vez, absolutamente toda vez, isso provocava uma sensação ruim no meu estômago.

– Por que sua amiga não contrata um soldador?

– Ela contratou: eu.

– Ah, então agora você é soldadora? – Ele arregalou os olhos de modo teatral. – Depois de anos dizendo que não queria fazer isso?

Suspirei.

– Pai, é só uma amiga que quer um abrigo de ar no quarto. Não estou cobrando quase nada.

Os abrigos de ar residenciais eram comuns, especialmente entre os imigrantes recentes. Os recém-chegados costumam ser paranoicos com a questão do "vácuo mortal lá fora". É irracional, já que o casco de Artemis é extremamente seguro, mas o medo não é lógico. Na prática, os abrigos de ar pessoais rapidamente se transformam em armários.

– Qual é a parte ilegal? – perguntou ele.

Lancei um olhar magoado.

– Por que você presume que haja…?

– Qual é a parte ilegal?

– O apartamento dela fica na Armstrong, encostado no casco interno. Preciso soldar o abrigo diretamente nele. A prefeitura exige todo tipo de inspeções extras se você soldar alguma coisa no casco interno, e ela não pode pagar por isso.

– Humpf. Burocracia sem sentido. Nem mesmo o amador mais desajeitado conseguiria danificar uma placa de alumínio de 6 centímetros.

– Viu?

Ele cruzou os braços e franziu a testa.

– A porcaria da prefeitura fica atrapalhando os negócios…

– Nem me fale.

– Está bem. Pegue o que quiser. Mas você precisa me reembolsar o acetileno e o neônio.

– Certo, claro.

– Você está bem? Está meio pálida.

Eu estava quase vomitando. Mentir para o meu pai me levava de volta aos anos de adolescência. E vou confessar: não há ninguém que eu odeie mais do que a Jazz Bashara adolescente. Aquela idiota tomou todas as decisões ruins que uma pessoa poderia tomar. Ela é responsável por onde me encontro hoje.

– Estou bem. Só meio cansada.

Jazz,
Ganhei de aniversário um pôster enorme da *Roosa*. Que nave magnífica! É a maior nave espacial de passageiros já construída! Pode levar até duzentos! Estou aprendendo tudo sobre ela. Estou meio obcecado, mas quem se importa?

A nave é uma maravilha! Tem gravidade centrípeta completa, com raio suficientemente grande para ninguém ficar tonto. Até ajuda as pessoas a se ajustarem à gravidade lunar! Eles diminuem lentamente a rotação na viagem de sete dias até a Lua. Assim, quando as pessoas embarcam, os conveses dos passageiros estão com 1G, e quando chegam à Lua estão a um sexto de G. E fazem o contrário na volta, para as pessoas se acostumarem com 1G de novo. Não é maneiro?

Mas ainda não entendo a "Órbita do Ciclador Uphoff-Crouch". Sei que é uma órbita balística que vai e volta entre a Terra e a Lua, mas é realmente esquisita. É tipo… começa na Terra, sete dias depois está na Lua, em seguida sai do plano Terra-Lua e volta para a Lua catorze dias depois… Aí, em algum lugar, ela simplesmente fica numa órbita elíptica em volta da Terra durante duas semanas… Não entendo. E não vou tentar. O fato é que é uma nave incrível.

Um dia, quando eu for projetista de foguetes, vou visitar Artemis. Poderemos tomar chá.

Ei, quando você e seu pai se mudaram para Artemis, vocês foram na *Roosa*?

Kelvin,
Não, a *Roosa* ainda não tinha sido construída quando a gente veio. Viemos na *Collins*, a única nave de passageiros que existia na época. Foi há dez anos (eu só tinha 6), por isso não me lembro de todos os detalhes. Mas lembro que a gente não tinha gravidade artificial. Era zero G em toda parte. Foi muito divertido quicar de um lado para o outro!

Você me deixou curiosa com o lance da órbita, por isso fui pesquisar. Parece bem simples. A nave passa por um ciclo em que cada etapa leva sete dias: Terra → Lua → (espaço fora do plano Terra-Lua) → Lua → Terra → (espaço fora do plano Terra-Lua) → Terra. E repete isso de novo e de novo. Se a Lua ficasse parada, eles poderiam simplesmente ir e vir, mas ela se move em volta da Terra uma vez por mês, o que complica tremendamente o ciclador.

Pesquisei a matemática da órbita e depois verifiquei os números nas equações. É bem simples, dá para fazer de cabeça.

Jazz,
Talvez você consiga fazer de cabeça. Eu daria tudo para ser inteligente como você. Mas não sou. Tudo bem. Em vez disso, me esforço muito, e você é tremendamente preguiçosa.

Kelvin,
Como você ousa me chamar de preguiçosa? Eu poderia lhe dar uma resposta desaforada, mas… Ah, simplesmente não estou motivada.

Ei, preciso de um conselho. Edgar e eu vamos ter nosso quarto encontro. A gente está ficando um bocado (só beijando, mais nada). Eu quero ir além, mas não depressa demais, ainda não estou preparada para ficar pelada na frente de alguém. Alguma recomendação?

Jazz,
Peitos.

Kelvin,
Sério? É tão simples assim?

Jazz,
É.



Na manhã seguinte acordei nua numa cama macia e confortável.

Não, não havia ninguém comigo. Eu só queria ter um gostinho de como seria a vida quando ganhasse aquele milhão de grades.

Estiquei os braços e arqueei as costas. Que noite fantástica!

Diferentemente do meu caixão de bosta, esse quarto tinha um isolamento acústico excelente. Nenhum vizinho me acordaria com discussões aos berros ou sexo barulhento. Nenhuma conversa estrondosa no corredor. Nenhum bêbado idiota trombando nas paredes.

E a cama! Eu podia me deitar atravessada! Além disso, os lençóis e os cobertores eram mais macios do que veludo. A roupa de cama dava uma sensação melhor na pele do que meu pijama.

O quarto custava 2 mil grades por noite. Quando recebesse o pagamento do Trond teria uma cama igual a essa no meu lindo apartamento à prova de barulho.

Verifiquei meu Gizmo. Onze da manhã?! Uau, dormi de verdade!

Saí dos cobertores quentes e fui até o banheiro – o banheiro *privativo*. Sem roupão, sem os caras me olhando no corredor, só eu e minha bexiga cuidando dos negócios em paz.

Passei pelo meu ritual matutino, inclusive um banho de chuveiro extralongo. Chuveiro privativo: outra coisa para minha lista de confortos futuros. A água é cara em Artemis, mas a gente não joga fora. É um sistema fechado, de modo que você paga realmente pelo sistema de purificação. O quarto de hotel tinha um banheiro com água de reúso. Os primeiros 20 litros eram de água nova (durante uns três minutos). Depois, ele reaquecia sua água usada e devolvia. Você podia ficar ali quanto quisesse e só usaria 20 litros. Nota importante: não mije num chuveiro com água de reúso.

Vesti um roupão de tecido atoalhado insanamente confortável e enrolei o cabelo num turbante de toalha.

Hora de trabalhar no próximo passo do meu plano maligno. Desta vez não precisava de nenhuma pesquisa. Só precisava pensar. Deitei-me na cama de onde eu nunca mais queria sair e deixei que a mente voasse.

Problema: como sair da cidade?

As câmaras de pressurização não obedecem a comandos de quem não é membro do Sindicato de AEV. Há um bom motivo para isso. A última coisa que você vai querer é um merdinha sem treino brincando com os controles. Uma câmara mal-usada é um modo rápido e eficiente de matar todo mundo numa bolha.

Assim, para usar um painel de controle de uma câmara de pressurização, você precisa passar seu Gizmo em cima. Ele verifica se você faz parte do sindicato. É um esquema contra

idiotas, simples e muito eficaz. Mas nenhuma proteção contra idiotas pode vencer um idiota *decidido*. Há uma falha no sistema.

Por motivos de segurança, as câmaras não têm impedimentos nas portas *externas*. Se você estiver com um traje de AEV vazando e correndo para a segurança, a última coisa que vai querer ver é uma mensagem de "VERIFICANDO AUTORIZAÇÃO". Eu só precisava de alguém para operar os controles pelo lado de fora. Alguém… ou alguma coisa.

Deixei o quarto do hotel porque a recepção ligou dizendo que eu precisava sair ou eles me cobrariam outra noite. Então embarquei no Gatilho e fui até Armstrong Inferior 4. Ou, como o pessoal de lá chamava, Pequena Hungria. Os húngaros eram donos de todas as oficinas de metalurgia. Assim como os vietnamitas eram donos do Suporte de Vida, e os sauditas, da solda.

Parei perto da oficina de uma colega do papai, Zsóka Stróbl, que aparentemente recebeu esse nome durante uma séria escassez de vogais. Era especialista em vasos de pressão. Quando papai recebia um contrato para instalar um abrigo de ar, geralmente comprava um com Zsóka. Ela fabricava produtos de alta qualidade, e papai faz questão de que todos os projetos dele tenham qualidade.

Estacionei o Gatilho e bati à porta. Zsóka abriu uma fresta, espiou e falou com sotaque forte:

– Você quer o quê?

Apontei para mim mesma.

– Sou eu, Sra. Stróbl. Jazz Bashara.

– Você é filha de Ammar Bashara. Ele bom homem. Você era garotinha boa. Agora é má.

– Certo… Olha, quero falar com a senhora sobre uma coisa…

– Você não é casada e fez sexo com muitos homens.

– É, sou uma tremenda vagabunda.

O filho dela, Isvan, tinha trepado com mais homens do que eu. Resisti à ânsia de dizer isso.

– Só preciso pegar uma coisa emprestada por dois dias. Estou disposta a pagar mil grades.

Ela abriu a porta um pouco mais.

– Pegar emprestado o quê?

– Seu RIC.

Zsóka tinha participado da construção das Bolhas Bean e Shepard. A construção de bolhas é um trabalho infernal (mas paga muito bem).

Ela e dezenas de outros metalúrgicos tinham montado os triângulos ligeiramente curvos que eram postos numa estrutura para formar o casco. Os peritos em AEV juntavam as peças e acrescentavam rebites suficientes para fazer um lacre de pressão vagabundo, que vazava. Então o Suporte de Vida mantinha a bolha com ar suficiente para se contrapor aos vazamentos enquanto os soldadores faziam os lacres verdadeiros por dentro. Lembro que papai ganhou um bom dinheiro com esse trabalho.

Os metalúrgicos éticos, como Zsóka, inspecionam regularmente o seu trabalho. Como você pode olhar do lado de fora do casco sem ser um perito de AEV treinado e licenciado? Com um robô de inspeção de casco. "RIC", para abreviar.

Na verdade, eles são apenas carrinhos de controle remoto com garras em vez de rodas. Os cascos externos de Artemis são cobertos com alças para garantir o acesso para a manutenção. Os RICs usam essas alças para ir aonde quiserem. Parece pouco eficiente, mas é o único modo de subir pela lateral de uma bolha. O alumínio não é magnético, as ventosas e as hélices não

funcionam no vácuo, e um motor de foguete seria estupidamente caro.

– Por que você quer RIC? – perguntou ela.

Eu já tinha uma mentira na ponta da língua.

– A válvula de escape da Shepard está vazando. Foi papai que instalou. Ele quer que eu verifique o local da solda.

Manter Artemis numa pressão constante é complicado. Se as pessoas usarem mais eletricidade do que o normal, a cidade fica com pressão ligeiramente acima do ideal. Por quê? A eletricidade vira calor, que aumenta a temperatura do ar, e isso faz a pressão crescer. Normalmente o Suporte de Vida empurra ar para fora do sistema com o objetivo de compensar. E se isso não der certo?

Assim, por segurança, a cidade tem válvulas de escape em cada bolha. Se a pressão crescer demais, elas abrem e deixam o ar sair até voltar ao normal.

– Seu pai nunca faz solda ruim. Deve ser outro problema.

– Eu sei disso e a senhora também, mas precisamos descartar a hipótese.

Ela pensou.

– Quanto tempo precisa?

– Só dois dias.

– Mil grades?

Peguei meu Gizmo.

– É. E vou pagar adiantado.

– Espere. – Ela fechou a porta.

Depois de um minuto, Zsóka abriu a porta de novo e me entregou um estojo. Verifiquei dentro para ver se estava tudo ali.

O inseto mecânico tinha 30 centímetros de comprimento. Suas quatro garras estavam dobradas na posição de armazenamento e o braço de ferramentas tinha o formato de “7” na parte de cima do robô. Esse braço possuía uma câmera de alta definição na ponta e atuadores básicos para pinçar e segurar. Perfeitos para cutucar coisas e registrar os resultados, bem o que você precisa quando inspeciona um casco remotamente. E também era disso que eu precisava para meu plano nefasto.

Ela me entregou o controle remoto, um instrumentinho fino com botões e joysticks em volta de uma tela de vídeo.

– Você sabe usar?

– Li o manual na internet.

Ela franziu a testa.

– Se quebrar, paga o conserto.

– Isso fica só entre nós duas, está bem? – Parei o dedo acima da tela do meu Gizmo. – O Sindicato dos Soldadores vive procurando desculpas para sacanear meu pai. Não quero dar munição a eles.

– Ammar é homem bom. Bom soldador. Não vou contar.

– Então estamos combinadas?

Ela pegou seu Gizmo.

– Estamos.

Digitei a transferência do dinheiro e ela aceitou.

– Você traz de volta. Dois dias. – Em seguida, ela voltou à oficina e fechou a porta.

Ela era mal-humorada e achava que eu era uma piranha. Mas sabe de uma coisa? Eu preferiria que todo mundo fosse assim. Sem papo furado, sem babaquices, sem amizades falsas.

Só produtos e serviços trocados por dinheiro. Perfeita parceira de negócios.

Fiz umas comprinhas na Bolha Bean. Era mais caro do que estava acostumada, mas eu precisava de roupas especiais. Artemis tem uma pequena população muçulmana (incluindo meu pai), de modo que há algumas lojas que atendem a eles. Encontrei um vestido marrom comprido com uma estampa bordada estilosa, em cores simples. Era adequado até mesmo para a muçulmana mais conservadora. Além disso, comprei um nicabe verde-escuro. Tinha pensado em marrom ou preto, mas o verde-escuro combinava com o vestido marrom fazendo um conjunto agradável. Não era porque eu estava planejando um crime que não podia ficar bonita.

Certo, pare de fingir que sabe o que é um nicabe. É um véu islâmico tradicional que cobre a parte de baixo do rosto. Combinado com um hijab para cobrir a cabeça, apenas os olhos ficavam visíveis. Era fantástico usar uma máscara sem levantar suspeitas.

Em seguida, eu precisava conseguir um Gizmo novo. Não podia usar o meu: isso deixaria uma trilha digital de todas as merdas ilegais que eu ia fazer. Podia ver Rudy revisando os registros do meu Gizmo e abrindo um processo. Não, obrigada. A vida é um pé no saco quando você tem um policial constantemente na sua cola. Eu precisava de uma identidade falsa.

Por sorte aqui é fácil arranjar uma identidade falsa. Principalmente porque ninguém se importa com quem você é. Aqui as coisas são feitas para impedir o roubo de identidade, e não identidades falsas. Se você tentasse roubar a identidade de uma pessoa *real*, iria fracassar miseravelmente. Assim que sua vítima descobrisse, prestaria queixa e Rudy usaria o seu Gizmo para encontrar você. Para onde você fugiria? Para fora? Espero que consiga prender o fôlego.

Entrei na internet e converti algumas centenas de grades em euros. Depois usei os euros para comprar grades da CEQ usando o nome Nuha Nejem. Só precisei de dez minutos. Seria mais rápido ainda se eu estivesse na Terra, mas aqui temos aquele atraso de quatro segundos.

Parei em casa e deixei meu Gizmo. Hora de virar Nuha Nejem.

Fui ao Artemis Hyatt, um pequeno hotel na Bean Superior 6 meio charmoso, mas com preços razoáveis. Eles recebiam um bocado de pessoas comuns que tiravam as férias de toda uma vida. Eu só havia estado lá uma vez, num encontro com um turista. O quarto era bem agradável, mas não sou a melhor pessoa para julgar. Só dei uma boa olhada no teto.

Todo o hotel era um corredor comprido. A “recepção” era um quiosque do tamanho de um armário com um único empregado. Não o reconheci, o que era bom. Significava que ele não me reconheceria.

– Saudações – falei com forte sotaque árabe.

Com isso e minhas roupas tradicionais, tudo dizia que eu era uma turista.

– Bem-vinda ao Artemis Hyatt! – disse ele.

– Precisando Gizmo.

Ele estava acostumado com o inglês precário.

– Gizmo? A senhora precisa de um Gizmo?

– Gizmo. – Assenti. – Precisando.

Dava para ver o processo mental dele. O cara podia tentar deduzir em nome de quem estaria minha reserva, mas, sendo uma mulher saudita, provavelmente sob o nome do meu marido. Isso exigiria um bocado de pantomimas e erros de comunicação. Era mais fácil simplesmente programar um Gizmo para mim. Não custaria nada ao hotel.

– Nome? – perguntou ele.

Eu não precisava ser muito ansiosa. Olhei-o, confusa.

Ele deu um tapa no peito.

– Norton. Norton Spinelli. – Depois apontou para mim. – Nome?

– Ah. – Dei um tapa no meu peito. – Nuha Nejem.

Ele digitou no computador. Havia mesmo uma conta para Nuha Nejem e ninguém tinha associado um Gizmo a ela. Tudo fazia sentido. Ele pegou um velho Gizmo embaixo do balcão. Era um modelo antigo, com as palavras PROPRIEDADE DO ARTEMIS HYATT gravadas atrás. Com alguns toques, ajustou tudo. Depois me entregou o Gizmo e disse:

– Bem-vinda a Artemis.

– Eu agradece – falei com um sorriso. – Agradece muito. Lua é muito empolgação!

Eu tinha uma identidade falsa. Hora da Fase Dois.

Abri o aplicativo do mapa no meu Gizmo novo e fingi que navegava nele. Obviamente não precisava de um mapa para circular em Artemis, mas tudo isso fazia parte da minha interpretação como turista. Andei sem eficiência pela cidade até o Porto de Entrada. Carregava uma bolsa grande, claro. Que turista não teria uma?

Agora a parte complicada.

No porto todo mundo me conhecia. Eu ia lá diariamente e seria difícil esquecerem minha personalidade carismática. Não é a melhor coisa quando você está tentando passar despercebida. Mas hoje eu não era Jazz Bashara. Era Nuha Nejem, turista saudita.

Fui até a área de espera perto da câmara de pressurização do trem e me juntei a um bando de turistas. Todos os bancos estavam ocupados e havia outras dezenas de pessoas de pé. Várias famílias tinham crianças chatas subindo pelas paredes. Nesse caso, "subindo pelas paredes" não é uma figura de linguagem. As crianças superagitadas estavam *literalmente* subindo pelas paredes. A gravidade lunar é a pior coisa que pode acontecer aos pais.

– Isso é tão maneiro! – disse uma loura burra ao seu namorado riquinho. – A gente vai pegar o monotrilho!

Argh. Só turistas falavam assim. Não é um monotrilho! O trem corre em trilhos paralelos, como os da Terra.

Por sinal, também odiamos quando as pessoas chamam a gente de "lunáticos" ou quando chamam Artemis de "Cidade no Espaço". Não estamos no espaço, estamos na Lua. Quero dizer, tecnicamente estamos "no espaço", mas Londres também está.

Estou divagando.

O trem finalmente chegou. Fingi estar empolgada com sua aproximação, como todo mundo. Era só um vagão, e não os trens longuíssimos aos quais os terráqueos estão acostumados. Reduziu a velocidade e veio se arrastando até perto do atracadouro e avançou lentamente até se conectar. Depois de um clique e um *catchunque*, a escotilha redonda se abriu revelando o condutor.

Merda! Era Raj! Ele não deveria estar ali! Devia ter trocado de turno com alguém.

Raj e eu crescemos juntos. Frequentamos as mesmas escolas. Não éramos amigos íntimos nem nada, mas nos víamos quase todo dia durante a maior parte da vida. O vestido e o hijab poderiam não bastar como disfarce.

Ele passou pela abertura e ajeitou o uniforme – uma roupa idiota, estilo século XIX, azul-marinho com botões de latão e um quepe de condutor. Pessoas risonhas que voltavam do local de pouso da *Apollo 11* saíram do trem. Muitos carregavam suvenires do Centro de Visitantes: módulos lunares esculpidos em rochas locais, distintivos da missão Apollo 11 *etc.*

Assim que todo mundo desembarcou, Raj chamou em voz alta e clara:

– *Este* é o treeeem das 14h34 para a Apollo Ooooonze! Todos a booooooordo!

Em seguida, ergueu um perfurador de bilhetes, feito de latão e com aparência antiquada. Não havia bilhetes de papel. Era só um enfeite em volta de um chip de verificação de pagamento.

Fechei o nicabe um pouco mais e andei mancando. Talvez, se mudasse minha linguagem corporal, eu não ficasse tão reconhecível. Passageiros passaram por Raj, balançaram seus Gizmos sobre o perfurador e atravessaram uma antecâmara entrando no trem.

Ele se certificava de que só houvesse uma pessoa na antecâmara de cada vez. Era dissimulado ao fazer isso, principalmente ficando no caminho das pessoas. Era mais fácil do que explicar: "Se houver uma falha na pressão, a porta da antecâmara vai se fechar. A cidade vai ficar em segurança, mas você morrerá."

Quando chegou a minha vez, baixei os olhos para evitar o contato visual. Meu Gizmo soltou um bipe e apareceu um texto:

CIDADE DE ARTEMIS: 75ğ BILHETE DE TREM.

Raj não me notou. Soltei um suspiro de alívio e entrei no trem.

Todos os bancos tinham sido ocupados e eu estava preparada para fazer toda a viagem em pé, mas um sujeito negro e alto me viu e se levantou. Falou algo em francês e apontou para seu lugar. Um verdadeiro cavalheiro! Baixei a cabeça para ele e me sentei. Coloquei a bolsa no colo.

Assim que o último passageiro embarcou, Raj veio atrás e lacrou as duas portas da antecâmara. Foi até a frente do trem e anunciou pelo alto-falante:

– Bem-vindos ao Expresso Lunar! Este é o serviço das 14h34 para o Centro de Visitantes Apollo 11. A chegada está programada para as 15h17. Por favor, mantenham as mãos e os pés dentro do veículo o tempo todo!

Os passageiros soltaram um risinho. Era uma piada idiota, mas era comédia de primeira para os turistas.

O trem partiu. Absolutamente suave. Nada de balançar, nada de sacudir, nada assim. Funcionava com motor elétrico (obviamente) e os trilhos não precisavam sofrer os efeitos de torção causados pelo clima. Além disso, não havia muito peso sobre eles, comparados com os trilhos da Terra.

Cada fileira de bancos tinha uma janelinha. Os passageiros se revezavam ansiosos para olhar a paisagem sem graça e rochosa. Por que isso os empolgava tanto? É um monte de pedras cinzenta. Quem liga?

Uma mulher desarrumada, do Meio-Oeste, riu para sua janela e se virou para mim.

– Não é incrível?! Nós estamos na *Lua*!

– *Ma'alesh, ana ma'aref Englizy* – falei dando de ombros.

Ela se virou para outro passageiro.

– Não é incrível?! Nós estamos na *Lua*!

Nada como uma barreira linguística para fazer as pessoas deixarem a gente em paz.

Acessei uma revista de fofocas árabe no meu Gizmo. Só queria uma desculpa para manter a cabeça baixa. Felizmente Raj estava nos controles, virado para o outro lado.

Quando chegamos, eu estava sabendo tudo sobre o último escândalo na família real saudita. O príncipe herdeiro tinha traído as esposas. Duas delas tinham pedido divórcio alegando a lei islâmica do Khula, mas as outras duas o apoiavam. Eu estava na metade da fala da rainha sobre a situação quando o trem parou.

Os sons familiares do procedimento de atracação ressoaram e Raj gritou:

– Fim da liiiinha!

Ele foi até a porta e a abriu.

– Centro de Visitantes Apollo 11! Tenham uma excelente estadia!

Todos saímos do trem e chegamos a uma loja de suvenires. Algumas pessoas pararam ali, mas a maioria continuou até a Área de Observação. Todo o centro tinha janelas do chão ao teto com vista para o local do pouso.

Um guia muito arrumado recebeu os visitantes enquanto nos aproximávamos do vidro. Desviei o olhar. Mais uma pessoa que eu conhecia. Droga, é difícil cometer crimes numa cidade pequena.

Gunther Eichel tinha chegado a Artemis dez anos antes com sua meia-irmã, Ilsa. Eles vieram porque eram rejeitados na Alemanha por serem um casal. É verdade. Foi por isso que emigraram. Não nos importamos com o que as pessoas fazem sexualmente, desde que todos sejam adultos e consintam (se bem que algumas pessoas estendem a definição de "adulto").

De qualquer modo, não éramos amigos nem nada. Meu disfarce passaria despercebido.

Ele esperou que as pessoas se juntassem, depois iniciou a apresentação:

– Bem-vindos à Base da Tranquilidade. Cheguem perto do vidro, temos espaço suficiente para todo mundo.

Avançamos e nos alinhamos perto das janelas gigantescas. O módulo de aterrissagem estava no mesmo lugar durante um século, junto com pacotes experimentais que os antigos astronautas tinham espalhado.

– Vocês podem notar que as janelas da Área de Observação fazem um caminho estranho – explicou Gunther. – Por que não ter simplesmente um semicírculo ou uma linha reta? Bom, seguimos uma regra de que nada tem permissão de chegar a menos de 10 metros de *qualquer parte* de um local de pouso do projeto Apollo. A definição de "qualquer parte" inclui o módulo de aterrissagem, equipamentos, instrumentos, a placa comemorativa e até as pegadas deixadas pelos astronautas. A Área de Observação é construída de modo que cada janela fique a mais de 10 metros da parte mais próxima do local. Sintam-se à vontade para andar pelo salão e ter uma visão de diferentes ângulos.

Alguns turistas já haviam andado ao longo da parede sinuosa. Com a sugestão de Gunther, vários outros começaram o passeio.

– Se estiverem nervosos porque uma chapa de vidro os separa do vácuo do espaço, podem ficar tranquilos. Essas janelas têm *23 centímetros* de espessura para protegê-los da radiação. Isso tem o efeito colateral de fazer com que sejam a parte *mais forte* do casco do Centro de Visitantes. E tenho o orgulho de dizer que o vidro foi fabricado aqui mesmo na Lua. Uma pequena quantidade de pó de regolito foi acrescentada para escurecê-lo. Caso contrário, a luz do Sol seria ofuscante.

Ele indicou o local do pouso.

– O *Eagle*, que recebeu esse nome por causa da águia, ave nacional dos Estados Unidos, pousou em 20 de julho de 1969. O que vocês veem aqui é o Estágio de Descida do *Eagle*. Os astronautas Neil Armstrong e Buzz Aldrin pegaram o Estágio de Subida voltando para a órbita lunar no fim da missão.

Os turistas se espremeram contra as janelas, fascinados com o que viam. Eu também dei uma longa espiada. Ei, não sou feita de pedra. Amo minha cidade e sua história. O *Eagle* é uma parte importante disso.

– Cada missão Apollo deixou uma bandeira americana – disse Gunther. – E onde está? Bom, quando o Estágio de Subida decolou, a descarga de jato derrubou a pobrezinha. Então, a poeira que tinha sido levantada a cobriu. Se vocês olharem atentamente para o chão, logo à esquerda do *Eagle*, verão um pequeno trecho branco. É a única parte da bandeira ainda visível.

As pessoas murmuraram enquanto algumas apontavam a parte branca, mostrando para outras.

– Em missões posteriores eles colocaram as bandeiras mais longe.

Um risinho brotou nos visitantes.

– Um dado curioso: todas as outras bandeiras foram expostas à luz direta do Sol durante os dias lunares por mais de cem anos. Elas desbotaram e estão completamente brancas. Já a bandeira da Base da Tranquilidade está embaixo de uma fina camada de regolito. Provavelmente ainda tem a mesma aparência de 1969. Claro, ninguém tem permissão para entrar ou modificar o local de pouso e verificar.

Ele cruzou as mãos às costas.

– Esperamos que vocês gostem da história e da beleza da Base da Tranquilidade. Se tiverem alguma pergunta, não hesitem em fazer.

Atrás dos visitantes, Bob Lewis e outros dois peritos em AEV estavam perto de uma porta onde se lia ÁREA DE PREPARAÇÃO DE AEV.

Gunther indicou o trio.

– Oferecemos AEV guiadas a quem se interessar. É uma experiência incrível e permite que vocês admirem o local a partir de ângulos que a Área de Observação não pode proporcionar.

Em geral, Dale estaria ali também, mas hoje era sábado. Ele era um judeu devoto e estaria na única sinagoga de Artemis, a Congregação Beth Chalutzim.

Um pequeno grupo se reuniu em volta dos peritos em AEV enquanto as outras pessoas (mais pobres) ficavam junto às janelas. Segui o pessoal da AEV, tentando ficar no meio. Não queria chegar muito perto de Bob.

Os peritos nos dividiram em três grupos de oito pessoas. Fui parar com Bob. Maldição.

Cada perito levou seu grupo de lado e explicou o básico do que ia acontecer. Fiquei na parte de trás do meu grupo sem olhar para ninguém.

– Escutem – disse Bob. – Eu vou usar um traje de AEV completo e vocês estarão no que chamamos de "bolas de hamster". Não têm permissão de trazer nada afiado, porque poderiam furar sua bola e morrer. Nada de brincadeiras. Vocês vão andar, e não correr. Não vão ficar quicando nem trombar uns nos outros. – Ele disparou um olhar feroz para dois adolescentes no grupo. – Há uma cerca de 1 metro de altura em volta do local de pouso para protegê-lo de vocês. A cerca delineia o limite de 10 metros que ninguém deve ultrapassar. *Não tentem passar pela cerca.* Se fizerem isso, eu encerro a AEV e vocês *serão* deportados para a Terra.

Ele fez uma pausa para que isso fosse bem entendido.

– Enquanto estiverem lá fora vocês vão seguir minhas orientações sem questionamentos. Vão permanecer o tempo todo onde eu possa ver. Podem explorar na direção que quiserem, mas, se eu disser pelo rádio que estão longe demais, vocês vão voltar para perto de mim. Alguma pergunta?

Um asiático baixinho levantou a mão.

– Ah, sim. O guia informou que há radiação lá fora. É perigoso?

Bob respondeu com uma articulação treinada:

– A AEV vai durar aproximadamente duas horas. Nesse tempo vocês vão receber menos de 100 microsieverts de radiação, mais ou menos a dose que recebem ao fazer uma radiografia dentária.

– Então por que o Centro de Visitantes tem escudo? – perguntou o Cara Nervoso.

– Todas as estruturas na Lua, inclusive o Centro de Visitantes, têm escudos para proteger as pessoas que vivem e trabalham aqui. Tudo bem ser exposto de vez em quando, mas não o tempo

todo.

– E você não vai lá fora o tempo todo?

Bob confirmou.

– Vou. Cada perito em AEV só faz dois passeios por semana, para manter a exposição no mínimo. Mais alguma coisa?

O Cara Nervoso olhou para baixo. Se tinha mais alguma pergunta, estava intimidado demais para fazer.

Bob estendeu seu painel de pagamento.

– O preço desta AEV é de 1.500 grades por pessoa.

Os turistas passaram seus Gizmos por cima do painel, uma de cada vez. Eu me enfiei no meio do grupo e também paguei. Franzi a testa para meu Gizmo que ia mostrando um saldo cada vez menor. Esse esquema de enriquecer depressa estava me custando um monte de dinheiro!

Bob nos guiou para a antecâmara. Como o perito de AEV com o posto mais alto, ele podia ser o primeiro a levar seu grupo para fora.

Bolas de hamster desinfladas pendiam em suportes na sala. Perto de cada uma havia uma mochila resistente. A parede oposta tinha uma grande escotilha e um painel de controle associado. Mais além ficava uma câmara de pressurização com tamanho suficiente para caber todo um grupo de visitantes.

Bob pegou uma mochila na parede.

– Esta é uma mochila de sobrevivência. Vocês vão ficar com ela nas costas durante a AEV. É o seu Suporte de Vida. A mochila fornece oxigênio e retira o dióxido de carbono conforme for necessário. Mantém o ar na pressão e na temperatura corretas.

Ele virou a mochila de sobrevivência de lado, revelando um fone de ouvido com microfone preso com velcro na lateral.

– Vocês vão usar esse fone durante a AEV. É um canal aberto. Todos os nove estaremos nele. Além disso, sua mochila vai me informar se qualquer problema surgir.

O Cara Nervoso levantou a mão.

– Como a gente opera isso?

– Não opera – respondeu Bob. – Ela é completamente automática. Não mexam em nada.

Eu ouvia tudo com falso fascínio. Claro que sabia sobre as mochilas de sobrevivência. Como parte do treinamento, tinha recebido várias mochilas deliberadamente defeituosas e precisei identificar os problemas. E consertei todas.

Bob apontou para uma fileira de armários.

– Guardem naqueles armários seus objetos pessoais e qualquer outra coisa que não queiram carregar. Fiquem com os Gizmos.

O nível de empolgação aumentou. Os turistas sorriam e conversavam animados. Fui até o armário mais próximo e balancei meu Gizmo. A porta se abriu. Agora estava conectado ao meu Gizmo, de modo que só eu poderia abri-lo mais tarde. Projeto elegante: até o Cara Nervoso pôde fazer funcionar sem perguntar mais nada.

Coloquei a bolsa no armário, depois olhei disfarçadamente para ver se alguém estava me observando. Ninguém.

Tirei o RIC da bolsa e o pus no chão ao lado da fileira de armários. Não podia escondê-lo completamente, mas pelo menos ele estava parcialmente disfarçado. Enfiei o controle remoto num coldre que tinha prendido na parte interna da coxa.

Em seguida, colocamos as mochilas de sobrevivência nas costas, sob o olhar atento de Bob. Um a um, ele nos lacrou dentro das nossas bolas de hamster. Houve alguns tropeços e quedas,

mas a maioria das pessoas se adaptou bem às bolas. Não é muito difícil.

Bob pegou seu traje de AEV num armário e o vestiu em três minutos. Cacete, ele era rápido. O menor tempo que já demorei para entrar no meu foi nove minutos.

Fizemos fila atrás dele, alguns de modo mais gracioso do que outros. Ele balançou seu Gizmo sobre os controles da câmara de pressurização e a escotilha interna se abriu. Em seguida, nos levou para a câmara.

Eu entrei primeiro e rolei minha bola até o canto. Fiquei virada para a parede, tirei o controle remoto de baixo do vestido e ativei o RIC. Ele foi acionado na sala de preparação e ligou sua câmera. Agora eu podia ver tudo a partir do ponto de vista do RIC, além do meu.

Bob prestava atenção nos turistas, o que significou que estava de costas para o RIC. Os turistas mantinham os olhares fixos na porta externa: a última barreira entre eles e uma experiência empolgante na Lua. Além disso, as bolas de hamster são bastante escuras quando você está num lugar fechado. Elas são feitas para proteger o ocupante da luz forte do Sol.

Essa era a minha chance. Fiz o RIC avançar nas suas pequeninas e adoráveis garras. Ele entrou na câmara ao lado da bola de hamster do penúltimo turista. Depois se escondeu no canto.

Bob lacrou a porta interna e passou a trabalhar na tranca da porta externa. Não havia nada chique nas portas externas das câmaras de pressurização, apenas válvulas manuais. Não é uma coisa com a qual a gente queira se arriscar.

O ar chiou saindo da sala e nossas bolas de hamster ficaram mais rígidas. Bob verificava continuamente seus mostradores para garantir que todos os oito tivéssemos lacres sólidos. Assim que a câmara estava no vácuo, ele falou conosco pelo rádio:

– Certo. Vou abrir a porta externa. Todas as pedras afiadas foram tiradas da área de passeio. Se vocês virem alguma coisa que possa furar sua bola, não cheguem perto. Só me avisem.

Ele abriu a porta externa, e a paisagem cinza e sem vida estava do outro lado.

Os turistas soltaram exclamações empolgadas e tentaram falar ao mesmo tempo pelo canal aberto.

– Mantenham a conversa no mínimo possível – disse Bob. – Se quiserem falar com uma pessoa específica, liguem para ela pelo Gizmo. O canal compartilhado é para instruções e perguntas relacionadas ao passeio.

Ele saiu e sinalizou para que fôssemos atrás.

Rolei para o exterior da Lua, junto com todo mundo. O áspero regolito lunar fazia um barulho de trituração sob minha bola. A pele de polímero flexível bloqueava a maior parte da luz do Sol. Mas isso significava que a luz se transformava em calor. As camadas internas de polímero eram bons isolantes, mas não perfeitos. Segundos depois de sair ao Sol eu podia sentir o calor no meu ar.

A mochila de sobrevivência ligou um dos ventiladores, sugou o ar quente e o soprou de volta frio.

Como as colheitadeiras, as bolas de hamster precisam cuidar da chatice que é a rejeição de calor. Só que você não pode envolver uma pessoa em cera. Então o que a mochila de sobrevivência fazia com todo aquele calor? Jogava num grande bloco de gelo.

A boa e velha água congelada. Uns 2 litros. A água é um dos melhores absorvedores de calor em toda a química. E para derreter o gelo é preciso de mais energia. Esse era de fato o limitador para o tempo de uma excursão numa bola de hamster: quanto tempo aquele bloco de gelo duraria. Duas horas.

Bob fechou a porta externa assim que todos tínhamos passado e nos levou em direção à área de pouso. De propósito eu tinha deixado meu coleguinha RIC (decidi que o nome dele era Ricky)

na câmara.

Era uma distância curta em volta do arco do Centro de Visitantes.

Juntei-me a todo mundo perto da cerca. Lembra quando eu disse a Jin Chu que a vista do Centro de Visitantes era igualmente boa? Eu menti. De fora é muito mais legal. Você realmente sente que está lá. Bom, quero dizer, você *está* lá. Já deu para entender o que quis dizer.

Demorei um tempo admirando o velho point de Neil e Buzz. Era uma visão incrível. Era a minha história, bem ali.

Depois era voltar ao trabalho.

Os turistas se espalharam examinando o local a partir de diferentes ângulos. Alguns acenaram para as janelas do Centro de Visitantes, ainda que não desse para enxergar lá dentro. Pelo nosso lado as janelas eram espelhos. É tremendamente mais claro do lado de fora do que dentro.

Dei as costas para Bob como se estivesse admirando a desolação lunar. Peguei o controle remoto e liguei o RIC de novo. Você deve estar imaginando como um controle remoto simples podia emitir ondas de rádio capazes de penetrar num casco de Artemis. É difícil transmitir através de duas chapas de alumínio de 6 centímetros e 1 metro de rocha empilhada.

Na verdade, é bastante simples. Como tudo o mais na cidade, ele transmitia dados através da rede de comunicações sem fio. A cidade tinha receptores e repetidores em cima de cada bolha, até do Centro de Visitantes. Você não quereria deixar os peritos em AEV incomunicáveis, não é? Não existe ferramenta mais poderosa para a segurança do que a comunicação. Assim, o controlador do Ricky podia falar com ele sem nenhum problema.

A câmara de pressurização estava com vácuo, o estado-padrão de todas. Nesse momento o próximo grupo de turistas era preparado por seu perito em AEV. Eu tinha uma oportunidade.

Fiz Ricky engatinhar até a porta externa. A tela enfatizava as áreas por onde ele poderia escalar. Fantástico apoio de inteligência artificial. Só precisava dizer aonde ir e ele deduzia o resto.

Ele agarrou tubos, volantes de válvulas e outras protuberâncias para subir pela porta. Fiz com que ele se ancorasse contra uma viga e segurasse o volante da escotilha.

Ele precisava de duas garras para ter força suficiente e virar o volante, mas deu certo. Depois de três giros a porta estava aberta. Fiz com que ele se jogasse no chão. Ele girou automaticamente enquanto caía e pousou sobre as garras. Cara, era divertido brincar com aquilo! Fiz uma anotação mental de comprar um, depois de ficar rica.

Como um gato se esgueirando para um quarto, Ricky entreabriu a porta e passou. Depois fechou a porta.

Olhei por cima do ombro para verificar se alguém estava espiando. A maioria dos turistas permanecia encostada na cerca e Bob simplesmente observava isso. Ninguém estava violando regras nem correndo perigo, por isso ele ficou contente.

Fiz Ricky fechar a porta, subir por ela e lacrar a escotilha. Dali mandei que ele fosse ao topo da cúpula do Centro de Visitantes. Lugar perfeito para ficar fora das vistas. Ele subiu alegremente pela lateral, encontrando um caminho tortuoso mas eficaz, feito de apoios que ele podia alcançar. Demorou dois minutos para chegar ao topo.

Coloquei-o em modo de economia de energia e guardei o controle remoto de volta no coldre. Olhei para a cúpula do Centro de Visitantes e, do chão, nem dava para ver a parte mais alta. Perfeito.

Fase Dois completa. Passei o resto do passeio examinando o *Eagle*. É incrível pensar que pessoas pousaram aqui usando aquela coisa. Eu não faria isso nem por 1 milhão de grades.

Bom, certo. Por *1 milhão* de grades eu faria. Mas ficaria nervosa.

Kelvin,
Sean fez merda.

Eu amo o cara e ele é bom de cama. Mas, meu Deus, às vezes ele consegue ser muito idiota!

Ele conseguiu um pouco de maconha. Comprou de um turista. Nós precisávamos de um lugar para fazer uma festa. O problema é que, aqui, se você fumar vai disparar os alarmes de incêndio. Então aonde a gente iria?

Eu tinha a solução perfeita: a oficina nova do meu pai!

Papai está expandindo os negócios. Alugou um segundo lugar. Está trazendo equipamentos novos, entrevistando soldadores para empregar, a coisa toda.

Ela ainda não está funcionando, metade do equipamento ainda nem chegou. De modo que não passa de uma sala grande e quase vazia, cujo código de fechadura eu conheço. E fumar numa oficina com proteção contra incêndio é a coisa mais responsável a fazer, certo? Proteger a cidade contra o fogo, e coisa e tal. Por isso ofereci.

Fizemos a festa. Nada grande. Só uns amigos do Sean e eu. Ficamos numa boa, doidões. Então Sean e os caras começaram a brincar com o equipamento. Eu deveria ter impedido, mas todo mundo estava rindo e curtindo de montão. Eu não queria quebrar o clima, saca?

Bom, por acaso papai tinha enchido os tanques de acetileno naquele dia. Assim, enquanto Sean e seus amigos idiotas faziam luta de espada com os maçaricos, as mangueiras de gás estavam cheias. Alguém deve ter girado um botão ou algo assim, porque quando bateram com metal contra metal provocaram uma faísca.

A sala inteira pegou fogo, os alarmes dispararam e ela se lacrou automaticamente. Ficamos presos ali e mal conseguirmos chegar a tempo ao abrigo de ar. Ficamos lá, apertados, esperando a brigada de incêndio.

Resumo da história: ninguém se machucou, mas a sala ficou destruída. Rudy (o policial xereta) queria que eu fosse deportada, mas o fogo destruiu toda a maconha, de modo que ele não tinha prova de nenhum inflamável ilegal.

Papai ficou PUTO. Gritou comigo como nunca tinha feito. Ficou falando e falando sobre quanto dinheiro tinha enfiado naquele lugar e que tudo foi para o espaço por minha causa. E isso me deixou louca porque, você sabe, eu poderia ter morrido. O mínimo que ele poderia fazer era perguntar se eu estava bem, não é?

A gente brigou de verdade. Ele disse que eu precisava parar de ver o Sean. Como se ele mandasse na minha vida amorosa! Depois ele começou com aquela mesma merda de sempre, dizendo que eu estava desperdiçando meu potencial.

Estou cansada da palavra “potencial”. Estou cansada de ouvir papai, os professores e todos os adultos que eu conheço dizendo isso.

Falei que ele não podia opinar com relação a quem eu namorava! Ele ficou dizendo que eu poderia “fazer diferença” com uma mente como a minha, que o Sean é perda de tempo, blá-blá-blá. A vida é minha, eu faço dela o que eu quiser!

Peguei umas coisas e dei o fora. Por enquanto estou morando com o Sean. É muito mais

legal do que a casa do meu pai. Sean só tem 23 anos e a casa dele tem quarto e banheiro próprios. Ele não se mata de trabalhar para sobreviver, como todo mundo quer que eu faça. Ele é bookmaker e cobre suas próprias apostas. Está economizando para comprar uma mesa no Casino Starlite. É na Bolha Aldrin!

Vou arranjar um trabalho e juntar dinheiro até poder pagar por um lugar para morar. Ou talvez não. Sean e eu podemos continuar juntos.

Jazz,
Lamento saber que você teve uma briga com seu pai. Sei que você está com raiva, mas, por favor, pense em se reconciliar com ele, mesmo que não queira morar na casa dele. Não existe nada mais importante do que a família.

Mudando de assunto, arranjei um trabalho na CEQ! Sou só assistente de carga e fico pesando contêineres o dia inteiro, mas já é um começo! Depois de um período de teste dizem que vão me treinar no equilíbrio da carga. É muito importante que a carga paga esteja bem segura e equilibrada. Caso contrário, o lançamento pode fracassar.

Se eu subir de posto até encarregado de carga, vou poder pagar o curso profissionalizante para minhas irmãs. Então, quando todas tiverem uma profissão, nós quatro poderemos sustentar nossos pais. Mamãe e papai vão poder finalmente se aposentar. Ainda falta muito, mas minhas irmãs e eu estamos trabalhando duro para isso acontecer.

Kelvin,
Desculpe a demora em responder. Essas duas semanas foram bem agitadas. Sean e eu tivemos uma briga, mas fizemos as pazes (vou lhe poupar dos detalhes, agora está tudo bem).

Parabéns pelo emprego!

Uns sauditas apareceram aqui um dia desses e disseram que me colocariam como aprendiz de soldadora se eu quisesse. Há pelo menos cinco mestres soldadores na cidade que querem me empregar. Os torneiros mecânicos húngaros também apareceram. Acham que solda e usinagem são semelhantes porque as duas coisas envolvem metal. Não entendo a lógica deles. De qualquer modo, eles acham que eu seria boa nisso.

Depois disso se espalhou a notícia de que eu estou disponível, ou algo assim. Vários profissionais me procuraram. Bombeiros hidráulicos, eletricistas, vidreiros, e por aí vai. De repente sou a queridinha do baile. É, tenho a reputação de ser boa em tudo que faço, mas isso é ridículo.

Sinto cheiro de papai. Isso tem as digitais dele. Ele tem influência com os artífices da cidade. Ou pediu diretamente que falassem comigo ou eles só estão fazendo isso porque empregar a filha de Ammar Bashara significaria um forte relacionamento profissional com ele.

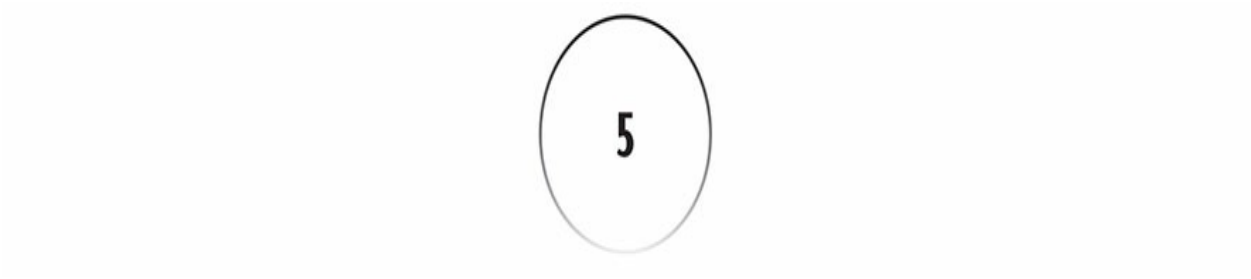
Recusei todos. Não odeio papai nem nada. Só estou tentando fazer meu próprio caminho, saca? Além disso, para ser direta, essas profissões não passam de trabalho duro.

Consegui um emprego como entregadora. É só um trampo temporário para ganhar um troco. Sean paga o aluguel, mas não quero contar com ele para tudo, saca? De qualquer forma, gosto porque posso trabalhar muito ou pouco, como quiser. Não tem estrutura, chefe nem nada. Sou paga por entrega.

Mudando de assunto, Sean está comendo outras mulheres. Nunca declaramos exclusividade.

Eu me mudei para a casa dele porque não tinha para onde ir. Assim, acho que é uma situação esquisita, mas tudo bem. Estabelecemos umas regras. A principal é: nenhum de nós pode trazer alguém para a casa do Sean. Vá trepar em outro lugar. Para mim é uma coisa principalmente acadêmica. Não estou interessada em fazer malabarismos com homens. Basta um.

Não, não gosto. Mas o Sean foi muito direto com relação a isso desde o primeiro dia, de modo que não posso reclamar. Vamos ver no que dá.



Na manhã seguinte me deitei no meu caixão e peguei o controle remoto do RIC.

Ricky ligou assim que eu mandei. Sua carga estava em 92%. Infelizmente meu pequeno Ricky não tem nenhum painel solar. Por que os projetistas colocariam isso? Os RICs deveriam ser usados por algumas horas de cada vez.

Mandei que ele descesse pelo arco da cúpula do Centro de Visitantes até chegar logo acima da câmara de pressurização do trem. Então precisei esperar. Fiquei navegando um pouco pelo Gizmo, principalmente lendo o site de fofocas árabe. A rainha tinha ficado do lado das esposas contra o próprio filho! Dá para acreditar?! Você sabe que é um escroto quando sua própria mãe diz isso.

Por fim o primeiro trem de turistas chegou ao Centro de Visitantes. Ricky desceu da cúpula e entrou no vagão. O trem foi totalmente pontual. Depois de dez minutos partiu para Artemis com meu pequeno clandestino.

Os RICs têm uma bela bateria, mas sem dúvida não podem andar 40 quilômetros em terreno lunar. Assim, Ricky estava voltando para a cidade em grande estilo. Para o meu coleguinha somente o melhor!

Matei mais tempo no meu site de fofocas predileto enquanto esperava que o trem chegasse a Artemis.

Ah, meu Deus! Não pude *acreditar* nas merdas que a segunda esposa do príncipe estava falando sobre ele na imprensa. Isso é *maldade*! Mesmo assim, simpatizo com qualquer mulher que tenha sido traída. Isso já aconteceu comigo. E, queridinha, é uma merda.

O trem chegou à cidade e eu mandei Ricky pular na Bolha Aldrin. A partir daí as coisas ficaram fáceis. Agora eu estava usando Ricky para fazer exatamente o que ele era projetado para fazer.

Ele se arrastou pelo casco externo da Aldrin, depois atravessou o topo do túnel de conexão entre a Aldrin e a Conrad, em seguida subiu na Conrad. Fiz com que ele se posicionasse no ponto mais alto da Conrad.

Então fiz o Ricky voltar ao modo de economia de energia e voltei à fofoca da família real.

ATENÇÃO: VOCÊ ESTÁ ENTRANDO NO PARQUE ALDRIN. O PARQUE NÃO É PROTEGIDO POR UM CASCO DUPLO. SE OUVIR O ALERTA DE RUPTURA, VÁ IMEDIATAMENTE AO ABRIGO DE AR MAIS PRÓXIMO. OS ABRIGOS DE AR, INDICADOS POR BANDEIRAS AZUIS, PODEM SER ENCONTRADOS POR TODO O PARQUE.
INGRESSO:
NÃO MORADORES – 750ğ
MORADORES – GRÁTIS

Balancei meu Gizmo sobre o leitor e a porta da cabine se abriu. Entrada grátis para mim, claro. Quem diz que não existe isso de cidadão artemisense?

Entrei na cabine e esperei que a porta externa se lacrasse. Assim que isso aconteceu, a porta interna se abriu, deixando que eu entrasse no parque. Saí ao Sol. É, luz do Sol.

O Parque Aldrin ocupa os quatro andares superiores da bolha. Em vez de paredes à prova de tudo, como as do resto da cidade, essa área era protegida por enormes painéis de vidro – do mesmo tipo usado no Centro de Visitantes Apollo 11. Orgulhosamente fabricados aqui mesmo na Lua.

Eram três da tarde no horário de Nairóbi (portanto, três da tarde no horário de Artemis), mas basicamente era "manhã" lunar. O Sol pairava no horizonte e lançava sua luz no parque. O vidro protegia os visitantes da radiação forte e dos raios UV que, não fosse isso, iriam nos assar vivos.

Eu ainda tinha tempo antes de me encontrar com Svoboda. Dei um passeio.

O projeto do parque era simples e elegante. A área circular se encontrava com as paredes de vidro. O terreno era quase todo plano, com umas poucas colinas artificiais aqui e ali, tudo coberto com grama. Grama de verdade, legítima. Não era um feito pequeno.

Perambulei pelo perímetro, olhando a Lua. Nunca entendi o apelo da paisagem lunar. É simplesmente… nada. Por que será que as pessoas gostam disso? Alguma besteira zen? Eu não. Para mim, a coisa mais linda que existia era o resto de Artemis.

A cidade brilhava ao Sol como um punhado de peitos metálicos. O que foi? Não sou poeta. As bolhas parecem peitos.

A oeste, a Bolha Conrad dominava a paisagem. Podia ser suja e empobrecida por dentro, mas por fora era tão bonita quanto as irmãs.

Ao sudeste a Bolha Armstrong, menor, parecia uma aranha no meio de uma teia. Mais adiante, nessa direção, a Bolha Shepard estava lá, cheia de babacas ricos. Eu não achava possível que uma semiesfera parecesse arrogante, mas parecia. A Bolha Bean ficava entre a Conrad e a Shepard, tanto simbólica quanto geograficamente. Será meu futuro lar se essa armação funcionar. Era a mais distante de onde eu estava.

Olhei para o norte. O Mar da Tranquilidade se estendia até onde dava para enxergar. Colinas cinzentas e pedras pontudas salpicavam o terreno até o horizonte. Gostaria de poder dizer que era uma desolação magnífica e coisas do tipo, mas não é. O terreno em volta de Artemis é entrecruzado por marcas de pneus e absolutamente desprovido de pedras. Temos muito trabalho de construção aqui. E adivinhe onde as pessoas pegam as pedras.

Fui até o centro do parque, na direção às Damas.

Árvores de verdade seriam difíceis demais de conseguir. Mas o parque tinha uma escultura muito realista de uma árvore de canela. Duas estátuas ficavam embaixo. Uma era de Chang'e, a deusa chinesa da Lua. A outra era de Ártemis, a deusa grega que dá nome à nossa bela cidade. As duas mulheres estavam imobilizadas rindo, a mão de Chang'e no antebraço de Ártemis. Pareciam no meio de uma conversa amigável. Os moradores as conheciam como as Damas. Fui até lá e me encostei na "árvore".

Olhei a meia Terra no céu.

– Não pode fumar no parque – disse uma voz velha e áspera.

O zelador tinha pelo menos 80 anos. Era um acessório fixo desde a inauguração do parque.

– Está vendo um cigarro na minha mão? – perguntei.

– Já peguei você uma vez.

– Isso foi há dez anos.

Ele apontou para os olhos e depois para mim.

– Estou de olho em você.

– Me deixe perguntar uma coisa: quem se muda para a Lua só para aparar gramados?

– Eu gosto de plantas. E minhas juntas doem. A gravidade aqui é mais generosa com minha artrite. – Ele olhou para a Terra. – Quando minha mulher morreu, não tinha muito motivo para ficar lá.

– Tremenda viagem para um velho.

– Eu viajava muito a trabalho. Não me importo.

Svoboda apareceu exatamente na hora marcada, como sempre. Carregava uma bolsa pendurada no ombro e então sorriu. Apontou para mim e para as estátuas das deusas.

– Ei, olhe para isso! Três gatas lunares!

Revirei os olhos.

– Svoboda, algum dia tenho que ensinar você a falar com as mulheres.

Ele acenou para o zelador.

– Ei, eu conheço você. É o Mike, não é?

– Não – respondeu o zelador, me lançando um olhar. – Vou deixar você sozinha com seu cliente. Nada de sexo na grama.

– Tente não morrer de velhice no caminho para casa, vovô – respondi.

Ele acenou por cima do ombro enquanto se afastava.

– Terminou? – perguntei a Svoboda.

– Terminei. Está aqui! – Ele me entregou a sacola.

Olhei dentro.

– Obrigada.

– Já teve chance de testar aquela camisinha?

– Foram 24 horas. Que vida sexual você acha que eu tenho?

– Tudo bem, não sei. Só perguntei. – Ele examinou o parque. – Não venho muito aqui. É um bom lugar para relaxar.

– Se você gosta de entulho voando, sim.

O parque era famoso por causa disso. Se você é da Terra, não importa quanto se prepare mentalmente, sempre vai jogar coisas com força demais. Seu amigo a 10 metros de distância, o suposto recebedor, verá uma bola voar por cima da cabeça até o outro lado do parque. E nem venha me falar de frisbees. Com a gravidade baixa e a pouca pressão do ar, eles são um mistério completo para os turistas.

– Eu gosto daqui. É o único lugar “natural” da cidade. Sinto falta de espaços abertos.

– Tem muito espaço aberto lá fora, para olhar. E você pode curtir com os amigos mais facilmente num bar do que num parque.

Seu rosto se iluminou.

– Nós somos amigos?

– Claro.

– Maneiro! Não tenho muitos amigos. Você é minha única amiga com peitos.

– Você precisa *mesmo* melhorar o modo como fala com as mulheres.

– É, tudo bem. Desculpe.

Não fiquei com raiva. Estava ocupada demais me obcecando com meus planos.

Era isso. Todas as peças estavam nos lugares. Eu tinha o equipamento de solda, o circuito eletrônico feito sob medida e o RIC a postos. Minha respiração ficou mais curta e o coração quase pulou do peito. A pequena estripulia não era mais teórica. Eu ia fazer aquilo.

Naquela noite consertei a válvula defeituosa no meu traje de AEV. E fiz uma inspeção meticulosa no traje inteiro. Depois fiz outra. Nunca vou admitir ao Bob, mas ele estava absolutamente certo com relação à minha inspeção vagabunda antes do teste. Era meu problema garantir que meu traje não me matasse. E desta vez eu queria *ter certeza* de que tudo estava em perfeita ordem.

Dormi um pouco, mas não muito. Não sou uma pessoa corajosa e nunca fingi ser. Era isso aí. O resto da minha vida dependia de como eu me saísse.

Acordei às quatro da madrugada. Depois fiquei ansiosa demais para continuar esperando.

Fui até o Porto de Entrada, peguei o Gatilho e meu traje de AEV e fui pelos corredores da cidade adormecida até a câmara de pressurização da Conrad. Não havia ninguém ali naquela hora da madrugada. Tirei meu material de AEV e o grande saco de equipamentos para o atentado, guardei tudo na antecâmara de modo a não ficar visível para quem passasse.

Levei o Gatilho, agora vazio, *de volta* ao local de estacionamento no porto. Dica: se você vai cometer um grande crime, não deixe seu veículo no local.

Voltei para a câmara da Conrad e me fechei na antecâmara. Só precisava esperar que ninguém trombasse comigo. Caso contrário, precisaria dar alguma explicação.

Usei fita adesiva para cobrir todas as marcas de identificação do meu material de AEV. Números de série, número de licença, o grande emblema onde estava escrito J. BASHARA, na frente… esse tipo de coisa. Depois acionei Ricky de novo. Ele acordou imediatamente.

Seguindo minhas instruções, Ricky desceu pelo arco do casco da Conrad até a câmara. Virou o volante para abrir a porta externa. Depois entrou e fechou a porta. Girou o volante de novo, lacrando a porta, e em seguida veio até a porta interna.

Olhei meu coleguinha pela pequena janela redonda enquanto ele usava as válvulas manuais para deixar que o ar de Artemis entrasse na comporta. Houve um chiado rápido e logo a comporta estava equalizada com a cidade. Ricky girou o volante da porta interna, abrindo-a.

Entrei na comporta de pressurização e dei um tapinha na cabeça dele.

– Bom garoto.

Em seguida, eu o desliguei e o guardei num armário na antecâmara, junto com o controle remoto.

Bom, era isso: uma comporta de pressurização pronta para ser usada e o painel de controle nem sabia. Fiz um sinal obsceno para o painel de controle, só para estabelecer o domínio. Ele não pareceu impressionado.

Vesti o traje. Marquei o tempo, claro. É uma coisa de perito em AEV. Demorei onze minutos. Maldição. Como o Bob conseguia fazer em três? O cara era a porcaria de um prodígio.

Liguei os sistemas do traje. Tudo se conectou como deveria. Fiz um teste de pressão. Seguindo as instruções, o traje elevou a pressão um pouco acima do normal e monitorou o status. Era o melhor modo de verificar vazamentos. Sem problemas.

Entrei na câmara de pressurização, lacrei a porta interna e comecei o ciclo. Assim que ele terminou, abri a porta externa.

Bom dia, Lua!

Não é perigoso fazer uma AEV sozinha. Os peritos fazem isso o tempo todo. Só que eu estava fazendo uma AEV *em segredo*. Ninguém ao menos sabia que eu estaria lá fora. Se tivesse algum problema, ninguém pensaria em me procurar. Simplesmente haveria um cadáver muito atraente na superfície pelo tempo que demorasse até alguém notar.

Certifiquei-me de que meu microfone estava desligado, mas deixei o receptor no canal público de AEV. Se outra pessoa se aventurasse lá fora eu ia querer saber.

Meus dois tanques tinham dezesseis horas de oxigênio no total. E eu tinha trazido mais seis com oito horas cada. Muito mais do que precisaria (esperava), mas estava agindo com segurança.

Bom… não posso dizer exatamente "agindo com segurança" quando estou numa AEV planejando ligar um maçarico de solda numa colheitadeira de rochas em movimento. Mas você entendeu.

Meu sistema de remoção de dióxido de carbono informou status verde, o que era bom, porque não gosto de morrer. Nos velhos tempos os astronautas precisavam de filtros descartáveis para coletar o CO_2. Os trajes modernos separam as moléculas através de um uso complicado de membranas e do vácuo lá fora. Não conheço os detalhes, mas funciona enquanto o traje tiver energia.

Verifiquei de novo as leituras do traje e me certifiquei de que todas as válvulas estavam no limite de segurança. *Jamais* conte com os alarmes do traje para avisar. Eles são bem projetados, mas são o último recurso. A segurança começa com o operador.

Respirei fundo, pendurei a sacola no ombro e comecei a andar.

Primeiro precisava dar toda a volta na cidade. A comporta pressurizada da Conrad era virada para o norte e a refinaria da Alumínio Sanchez ficava no sul. Isso me tomou uns vinte minutos.

Depois demorei duas horas para chegar ao complexo do reator da refinaria, a 1 quilômetro dali. Era desconcertante ver Artemis se afastar a distância. Ei, olhe, é o único lugar em que os humanos podem sobreviver em toda essa rocha. Dê tchauzinho!

Finalmente cheguei à base do que chamamos de Berma.

Quando projetaram Artemis, alguém disse: "E se houver uma explosão no reator? Ele fica a tipo uns mil metros da cidade? Vai ser ruim, não é?" Uns nerds franziram a testa e pensaram nisso. Então um deles disse: "Bom, a gente poderia colocar um bocado de terra no caminho, não é?" Deram a ele uma promoção e um desfile.

Incrementei alguns detalhes, mas você entendeu. A Berma protege a cidade dos reatores no caso de uma explosão. Ainda que os cascos provavelmente dessem conta do recado. Tudo tem a ver com segurança redundante. De modo curioso, não precisamos de proteção contra radiação. Se os reatores derreterem, isso não vai importar. A cidade é totalmente protegida.

Sentei-me e descansei na base da Berma. Tinha feito uma caminhada longa e precisava descansar.

Virei a cabeça dentro do capacete, mordi um bico e chupei (tente não ficar excitado) um gole d'água. Os sistemas de temperatura do traje também resfriavam a água. Ei, eu gastei um monte de dinheiro nesse traje. Era material de qualidade quando não estava dando defeito e arruinando minha prova para o sindicato.

Soltei um resmungo e comecei a subir. Cinco metros num ângulo de 45 graus. Pode não parecer grande coisa, especialmente na gravidade lunar, mas quando você está usando 100 quilos de traje de AEV e arrastando mais 50 de equipamento, acredite, é trabalho.

Chiei, ofeguei e xinguei subindo pela Berma. Acho que inventei uns palavrões novos, não tenho certeza. "Fidaporra" é uma palavra? Finalmente cheguei ao topo e examinei o terreno.

Os reatores permaneciam em construções de forma irregular. Dezenas de tubos levavam a centenas de painéis térmicos deitados no chão.

Na Terra os reatores desovam o calor em lagos ou rios. Aqui na Lua nós somos meio secos, por isso desovamos o calor através de luz infravermelha emitida para o espaço. É uma tecnologia com mais de um século, mas não descobrimos nada melhor.

A refinaria ficava a 200 metros dos reatores. Era uma minibolha com 30 metros de diâmetro, com um alimentador de um dos lados. O alimentador moía as rochas até virar um pó áspero e colocava em tambores cilíndricos lacrados. Os tambores ficavam lacrados dentro de tubos que os forçavam para dentro da refinaria usando ar comprimido, como um antigo sistema de tubos pneumáticos da década de 1950. De qualquer modo, se você precisa de um punhado de bombas de ar e sistemas de administração de vácuo em sua instalação, é melhor aproveitá-los.

A câmara de pressurização do trem ficava do outro lado da bolha. Os trilhos que levavam a ela se dividiam em duas linhas. Uma corria para a câmara, a outra para o vagão automatizado que transportava combustível de foguetes até o porto.

Desci alguns metros pela Berma e encontrei uma posição onde podia me recostar e olhar a cena. Não tinha ideia da programação das colheitadeiras, por isso precisaria esperar.

E esperar.

E esperar, porra.

Se você estiver curioso, havia exatamente 57 pedras ao alcance. Classifiquei-as da menor para a maior, então mudei de ideia e classifiquei da mais esférica até a menos esférica. Depois tentei fazer um castelo de regolito, mas acabou ficou mais parecido com um calombo. As partículas de regolito são farpadas e se grudam bem, mas não é possível fazer muita coisa com luvas de AEV. Dava mais ou menos para conseguir pequenas semiesferas de poeira. Fiz um modelo em escala de Artemis.

No total esperei quatro horas.

Quatro. Malditas. Horas.

Finalmente, vi um reflexo de luz do Sol no horizonte. Uma colheitadeira voltando ao porto! Graças a Deus. Fiquei de pé e preparei a sacola para viajar de novo (eu tinha posto meu equipamento enfileirado em ordem alfabética por puro tédio, primeiro em inglês e depois em árabe).

Desci pela Berma. A colheitadeira e eu convergimos para a refinaria vindo de direções diferentes. Cheguei primeiro.

Fui me esgueirando em volta da bolha para ficar fora das vistas das câmeras da colheitadeira. Não havia motivo para isso. Ninguém estaria olhando as imagens. Continuei ao longo da bolha até enxergar a colheitadeira. Lá estava ela, em toda a sua glória gigante e brilhante.

A colheitadeira deu marcha a ré até o alimentador e se encaixou. Depois levantou lentamente a frente da caçamba.

Milhares de quilos de minério caíram no alimentador. Uma breve nuvem de poeira acompanhou a avalanche, mas desapareceu quase imediatamente. Não havia ar para mantê-la flutuando.

Depois de dar uma boa descarregada, a caçamba voltou ao nível horizontal e a colheitadeira ficou em ponto morto. Braços mecânicos se estenderam para conectar o cabo de carga e os tubos de resfriamento. Eu não sabia quanto tempo ela demoraria para recarregar, mas não perdi tempo.

– Um milhão de grades – falei.

Subi pela lateral da colheitadeira e joguei meu equipamento na caçamba. Depois desci para dentro. Fácil.

Imaginei uma longa espera durante a recarga, mas só demorou cinco minutos. Preciso admitir, o pessoal da Toyota sabe fazer baterias de recarga rápida. A colheitadeira se sacudiu para a frente e, num instante, estávamos a caminho.

Meu plano estava dando certo! Ri feito uma garotinha. Ei, eu sou uma garota, então eu

posso. Além disso, ninguém estava olhando. Tirei uma barra de alumínio da sacola, subi até o topo da colheitadeira e a estendi feito uma espada.

– Avante, poderoso corcel!

E partimos. A colheitadeira se virou para o sudoeste, na direção das colinas Moltke, à velocidade espantosa de 5 quilômetros por hora.

Observei a bolha da refinaria e os reatores desaparecerem a distância e fiquei inquieta de novo. Não me leve a mal, não era o mais longe que eu já havia estado do Condado nem nada. O trem para o Centro de Visitantes viaja mais de 40 quilômetros. Mas essa era a maior distância que eu já havia percorrido para longe da *segurança*.

A paisagem ficou rochosa e irregular enquanto entrávamos no pé das colinas. A colheitadeira nem diminuiu a velocidade. Podia não ser rápida, mas, cara, tinha torque.

Batemos no primeiro de muitos pedregulhos e eu quase voei da caçamba. Mal conseguia manter meu equipamento dentro dela. As colheitadeiras não são carros de luxo. Como é que as rochas ficavam no lugar, na viagem de volta? As colheitadeiras deviam ser um pouquinho mais cautelosas no caminho para casa. Mesmo assim, a viagem sacudida era melhor do que andar. Aquela encosta me mataria.

Por fim chegamos à horizontal e as coisas ficaram mais fáceis de novo. Tirei a sacola do ombro e subi outra vez até a parte de cima. Tínhamos chegado à área de mineração.

A planície ampla e lisa tinha sido despida de pedras durante anos de colheita. Bom. Finalmente uma navegação tranquila. A área limpa formava mais ou menos um círculo. Vi outras três colheitadeiras na borda da parte limpa, pegando pedras e colocando nas caçambas. Minha colheitadeira chacoalhou até a borda e baixou a pá.

Joguei meu material para fora da caçamba e pulei em seguida. Nesse ponto não havia como evitar as câmeras de orientação. Só precisava esperar que nenhum empregado da Sanchez tivesse decidido aleatoriamente acessar as imagens.

Peguei o material e o arrastei para baixo da colheitadeira.

O primeiro passo era me prender ao chassi, junto com o equipamento. As colheitadeiras não ficam paradas muito tempo e eu não queria ficar correndo atrás dela. Abri a sacola para preparar meu material.

Primeiro era a lona. De plástico pesado reforçado com fibras, tinha ilhoses nos cantos para poder ser amarrada. Passei uma corda de náilon pelos ilhoses e a prendi a alguns suportes no casco. Agora eu tinha uma rede para me deitar. Me arrastei para meu novo covil secreto e peguei o equipamento de solda.

A colheitadeira se movimentou para a frente. Acho que tinha colocado algumas pedras na caçamba e decidiu se mover para pegar mais um bocado. Não fui avisada de que faria isso porque, bem, aqui não há som. O problema era que eu ainda não tinha posto os tanques de oxigênio de reserva na minha rede.

Olhei os tanques de reserva. Tudo bem. Não era o fim do mundo. Mais tarde eu poderia voltar para…

Uma pedra enorme, desestabilizada pelo buraco recente junto à sua base, tombou sobre os tanques. Um patético peido de ar escapou de baixo, levantando poeira brevemente. Em seguida, nada.

Esse foi o fim dos meus tanques de reserva.

– Ah, *qual é*! – gritei.

Demorei um momento para calcular até que ponto estava fodida.

Verifiquei o monitor no braço. Restavam seis horas de oxigênio no suprimento principal.

Mais duas horas na reserva de emergência. Eu tinha mais um tanque para soldagem. Poderia conectá-lo à válvula universal do meu traje, mas isso estragaria todo o objetivo da viagem. Eu precisava desse oxigênio para meus planos maléficos.

Portanto, oito horas de ar respirável. Isso ainda poderia ser feito?

Artemis estava a 3 quilômetros de distância. Além de passar por um bocado de terreno irregular, eu ainda teria que descer um morro. Digamos que duas horas.

Meu plano original tinha sido esperar até a noite (quero dizer, noite de relógio, e não noite lunar de verdade) e entrar escondida quando todo mundo estivesse dormindo. Só que não tinha ar suficiente para esperar tanto tempo. Precisaria entrar no meio do dia.

Novo plano: a câmara de pressurização da ISRO, a Organização Indiana de Pesquisa Espacial. Ela dava na rua da Agência Espacial, na Bolha Armstrong. Haveria alguns nerds confusos e alguém poderia estranhar, mas eu simplesmente continuaria andando. Com a viseira solar abaixada ninguém veria meu rosto. E, diferentemente da câmara da Conrad, não estaria rodeada de peritos em AEV.

Certo, problema mais ou menos resolvido. Isso significava que eu tinha seis horas antes de precisar sair da área de coleta. Noventa minutos por colheitadeira. Hora de me apressar.

Fiquei o mais confortável que pude na minha rede e montei o equipamento de solda. Pus os tanques de acetileno e de oxigênio entre as pernas para mantê-los estáveis. No chassi da colheitadeira escolhi um lugar a 10 centímetros da válvula do fluido de resfriamento e risquei um círculo de 3 centímetros com uma chave de fenda. Era onde eu precisava cortar.

Baixei a viseira solar. Eu tinha prendido no meio dela um vidro escuro usado em máscara de soldador. Abri a válvula de acetileno, ajustei a mistura do maçarico para modo de ignição, acionei e…

… ele não ligou.

Ah.

Tentei de novo. Nada. Nem fagulhas.

Verifiquei o tanque de acetileno. Nenhum problema de fluxo. O que estava acontecendo?

Levantei a viseira e inspecionei o acendedor. Papai me ensinou a usar um acendedor de isqueiro porque um elétrico é “mais uma coisa para dar defeito”. Era só uma pedra de isqueiro e um disco com sulcos preso a um cabo com mola. Nada complicado. Estávamos falando de tecnologia de mil anos. Por que não funcionava?

Ah.

Certo.

Quando a pedra de isqueiro bate no aço, joga lascas microscópicas de metal no ar. Esse metal queima por causa de uma merda complicada relacionada com a área de superfície e as taxas de oxidação. Basicamente ele enferruja tão depressa que o calor da reação provoca fogo.

Fato divertido: a oxidação exige oxigênio. Pedra de isqueiro e aço não funcionam no vácuo. Certo. Não havia necessidade de entrar em pânico. Uma chama de solda é apenas acetileno e oxigênio pegando fogo. Ajustei as válvulas e fiz com que a mistura fosse apenas um fiapo de acetileno no meio de uma torrente de oxigênio. Então acionei o isqueiro na frente do bico.

Fagulhas! Cara, elas voaram mesmo! O oxigênio fez as partículas de metal pirarem de vez. Mas eu tinha ido longe demais. Não havia acetileno suficiente para acender a chama propriamente dita. Acrescentei mais um pouco à mistura e tentei de novo.

Desta vez a chuva de fagulhas conseguiu acender uma chama trêmula, inconsistente. Girei as válvulas de novo para a mistura normal e a chama se acomodou numa forma familiar, estável.

Soltei um suspiro de alívio e baixei a viseira. Segurei o maçarico com firmeza, apesar do

desajeitado traje de AEV. Um pé no saco. Pelo menos não precisaria lidar com metal derretido. Isso era um corte, e não uma soldagem. Quando você corta, não derrete metal. Transforma-o num gás oxidado. Para você ver como é quente.

O corte foi muito mais fácil do que eu esperava. Demorei menos de um minuto. O pequeno círculo de 3 centímetros de aço caiu no meu peito, seguido por um bocadinho de cera derretida. A cera borbulhou e endureceu de novo, quase imediatamente.

Meu posicionamento foi perfeito. Tinha cortado o reservatório de cera sem bater nos tubos de resfriamento ali perto. Eu não estava ligando a mínima para a saúde do sistema de resfriamento, mas não queria que a colheitadeira se comunicasse com a base por causa de um vazamento de fluido. O bocadinho de cera que caiu em mim não bastaria para preocupar a colheitadeira. Pelo menos eu esperava que não.

Peguei uma válvula de pressão na sacola. Eu tinha comprado seis na loja de ferramentas Baía da Tranquilidade no dia anterior (uma para cada colheitadeira e duas de reserva). Conector de pressão padrão de um lado e 3 centímetros de tubo do outro. Enfiei o conector no buraco. Meu corte tinha sido bem-feito, o ajuste foi ótimo. Acendi o maçarico de novo (com a mesma mistura maluca de oxigênio da última vez) e peguei uma haste de alumínio. Precisava de um lacre forte e estanque em volta da válvula.

Quando era pequena, eu tinha feito um milhão de instalações de válvulas com papai. Mas nunca usando traje de AEV. E, diferentemente do corte, desta vez eu estava derretendo metal para fazer um lacre.

Se fizesse merda, um bocado de metal derretido cairia em cima de mim e abriria um buraco no meu traje. Os buracos nos trajes de AEV são ruins.

Fiquei o mais de lado que pude. Assim, mesmo se fizesse algo errado, a “gota de alumínio da perdição” talvez não me acertasse. Comecei a trabalhar e vi a bola de alumínio líquido crescer. A gota tremeu ao longo do local da solda e finalmente subiu para a fenda acima. Meus batimentos cardíacos voltaram para algum ponto perto do normal. Graças a Deus pela tensão superficial e pela ação de capilaridade.

Fui cuidadosa e demorei. Trabalhei devagar em volta da válvula, tentando fazer com que meu corpo não ficasse diretamente abaixo. Por fim terminei. Tinha instalado uma válvula de pressão no reservatório de cera. Agora era a hora da parte sacana do plano.

Conectei o tubo do meu tanque de oxigênio para solda à válvula e abri o fluxo ao máximo.

Claro, o reservatório estava cheio de cera, mas havia espaços vazios. E acredite: quando você sopra 50 atm de ar num depósito pressurizado, ele encontra os pontos vazios. Assim que o tanque se equalizou com o compartimento eu fechei a válvula *muito cuidadosamente* e desconectei o tubo do tanque.

Saí de baixo da colheitadeira. Conferi por um segundo para garantir que não ia se mover. Não gosto de cometer o mesmo erro duas vezes.

A pá avançou raspando o chão, pegou mais algumas centenas de pedras e as largou na caçamba. Em seguida, desceu para pegar mais um bocado. Certo, eu tinha tempo de subir a bordo.

Pulei na roda mais próxima e subi na estrutura. Cheguei à caixa de disjuntores e abri a portinhola. Dentro era como a caixa de disjuntores da colheitadeira de Trond, com os mesmos quatro cabos se conectando a ela. Não foi uma surpresa: eram do mesmo modelo. Mesmo assim, fiquei um pouco menos tensa ao ver isso.

As colheitadeiras têm disjuntores por toda parte, para evitar problemas elétricos, mas a última linha de defesa é o disjuntor principal. Toda a eletricidade passa por ele. É o “fusível” que

protege a bateria.

Peguei na sacola um dispositivo feito em casa. Consistia em dois grampos presos a um fio grosso que levava a um relé de alta voltagem. O relé estava ligado à campainha de um despertador que funcionava a bateria. Simples assim. O relé iria se fechar quando o alarme do relógio disparasse. Não era complexo, e com certeza não era bonito, mas funcionaria.

Conectei os polos positivo e negativo da linha de força principal com meu dispositivo. Nada aconteceu, claro. O relé estava aberto. Mas assim que o alarme disparasse (ajustado para a meia-noite), o relé iria se fechar e a bateria entraria em curto. E o curto passaria totalmente por fora da caixa de disjuntores, de modo que a estrutura de segurança normal não funcionaria.

Quando você coloca uma bateria de 2,4 megawatt-hora em curto, ela fica muito, muito quente. Tipo *extremamente* quente. E vai estar num reservatório lacrado cheio de cera e oxigênio comprimido. E o reservatório ficava num compartimento estanque. Deixe-me dar a matemática da coisa:

Cera + oxigênio + calor = fogo.

Fogo + volume confinado = bomba.

(Bomba + colheitadeira) x 4 = 1.000.000ğ para Jazz.

E isso aconteceria muito depois de eu ter voltado em segurança à cidade. Eles poderiam olhar as imagens gravadas quanto quisessem, não saberiam quem eu era. E eu tinha outro truque na manga…

Verifiquei os mostradores no braço. Precisava esperar que o dispositivo feito por Svoboda funcionasse. Ele nunca tinha falhado comigo, pelo menos.

No meu caixão, o dispositivo feito por Svoboda estaria ligando. Eu o chamei, afetuosamente, de “alibiador”. Tinha conectado meu Gizmo a ele antes de partir nessa pequena aventura.

O alibiador cutucava a tela do meu Gizmo com a mesma capacitância de um dedo humano. Ele digitou minha senha e começou a navegar na internet. Abriu meus sites de fofoca árabes prediletos, alguns vídeos engraçados e alguns fóruns na internet. Até mandou alguns e-mails que eu tinha escrito antecipadamente.

Não era o álibi perfeito, mas era bastante bom. Se alguém perguntasse onde eu estava, eu diria que estava em casa na internet. Não era uma coisa incomum. E os registros do meu Gizmo e da rede da cidade confirmariam isso.

Verifiquei a hora. Todo o procedimento – desde prender a rede até instalar meu dispositivo de assassinato de colheitadeira – tinha demorado 41 minutos. Dava para fazer! Eu conseguiria voltar com tempo de sobra! Uma colheitadeira resolvida. Faltavam três.

Voltei de novo para a colheitadeira condenada, recolhi meu equipamento e saí de novo. O tempo todo tomava cuidado para não ser esmagada pelas rodas gigantescas. Mesmo na gravidade lunar, a colheitadeira tinha peso suficiente para me esmagar como a uma uva.

Tinha presumido que a próxima colheitadeira estaria a uns 100 metros de distância ou em alguma outra borda da área de coleta. Em vez disso, ela estava a *3 metros da minha cara*. O que estava fazendo ali?!

Não cavava. Não carregava. Só me “olhava”, com as câmeras de alta resolução ajustando ligeiramente o foco enquanto eu ficava de pé. Isso só podia significar uma coisa: alguém na Alumínio Sanchez tinha assumido o controle manual dessa colheitadeira.

Tinham me descoberto.

Jazz,
Estou muito preocupado com você. Não tenho notícias suas há um mês. Você não respondeu a nenhuma das minhas mensagens. Encontrei o endereço de e-mail do seu pai no site profissional dele e o contatei. Ele não sabe onde você está e também está muito preocupado.

A listagem de contato público de Artemis tem sete pessoas chamadas Sean. Contatei todas e nenhuma é o Sean que conhece você. Acho que o seu Sean não queria que as informações sobre ele fossem públicas, não é? De qualquer modo, também foi um beco sem saída.

Kelvin,
Desculpe ter preocupado você. Mas gostaria de que você não tivesse entrado em contato com meu pai.

Ultimamente as coisas não andaram bem. No mês passado Sean recebeu a visita de um bando furioso. Uns quinze caras. Encheram ele de porrada. Depois ele não quis falar sobre isso, mas eu sabia o que era. É uma coisa que as pessoas daqui fazem e chamam de "brigada moral".

Algumas coisas deixam as pessoas realmente putas. O suficiente para elas se juntarem e castigarem alguém, mesmo que você não tenha violado nenhuma lei. Sean é um cara cheio de tesão, eu sabia disso. E sabia que ele tinha outras garotas.

Mas não sabia que ele estava trepando com uma de 14 anos.

Aqui tem gente de todas as partes da Terra. Diferentes culturas têm morais sexuais diferentes, por isso Artemis não tem regras de consentimento por idade. Desde que não seja uma coisa forçada, não é considerada estupro. E a garota estava consentindo.

Mas não somos selvagens. Você pode não ser deportado para a Terra, mas sem dúvida vai ser espancado. Imagino que alguns daqueles caras eram parentes da garota. Não sei.

Sou uma idiota, Kelvin. Uma completa idiota. Como não pude ver o que Sean era? Só tenho 17 anos e ele ficou doido por mim desde o primeiro dia. Por acaso estou no limite máximo das idades que ele prefere.

Não tenho onde ficar. Não posso voltar para a casa do meu pai. Não posso. O incêndio destruiu todo o equipamento que ele tinha comprado. E ele precisou pagar pelos danos causados à sala. Agora não pode expandir os negócios. Ele mal consegue se manter. Como posso voltar me arrastando depois de fazer uma coisa assim?

Arruinei meu pai com minha idiotice.

E me arruinei também, por sinal. Quando fui morar com Sean tinha umas 200 grades. Não podia alugar um quarto com isso. Não podia nem comer comida decente.

Estou sobrevivendo à base de Grude. Todo dia. Sem sabor, porque não posso pagar pela versão com sabor artificial. E… ah, meu Deus, Kelvin… não tenho onde morar. Durmo onde consigo. Áreas onde não haja muita gente. Nos andares mais altos onde é quente demais ou os mais baixos onde é gelado. Roubei um cobertor da lavanderia de um hotel só para ter algo com que me cobrir. Preciso ficar em movimento toda noite para me manter um passo à frente do

Rudy. É contra a lei ficar sem teto. E desde o incêndio ele está louco para me pegar. Vai usar qualquer desculpa para se livrar de mim.

Se ele me pegar, vou ser deportada para a Arábia Saudita. Então vou estar falida, sem teto e com doença de gravidade. Preciso ficar aqui.

Desculpe jogar tudo isso em cima de você. É só que não tenho mais ninguém com quem falar.

NÃO me ofereça dinheiro. Sei que vai ser seu primeiro instinto, mas não faça isso. Você tem quatro irmãs e pais de quem precisa cuidar.

Jazz,

Não sei o que dizer. Estou arrasado. Gostaria de poder fazer alguma coisa por você.

Aqui também as coisas não estão ótimas. Minha irmã Halima anunciou que está grávida. Parece que o pai é um militar e ela nem sabe o sobrenome dele. Logo teremos um bebê para cuidar, o que é um balde de água fria em todos os nossos planos. Originalmente eu ia pagar pelos estudos de Halima, então ela pagaria a escola de Kuki enquanto eu economizava para a aposentadoria dos nossos pais. Então Kuki pagaria pela educação de Faith, e assim por diante. Mas agora Halima só vai poder cuidar do bebê e nós precisamos ajudá-la financeiramente. Mamãe arranjou um emprego de caixa numa mercearia no campus da CEQ. É o primeiro emprego que ela tem na vida. Parece que ela gosta, mas eu queria que ela não precisasse trabalhar.

Papai terá que trabalhar por muitos anos mais. Agora Kuki está dizendo que vai arranjar um emprego informal em algum lugar para trazer dinheiro. Mas ela está vendendo o próprio futuro!

Nós deveríamos agradecer. Halima vai ser uma boa mãe. E logo minha família terá uma nova criança para tratar com carinho. Todos estamos com saúde e temos uns aos outros.

Você pode estar sem teto, mas pelo menos vive nas ruas relativamente limpas e seguras de Artemis, e não numa cidade da Terra. Você tem emprego e está ganhando algum dinheiro. Espero que seja mais do que você gasta.

Tempos difíceis, amiga, mas há um caminho. Tem que haver. Vamos encontrá-lo. Avise se tiver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar.



– Ah, não é possível! – exclamei para a colheitadeira.

As outras duas também vieram na minha direção. Provavelmente para garantir que eu não pudesse me esconder atrás de uma pedra para escapar. Agora seus controladores estavam me vendo a partir de múltiplos ângulos. Cacete.

Mais tarde fiquei sabendo o que tinha acontecido: a pedra que assassinou meus tanques de ar deu uma tremenda pancada e a colheitadeira sentiu o tremor. Elas têm equipamentos muito sensíveis nas rodas para detectar a vibração do terreno. Por quê? Porque escavam em encostas. Se houver uma avalanche prestes a acontecer, os controladores querem saber imediatamente.

Assim, a colheitadeira se comunicou para informar o tremor. No centro de controle, funcionários verificaram o vídeo dos dois minutos anteriores. Queriam saber se uma parede de pedras estava para comer sua colheitadeira de muitos milhões de grades. Adivinhe o que eles viram! Eu desaparecendo embaixo do chassi! Por isso mandaram outra colheitadeira para ver o que eu estava aprontando.

Então chamaram os peritos em AEV. Não sei exatamente como foi a conversa, mas presumo que tenha sido algo assim:

Controladores da Sanchez: Ei! Por que vocês estão mexendo com nossa colheitadeira, porra?!

Peritos em AEV: Não estamos.

Sanchez: Bom, alguém está.

Peritos em AEV: Vamos encher a pessoa de porrada. Não porque nos importamos com vocês, mas porque queremos continuar com nosso monopólio de AEV. Além disso, somos um bando de escrotos.

De modo que agora mesmo os peritos em AEV estariam formando um pelotão para me arrastar de volta até Artemis. Depois disso, viriam as surras, a deportação, a doença da gravidade em Riad. E, a partir daí, as coisas só iriam ladeira abaixo.

Parei para pensar na nova situação. De jeito nenhum eu conseguiria voltar para a cidade antes que uma manada furiosa de peritos em AEV viesse me procurar. Portanto, não havia sentido em abortar a missão. Era melhor terminar o serviço antes que o jogo épico de esconde-esconde lunar começasse.

Para viajar mais depressa, o pelotão usaria um veículo fretado. Eles podem fazer 10 quilômetros por hora. A subida da colina seria um pouco mais lenta. Digamos que 6 quilômetros por hora. Eu tinha meia hora antes que eles chegassem.

O tempo de sutileza havia acabado. Meu plano de fazer a merda acontecer depois de ir para

casa já era. A Sanchez levaria todas as colheitadeiras para inspeção. Os mecânicos passariam pente-fino em cada uma e consertariam meu trabalho.

Eu precisava destruir permanentemente as quatro colheitadeiras nos próximos trinta minutos. Vendo pelo lado positivo, os controladores da Sanchez foram muito gentis de colocar todas perto de mim.

Certo, uma coisa de cada vez. Peguei um alicate de corte na sacola e pulei na colheitadeira que tinha me descoberto. Os sistemas de comunicação primário e secundário eram montados no ponto mais alto da cabine, para alcance máximo. A colheitadeira (agora sob controle humano, sem dúvida) se sacudiu para a frente e para trás, provavelmente tentando me derrubar. Só que as máquinas não são muito rápidas. Mantive o equilíbrio com facilidade e acabei com as quatro antenas. Ela parou assim que a quarta antena caiu. As colheitadeiras são programadas para ficarem imóveis se perderem a conexão. Você não vai querer sua colheitadeira andando por aí sem enxergar, não é?

Pulei no topo da colheitadeira mais próxima – a que eu tinha transformado meticulosamente numa bomba-relógio. Todo aquele trabalho por nada. Suspiro.

Corta, corta, corta, corta!

As outras duas recuaram.

– Ah, não façam isso! – falei.

Pulei, caí no chão e saí correndo. Alcancei uma delas com facilidade.

Subi na minha terceira vítima e comecei a cortar. Como as irmãs, ela parou assim que a última antena se foi.

Precisei correr um pouco para pegar a última, mas consegui. Cortei três antenas e estava prestes a detonar a quarta quando uma dor explodiu na lateral da minha cintura e eu voei pelo ar. Bom, não pelo ar. Pelo vácuo. Você sabe o que eu quero dizer.

Bati no chão e rolei.

– O que foi isso? – perguntei.

Demorei um segundo, mas percebi o que tinha acontecido. Aqueles *filhos da puta* da Sanchez tinham feito a colheitadeira me acertar com a pá carregadora!

Isso poderia ter rompido meu traje! Claro, eu estava destruindo propriedades deles, mas você não *mata* alguém por causa disso, mata?!

Ah, ela estava *ligada.*

A colheitadeira baixou a pá até a metade e veio na minha direção.

Fiquei de pé, corri na frente da câmera principal e fiz um sinal obsceno com o dedo médio. Depois a arrebentei batendo com o alicate que estava na outra mão. Chega de dados visuais para vocês, seus escrotos.

– Quem quer que você seja, sabemos que está aí – ouvi pelo canal principal de AEV.

Era Bob Lewis. Que merda! Claro que o sindicato mandaria seu membro mais capaz para comandar o pelotão.

– Não dificulte as coisas. Se precisarmos contê-lo fisicamente, arriscando a nossa segurança, faremos você pagar.

Ele tinha certa razão. Contrariando os filmes sobre o espaço, lutar usando um traje de AEV é de um perigo monumental. Eu não tinha intenção de fazer isso. Se me pegassem, simplesmente me renderia. A coisa tinha se transformado num jogo de pega-pega.

Um problema de cada vez. Eu ainda precisava cuidar de uma Pá Assassina. Sem a câmera frontal ela se balançava tentando me encontrar. As rodas podiam não se mover depressa, mas a simples força daquela pá podia fazer a colheitadeira se sacudir para trás e para a frente.

A pá bateu no chão, 1 metro à minha esquerda. Uma suposição bastante boa, mas não suficiente. Pulei na pá e me agachei. Estava me arriscando. A pá tinha sensores de peso muito precisos e minha massa certamente seria detectada. Esperei que o controlador não estivesse prestando atenção suficiente.

A pá subiu de novo. Quando fez isso, eu pulei. Com o meu salto e o movimento da pá para cima, subi muito mais alto do que pretendia.

– Merda – falei quando alcancei o ápice.

Acho que estava a uns 10 metros do chão, mas nunca terei certeza. Sei que quase quebrei minhas pernas quando pousei no topo da colheitadeira.

Depois de um momento de reflexão sobre a sensatez do meu plano, estendi a mão e cortei a antena que restava. A colheitadeira parou de se sacudir imediatamente.

– Ufa.

Eu tinha incapacitado temporariamente as quatro colheitadeiras. Agora precisava incapacitá-las permanentemente. Comecei com a que eu já havia sabotado. Subi pela lateral, como tinha feito antes, e abri a caixa de disjuntores. Peguei minha caixa do relé e tentei mexer no ajuste do despertador. Não podia apertar os botões, claro. O relógio era projetado para ser usado por dedos humanos, e não por luvas de AEV.

Certo, se eu não podia ajustar a hora do alarme, usaria uma abordagem menos sutil. Desconectei os dois grampos tipo jacaré, tirei o relé deles e cortei o isolamento dos fios. Prendi os fios num nó grosseiro e reconectei os grampos aos polos da bateria.

Então *dei no pé*.

Ao retirar o relé eu tinha criado um novo dispositivo conhecido como “ligação direta”. A bateria estava em curto e simplesmente *cagando* calor.

Corri a toda velocidade até o pedregulho mais próximo e me escondi atrás dele. Nada aconteceu. Espiei pela borda. Nada, ainda.

– Hummm – falei. – Talvez eu devesse…

Então a colheitadeira explodiu. Tipo… *explodiu*. Um negócio tremendamente maior do que eu esperava. Estilhaços voaram em todas as direções. O impacto empurrou o chassi contra o chão com tanta força que ela quicou, deu meia cambalhota e pousou de cabeça para baixo.

Eu pensava que estaria suficientemente longe da explosão, mas não, nem um pouco. Nacos de metal retorcido bateram no meu pedregulho enquanto choviam pedaços menores.

– Ah, droga – falei.

Eu tinha me esquecido de contabilizar o outro explosivo que existia ali: a bateria de célula de combustível de hidrogênio. Todo aquele hidrogênio tinha encontrado o oxigênio em alta temperatura e eles bateram um papinho rápido.

A pedra me protegeu da explosão inicial, mas era inútil contra o entulho que caía de cima. Eu me arrastei até uma das outras colheitadeiras enquanto tufos de poeira brotavam ao redor. Observação mental: não existe ar aqui. Se uma coisa é jogada para o céu, ela volta *com a mesma velocidade com que decolou.* Estava chovendo balas de revólver.

Por pura sorte consegui chegar à colheitadeira e me encolhi embaixo dela durante um tempo. Esperei até que a tempestade acabasse e me arrastei para verificar meu trabalho.

A máquina deu perda total. Mal dava para ver que aquilo tinha sido um veículo. O chassi era um monte de metal retorcido e uns 50% da colheitadeira estavam espalhados pela área de coleta. Verifiquei a hora. Todo o processo tinha demorado dez minutos. Não era ruim, mas eu precisaria acelerar as coisas para cuidar das outras três.

Primeiro procurei entre os destroços e encontrei um pedaço de metal com uns 2 metros

quadrados. Arrastei-o até o outro lado da minha “pedra-escudo”. Encostei a borda na pedra, fazendo um abrigo rudimentar.

Pronto. Tecnicamente eu tinha feito uma base lunar. Sentei-me no Forte Jasmine durante alguns minutos, convertendo os cabos dos outros relés em simples conectores.

Então comecei a trabalhar na segunda colheitadeira. Pelo menos dessa vez não havia necessidade de usar uma rede. A colheitadeira não iria a lugar algum.

Agora que tinha pegado o jeito de acender um maçarico no vácuo, as coisas seguiram muito mais rapidamente. Além disso, não me incomodei em marcar o local primeiro. Fiz isso de memória. Nada como a experiência para acelerar. Abri o buraco, instalei a válvula e enchi o reservatório com ar.

Então fiz o curto na bateria, corri para minha placa de metal, me arrastei embaixo dela e esperei. E dessa vez não olhei de volta feito uma imbecil.

Senti a explosão pelo chão e me preparei para a “chuva do terror”. Será que a placa de metal me protegeria o suficiente?

Apareceram mossas na placa. Senti um medo infernal, mas ela segurou a chuva de destroços. Esperei até que as mossas parassem de surgir e verifiquei o terreno em volta para ver se os sopros de poeira tinham parado. Teria sido melhor se eu simplesmente pudesse escutar as coisas. A recusa do vácuo em transmitir o som é um pé no saco.

Me arrastei para fora e nada me matou, de modo que tudo parecia em ordem. Dei a volta na pedra e vi outra colheitadeira demolida.

Conferi a hora no mostrador. Mais dez minutos tinham se passado.

– Merda!

Se o pelotão fosse eficiente, chegaria em dez minutos. Eu ainda tinha duas máquinas para destruir. Se deixasse alguma funcionando, a Alumínio Sanchez ainda poderia conseguir minério, ainda poderia fazer oxigênio, e Trond não me daria aquele milhão de grades.

A maior perda de tempo era quando eu precisava correr para me esconder do entulho. Eu sabia o que precisava fazer, só não gostava da ideia. Teria que foder as duas ao mesmo tempo.

Por favor, não use essa última frase fora de contexto.

Preparei as duas colheitadeiras restantes para virarem picadinho. Agora ambas estavam cheias de oxigênio, com as caixas de disjuntores abertas e meus cabos de conexão pendurados nos polos positivos.

Coloquei todo o equipamento de solda embaixo de uma colheitadeira. Agora que estava com pressa, não poderia arrastar toda aquela tranqueira para casa. Só que não podia deixar um material com a inscrição COMPANHIA DE SOLDAS BASHARA em toda parte para as pessoas encontrarem.

Bom, 1 milhão de grades… Eu compraria material novo para ele. Material *melhor*.

Subi numa colheitadeira e olhei para a outra, a 20 metros dali. Seria complicado. Uma parte racional do meu cérebro, esquecida havia muito tempo, acordou. Era mesmo uma boa ideia?

Um milhão de grades. É uma boa ideia! Tudo bem!

Provoquei o curto numa bateria, corri para a outra colheitadeira e provoquei curto nela também. Quase consegui voltar ao abrigo antes que a primeira explodisse.

Quase.

A paisagem à frente ficou iluminada pela explosão. Tufos de poeira saltaram em volta de mim enquanto pedaços da colheitadeira obedeciam com diligência às leis da física. Não havia tempo para me arrastar em volta da pedra. Meio que escalei, meio pulei por cima dela. Tentei um salto com rolamento gracioso, mas acabei dando uma cambalhota bêbada.

– Você viu aquilo? – disse uma voz pelo rádio.

– Você está falando no canal principal – respondeu Bob.

– Merda.

O pelotão estivera conversando por outro canal para que eu não ouvisse. Aquele cara estragou tudo. Portanto, agora eu sabia que eles tinham visto a explosão. Estavam perto.

Esperei a segunda explosão, que não aconteceu. Quando tive coragem suficiente, espiei em volta da pedra e vi uma colheitadeira ainda intacta.

– O que…? – comecei.

Então entendi. A sobrevivente estava coberta de danos superficiais causados pela explosão da outra colheitadeira. Meu conector tinha sido cortado ao meio por um estilhaço. As duas extremidades pendiam dos polos. A bateria não estava mais em curto e não tivera tempo de esquentar o suficiente para disparar a explosão.

Vi um brilho de luz do outro lado da zona de colheita. Os peritos em AEV tinham chegado. Olhei para a colheitadeira que restava. Cinquenta metros de terreno para chegar a ela, mais o tempo que demoraria para refazer a conexão. Depois olhei o brilho de novo – agora identificável como um veículo lunar, a apenas 100 metros dali e vindo rapidamente na minha direção.

Eu não ia conseguir. Eles chegariam num instante. Precisava deixar essa colheitadeira para trás.

– Merda! – Eu sabia que era a decisão certa, mas isso não significava que gostava dela. Fugi da cena do crime.

Um pequeno problema quando a gente foge de alguém na Lua: as pegadas ficam muito óbvias. Parti para fora da área de coleta e deixei uma trilha que qualquer idiota poderia seguir. Não havia como evitar. Toda a área fora limpa de tudo, deixando apenas poeira.

Assim que chegasse ao terreno natural eu tinha opções: as colinas altas são cheias de tudo, desde cascalho até pedregulhos.

Subi numa pedra e pulei para a próxima. Depois pulei para a próxima, e assim por diante. Continuei com meu jogo arriscado de “O chão é lava” pelos vinte minutos seguintes. Nunca precisei tocar no chão poeirento. Tente seguir *essa* trilha, Bob.

A parte seguinte foi igualmente tediosa e estressante. Eu precisava cobrir vários quilômetros, olhando o tempo todo por cima do ombro. O grupo não demoraria muito para deduzir que eu ia para casa. Então pulariam no transporte e viriam atrás de mim.

Voltariam pela rota mais curta (eu esperava), por isso peguei um caminho tortuoso. Nada parecido com uma linha reta. Artemis estava a apenas 3 quilômetros da área de colheita, mas andei 5 quilômetros na minha rota maluca. A paisagem rochosa no pé das colinas fornecia muitos pedregulhos e bermas para bloquear uma linha direta de visão até mim.

Deu certo. Não sei que caminho o pelotão tomou, mas em nenhum momento eles puseram os olhos em mim.

Finalmente cheguei à base das colinas Moltke. O Mar da Tranquilidade se estendia até o horizonte. Artemis brilhava a distância, provavelmente a uns 2 quilômetros. Suprimi a sensação enjoativa que vinha tendo ao perceber como estava isolada.

Precisava de uma nova estratégia. Não podia continuar pulando carniça. Um vasto campo de pó cinza me separava de casa. Eu não somente deixaria uma trilha, mas seria visível a quilômetros de distância.

Hora de descansar. Pelo menos por enquanto eu não estava em terreno aberto. Encontrei uma pedra adequada e me sentei à sombra. Desliguei todos os LEDs, até os do capacete, e cobri os mostradores do braço com fita adesiva.

As sombras na Lua são nítidas e escuras. O fato de não existir ar significa que não há difusão de luz. Mas eu não estava na escuridão completa. A luz do Sol se refletia em pedras próximas, na poeira, nas colinas e assim por diante, e parte dela batia em mim. Mesmo assim, eu estava funcionalmente invisível, comparada com a claridade da paisagem.

Virei a cabeça para o bico d'água e tomei mais ou menos meio litro. As AEVs fazem a gente suar um bocado.

Foi bom ter dado uma parada. Cinco minutos depois de começar o descanso vi o pelotão voltando para a cidade. Estavam a uma boa distância de mim… indo em linha reta.

O veículo, projetado para quatro passageiros, tinha sete peritos de AEV empilhados na caçamba. Parecia um carro de palhaços de circo acelerando pela planície. A julgar pelo rastro de poeira que ele levantava, estava indo o mais rápido que podia. Nessa velocidade, no terreno encalombado, eles não teriam chance de me ver. O que estavam pensando?

– Ah, porra!

Eles não precisavam me encontrar. Só tinham que chegar mais depressa à cidade. Então poderiam vigiar cada câmara de pressurização. Eu acabaria ficando sem oxigênio e precisaria me entregar.

– Merda! Porcaria! Bosta! Cu! Filho da puta!

É importante variar as palavras. Se você usa a mesma com muita frequência ele perde a força. Fervilhei de raiva dentro da roupa por mais um minuto, depois me acalmei e comecei a planejar.

Certo. A situação era ruim, mas tinha vantagens. Eles chegariam mais depressa à cidade. Isso significava que não ficariam me patrulhando no Mar da Tranquilidade. Eu me estressei tanto para descobrir um modo de me esgueirar pela planície, mas agora isso não era problema.

Fiquei de pé, liguei os LEDs de novo e tirei a fita do mostrador.

Haveria um perito em AEV de vigia em cada câmara. E eles não estariam simplesmente parados lá dentro. Estariam do lado de fora, onde poderiam me ver chegando e dar o alarme.

Eu tinha um plano, mas primeiro precisava me aproximar da cidade. Esse era o primeiro passo.

A câmara da Conrad ficava virada para o norte, a câmara de carga da Companhia Baía da Tranquilidade na Bean era voltada para o noroeste, o Porto de Entrada da Aldrin era virado para o leste e a câmara da ISRO, na Armstrong, ficava na direção sudeste. Assim, o maior "ponto cego" da cobertura deles seria o sudoeste.

Fui quicando pelo vazio cinza durante uma hora, fazendo um caminho amplo, circular, para me aproximar pela direção certa. Mantinha os olhos atentos a qualquer problema à medida que as cúpulas cresciam no horizonte. Os últimos 100 metros foram de puro estresse. Assim que entrei na sombra da Bolha Shepard, me senti muito mais segura. Seria difícil me enxergarem na escuridão.

Por fim, me encostei contra o casco da Shepard e soltei um suspiro de alívio.

Certo. Eu tinha alcançado a cidade. Agora o problema era entrar.

Não podia andar pelo perímetro para chegar aonde precisava ir. Sem dúvida seria vista. Era hora de fazer como Ricky e usar os suportes de manutenção.

As alças haviam sido projetadas pensando nos trajes de AEV: tinham a largura perfeita para segurar com luvas gigantes. Só demorei dez minutos para subir pelo arco da esfera. Abaixei-me assim que atingi o topo. Não porque estivesse preocupada com os peritos em AEV – eles estariam perto demais de outras bolhas para me ver. Não, meu problema era geográfico. A Shepard e a Aldrin são separadas apenas pela Armstrong, e a Armstrong só tem metade da altura

delas. Assim, nesse momento, qualquer pessoa no Parque Aldrin poderia me ver.

Ainda era bem cedo, de modo que talvez não houvesse muitos visitantes no parque. Além disso, qualquer um que me visse provavelmente presumiria que eu era um técnico da manutenção fazendo seu serviço. Mesmo assim… eu estava cometendo um crime e preferiria não ser notada.

Desci pelo outro lado da Shepard e subi no conector que a ligava à Armstrong. Não era exatamente ginástica artística. O túnel tem 3 metros de largura.

Assim que cheguei à Bolha Armstrong, passei por cima dela também. Graças ao seu diâmetro menor, fui consideravelmente mais rápida do que ao escalar a Shepard. Depois atravessei a conexão entre a Armstrong e a Aldrin.

A Aldrin foi um desafio maior. Subi por uma parte do caminho, mas não podia ir até o topo. Bom, eu *poderia*, mas não deveria. Uma coisa é andar sobre um casco de bolha, mas se eu subisse pelo vidro do Parque Aldrin, bem na cara das pessoas, isso provocaria alguma curiosidade. “Mamãe, por que o Homem-Aranha está na Lua?”

Não, obrigada.

Em vez disso, parei na metade – logo abaixo dos painéis de vidro – e me movi de lado, indo de alça em alça e dando a volta na bolha. Logo o Porto de Entrada surgiu. Mais perto ficava a antecâmara da ferrovia onde os vagões se conectavam com o porto. Não havia nenhum trem ali no momento. Ao lado estava a enorme porta circular para a câmara de pressurização de carga.

Bob Lewis saiu do abrigo do trem.

– Ah, merda! – falei.

Eu tive tanto cuidado dando a volta na Aldrin! Tinha me movido devagar para garantir que visse qualquer perito em AEV antes que ele pudesse me ver. Mas não sabia que Bob estava *dentro* da porcaria do abrigo. Isso é *sacanagem*, Bob!

Ele estava fazendo a ronda. Uma vez fuzileiro, sempre fuzileiro. Ainda não olhara para cima, mas logo faria isso. Eu tinha um segundo, talvez dois, para reagir.

Precisava soltar as alças e deslizar pela cúpula. Tentei mirar os pés para o chão. Talvez, se eu pousasse direito, poderia controlar o impacto. Mas não. Não. Não sou graciosa. Consegui o pior de dois mundos: bati no chão com força e completamente desequilibrada.

Pousei feito um saco de estrume do outro lado do abrigo e não quebrei nada. Ainda bem que o som não viaja no vácuo, porque certamente Bob teria ouvido aquele pouso. Tanto faz. Um sucesso desajeitado e mal conquistado ainda é um sucesso.

Abracei a parede da Aldrin e fui me esgueirando para longe do porto até não poder ver mais o Bob. Não sabia onde sua “rota de patrulha” iria levá-lo, mas tinha certeza de que ele não iria se afastar da câmara de pressurização do porto. Continuei até estar longe da entrada e me sentei encostada na bolha.

Então esperei. Da minha nova posição não podia ver o abrigo do trem, mas enxergava os trilhos que se afastavam da cidade.

Meia hora depois, o trem apareceu no horizonte. Como a Lua é pequena, nosso horizonte só fica a 2,5 quilômetros de distância, por isso não precisei esperar muito até que ele chegasse à estação.

Esperei que o trem parasse no abrigo e se conectasse com o porto. Então me esgueirei pela lateral do abrigo.

Esse era o primeiro trem do dia. A maior parte dos passageiros seria de empregados do próprio Centro de Visitantes. Eles embarcaram rapidamente e o trem estava pronto para a viagem de volta.

O trem começou a se afastar do abrigo. Demora um tempo para acelerar uma coisa daquele tamanho, por isso o trem ainda não estava indo muito depressa.

Saltei e agarrei a cobertura da roda da frente. Não era o melhor ponto para isso, mas me segurei com toda a força. O trem foi me arrastando, as pernas quicando no terreno. Certo, talvez esse não fosse o melhor plano que eu já havia bolado, mas mantinha um trem entre mim e Bob, e era só isso que eu queria.

O trem acelerou, indo cada vez mais rápido. Eu me agarrava com determinação. A essa velocidade qualquer pedra afiada poderia furar meu traje. Não podia ficar pendurada durante a viagem inteira. Precisava pôr as pernas em algum lugar.

Estendi a mão e agarrei a borda de uma janela. Esperava que não houvesse ninguém sentado ali. Me arrastei para cima e pus os pés sobre a cobertura da roda. Queria espiar pela janela para ver se tinham me visto, mas resisti. As pessoas poderiam não notar alguns dedos do lado de fora, porém provavelmente notariam um enorme capacete de um traje de AEV.

Tentei não me mexer. Seria bem assustador para as pessoas no trem se ouvissem um barulho vindo da parede externa. “O ataque da mulher da Lua que tomava decisões ruins na vida.”

Seguimos em direção ao Centro de Visitantes. Nesse ponto você provavelmente deduziu meu plano. O pelotão estava vigiando as câmaras de pressurização de Artemis, mas será que eles tinham pensado em vigiar a do Centro de Visitantes?

Mesmo que tivessem, não poderiam chegar mais rápido do que eu. Esse era o primeiro trem.

A viagem demorou quarenta minutos, como sempre. Consegui me sentar quase confortavelmente na cobertura da roda. Não era muito ruim.

Passei o tempo todo pensando na minha situação. Ainda que pudesse voltar para dentro sem ser apanhada, estava frita. Trond tinha me contratado para destruir quatro colheitadeiras. Eu só tinha arrebentado três. Os engenheiros da Sanchez resolveriam minha sabotagem na sobrevivente e a colocariam de volta no serviço. A produção seria reduzida. Mesmo assim, eles fariam sua cota de oxigênio.

Trond não me pagaria por esse fracasso e eu não poderia culpá-lo. Não havia somente fracassado, como também tornara as coisas mais difíceis para ele. Agora a Alumínio Sanchez sabia que alguém estava querendo acabar com ela.

– Droga… – falei enquanto meu estômago dava um nó.

O trem diminuiu de velocidade ao se aproximar do Centro de Visitantes. Pulei e parei cambaleando enquanto o trem continuava até o abrigo.

Fui saltando até o Centro de Visitantes e andei ao longo do arco da cúpula. O *Eagle* surgiu enquanto eu rodeava o casco. Quase parecia desaprovar. *Tsc-tsc. Minha tripulação jamais faria uma porcaria assim.*

Então tive uma visão gloriosa: a câmara de pressurização de AEV estava completamente sem vigilância!

É isso aí!

Fui rapidamente até lá e abri a porta externa, entrei e fechei a escotilha. Girei a válvula de contenção e ouvi o chiado do ar glorioso vindo de todas as direções.

Apesar de estar com pressa, esperei a limpeza do ar. Ei, eu posso ser contrabandista, sabotadora e uma escrota em todos os sentidos, mas nunca deixaria meu traje sujo.

A limpeza terminou e eu estava impecável.

Estava de volta à cidade! Precisaria encontrar algum local no Centro de Visitantes para esconder meu equipamento de AEV, mas isso não seria problema. Iria guardá-lo em quantos

armários para turistas fossem necessários, depois voltaria com uma caixa grande. Sou entregadora, só diria que estava ali para pegar uma encomenda. Isso nem pareceria esquisito.

Abri a porta interna da comporta e pisei na salvação.

Só que não era a salvação. Era merda. Pisei na merda. Meu sorriso mudou rapidamente para uma expressão de peixe recém-fisgado.

Dale estava na antecâmara, de braços cruzados e com um meio sorriso.

Jazz,
Você está bem? Andei preocupado. Não tenho notícias suas há duas semanas.

Kelvin,
Desculpe. Precisei cancelar meu serviço do Gizmo por um tempo, para economizar. Tem sido difícil. Estou começando a me recuperar.

Fiz um novo amigo. De vez em quando junto dinheiro suficiente para tomar uma cerveja numa espelunca da Conrad. Sei que é idiota gastar grana em bebida quando a gente está sem teto, mas a bebida torna a vida suportável.

De qualquer modo, tem um frequentador lá chamado Dale. Ele é perito em AEV, trabalha principalmente no Centro de Visitantes Apollo 11. Faz AEVs com turistas, coisas assim.

A gente andou conversando e, não sei por quê, acabei contando meus problemas. Ele ficou chocado com minha situação e ofereceu dinheiro emprestado. Presumi que era uma cantada, por isso recusei. Não tenho problema com prostitutas, só não quero ser uma.

Ele jurou que só queria me ajudar como amigo. Aceitar aquele dinheiro foi a coisa mais difícil que já fiz, Kelvin. Mas estava sem opção.

De qualquer modo, eu tinha o suficiente para pagar o depósito e o primeiro mês num domicílio-cápsula. É tão pequeno que preciso sair para mudar de ideia (ba dum tss!), mas pelo menos é uma casa. E, fiel à palavra, Dale nunca esperou nada em troca. Perfeito cavalheiro.

Acredite ou não, até estou namorando um cara. O nome dele é Tyler. Estamos no começo ainda, mas ele é um doce. É meio tímido, educado com todo mundo, e faz o gênero escoteiro com relação às regras. O oposto de mim em todos os sentidos. Mesmo assim, a gente combina. Vamos ver no que vai dar.

Sabe, ultimamente tenho sido egoísta. Andei tão focada em mim que nem perguntei sobre você. Como vão as coisas?

Jazz,
Que bom para você! Eu estava preocupado, achando que sua experiência com Sean iria afastá-la dos homens para sempre. Está vendo? Não somos todos maus.

Tenho meu trabalho na CEQ e agradeço muito por isso. Até consegui uma promoção. Estou fazendo um treinamento. Daqui a dois meses vou ser perito em carga e receber um aumento.

Halima está com seis meses de gravidez e estamos nos preparando para a chegada do bebê. Bolamos um revezamento, de modo que minhas outras irmãs possam cuidar do bebê enquanto Halima continua estudando. Mamãe, papai e eu vamos continuar trabalhando. Papai estava quase em condições de se aposentar, mas agora terá que trabalhar por pelo menos mais cinco anos. Que opção nós temos? De outro jeito não haveria dinheiro suficiente.

Kelvin,
Você está fazendo treinamento para perito em carga? Isso quer dizer que às vezes arruma contêineres de carga sem supervisão? Porque há um bocado de fumantes em Artemis.

Jazz,
Estou ouvindo…



Olhei para Dale como se houvesse brotado um pau na testa dele.

– Como…?

– Que outra coisa você faria? – Ele pegou o capacete das minhas mãos. – Você devia saber que o pelotão cobriria todas as entradas de Artemis. Com isso, resta apenas o Centro de Visitantes.

– Por que você não está com o pelotão?

– Estou. Sou o cara que se ofereceu para vigiar o Centro de Visitantes. Teria chegado aqui mais cedo, mas esse foi o primeiro trem que saiu. Pela hora em que você entrou, acho que pegamos o mesmo transporte.

Que bosta de gênio do crime sou eu.

Dale colocou meu capacete num banco, depois pegou minha mão e soltou os lacres da luva. Girou a luva no pulso e a tirou.

– Dessa vez você foi longe demais, Jazz. Longe demais.

– Vai me passar um sermão sobre moralidade?

Ele balançou a cabeça.

– Algum dia você vai esquecer isso?

– Por que deveria?

Dale revirou os olhos.

– Tyler é gay, Jazz. Tão gay quanto Oscar Wilde usando lantejoulas e passeando com um poodle cor-de-rosa com uma tiara na cabeça.

– Espera. O poodle tem uma tiara?

– Não, eu quis dizer Oscar Wilde…

– Certo, certo, isso faz mais sentido. De qualquer forma, foda-se.

Dale gemeu.

– A coisa nunca daria certo entre vocês. Nunca.

– Por isso não tem problema você trepar com meu namorado?

– Não – respondeu ele baixinho. Em seguida, pegou minha outra luva e a colocou no banco. – A gente não deveria ter trepado enquanto vocês ainda estavam juntos. Eu estava apaixonado e ele estava confuso, mas isso não faz com que seja certo. Foi errado.

Desviei os olhos.

– Mesmo assim, você fez.

– É, fiz. Traí minha melhor amiga. Se você acha que isso não me mata por dentro, realmente não me conhece.

– Coitadinho.

Ele fez uma careta.

– Eu não “recrutei” Tyler, você sabe. Se eu não estivesse lá, ele deixaria você por conta própria. Ele nunca seria feliz com uma mulher. Isso não tem nada a ver com você. Você sabe, não é?

Não respondi. Dale estava certo, mas eu não tinha clima para ouvir. Ele sinalizou para eu girar. Obedeci e ele soltou minha mochila de Suporte de Vida.

– Você não quer contar aos seus coleguinhas de AEV que me pegou?

Ele colocou a mochila cuidadosamente no banco.

– Isso é um negócio grande, Jazz. Não é caso de ganhar um puxão de orelha. Você poderia ser deportada. Você explodiu as colheitadeiras da Alumínio Sanchez. Por que fez isso, afinal?

– Por que você se importa?

– Ainda gosto de você, Jazz. Você foi minha melhor amiga durante anos. Não me arrependo de ter me apaixonado pelo Tyler, mas sei que errei.

– Obrigada. Quando eu não conseguir dormir à noite porque sei que você está comendo o único homem que eu já amei, só vou me lembrar de que você sente culpa. Tudo fica melhor.

– Faz um ano. Quando expira o prazo da sua vitimização?

– Vai se foder.

Ele se recostou na parede e olhou para o teto.

– Jazz, me dê um motivo para não chamar o pelotão de AEV. Qualquer coisa.

Forcei meu cérebro a ser um pouco lógico em meio ao redemoinho de raiva. Eu tinha que ser adulta só por um minuto. Não era obrigada a gostar, mas precisava fazer isso.

– Eu lhe dou 100 mil grades.

Eu não tinha 100 mil grades. Ganharia se conseguisse destruir aquela última colheitadeira.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Certo, é um motivo bastante bom. O que está acontecendo?

Balancei a cabeça.

– Sem perguntas.

– Você está encrencada?

– Isso é uma pergunta.

– Certo, certo.

Dale cruzou os braços.

– E o pelotão? Eles sabem que sou eu?

– Não.

– Então você não precisa fazer nada. Só esqueça que me viu aqui.

– Jazz, existem apenas quarenta pessoas em toda a cidade que têm trajes de AEV. É um grupo pequeno para ser investigado. E os peritos em AEV *definitivamente* vão investigar. Para não mencionar o Rudy.

– Sei o que fazer. Você só precisa ficar de boca fechada.

Ele pensou. Depois deu um sorriso.

– Guarde suas 100 mil grades. Quero outra coisa. Quero que sejamos amigos de novo.

– Cento e cinquenta mil – contrapus.

– Uma noite por semana. Você e eu no Hartnell’s, como nos velhos tempos.

– Não. Aceite o dinheiro ou me entregue ao pelotão de AEV.

– Jazz, estou tentando ser legal, mas não me sacaneie. Não quero dinheiro. Quero me conectar de novo. É pegar ou largar.

– Fff… – comecei, mas suprimi o “oda-se” na garganta.

Encontrei um limite para o meu orgulho em algum ponto. Dale poderia destruir minha vida fazendo uma ligação pelo Gizmo. Eu não tinha escolha.

Ele deu um suspiro de alívio.

– Graças a Deus. Eu não queria arruinar você.

– Já arruinou.

Ele se encolheu diante da ferroada. Ótimo.

Dale pegou seu Gizmo e digitou.

– Bob? Ainda está aí? Certo, só estou verificando. Estou no Centro de Visitantes vestindo o traje… É, vim no primeiro trem. Procurei no centro inteiro. Não tem ninguém aqui, só eu e alguns funcionários começando o expediente.

Ele ouviu no Gizmo durante um tempo e disse:

– Certo. Vou sair em quinze minutos… Está bem, aviso quando estiver lá fora.

Dale desligou.

– Bom, vou procurar o sabotador misterioso.

– Divirta-se.

– Terça-feira, oito da noite, no Hartnell’s.

– Certo – respondi.

Terminei de sair do traje com a ajuda de Dale. Depois o ajudei a vestir o dele.

Cheguei em casa e me deitei. Estava exausta. Até meu caixão parecia confortável. Tirei o Gizmo do alibiador. Verifiquei o histórico de internet e os e-mails. O dispositivo tinha feito o serviço.

Suspirei aliviada. Tinha me livrado. Mais ou menos. Poderia esperar algumas perguntas por parte do Rudy e do sindicato, mas estava com uma história pronta.

Havia uma mensagem do Trond no meu Gizmo:

Faltou um item na última entrega.

Mandei um texto de volta:

Desculpe o atraso. Estou dando um jeito de entregar o último pacote.

Entendido.

Eu precisava de um plano para a última colheitadeira antes de falar com Trond de novo. O que poderia fazer? Hora de bolar outro esquema. Não tinha ideia da forma que ele tomaria, mas precisava pensar em algo.

Quando percebi, estava acordando depois de um cochilo não programado. Ainda estava de sapatos e com o Gizmo na mão. Acho que a exaustão do dia e o sono de merda da noite anterior tinham me dominado. Olhei a hora e descobri que dormira por quatro horas.

Bom, pelo menos estava descansada.

Dei uma caminhada pela Conrad Térreo durante quase uma hora. Não era pela saúde. Precisava entrar na antessala da câmara de pressurização da bolha sem ser vista.

O RIC ainda estava num armário daquele lugar. Eu tinha prometido a Zsóka que iria devolvê-lo em dois dias, e esse prazo estava se esgotando. Só que toda vez que passava pela maldita câmara havia alguém por perto. Por isso continuei andando.

Também queria ficar longe do Sindicato de AEV durante um tempo. Eles tinham abandonado a busca depois de cinco horas. Nesse momento estariam investigando qualquer pessoa com acesso a um traje de AEV. Eu tinha minha atividade no Gizmo como álibi, mas preferiria não responder a nenhuma pergunta. Era melhor não interagir com o pessoal perto da câmara.

Depois de quatro voltas inteiras, finalmente consegui um momento em que não havia ninguém por perto. Entrei, balancei o Gizmo para abrir o armário, peguei o RIC e o controle remoto e dei o fora dali.

Estava com um sorrisinho presunçoso enquanto saía da antecâmara. Crime perfeito. Então trombei com Rudy.

Foi como bater numa parede de tijolos. Bom, não exatamente. Se você fosse numa velocidade suficiente, poderia danificar uma parede de tijolos. Larguei a maleta do RIC porque sou uma imbecil desajeitada.

Rudy a viu cair por um momento e casualmente a pegou no ar.

– Boa tarde, Jazz – disse ele. – Estive procurando por você.

– Nunca vai me pegar viva, policial.

Ele olhou para a maleta.

– Isso é um robô de inspeção de casco? Por que você precisa disso?

– Higiene feminina. Você não entenderia.

Rudy me devolveu o RIC.

– Precisamos conversar.

Pus Ricky embaixo do braço.

– Já ouviu falar em Gizmos? Dá para falar com pessoas de *qualquer lugar*.

– Suspeito que você não atenderia se eu ligasse.

– Ah, você sabe como é. Eu fico toda agitada quando um cara bonito liga. De qualquer forma, foi bom falar com você.

Comecei a andar. Esperei que ele agarrasse meu braço ou algo assim, mas ele só me acompanhou.

– Você sabe por que estou aqui, não sabe?

– Não faço ideia. É alguma coisa canadense? Você precisa pedir desculpa por alguma merda que não fez? Ou segurar uma porta aberta para alguém a 20 metros de distância?

– Presumo que você tenha ouvido falar das colheitadeiras da Sanchez…

– Quer dizer, a principal notícia em todos os sites locais? É, ouvi.

Ele cruzou as mãos às costas.

– Foi você?

Estampei minha melhor cara de choque.

– Por que eu faria algo assim?

– Essa seria minha próxima pergunta.

– Alguém me acusou?

Rudy balançou a cabeça.

– Não, mas eu presto atenção no que acontece na minha cidade. Você tem um traje de AEV

e é fora da lei. Pareceu um bom lugar para começar a investigar.

– Eu fiquei a noite inteira no meu caixão. Verifique as atividades no meu Gizmo se não acreditar. Dou permissão, só para poupar o trabalho de pedir que a administradora Ngugi autorize.

– Vou aceitar sua oferta. Além disso, tive um pedido do Bob Lewis, do Sindicato de AEV. Ele quer informações sobre onde todo mundo que tem um traje de AEV estava ontem à noite. Você me dá permissão para repassar seus dados a ele?

– Dou. Vá em frente. Isso deve encerrar o assunto.

– Talvez para Bob. Já eu sou uma alma cheia de suspeitas. Só porque o *seu* Gizmo estava no seu caixão a noite toda não significa que *você* estivesse. Você tem alguma testemunha?

– Não. Contrariando a opinião pública, geralmente durmo sozinha.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– O pessoal da Alumínio Sanchez está com raiva. O Sindicato de AEV também está incomodado.

– Não é problema meu.

Virei uma esquina sem avisar, para afastá-lo, mas ele continuou me seguindo. Devia saber que eu ia fazer isso.

Escroto.

– Posso propor uma coisa? – Ele pegou o Gizmo dele. – Pago 100 grades para me contar a verdade.

– Hein?

Ele digitou em seu Gizmo.

– Cem grades. Transferência direta da minha conta para a sua.

Meu Gizmo soltou um bipe. Tirei-o do bolso:

TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA DE RUDY DUBOIS: 100ğ. ACEITAR?

– O que você está fazendo? – perguntei.

– Pagando pela verdade. Vamos lá.

Recusei a transação.

– Isso é esquisito, Rudy. Eu já contei a verdade.

– Não quer 100 grades? Se já está me dizendo a verdade, apenas aceite o dinheiro e diga de novo.

– Vá embora, Rudy.

Ele me lançou um olhar de quem sabia das coisas.

– É. Foi o que pensei.

– Pensou o quê?

– Eu a conheço desde que você era uma criança delinquente. Você não quer admitir, mas é igual ao seu pai. Tem a mesma ética profissional dele.

– E daí? – Fiz beicinho e desviei os olhos.

– Você mentiria o dia inteiro se só estivéssemos conversando. Se eu *pagar* pela verdade, isso torna a coisa um negócio. E uma Bashara *nunca* trai um negócio.

Fiquei sem uma piada para retrucar. Isso é raro, mas acontece de vez em quando.

Ele apontou para Ricky.

– Esse RIC seria um ótimo modo de abrir uma comporta de pressurização sem autorização.

– Acho que sim.

– Primeiro você precisaria colocá-lo do lado de fora.

– Acho que sim.

– Você poderia tirá-lo disfarçadamente com uma AEV de turista.

– Quer chegar a algum lugar, Rudy?

Ele batucou no seu Gizmo.

– Não há câmeras de vigilância nas câmaras de pressurização. Não somos um estado policial. Só que há uma câmera de segurança na loja de suvenires do Centro de Visitantes.

Rudy virou a tela para mim. Ali estava eu, andando disfarçada pela loja de suvenires. Ele deu pausa no vídeo.

– Segundo a transação que ela fez para entrar no trem, o nome da mulher é Nuha Nejem. O estranho é que o Gizmo dela está desconectado. Ela é mais ou menos da sua altura, do seu peso e tem a mesma cor de pele, não acha?

Inclinei-me para olhar a tela.

– Você sabe que há mais de uma árabe baixinha na Lua, não sabe? Além disso, ela está usando um nicabe. Você já me viu *algum dia* usando roupas tradicionais? Não sou o que você chamaria de muçulmana devota.

– Ela também não. – Ele deslizou o dedo algumas vezes na tela. – O trem também tem câmera de segurança.

Agora o Gizmo dele mostrou um vídeo dentro do trem. O francês educado se levantou e me ofereceu seu lugar. Fiz uma reverência para ele e me sentei.

– O cavalheirismo não está morto – falei. – Bom saber!

– Os muçulmanos não fazem reverências para as pessoas. Nem Maomé deixava que alguém baixasse a cabeça para ele. Eles fazem reverência para Alá e mais ninguém. Nunca.

Merda. Eu realmente deveria saber disso. Talvez devesse ter prestado atenção quando era nova, antes que papai desistisse de me criar dentro da fé.

– Não sei o que dizer.

Rudy se encostou na parede.

– Dessa vez peguei você, Jazz. Isso não é um pequeno contrabando. É um dano de propriedade de 100 milhões de grades. Você vai ser deportada para a Terra.

Estremeci um pouco. Não de medo. De raiva. Aquele escroto não tinha nada melhor para fazer do que microadministrar minha vida?! *Me deixe em paz, porra!*

Acho que não disfarcei isso muito bem.

– Qual é o problema? Está sem uma das suas respostas inteligentes? – disse ele. – Você não fez isso por diversão. Tem toda a pinta de “trabalho encomendado”. Diga quem contratou você e eu dou uma palavrinha a seu favor com a administração. Assim impeço que seja deportada.

Eu o encarei sem dizer uma palavra.

– Qual é, Jazz. Só diga que foi Trond Landvik e podemos seguir com nossas vidas.

Tentei não reagir, mas fracassei. Como ele sabia disso?

Rudy decifrou minha expressão.

– Ele está vendendo ações de empresas na Terra para acumular um enorme saldo em grades. Deve estar planejando comprar alguma coisa em Artemis. Suponho que seja a Alumínio Sanchez.

Ele devia estar com uma vontade tremenda de pegar Trond. Estava disposto a deixar de lado a oportunidade de me mandar para Terra de uma vez por todas. Mesmo assim… entregar Trond? Não era o meu estilo.

– Não sei do que você está falando.

Rudy pôs o Gizmo de volta no bolso.

– Por que você está com um RIC?

– Vou entregar. Sou entregadora. É o meu trabalho.

– Quem mandou? E quem vai receber?

– Não posso contar. O sigilo das entregas é garantido. Tenho uma reputação a manter.

Rudy me encarou por um momento, mas não mudei a expressão.

Ele franziu a testa e deu um passo para trás.

– Ótimo. Mas isso não acaba aqui. Pessoas poderosas estão com muita raiva.

– Então estão com raiva de outra pessoa. Eu não fiz nada.

Para minha completa surpresa, ele se virou e saiu andando.

– Você vai se meter em encrenca. Quando isso acontecer, me ligue.

– O que…? – comecei, mas então fechei a boca.

Se ele não ia me prender, era melhor eu continuar calada.

Isso não fazia sentido. Havia anos que Rudy estava atrás de mim. As evidências que ele tinha eram bastante sólidas. O suficiente para convencer a administradora, eu tinha certeza. Ela chutaria meu rabo para a Terra sem pensar duas vezes.

Se Rudy realmente queria pegar Trond, por que não me prender? Se eu encarasse a deportação, teria muito mais probabilidade de entregar Trond, não é?

O que estava acontecendo?

Eu precisava de uma bebida. Parei no Hartnell's, sentei-me à mesa de sempre e sinalizei para Billy. Era hora de afogar o sofrimento em álcool e testosterona. Tomaria umas cervejas baratas, vestiria uma roupa sensual, iria para uma boate na Aldrin e voltaria com um cara bonito. Ei, até poderia fazer um teste com a camisinha do Svoboda. Por que não?

– Tudo bem, querida? – perguntou Billy. – Experimente essa. Fórmula nova.

Ele empurrou um copo de bebida na minha direção e abriu um sorriso de orelha a orelha.

Olhei para aquilo com suspeita.

– Billy, eu só quero uma cerveja.

– Experimente. Só um gole e sua primeira cerveja é por conta da casa.

Deliberei um momento, mas decidi que uma cerveja grátis era uma cerveja grátis. Tomei um gole da bebida.

Preciso admitir: fiquei surpresa. Achei que teria um gosto péssimo, como da última vez. Agora tinha um gosto péssimo de um modo totalmente novo. O sofrimento incandescente de antes sumiu, substituído por algo com um gosto horrendo de erva aromática. Cuspi.

Incapaz de falar, apontei para as torneiras de chope.

– Hummm – disse Billy.

Em seguida, tirou um copo e me entregou. Engoli o chope como se fosse uma viajante perdida no deserto que tivesse encontrado um oásis.

– Certo – falei enxugando a boca. – Certo. Aquilo era raiz-forte? Juro que havia raiz-forte dentro.

– Não, era rum. Quer dizer, extrato de rum e etanol.

– Como é que você começou com rum e acabou com isso?

– Vou fazer outra tentativa mais tarde. Deve ser alguma coisa no processo de remoção do etanol. Tenho uma vodca para experimentar se você estiver a fim.

– Talvez mais tarde. Agora quero outro chope.

Meu Gizmo vibrou. Mensagem de Trond.

Preocupado com aquele último pacote.

– Merda – murmurei.
Não tinha ideia de como destruir a última colheitadeira.

Estou dando os últimos toques no plano de entrega.

No momento sou um cliente insatisfeito. É necessário urgência na entrega.

Entendido.

Será que devo arranjar outro entregador? Se você estiver ocupada demais.

Franzi a testa para o Gizmo.

Não seja escroto.

Vamos conversar sobre isso pessoalmente. Estou disponível o dia inteiro.

Vou daqui a pouco.

Guardei o Gizmo de volta no bolso.
– Você não parece bem – avaliou Billy. – E não quero dizer bêbada.
– Problema com um cliente. Preciso resolver cara a cara.
– Cancelo o segundo chope, então?
Suspirei.
– É. Acho melhor.

Fui até a entrada principal da propriedade Landvik e toquei a campainha.

Não houve resposta. Hummm. Estranho. Onde estava Irina e sua carranca? Eu já havia bolado algumas gracinhas para dizer a ela.

Toquei de novo. Nada, ainda.

Foi então que notei o dano na porta. Uns pequenos arranhões na beirada. Franzi o cenho.

– Ah, qual é…

Empurrei a porta e olhei no saguão. Nenhum sinal de Irina ou Trond. Um vaso decorativo estava no chão ao lado do pedestal. Uma mancha de sangue na parede…

– Não! – gritei.

Girei nos calcanhares e voltei rapidamente para o corredor.
– Não, não, não!

Kelvin,
No próximo embarque vou precisar de 3 quilos de fumo, cinquenta pacotes de papel para enrolar, vinte isqueiros e dez latas de fluido de isqueiro.

Encontrei uma nova fonte de rendimentos: espuma isolante em spray. Por acaso é um negócio fantástico para isolamento acústico e, acredite, o barulho é um verdadeiro problema aqui. Especialmente nas piores áreas da cidade, como o lugar onde eu moro. A espuma é inflamável quando seca, por isso é considerada contrabando. Se pudéssemos vender o silêncio para o pessoal dos bairros baratos, eles pagariam qualquer coisa.

Quanto a encomendas especiais, consegui uma das boas. Ele quer charutos dominicanos La Aurora. É preciso fazer um pedido especial. Pague o que precisar para uma entrega expressa no Quênia. Vamos ordenhar esse cara. Ele provavelmente vai querer um lote novo todo mês, portanto faça um estoque.

Os lucros do mês passado foram 21.628ğ. Sua metade é 10.814ğ. Como você quer receber?

Como estão suas irmãs? Conseguiu resolver tudo com o escroto do ex-marido de Halima?

Jazz,
Certo, vou mandar todos esses itens no próximo transporte de suprimentos que vai sair daqui a nove dias. Grande ideia essa da espuma isolante. Vou procurar e encontrar a que tiver maior relação entre redução de ruído e massa, então mando uma caixa. Vamos ver se vende bem.

Por favor, converta a minha parte em euros e mande para a minha conta na Alemanha.

Sim, nós cuidamos do marido de Halima. Não está mais tentando conseguir a custódia do Edward. De qualquer modo, ele nem queria. Só queria uma grana. E eu dei. Graças a Deus temos nosso negócio, Jazz. Não faço ideia de como minha família viveria sem isso.

Kuki acabou de ir para a faculdade na Austrália. Vai estudar engenharia civil. Temos muito orgulho dela. Faith está tirando notas boas no ensino médio, mas está um pouquinho mais interessada nos garotos do que gostaríamos. E Margot vem se tornando uma tremenda atleta. Agora é centroavante titular do time de futebol.

Como vão as coisas na sua vida? E Tyler?

Kelvin,
Tyler é ótimo. É o homem mais doce e gentil com quem já estive. Não sou do tipo piegas e nunca pensei que diria uma coisa assim. Sério, talvez valha a pena casar com ele. Estamos juntos há um ano e eu ainda o amo. Isso é novidade para mim.

Ele é o oposto do Sean em todos os sentidos. Tyler é atencioso, leal, dedicado a mim e um doce. Além disso, não é pedófilo, o que é uma grande vantagem com relação a Sean. Meu Deus, nem consigo acreditar que já namorei aquele escroto.

Mudando de assunto, Dale está me ensinando a fazer AEV. É um ótimo professor. É um trabalho enorme e um negócio perigoso de aprender. E o Sindicato de AEV é mais fechado do que uma seita religiosa. Agora que eles sabem que estou treinando para me tornar um deles, começam a me ver com olhos melhores.

Cara, assim que eu conseguir o certificado de AEV, vou rolar na grana. O dinheiro que dá para ganhar com passeios é incrível!

E não sou só eu que vou me dar bem. Você também vai se beneficiar. Vou abandonar o trampo de entregadora e arranjar um emprego como recebedora de transportes. Então não terei mais que subornar o Nakoshi. Kelvin, meu camarada, o futuro é brilhante.

Jazz,
Que ótimo saber disso.

Houve um probleminha aqui na CEQ. Acabaram de anunciar que vão incrementar a programação de lançamentos. Como parte disso, vão expandir o departamento de carga paga. Vai haver outra equipe de carga trabalhando no mesmo horário da minha. Não posso estar nos dois lugares ao mesmo tempo, por isso vamos perder metade dos lançamentos.

Tenho uma ideia: o que acha de colocar mais uma pessoa no nosso grupo? Vou garantir que seja alguém em quem possamos confiar. Conheço um monte de carregadores que gostariam de uma grana extra. Não precisaríamos que fosse um sócio igualitário, mas talvez pagar uns 10%. O que acha?

Kelvin,
Para ser honesta, não estou empolgada com a ideia. Confio minha vida a você. Só que não conheço esses outros carregadores. Teríamos que falar detalhadamente sobre qualquer candidato. Quanto mais pessoas envolvidas, maior a chance de tudo desmoronar.

Mesmo assim, você tem razão sobre perder metade dos lançamentos. A cobiça é grande, não é?

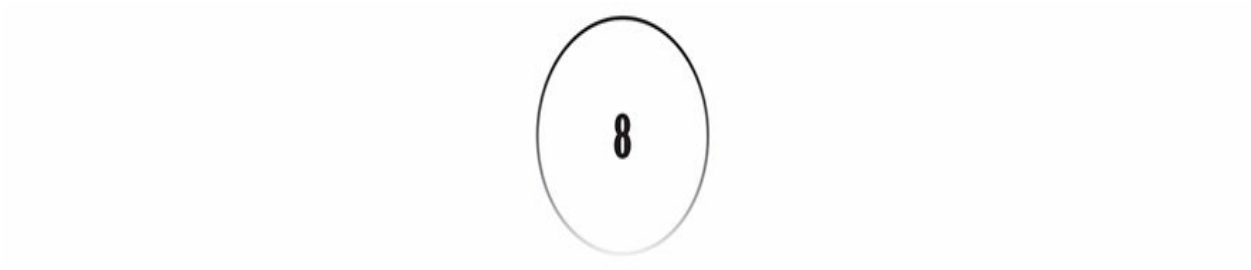
Jazz,
Que tal depois de você entrar para o Sindicato de AEV? Não teremos que pagar a parte do Nakoshi. Vai ser um efeito neutro e vamos poder expandir. O aumento na programação de lançamentos significa mais produtos para nós. Vamos nos dar bem.

Kelvin,
Gosto do seu modo de pensar. Certo, comece a procurar alguém. Por favor, seja discreto.

Jazz,
Discreto? Nunca pensei nisso. Hummm… Acho que eu deveria tirar aquele anúncio do quadro

de avisos da companhia.

Kelvin,
Engraçadinho.



Corri para longe da propriedade Landvik. Sem diminuir o passo, peguei meu Gizmo e mandei uma mensagem para Rudy:

Problemas na propriedade Landvik. Sangue. Vá para lá agora.

Ele mandou de volta:

Estou indo. Fique aí até eu chegar.
Não.

O Gizmo tocou, Rudy tentando ligar para mim. Ignorei e parti correndo a toda.

– Merda – sibilei. – Por que nunca pode ser fácil?

Eu só tocava o chão a cada 7 ou 8 metros. Chutava as paredes quando virava esquinas para não ter que diminuir a velocidade.

A vendinha do Alan era um lugar chique, considerando que vendia comida vagabunda e suvenires cafonas. Era menos uma loja de conveniência e mais uma loja de presentes num hotel – com preços adequadamente inflacionados. Eu não tinha tempo para escolher.

– Em que posso servi-la, senhora? – perguntou o funcionário.

Ele usava um terno com colete. Quem usa roupa formal numa loja de conveniência? Desconsiderei isso. Não era hora de ficar julgando.

Escolhi a maior bolsa que pude encontrar: um saco de pano com uma imagem da Lua. Muuuito original. Enfiei embalagens de comida vagabunda tiradas de cada prateleira, sem prestar atenção no que pegava. Tive uma vaga impressão de um bocado de barras de chocolate e vinte sabores de Grude seco. Mais tarde verificaria o que era.

– Senhora? – perguntou o funcionário.

Peguei uma garrafa d'água na geladeira, fui rapidamente ao balcão e levantei a bolsa.

– Tudo isso – falei. – Depressa.

O funcionário assentiu. Preciso admitir que ele foi muito rápido. Não fez perguntas, não falou nada. A cliente está com pressa? Está bem, então ele também tem pressa. Dou cinco estrelas à vendinha do Alan.

Assim que os itens estavam espalhados no balcão de modo que nenhum tocasse no outro, ele apertou um botão na caixa registradora. O computador identificou tudo e mostrou o total.

– São 1.451 grades, por favor.

– Meu Deus.

Eu não tinha tempo para discutir. Logo, o dinheiro seria inútil para mim. Balancei o Gizmo em cima da tela de pagamento e confirmei a transação.

Enfiei tudo na bolsa e saí correndo. Segui pelo corredor e digitei no Gizmo. Um diálogo de confirmação surgiu antes que a conexão fosse feita:

VOCÊ ESTÁ LIGANDO PARA A TERRA. O CUSTO É DE 31ğ POR MINUTO.
CONTINUAR?

Confirmei e ouvi o toque.

– Alô? – disse a voz com sotaque na outra ponta.

– Kelvin, é Jazz.

Virei uma esquina e fui pulando na direção do conector com a Bean. Depois de um atraso de quatro segundos chegou a resposta de Kelvin.

– Jazz? Você está ligando direto? Qual é o problema?

– Estou afundada em merda, Kelvin. Explico mais tarde, mas preciso criar uma identidade falsa agora. Preciso da sua ajuda.

Andei a toda velocidade pelo túnel, xingando a porcaria da demora na comunicação.

– Certo. O que posso fazer?

– Não sei quem pode estar atrás de mim, por isso não posso presumir que minhas informações bancárias estejam em sigilo. Preciso que você abra uma conta na CEQ com um nome falso para mim. Pago mais tarde, claro.

Quatro segundos irritantes mais tarde:

– Certo, entendi. Que tal mil dólares americanos? Vão ser umas 6 mil grades. E em que nome você quer?

– Seis mil grades está ótimo, obrigada. Ponha… não sei… algum nome indiano dessa vez? Que tal Harpreet Singh?

Parti pela Bolha Bean. A Bean era acima de tudo uma sonolenta comunidade-dormitório. Os corredores eram compridos e retos. Perfeitos para uma garota com pressa. Acelerei um bocado.

– Ok, vou fazer – disse Kelvin. – Vai demorar uns quinze minutos. Quando puder, me explique o que está acontecendo. Pelo menos diga se está em segurança.

– Um milhão de obrigadas, Kelvin. Farei isso. Câmbio, desligo.

Desliguei o Gizmo. Não fazia ideia do que estava acontecendo, mas com certeza não iria andar por aí com um rastreador enfiado no rabo.

Fui até o corredor principal da Bean Térreo. O hotel mais próximo se chamava Nascer da Lua. Nome bem idiota, se você pensar bem. Artemis é a única cidade existente que *não pode* ver a Lua nascer. Mas tudo bem. Qualquer hotel serviria.

Como eu tinha feito com Nuha Nejem, peguei um Gizmo de hotel para Harpreet Singh. Para os recepcionistas sem noção, uma árabe tem a mesma aparência de uma indiana.

Certo. Identidade falsa resolvida. Eu seria Harpreet Singh no futuro próximo. Por mais que fosse tentador ir para o quarto do hotel imediatamente, não estava disposta a me esconder em plena vista. Precisava ir para um lugar onde literalmente ninguém me veria.

Sabia onde.

HOMICÍDIO DUPLO EM ARTEMIS

O magnata Trond Landvik e sua guarda-costas Irina Vetrov foram encontrados mortos hoje na propriedade de Landvik na Bolha Shepard. Artemis só teve cinco outros assassinatos em sua história e este é o primeiro homicídio duplo na cidade lunar.

O policial Rudy DuBois, agindo com base em uma ligação anônima, encontrou os corpos às 10h14. A porta tinha sido arrombada e as duas vítimas foram mortas a facadas. As evidências indicam que Vetrov morreu tentando proteger o patrão e pode ter causado um dano significativo no agressor.

A filha de Landvik, Lene, estava na escola na hora do crime.

Os corpos foram transportados para a clínica da Dra. Melanie Roussel para exames patológicos.

Lene Landvik deve herdar a fortuna considerável do pai quando completar 18 anos. Até lá o espólio será administrado pela firma de advocacia Jørgensen, Isaksen & Berg, de Oslo. A herdeira não foi encontrada para comentar.

A matéria continuava, mas eu não queria ler mais. Coloquei o Gizmo no piso de metal frio. Encolhi-me num canto e abracei os joelhos. Tentei conter as lágrimas. Tentei mesmo. Minha fuga em pânico tinha me mantido ligada a um sentimento de objetividade. Assim que estava em segurança, a adrenalina se esvaiu.

Trond era um cara legal. Talvez um pouco dissimulado e usava aquele roupão idiota o tempo todo, mas era um cara legal. E um bom pai. Meu Deus, quem iria cuidar de Lene? Mutilada num acidente de carro na infância e órfã aos 16 anos. Meu Deus, que vida horrível. Claro, ela tinha dinheiro, mas…

Não era necessário um diploma em criminologia para deduzir que se tratava de vingança pela sabotagem. Quem fez aquilo também me queria morta. Talvez não soubessem que era eu a sabotadora, mas eu não apostaria minha vida nisso.

De modo que agora estava me escondendo de um assassino. Além disso, nunca receberia aquele milhão de grades, nem se destruísse a última colheitadeira. Trond e eu não tínhamos um contrato por escrito. Fiz tudo aquilo a troco de nada.

Tremi nos confins gelados do nicho de acesso. Eu já tinha estado ali, muito tempo atrás, quando era uma sem-teto. Dez anos lutando e agora tinha voltado ao ponto de partida.

Solucei nos joelhos. Baixinho. Foi outra habilidade que aprendi na época: chorar sem fazer muito barulho. Não queria que ninguém no corredor escutasse.

O nicho era um espaço triangular minúsculo com um painel removível para que os técnicos da manutenção pudessem chegar ao casco interno. Nem havia espaço suficiente para me deitar. Meu caixão era um *palácio* comparado com isso. Lágrimas ardiam no meu rosto enquanto congelavam. A Bean Inferior 27 era um lugar fantástico para se esconder, mas era gelado. O calor sobe, até na gravidade lunar. Por isso, quanto mais baixo você vai, mas frio fica. E ninguém coloca aquecedores nos nichos de manutenção.

Enxuguei o rosto e peguei o Gizmo de novo. Bom, era o Gizmo de Harpreet, mas você entendeu. Meu Gizmo estava no canto, sem a bateria. A administradora Ngugi só liberaria informações sobre a localização de um Gizmo se houvesse um bom motivo, mas “procurada para interrogatório sobre um homicídio duplo” parecia um motivo bastante bom.

Eu precisava tomar uma decisão imediatamente. Uma decisão que afetaria o resto da minha vida: procuraria Rudy?

Sem dúvida ele se importava mais com um assassinato do que com minha operação de contrabando. E eu estaria muito mais segura se simplesmente me entregasse. Ele podia ser um escroto, mas era um bom policial. Faria todo o possível para me proteger.

O problema é que ele procurava um motivo para me deportar desde que eu tinha 17 anos. Já sabia que Trond estava sacaneando a Alumínio Sanchez, por isso acho que não forneceria nenhuma informação útil. E eu presumi que a oferta de "anistia em troca de entregar Trond" já não estava mais em jogo. Trond estava morto. Por isso, se procurasse Rudy, eu:

a) daria a ele a prova necessária para me deportar;
b) não iria ajudá-lo a resolver os assassinatos.

Foda-se. Manter a cabeça baixa e a boca fechada era o único modo de sair dessa coisa viva e continuar morando na Lua.

Eu estava sozinha.

Olhei meus suprimentos. Comida e água para provavelmente alguns dias. Podia usar os banheiros públicos no fim do corredor quando ninguém estivesse olhando. Não iria ficar no nicho para sempre, mas por enquanto não queria ser vista. De jeito nenhum. Por ninguém.

Funguei para afastar as lágrimas e pigarreei. Então liguei para o número de papai usando um serviço de proxy local. Ninguém saberia que Harpreet Singh tinha ligado para Ammar Bashara. Ele atendeu.

– Alô?

– Pai, é Jazz.

– Ah, oi. Estranho, meu Gizmo não reconheceu o seu número. Como foi o projeto? Acabou de usar o equipamento?

– Pai, preciso que você me escute. Escute de verdade.

– Certo… Isso não parece bom.

– Não é. – Enxuguei o rosto de novo. – Você precisa sair de casa e ficar longe da loja. Vá para a casa de algum amigo. Só por uns dias.

– O quê? Por quê?

– Pai, eu fiz besteira. Fiz uma tremenda besteira.

– Venha cá. Vamos dar um jeito nisso.

– Não, você precisa sair daí. Você leu sobre os assassinatos? Trond e Irina?

– Sim, eu vi isso. Uma tremenda infeli…

– Agora os assassinos estão atrás de mim. Eles podem ir atrás de você para pressioná-lo porque você é a única pessoa com quem eu me importo. Portanto, dê o fora daí.

Ele ficou em silêncio por um tempo.

– Ok. Me encontre na oficina e vamos ficar com o imã Faheem. Ele e a família vão cuidar de nós.

– Não posso simplesmente me esconder, preciso descobrir o que está acontecendo. Vá para a casa do Faheem. Faço contato com você quando for seguro.

– Jazz. – A voz dele embargou. – Deixe isso com Rudy. É o serviço dele.

– Não posso confiar nele. Agora não. Talvez mais tarde.

– Venha para casa agora mesmo, Jasmine! – A voz dele tinha subido uma oitava inteira. – Pelo amor de Alá, não se meta com assassinos!

– Sinto muito, pai. Desculpe. Saia daí. Ligo quando isso acabar.

– Jasmi… – começou ele, mas eu desliguei.

Outro benefício do serviço de proxy: papai não podia me ligar de volta.

Fiquei encolhida no nicho pelo resto da tarde. Fui correndo ao banheiro duas vezes, mas só isso. Passei o resto do tempo apenas temendo pela vida e lendo compulsivamente o noticiário.

Acordei na manhã seguinte com cãibra nas pernas e as costas doloridas. É nisso que dá chorar até dormir. Quando você acorda, os problemas continuam lá.

Empurrei de lado o painel de acesso e rolei para o piso do corredor. Estiquei os músculos que reclamavam. Não passa muita gente na Bean Inferior 27, em especial de manhã tão cedo. Fiquei sentada no chão e fiz um desjejum saudável composto de Grude sem sabor e água. Deveria ter ficado escondida no nicho, só que não suportava mais o espaço apertado.

Claro, eu poderia simplesmente ficar escondida e esperar que Rudy pegasse o assassino, mas isso não ajudaria. Mesmo se ele tivesse sucesso, as pessoas que estavam por trás mandariam outro.

Dei mais uma mordida no Grude.

Tudo tinha a ver com a Alumínio Sanchez.

Dããã.

Por quê? Por que as pessoas estavam matando umas às outras por causa de uma indústria antiga que nem dava muito dinheiro?

Dinheiro. Sempre tem a ver com dinheiro. Então onde estava o dinheiro? Trond Landvik não tinha ficado milionário supondo coisas aleatórias. Ele queria fazer alumínio, tinha um motivo tangível, sólido. E, qualquer que fosse o motivo, acabou fazendo com que o matassem.

Essa era a resposta. Antes de eu deduzir *quem*, precisava deduzir *por quê*. E sabia por onde começar: Jin Chu.

Era o cara que estava na casa do Trond no dia em que entreguei os charutos. Ele era de Hong Kong, tinha uma caixa onde estava escrito “ZAFO” e tentara escondê-la de mim. Era só isso que eu sabia.

Pesquisei na internet, mas não consegui encontrar nada sobre ele. Quem quer que fosse, o cara era discreto. Ou tinha vindo a Artemis usando nome falso.

A entrega de charutos parecia ter acontecido séculos antes, mas fazia apenas cinco dias. Os transportes de passageiros vinham uma vez por semana e, nesse meio-tempo, não tinha havido nenhuma partida. Jin Chu ainda estava na cidade. Podia estar morto, mas ainda na cidade.

Terminei meu “café da manhã” e guardei a bolsa. Depois fechei o nicho, ajeitei o macacão amarrotado e saí andando.

Fui a um brechó na Conrad e comprei um tremendo figurino: uma minissaia vermelha tão curta que quase podia ser chamada de cinto, uma blusinha com lantejoulas que deixava a barriga de fora e os sapatos com os saltos mais altos que encontrei. Completei tudo com uma grande bolsa de couro envernizado.

Depois fui a um salão de cabeleireiro para um rápido penteado alto e… *voilà!* Agora eu era uma piranha. As garotas do salão reviraram os olhos enquanto eu me olhava no espelho.

A transformação era perturbadoramente fácil. Claro, eu tenho um corpo legal, mas gostaria que fosse necessário um esforço um *pouquinho* maior para eu ficar tão vagabunda.

Viajar é um saco. Mesmo se forem férias tipo uma vez na vida.

O dinheiro escorre como água na peneira. Você fica com jet lag. Fica exausta o tempo todo. Sente saudade de casa apesar de estar de férias. Mas todas essas chateações não são nada em comparação com a comida.

Vejo isso o tempo todo aqui. Os turistas adoram experimentar a culinária local. O problema é que nossa culinária é uma bosta. É feita de algas e sabores artificiais. Em alguns dias os americanos querem pizza, os franceses querem vinho e os japoneses querem arroz. A comida deixa a gente confortável. É como voltamos aos eixos.

Jin Chu era de Hong Kong. Ia acabar querendo comida cantonesa de verdade.

Os tipos de pessoas que têm reuniões presenciais com Trond são magnatas dos negócios ou, no mínimo, gente muito importante. Essas pessoas viajam um bocado. Aprendem a se instalar onde a comida é boa.

Portanto, temos um cara importante e viajado vindo de Hong Kong que quer comida de seu país. Um estabelecimento se encaixava perfeitamente: o Canton Artemis.

O Canton, um hotel cinco estrelas na Bolha Aldrin, atendia à elite chinesa. Os donos e administradores eram empresas de Hong Kong que forneciam uma experiência aconchegante para viajantes de alto nível. E, mais importante, tinham um bufê de café da manhã cantonês de verdade. Se você é de Hong Kong e tem dinheiro ilimitado, vai se hospedar no Canton.

Entrei no saguão chique e bem decorado. Era um dos poucos hotéis da cidade que tinham saguão de verdade. Acho que quando você cobra 50 mil grades por noite pode desperdiçar um pouco de espaço em apresentação.

Eu me destacava com meu look de prostituta. Algumas cabeças se voltaram na minha direção e depois se viraram de volta com desdém (se bem que as cabeças masculinas demoraram um pouco mais). Uma velha senhora asiática estava no balcão de recepção. Fui direto até ela sem qualquer vergonha. Por dentro, eu estava totalmente sem graça. Fiz o máximo para esconder isso.

A recepcionista me lançou um olhar dizendo que eu ofendia a ela e a seus ancestrais.

– Em que posso ajudá-la? – perguntou com um leve sotaque chinês.

– Tenho um encontro aqui. Com um cliente.

– Sei. E a senhora tem o número do quarto do cliente?

– Não.

– Tem a identificação do Gizmo dele?

– Não. – Tirei um estojo de pó compacto da bolsa e verifiquei o batom vermelho-rubi.

– Desculpe, senhora. – Ela me olhou de cima a baixo. – Não posso ajudar se não tem o número do quarto dele ou qualquer outra prova de que foi convidada.

Lancei a ela um olhar ferino (sou boa nisso).

– Ah, ele me convidou, sim. Por uma hora.

Larguei o pó compacto no balcão e remexi na bolsa. Ela se inclinou para longe do estojo como se pudesse contrair uma doença.

Peguei um pedaço de papel e li:

– Jin Chu. Canton Artemis. Distrito Galeria. Bolha Aldrin. – Guardei o papel. – Só ligue para o cara, está bem? Tenho outros clientes depois.

Ela franziu os lábios. Hotéis como o Canton não contatariam um hóspede só porque alguém dizia que iria encontrá-lo. Mas as regras eram violadas quando havia sexo envolvido. Ela digitou em seu computador e pegou o telefone.

Ouviu durante um tempo e desligou.

– Sinto muito. Ninguém atende.

Revirei os olhos.

– Diga a ele que ainda precisa pagar!

– Não farei isso.

– Deixa pra lá! – Peguei o pó compacto e o joguei de volta na bolsa. – Se ele aparecer, diga que estou no bar.

Saí pisando duro.

Então ele não estava ali. Eu podia ficar de tocaia no saguão – o bar tinha uma visão ótima da entrada –, mas isso poderia demorar o dia todo. Eu tinha outro plano em mente.

Aquela correção do batom não tinha sido só pela aparência. Eu tirei o estojo de pó compacto para ver a tela da recepcionista no espelho. Quando ela procurou Jin Chu, apareceu o número do quarto dele: 124.

Fui até o bar e me empoleirei no segundo banco a partir do canto. Acho que por hábito. Olhei para os elevadores do outro lado do saguão. Um segurança forte estava ali perto. Usava terno e sapatos bons, mas sei identificar um capanga.

Um hóspede apareceu, balançou o seu Gizmo e o elevador se abriu. O guarda olhou, mas não pareceu interessado.

Alguns segundos depois, um casal se aproximou. A mulher balançou seu Gizmo e a porta se abriu. O guarda deu um passo à frente e falou rapidamente com eles. Ela respondeu algo e ele voltou ao seu posto.

Não havia como entrar escondida no elevador. Você precisava ser hóspede ou estar com um hóspede.

– Em que posso ajudar? – perguntou uma voz atrás de mim.

Eu me virei para o barman.

– Vocês têm uísque Bowmore single malt 15 anos?

– Temos, senhora. Mas devo avisar que são 750 grades a dose.

– Sem problema. Arredonde para mil e fique com o troco. Cobre do meu namorado: Jin Chu, quarto 124.

Ele digitou na caixa registradora, confirmou que o nome combinava com o número do quarto e sorriu.

– Agora mesmo, senhora. Obrigado.

Olhei para o elevador e esperei que o guarda tirasse uma folga ou algo assim. O barman voltou com minha bebida. Tomei um gole. Ah, cara… Que coisa boa.

Derramei um pouquinho no chão, pelo Trond. Ele era um interesseiro dissimulado capaz de violar qualquer lei que o atrapalhasse, mas era bom para as pessoas de sua vida e não merecia ter morrido.

Certo. Como eu passaria pelo gorila no elevador? Distraí-lo? Provavelmente não daria certo. Ele era um segurança treinado. Seu trabalho era controlar o acesso. Provavelmente não cairia em papo furado. Será que eu poderia encontrar alguém alto e gordo e me esconder atrás da pessoa? Hummm, isso parecia um pouquinho “Buster Keaton” demais para dar certo.

Senti um tapinha no ombro. Um asiático de 50 e poucos anos se sentou ao meu lado. Usava terno com colete e um penteado horroroso, com fios esparsos tentando cobrir a careca.

– *Purai?* – perguntou ele.

– Hein?

– É… – Ele pegou seu Gizmo e o indicou. – *Purai?*

– Inglês? – perguntei.

Ele digitou no Gizmo e se virou para mim:

Preço?

– Ah.

Bom, era isso que eu conseguia por me vestir como uma prostituta e ficar parada num bar. Era bom saber que tinha uma carreira alternativa se o contrabando não desse certo. Olhei para os elevadores e seu guardião, depois de volta para o possível cliente.

– Duas mil grades – respondi.

Parecia razoável. Eu estava incrível naquela minissaia.

Ele assentiu e digitou a transação em seu Gizmo. Pus a mão em cima para impedi-lo.

– Depois – falei. – Pague depois.

Ele pareceu perplexo, mas concordou.

Levantei-me do banco e engoli meu Bowmore de uma vez só, algo que chocaria todo mundo na Escócia.

Meu amiguinho pegou meu braço como um cavalheiro e atravessamos o saguão. Chegamos aos elevadores, ele balançou o seu Gizmo e nós entramos de braços dados. O guarda olhou, mas não disse nada. Via esse tipo de coisa cem vezes por dia.

Você está provavelmente imaginando um hotel de luxo com 25 andares ou algo assim, mas lembre-se de que isso é a Bolha Aldrin. O Canton só tinha três andares. Meu cliente apertou o 1. Excelente, era o andar aonde eu precisava ir.

O elevador nos levou ao primeiro andar e saímos no corredor chique. Aqui tudo era decorado. Tapete macio, sancas no teto, pinturas nas paredes, a coisa toda. Cada porta tinha o número em relevo dourado.

Meu cliente me levou pelo corredor, passando pelo quarto 124. Paramos no 141. Ele balançou seu Gizmo junto à fechadura e a porta se abriu com um estalo.

Peguei meu Gizmo. Franzi os olhos para a tela vazia como se tivesse uma mensagem importante. Ele ficou olhando com interesse.

– Desculpe, preciso fazer uma ligação – falei.

Apontei para o Gizmo, para dar ênfase. Depois sinalizei para ele entrar no quarto. Ele assentiu e entrou.

Levei o Gizmo ao ouvido.

– Rocko? É, é Candy. Estou com um cliente. O quê? Ah, não, ela não fez isso!

Fechei a porta do quarto do Vovô para falar com meu cafetão em particular. Ele provavelmente esperaria uns quinze minutos antes de deduzir que eu tinha ido embora.

Claro, eu estava dispensando um empresário cheio de tesão, mas não tinha pegado o dinheiro dele. Eticamente estava tudo bem.

Fui até o quarto 124. Não havia mais ninguém no corredor. Certo, Jin Chu, vejamos o que você está aprontando.

Empurrei a porta. Um latino grisalho estava sentado na cama com o braço direito numa tipoia. Segurava uma faca de caça na mão esquerda.

– *Você!* – gritou.

– Ah… – comecei.

Ele me atacou.

Jazz,
Bom saber das vendas da espuma isolante. Você acertou em cheio! Vou mandar mais duas caixas no próximo transporte.

Tenho um candidato para ser nosso “empregado”. O nome dele é Jata Masai. É um assistente de carregamento contratado recentemente. É um sujeito amistoso, mas reservado. Recluso. Disse que tem mulher e duas filhas, mas é só isso que eu sei. Nunca almoça com os outros carregadores no refeitório. Prefere levar marmita. Para mim isso significa que tem pouco dinheiro.

Mulher. Dois filhos. Precisa de dinheiro. Assistente de carregador. Gosto disso. Ainda não o abordei, obviamente. Contratei uma investigadora particular para descobrir tudo sobre ele. Vou mandar o relatório assim que ela entregar. Se você gostar, vou recrutá-lo.

Como vão as coisas com Tyler?

Kelvin, Mande duas caixas de espuma isolante. Sim, envie o relatório sobre Jata quando estiver pronto.

Tyler e eu terminamos. Não quero falar sobre isso.



Minha mente entrou em velocidade máxima.

Certo, então havia um cara partindo para cima de mim com uma faca. Ele estava com um braço ferido, provavelmente por Irina. Isso significava que ele queria me matar também.

Irina era forte, treinada e armada. Mesmo assim, perdeu uma luta para esse cara. Que chance eu tinha? Não sei brigar. E correr também não era opção. Eu estava de salto alto e saia justa.

Tinha uma chance, e dependia de eu adivinhar onde ele daria a facada. Eu era uma garota desamparada, exposta, sem arma. Por que perder tempo? Bastaria cortar minha garganta.

Puxei a bolsa para a garganta bem a tempo de bloquear o ataque. Seu golpe, rápido como um relâmpago, cortou a bolsa e espalhou todo o seu conteúdo. Era o que aconteceria com minha garganta. Ele presumiu que eu estaria praticamente morta depois desse ataque, por isso se permitiu baixar um pouco a guarda.

Agarrei seu braço ruim com uma das mãos e dei um soco nele com a outra. Ele gritou de dor. Tentou outro golpe com a faca, mas eu me retorci, saindo do caminho. Continuei agarrada e me prendi à porta a fim de torcer o braço ferido o máximo que podia. Talvez, se a dor fosse bastante forte, ele se distraísse e eu pudesse fugir.

O homem berrou de fúria e usou o braço para me levantar do chão. Certo, isso não fazia parte do meu plano. Ele me levantou acima da cabeça e me jogou contra o piso do hotel. Era a minha chance. Ia doer, mas era uma chance.

Soltei o braço dele antes de bater no chão. Isso não diminuiu o golpe. Bati de lado. Minhas costelas explodiram de dor. Eu queria gemer, mas não tinha tempo. Estava livre – ao menos por um segundo.

Ele cambaleou. Antes estava com 55 quilos de Jazz no braço. De repente, esse peso caiu. Abri caminho pela dor nas costelas e me ajoelhei. Com toda a força que tinha, acertei as costas dele com o ombro. Desequilibrado, ele não esperava um ataque. Foi rolando para o corredor.

Caí para trás no quarto e fechei a porta com um chute. Ela se trancou automaticamente. Menos de um segundo depois, ouvi a primeira pancada sonora enquanto o cara tentava forçar a entrada.

Fui até a mesinha de cabeceira ao lado da cama e digitei no telefone.

– Recepção – respondeu uma voz imediatamente.

Tentei parecer em pânico. Não foi difícil.

– Estou no quarto 124 e tem um cara batendo com força na porta! Acho que ele está bêbado ou sei lá o quê. Estou com medo!

– Vamos mandar um segurança agora mesmo.

– Obrigada.

O assassino latino se jogou contra a porta pela segunda vez.

Fiquei de pé e fui mancando até lá. Espiei pelo olho mágico. Ele recuou e saltou de novo contra a porta. Outra pancada que chacoalhou tudo, mas a porta ficou intacta.

– Porta de metal, fechadura de metal! – gritei.

Ele tinha recuado para tentar de novo quando a porta do elevador no fim do corredor se abriu. O segurança fortão veio andando.

– Em que posso ajudá-lo, senhor?

Algumas outras portas se abriram. Hóspedes confusos observavam a ação. O latino não tinha sido exatamente discreto. Avaliou a situação e o segurança enorme. Não era uma coisa que ele pudesse resolver com uma facada. Olhou para a porta com desejo e foi embora.

O guarda ajeitou a gravata, veio andando e bateu à minha porta.

Abri uma fresta.

– Ah, oi?

– A senhora está bem? – perguntou ele.

– Estou. Foi só meio esquisito. Você não vai atrás dele?

– Ele tinha uma faca. É melhor deixar que ele vá embora.

– Sei.

– Vou ficar no corredor um tempo para garantir que ele não volte. Fique tranquila.

– Está bem, obrigada. – Fechei a porta.

Demorei um momento para me recuperar.

Ele estava no quarto de Jin Chu porque… Por quê? Não tinha como saber que eu viria. Não estava ali por minha causa. Devia ser por causa do Jin Chu.

Um assassino latino. E imagine só, a Alumínio Sanchez pertencia a brasileiros. Merda, sei que as empresas ficam putas da vida quando você destrói coisas delas, mas assassinato? *Assassinato?!*

Espiei de novo pelo olho mágico. O guarda estava ali perto. Eu estava mais segura do que estivera o dia todo. Certo. Hora de revistar o quarto.

Cara, deve ser maravilhoso ser rico. O quarto tinha cama king-size, uma estação de trabalho bem organizada num canto e um banheiro com chuveiro com água de reúso. Dei um suspiro. Meu sonho de ter uma casa legal tinha morrido junto com Trond.

Revirei o quarto. Não havia sentido em ser sutil. Encontrei as coisas que seriam de esperar para um empresário em viagem: roupas, itens de toalete *etc.* O que *não* encontrei foi um Gizmo. E, a julgar pela condição do quarto (pelo menos a condição em que estava antes de eu revirá-lo), não houve luta. Isso tudo era boa notícia para Jin Chu. Significava que ele provavelmente não estava morto. Hipótese mais provável: o assassino latino veio matá-lo, mas ele não se encontrava. Por isso esperou. Então eu apareci e arruinei tudo.

De nada, Jin Chu.

Eu já ia sair quando notei o cofre no armário. É uma das coisas em que a gente nem presta atenção. O cofre na parede tinha fechadura eletrônica com instruções sobre como ajustá-lo. Na verdade, era bastante simples. Ele começa desarmado. Você guarda suas coisas e estabelece o código. Então ele memoriza esse código até você ir embora do hotel.

Experimentei a maçaneta e não se abriu. Interessante. Quando um desses cofres não está sendo usado, costuma ficar aberto. Hora de virar arrombadora. Essas coisas não são feitas exatamente para proteger as joias da Coroa.

O conteúdo da minha bolsa destruída estava espalhado no chão. Encontrei o estojo de pó compacto e bati com ele várias vezes na palma da mão. Abri e encontrei o pó esmigalhado. Levantei-o até o cofre e soprei contra a superfície.

A maquiagem poeirenta e marrom nublou o ar em volta do cofre. Recuei e esperei até a nuvem se dissipar. A poeira demora muito para assentar em Artemis. Atmosfera mais gravidade baixa equivalem a partículas demorando uma eternidade para cair.

Depois que a área ficou limpa, dei uma boa olhada no teclado. Uma camada de maquiagem cobria tudo, mas três botões tinham mais poeira do que os outros: *0*, *1* e *7*. Eram os que tinham oleosidade de dedo. Num hotel como o Canton você pode apostar que eles limpavam tudo no quarto depois da saída do hóspede. De modo que esses números deviam ser os dígitos que Jin Chu escolheu para sua combinação.

Segundo as instruções do cofre, o código era de quatro dígitos.

Hummm. Um código de quatro dígitos com três números. Fechei os olhos e fiz uns cálculos. Seriam… 54 combinações possíveis. Segundo as instruções, o cofre iria travar se fossem digitadas três combinações incorretas consecutivas. Então os funcionários do hotel precisariam abri-lo com o código mestre.

Repassei na cabeça meu breve contato com ele. O sujeito estava no sofá de Trond… Bebeu café turco enquanto eu tomava chá preto. A gente falou sobre…

Ele era fã de *Star Trek.*

Digitei 1-7-0-1 e o cofre se abriu com um estalo. NCC-1701 era o número de registro da nave estelar *Enterprise*. Como eu sabia? Devo ter ouvido em algum lugar. Não esqueço as coisas.

Abri a porta do cofre e encontrei a misteriosa caixa branca, a que Jin Chu tinha tentado esconder de mim. Do lado de fora ainda estava escrito AMOSTRA ZAFO – APENAS USO AUTORIZADO. Certo. Agora estávamos chegando a algum lugar.

Abri a caixa e descobri… um cabo?

Era só um cabo enrolado, com cerca de 2 metros de comprimento. Será que alguém teria retirado o dispositivo secreto e deixado o cabo de força para trás? Por quê? Por que não levar a caixa toda?

Olhei o cabo com mais atenção. Na verdade, não era um cabo de força. Era de fibra ótica. Então era para dados. Que dados?

– Certo. E agora? – perguntei a mim mesma.

A porta soltou um bipe e se abriu. Svoboda entrou em sua quitinete e largou o Gizmo na prateleira perto da porta.

– Oi, Svobo – falei.

– *Svyate der'mo!* – Ele pôs a mão no peito, assustado.

Eu tinha contrabandeado tantos produtos químicos para Svoboda no decorrer dos anos que ele tinha me dado o código da fechadura do seu apartamento. Era mais fácil fazer as entregas assim.

Recostei-me na cadeira da sua escrivaninha.

– Preciso de um trabalho seu.

– Meu Deus, Jazz! Por que você está no meu apartamento?

– Estou escondida.

– O que aconteceu com o seu cabelo?

Eu tinha vestido de novo as roupas normais, mas ainda estava com o penteado de puta.

– É uma longa história.

– Isso aí é purpurina? Você está com purpurina no cabelo?

– *É uma longa história!* – Peguei na bolsa um quadrado de chocolate embrulhado e joguei para ele. – Aqui. Li em algum lugar que a gente sempre deve trazer um presente quando visita um ucraniano.

– Uh! Chocolate! – Ele pegou a iguaria e desembrulhou. – Rudy passou hoje no laboratório perguntando por você. Não disse por quê, mas andam falando que você está envolvida naqueles assassinatos.

– O cara que matou os dois quer me matar.

– Eita. Isso é sério. Você deveria procurar Rudy.

Balancei a cabeça.

– Para me deportarem? Não, obrigada. Não posso confiar nele. No momento não posso confiar em ninguém.

– Você está aqui. – Ele sorriu. – Então confia em mim?

Nunca tinha me ocorrido *não* confiar no Svoboda. Ele era "Svoboda" demais para ser sinistro.

– Acho que confio.

– Incrível! – Ele partiu o chocolate ao meio e me entregou metade. Jogou a outra parte na boca e saboreou. – Ah, ei – disse de boca cheia. – Conseguiu testar a camisinha?

– Não, não fiz sexo nos *dois dias* desde que você me deu a camisinha.

– Certo, certo.

Peguei a caixa de ZAFO e joguei para ele.

– Preciso que você me diga o que é isso.

Ele a pegou no ar e leu a etiqueta.

– Hum... ZAFO. Você perguntou sobre isso antes.

– É. Agora tenho uma amostra. O que você sabe?

Svoboda abriu a caixa e pegou o cabo.

– É um cabo de dados, de fibra ótica.

– Para quê?

– Nada.

– O quê?

O ucraniano levantou as duas pontas do cabo.

– Isso não são conectores. São coberturas. Esse cabo não pode ser usado para nada. Pelo menos sem conectores.

– Então de que adianta? É só um cabo inútil?

– Não faço ideia. – Ele o enrolou e colocou de volta na caixa. – Está relacionado com os assassinatos?

– Talvez. Não sei.

– Vou levar ao laboratório agora mesmo. Respondo hoje à noite.

Peguei o Gizmo de Harpreet.

– Duas mil grades?

– O quê? – Ele me encarou como se eu tivesse mijado no túmulo da mãe. – Não. Nada. Não vou cobrar. Meu Deus.

– O que foi?

– Você está encrencada. Estou ajudando porque você é minha amiga.

Abri a boca, mas não consegui pensar no que dizer.

Ele pegou seu Gizmo na prateleira.

– Presumo que você esteja usando identidade falsa. Me dê o número.

Compartilhei com ele minhas informações de contato. Ele assentiu rapidamente quando seu Gizmo as recebeu.

– Certo, Harpreet, ligo quando tiver alguma coisa.

Nunca o vira tão chateado.

– Svoboda, eu…

– Esqueça. Tudo bem. – Ele forçou um sorriso. – Só achei que era óbvio, só isso. Precisa de algum lugar para ficar?

– Ah, não. Tenho um esconderijo.

– Claro que tem. Tranque a porta quando sair.

Ele foi embora um pouco mais depressa do que o necessário.

Merda. Eu não tinha tempo para entender um ego masculino ou sei lá o que era aquilo. Precisava ir depressa para minha nova armação.

– Ok – murmurei sozinha. – Vejamos como são suas conexões…

A noite é o período mais movimentado no Distrito Galeria. É quando os ricos vêm brincar. Recém-alimentados e alcoolizados, partem para as lojas, os casinos, os bordéis e os teatros. (Se você nunca viu acrobacia lunar, não sabe o que está perdendo. Tremendo show.) Era perfeito. Gente *em toda parte*. Exatamente do que eu precisava.

A Praça da Galeria (que é um círculo) ficava na Aldrin Térreo, bem no meio de tudo. Havia apenas alguns bancos e algumas árvores em vasos. O tipo de coisa que você vê em toda praça da Terra, mas aqui é um luxo incrível.

Olhei em volta e não vi meu assassino latino em lugar algum. Era muito útil ele estar com uma tipoia. Facilitava a identificação. Algum dia, quando eu morresse e fosse para o inferno, iria agradecer a Irina por feri-lo.

Bêbados e farristas cruzavam a praça. Turistas lotavam os bancos e conversavam ou tiravam fotos uns dos outros. Peguei meu Gizmo e liguei.

E quando digo “meu Gizmo” quero dizer meu Gizmo *de verdade*. Ele se acendeu e mostrou o papel de parede familiar: a foto de um filhotinho de Cavalier King Charles. O que foi? Eu gosto de cachorrinhos.

Pus o Gizmo discretamente no chão e o chutei para baixo de um banco ali perto.

A isca estava pronta. Agora vejamos se alguém vinha morder.

Fui até o Cassino Lassiter. Janelas amplas davam para a Praça da Galeria, de modo que eu poderia observar de longe. Além disso, tinha um bufê a preços razoáveis no terceiro andar, perto das janelas.

Paguei com o Gizmo de Harpreet pelo bufê de “todo o Grude que você puder comer”.

O truque com o Grude é ficar longe de coisas que tentam ter gosto de outras. Não pegue o sabor “Frango Tandori”. Vai ficar desapontado. Pegue a “Formulação Myrtle Goldstein nº 3”. É melhor. Não faço ideia de quais são os ingredientes. Pelo que sei podem ser carcaças de cupim com pelos de axilas italianas. Não me incomodo. Torna o Grude palatável, e é isso que importa.

Levei a tigela até uma mesa perto da janela e me sentei. Comi um pouquinho de Grude e bebi água, jamais afastando o olhar do banco onde tinha posto o Gizmo. Depois de um tempo ficou chato, mas continuei de tocaia.

Será que meu amigo latino encontraria o meu Gizmo? Se pudesse, isso me daria uma ideia de até que ponto ele era poderoso. Significaria que ele tinha conexões.

– Posso me sentar com você? – perguntou uma voz familiar atrás de mim.

Virei a cabeça bruscamente para olhar.

Rudy. Merda.

– Ahn… – falei com eloquência.

– Vou aceitar isso como um sim. – Ele se sentou e colocou uma tigela de Grude na mesa. – Como você pode imaginar, tenho algumas perguntas.

– Como me encontrou?

– Rastreei seu Gizmo.

– É, mas ele está lá embaixo! – Apontei para as janelas.

Ele olhou por cima da Galeria.

– Imagine minha surpresa quando seu Gizmo apareceu no meio da Praça da Galeria. É descuido demais. Não parecia coisa sua.

Rudy comeu um bocado de Grude.

– Por isso achei que você estaria vigiando de longe. Esse é um bufê bom e barato, e um ponto de observação perfeito. Não foi difícil deduzir.

– Bom, você é o Sr. Espertinho mesmo, hein? – Fiquei de pé. – Estou indo.

– Sente-se.

– Não, acho que não.

– *Sente-se*, Jazz. – Ele me lançou um olhar. – Se acha que eu não derrubo você aqui e agora, pense de novo. Coma o seu Grude e vamos conversar.

Me acomodei de volta na cadeira. De jeito nenhum poderia enfrentar Rudy numa briga. Tentei uma vez, quando tinha 17 anos e era uma idiota de merda. Não me saí bem. O cara tinha músculos de ferro. Magníficos músculos de garanhão de ferro. Será que ele malhava? Tinha que malhar, não é? Imaginei como ele era, malhando. Ficaria suado? Claro que ficaria suado. O suor iria escorrer por aqueles músculos e pingar…

– Sei que você não cometeu os assassinatos – disse ele.

Voltei à realidade.

– Ah, aposto que você diz isso a todas as garotas.

Ele apontou a colher para mim.

– Mas sei que você explodiu as colheitadeiras da Sanchez.

– Não tive nada a ver com aquilo.

– Você espera que eu acredite que a sabotagem, os assassinatos e sua fuga não estão relacionados? – Ele pegou um bocado de Grude na tigela e comeu com modos perfeitos à mesa. – Você está no meio disso tudo, por isso quero saber o que você sabe.

– Você sabe tudo que eu sei. Você deveria resolver os assassinatos em vez de tentar se vingar de mim.

– Estou querendo salvar a sua vida, Jazz. – Ele pôs o guardanapo na mesa. – Tem alguma ideia de quem você desafiou com aquela sabotagem?

– *Suposta* sabotagem.

– Você sabe quem é *dono* da Alumínio Sanchez?

Dei de ombros.

– Alguma empresa brasileira.

– O dono é O Palácio, o maior e mais poderoso cartel do crime organizado no Brasil.

Congelei.

Merda, merda, merda, merda!

– Sei. É um pessoalzinho despeitado, não é?

– É. Eles são do tipo de máfia antiquada, do gênero “mato você só para marcar posição”.

– Espere aí… Não, não pode ser. Nunca ouvi falar desses caras.

– É possível, simplesmente possível, que eu saiba mais sobre o crime organizado na minha cidade do que você.

Levei as mãos à testa.

– Você só pode estar de sacanagem comigo. Por que a máfia brasileira tem uma empresa de alumínio na Lua?! A indústria do alumínio vai de mal a pior!

– Eles não estão nisso pelo lucro. Usam a Alumínio Sanchez para lavar dinheiro. As grades de Artemis são uma espécie de moeda desregulamentada, pouco rastreada, e a cidade tem uma verificação de identidade insignificante, na melhor das hipóteses. Somos um porto perfeito para a lavagem de dinheiro.

– Ah, meu Deus…

– Você tem uma coisa a seu favor: eles não têm presença forte aqui. Isso não é uma “operação” para O Palácio. É só uma rota de contabilidade criativa. Mas parece que eles têm pelo menos um matador no local.

– Mas… – comecei. – Espere aí… Me deixe pensar nisso…

Ele pousou as mãos na mesa e esperou educadamente.

– Certo – falei. – Alguma coisa não bate. Trond sabia sobre O Palácio?

Rudy tomou um gole d’água.

– Tenho certeza de que sim. Ele era o tipo de cara que pesquisa tudo antes de agir.

– Então por que ele sacaneou intencionalmente um enorme cartel do crime organizado para assumir o controle de uma indústria falida?

Pela primeira vez na vida vi confusão no rosto de Rudy.

– Está perplexo? – perguntei.

Olhei para a Galeria e fiquei imóvel. Lá estava o assassino. Ao lado do banco onde eu tinha escondido o Gizmo.

Acho que Rudy viu a cor sumir do meu rosto.

– O que foi? – perguntou ele.

Em seguida, acompanhou meu olhar através da janela.

Lancei um olhar raivoso para ele.

– O assassino é aquele cara com o braço na tipoia! Como ele sabe onde meu Gizmo está?

– Não sei… – começou Rudy.

– Você sabe o que mais o crime organizado faz? Suborna policiais! Como aquele cara rastreou meu Gizmo, Rudy?!

Ele levantou as duas mãos.

– Não faça nada precipitado…

Fiz algo precipitado. Virei a mesa e dei no pé. Rudy precisaria lutar contra uma mesa tombando lentamente antes de poder me perseguir.

Eu tinha bolado a rota de fuga com antecedência, claro. Atravessei direto o piso do cassino e passei por uma porta “Somente Funcionários Autorizados” nos fundos. Eles deveriam mantê-la sempre trancada, mas nunca faziam isso. Dava nos principais corredores de serviço que ligavam todos os cassinos da Aldrin. Eu conhecia bem esses túneis – tinha feito centenas de entregas ali. Rudy nunca me pegaria.

Só que… ele não estava me perseguindo.

Parei derrapando no corredor e olhei para a porta. Não sei por quê. Acho que não estava pensando bem. Se Rudy tivesse vindo atrás de mim, eu teria perdido um valioso tempo de sebo nas canelas. Mas ele não apareceu.

– Hã?

Incorporei minha persona "mulher burra em filme de terror" e voltei para a porta. Abri uma fresta e espiei. Nenhum sinal do Rudy, mas uma multidão tinha se reunido perto do bufê.

Voltei de fininho pelo cassino e me juntei às pessoas. Elas tinham bons motivos para olhar.

A janela perto da nossa mesa estava despedaçada. Alguns pedaços de vidro serrilhado se projetavam da moldura. Não temos vidro de segurança aqui. Importar polivinil butiral é caro demais. Assim, nossas janelas são boas e antiquadas armadilhas mortais capazes de cortar pescoços. Ei, se você quiser segurança, não more na Lua.

Um turista americano na minha frente mordiscou uma barra de Grude e esticou o pescoço para enxergar por cima do pessoal (só americanos usam camisas havaianas na Lua).

– O que aconteceu? – perguntei.

– Não sei bem – respondeu ele. – Um cara deu um chute na janela e pulou. São três andares até o chão. Será que ele morreu?

– Gravidade lunar – lembrei.

– São uns 10 metros!

– A gravidade lunar… Deixa pra lá. O cara estava usando uniforme da Polícia Montada?

– Quer dizer, roupas vermelhas e um chapéu esquisito?

– Esse é o uniforme *cerimonial* – expliquei. – Estou falando do uniforme de serviço. Camisa clara, calça escura com uma listra amarela?

– Ah, calça tipo Han Solo. É, ele estava usando uma.

– Certo, obrigado.

A calça do Han Solo tinha uma listra *vermelha*. E nem era uma listra, eram traços. Francamente… Certas pessoas não têm carinho pelos detalhes.

Rudy não tinha me perseguido. Ele foi atrás do assassino. A entrada pela Galeria ficava três andares abaixo e do outro lado de um saguão enorme. Seriam necessários pelo menos dois minutos para Rudy chegar lá por meios convencionais. Acho que ele tinha escolhido a rota mais rápida.

Olhei para a Galeria junto com os outros curiosos. Rudy e o assassino latino pareciam ter sumido muito tempo antes. Que pena: eu adoraria ver Rudy enchendo aquele sacana de porrada e o algemando.

Acho que isso significava que Rudy não fazia parte de uma trama para me matar. E agora o latino com a tipoia precisava lidar com Rudy. No total, não era um resultado ruim.

Não que eu estivesse feliz. Ainda não sabia como ele havia encontrado meu Gizmo.

Meu esconderijo na Bean Inferior 27 mal dava para dormir e era pequeno demais para qualquer outra coisa.

Por isso me sentei no chão do corredor. Nas raras ocasiões em que escutava alguém vindo, entrava no meu buraco como uma barata. Na maior parte do tempo tinha o corredor só para mim.

A primeira coisa que eu queria saber: Rudy pegou o cara? Examinei os sites de notícias locais e a resposta foi não. Os assassinos são extremamente raros em Artemis. Se Rudy pegasse o matador, isso sairia em todas as primeiras páginas. O cara ainda estava solto.

Hora de pesquisar um pouco. Assunto: Alumínio Sanchez. Digitei no Gizmo de Harpreet

para procurar informações públicas sobre a empresa.

Eles tinham uns oitenta funcionários. Pode não parecer muita coisa, mas numa cidade de dois mil habitantes é bem significativo. Sua presidente e fundadora era Loretta Sanchez, de Manaus, Brasil. Era doutora em química com especialização em processos inorgânicos. Inventou um sistema para implementar de modo barato o Processo FFC Cambridge para desoxidar anortita minimizando a perda no banho de sal de cloreto de cálcio através de… Parei de me importar por aí. O negócio é que ela estava no comando e, ainda que a matéria não mencionasse, era mafiosa.

Claro, a sabotagem das colheitadeiras aparecia em todos os noticiários. Por isso, Sanchez havia implementado uma forte segurança. Seus escritórios na Bolha Armstrong não permitiam mais visitas. Tinham restringido o acesso à refinaria apenas ao pessoal central. Até mesmo colocaram seres humanos (e não somente computadores) verificando a identidade dos funcionários no trem para a refinaria.

Mais importante, eles não estavam correndo mais nenhum risco com aquela última colheitadeira. Haviam contratado o Sindicato de AEV para vigiá-la, com peritos trabalhando em turnos para que houvesse duas pessoas com a colheitadeira o tempo todo.

Havia certo orgulho em saber que eu conscientemente tinha feito com que toda uma empresa ficasse se cagando de medo. Eles tinham tentado me matar. Repetidamente. E não era só uma coisa do Palácio. Alguém na sala de controle da Sanchez ordenara que uma colheitadeira me esmagasse quando eu estava na superfície, lembra? Tinha algo de *muito errado* na cultura empresarial deles.

Sacanas.

O Gizmo vibrou na minha mão: uma notificação do meu serviço de e-mail.

Eu podia estar fugindo para proteger a vida, mas não me sentia disposta a ficar sem e-mail. Só queria que ele passasse por um proxy para que ninguém soubesse qual Gizmo eu usava para verificá-lo. O servidor de proxy ficava em algum lugar na Terra (acho que na Holanda), de modo que tudo acontecia numa lentidão de merda. O sistema era atualizado uma vez por hora. Melhor do que nada.

Eu tinha quinze mensagens, catorze de papai tentando entrar em contato comigo desesperadamente.

– Desculpe, pai – falei comigo mesma. – Você não quer nada disso e eu não quero nada disso em cima de você.

O décimo quinto e-mail era de Jin Chu.

> Srta. Bashara. Obrigado por salvar minha vida. Suas ações no hotel me mantiveram em segurança. Presumo que a mulher que estava no meu quarto era você. Você é a única outra pessoa (sobrevivente) envolvida nesta trama que fracassou. Agora que sei da ameaça, fiz arranjos para a minha segurança e estou escondido. Podemos nos encontrar? Gostaria de cuidar da sua segurança também. Eu lhe devo isso.
>
> – Jin Chu

Interessante. Repassei algumas hipóteses na cabeça e bolei um plano.

> Ok. Pode me encontrar na oficina de solda do meu pai amanhã às 8h. O endereço é CI6-3028. Se você não estiver lá às 8h05, vou embora.

Marquei um alarme para as quatro da manhã no meu Gizmo e me arrastei para o buraco de rato.



O chato nas situações de vida e morte é como elas podem ser tediosas.

Esperei na oficina de papai durante três horas. Não precisava chegar às cinco da manhã, mas de jeito nenhum deixaria Jin Chu aparecer antes de mim.

Encostei uma cadeira na parede dos fundos da oficina, ao lado do abrigo de ar onde tinha fumado meu primeiro cigarro escondida. Lembro que quase vomitei nesse dia, mas, quando você é uma adolescente rebelde e acha que está mostrando atitude, vale a pena. “Toma essa, pai!”

Meu Deus, eu era uma merdinha.

Eu olhava o relógio da parede a cada dez segundos à medida que o horário marcado se aproximava. Fiquei mexendo num maçarico portátil para passar o tempo. Papai o usava para encolher lacres em encaixes de tubo. Não era “solda”, mas era preciso fazer isso em uma sala à prova de fogo, por isso ele também oferecia esse tipo de serviço.

Mantive o dedo perto do gatilho de ignição. Não era uma arma (não havia armas de fogo em Artemis), mas poderia machucar alguém que chegasse perto demais. Queria estar preparada para qualquer coisa.

A porta do outro lado se abriu às oito em ponto. Com muita cautela, Jin Chu entrou. Encolheu os ombros e olhou em volta como uma gazela apavorada. Ele me viu no canto e acenou desajeitado.

– Ah… oi.

– Você é pontual. Obrigada.

Ele se adiantou.

– Claro, eu…

– Fique aí. Não estou me sentindo confiante hoje.

– É, certo, certo. – Ele inspirou e soltou o ar de modo desigual. – Olha, eu sinto muito, mesmo. A coisa não deveria ter acontecido daquela maneira. Pensei que poderia ganhar uns trocados, sabe? Tipo uma comissão por indicação.

Joguei o maçarico de uma das mãos para a outra. Só para garantir que ele visse.

– Em troca de quê? O que está acontecendo aqui?

– Por contar a Trond e ao Palácio sobre a ZAFO. Em transações separadas e confidenciais, é claro.

– Sei. – Franzi a testa para aquele falso. – E depois você ganhou *mais* dinheiro vendendo Trond ao Palácio quando as colheitadeiras deles
explodiram?

– Bom, sim. Mas isso não iria ficar em segredo. Assim que ele pegasse o contrato de

oxigênio, eles deduziriam.

– Como eles descobriram que eu fiz a sabotagem?

Ele olhou para os pés.

Urrei.

– Você é um *babaca*!

– Não foi culpa minha! Eles me ofereceram muito dinheiro!

– Como você ficou sabendo que fui eu?

– Trond me contou. Ele gostava de falar quando ficava bêbado. – Jin franziu a testa. – Ele era um cara legal. Não achava que alguém fosse se machucar, só…

– Você denunciou um bilionário para um cartel mafioso e achou que nada aconteceria? Ah, vai se foder!

Ele ficou se remexendo por alguns segundos.

– Então… você está com a amostra da ZAFO? A caixa do meu quarto de hotel?

– Estou. Não aqui, mas está em segurança.

– Graças a Deus. – Ele relaxou um pouco. – Onde está?

– Primeiro diga o que é ZAFO.

Jin Chu se encolheu.

– É segredo.

– Já passamos da fase dos segredos, não acha?

Ele parecia realmente magoado.

– É que… custou um *monte* de dinheiro fazer aquela amostra. Precisamos lançar um satélite especial com uma centrífuga para produzi-la na órbita baixa da Terra. Vou ser *super-hiperdemitido* se for para casa sem ela.

– Caguei para o seu emprego. Pessoas foram *assassinadas*! Diga por quê!

O chinês soltou um longo suspiro.

– Desculpe. Eu sinto muito. Não queria que nada disso acontecesse.

– Peça desculpas a Lene Landvik. Além de adolescente aleijada, agora é órfã.

Lágrimas surgiram nos olhos dele.

– Não… Eu preciso me desculpar com você também.

A porta se abriu de novo. Canhotinho entrou. Seu braço direito ainda estava na tipoia. O esquerdo tinha uma faca que poderia me estripar feito uma truta.

– Sinto muito – disse Jin Chu aos prantos. – Eles iam me matar. O único jeito de me pouparem era esse.

Apertei o gatilho e o maçarico se acendeu. Segurei-o com o braço estendido na direção de Canhotinho, que se aproximava.

– Que parte da sua cara você quer que vire *crème brûlée*, seu escroto?

– Vai se arrepender se tornar a coisa difícil – disse Canhotinho. Ele tinha um forte sotaque. – Isso pode ser rápido. Não precisa doer.

Jin Chu cobriu o rosto e chorou.

– E eu vou ser demitido!

– Que merda! – gritei para ele. – Quer parar de choramingar por causa dos seus problemas enquanto estou sendo assassinada?

Peguei um cano na bancada. Havia uma coisa estranha em estar na Lua lutando pela vida com um cano e um pouco de fogo.

Canhotinho sabia que, se desse uma estocada, eu poderia bloquear o golpe com o cano e mandar o maçarico na cara dele. O que não sabia é que eu tinha um plano mais elaborado.

Mandei o cano com toda a força contra uma válvula na parede. O clangor de metal contra metal foi seguido pelo chiado agudo de ar em alta pressão. A válvula voou pela sala e bateu na parede oposta.

Enquanto Canhotinho parava para considerar por que eu tinha feito aquilo, saltei para o teto (aqui não é difícil – uma pessoa mediana consegue pular 3 metros de altura) e acertei um sensor de incêndio com o maçarico.

Luzes vermelhas piscaram e o alarme de incêndio ressoou na sala. A porta se fechou atrás de Jin Chu. Ele girou bruscamente, em choque.

Assim que pousei, pulei dentro do abrigo de ar e fechei a porta. Canhotinho veio logo atrás, mas não me alcançou a tempo. Girei o volante para me trancar. Então enfiei o tubo nos raios do volante e segurei a outra ponta.

Canhotinho tentou girar o volante pelo outro lado, mas não podia suplantar minha vantagem com a alavanca. Ele me olhou furioso pela janelinha redonda do abrigo. Como resposta, mostrei o dedo médio para ele.

Dava para ver Jin Chu agarrado à porta, tentando sair. Claro que não adiantava. Era a porta de uma sala à prova de fogo: de metal maciço, trancada com um fecho mecânico que só podia ser aberto por fora.

O turvo fluxo de ar da válvula quebrada diminuiu e parou. As válvulas da parede de papai se conectavam a cilindros de gás que ele enchia todo mês.

Canhotinho foi até a bancada e pegou uma barra de aço comprida. Voltou ofegando para o meu abrigo. Eu me preparei para um cabo de guerra de vida e morte. Mas eu tinha uma coisa e ele não: oxigênio.

Saca o gás que tinha acabado de encher a sala? Neônio. Papai havia montado válvulas para neônio porque o usava demais para soldar alumínio.

O sistema anti-incêndio tinha lacrado as entradas de ar, por isso a oficina estava cheia de gás inerte. Você não nota o neônio quando o respira. Parece ar normal. E o corpo humano não tem como detectar a *falta* de oxigênio. Você só vai em frente até apagar.

Canhotinho caiu de quatro. Estremeceu um pouco e desmoronou no chão.

Jin Chu demorou um pouco mais. Não tinha se esforçado tanto quanto o outro. Sucumbiu alguns segundos depois.

Podemos nos encontrar? Gostaria de cuidar da sua segurança também. Será que ele realmente achou que eu cairia nessa?

Peguei o Gizmo de Harpreet e liguei para o número de Rudy. Não queria fazer isso, mas não tinha escolha. Eu poderia chamá-lo ou os voluntários da brigada de incêndio fariam isso quando chegassem. Era melhor pular os intermediários.

Artemis não tinha delegacia. Era apenas a sala de Rudy na Bolha Armstrong. A cadeia não passava de um abrigo de ar remodelado. Na verdade, foi papai que a instalou. Os abrigos de ar não têm fechaduras, claro. Isso destruiria o seu propósito. Assim, a "cela" de Rudy tinha uma corrente de metal com cadeado ao redor do volante. Era um negócio grosseiro, mas eficaz.

Os ocupantes mais comuns da cela eram bêbados ou pessoas que precisavam esfriar a cabeça depois de uma briga. Hoje ela abrigava Canhotinho.

O resto da sala não era muito maior do que o apartamento em que eu tinha crescido. Se Rudy tivesse nascido alguns milhares de anos antes, seria um bom espartano.

Jin Chu e eu estávamos sentados, algemados em cadeiras de metal.

– Isso é sacanagem – falei.

– Pobre menina inocente – disse Rudy sem levantar os olhos do computador.

Jin chacoalhou suas algemas.

– Ei, *eu sou* inocente! Não deveria estar aqui.

– Está brincando, porra?! – falei. – Você tentou me matar!

– Não é verdade! – Jin apontou para a cela de Canhotinho. – *Ele* tentou matar você. Eu só marquei o encontro. Se não tivesse feito isso, ele *me* mataria!

– Seu covarde de merda!

– Eu valorizo minha vida mais do que a sua. Me processe. Não estaríamos nessa confusão se você não tivesse sido tão *descaradamente óbvia* com sua sabotagem.

– Vai se foder!

Rudy pegou uma garrafinha de plástico na mesa e espirrou água em nós dois.

– Quietos!

Jin se encolheu.

– Isso é falta de profissionalismo!

– Pare de encher o saco – falei, sacudindo a cabeça para tirar a água.

– Você pode estar acostumada a levar jatos na cara, mas eu não – disse ele.

A porta se abriu e a administradora Ngugi entrou, porque… Bem, por que não?

Rudy olhou para ela.

– Hummm. A senhora.

– Policial – cumprimentou Ngugi. Em seguida, me olhou. – Jasmine. Como vai, querida?

Mostrei minhas algemas.

– Isso é necessário, policial? – perguntou Ngugi.

– É necessário que a senhora esteja aqui? – retrucou Rudy.

– Você terá que desculpar o policial – disse Ngugi a mim. – Não concordamos em tudo.

– Se a senhora parasse de paparicar criminosos como Jazz, nós nos daríamos melhor.

Ela abanou a mão como se espantasse um inseto.

– Toda cidade precisa de sua parte sórdida. É melhor deixar os criminosos insignificantes fazerem seus negócios e nos concentrarmos em questões maiores.

Eu ri.

– Você ouviu a senhora. E eu sou a mais insignificante de todas. Então me deixe ir.

Rudy balançou a cabeça.

– A autoridade da administradora sobre mim é questionável, na melhor das hipóteses – explicou Rudy. – Eu trabalho diretamente para a CEQ. E você não vai a lugar nenhum.

Ngugi foi até o abrigo de ar e espiou pela janela.

– Então esse é o nosso assassino?

– É – respondeu Rudy. – E se a senhora não tivesse passado a última década atrapalhando minhas tentativas de expulsar o crime organizado, esses assassinatos não teriam acontecido.

– Já conversamos sobre isso, policial. Artemis não existiria sem o dinheiro dos cartéis. O idealismo não põe Grude no prato das pessoas. – Ela se virou para encarar Rudy. – O suspeito falou alguma coisa?

– Ele se recusa a responder às perguntas. Nem quis dizer o nome. Segundo o Gizmo dele, seu nome é Marcelo Alvarez e ele é “consultor de contabilidade autônomo”.

– Sei. Até que ponto você tem certeza de que esse é o homem?

Rudy virou o computador para Ngugi. A tela mostrava resultados laboratoriais.

– A Dra. Roussel passou aqui antes e pegou uma amostra de sangue dele. Combina com o

sangue encontrado no local do crime. Além disso, o ferimento no braço dele combina com a faca que Irina Vetrov tinha na mão.

– O DNA do sangue combinou? – perguntou Ngugi.

– Roussel não tem um laboratório forense. Ela comparou o tipo sanguíneo e as concentrações de enzimas. As duas coisas combinavam. Se quisermos uma comparação de DNA teremos que mandar amostras à Terra. Vai demorar pelo menos duas semanas.

– Não será necessário – disse Ngugi. – Somente precisamos de provas suficientes para um julgamento, e não para condená-lo.

– Ei! – exclamou Jin Chu. – Com licença! Eu exijo ser solto!

Rudy espirrou água nele de novo.

– Quem é esse homem? – indagou Ngugi.

– Jin Chu, de Hong Kong – respondeu Rudy. – Não pude encontrar nenhum registro de onde trabalha e ele não quer me informar. Montou uma armadilha para que Alvarez pudesse matar Bashara, mas afirma que foi obrigado. Alvarez iria matá-lo se ele não obedecesse.

– Não podemos culpá-lo por isso – comentou ela.

– Finalmente! Alguém com bom senso! – exclamou Jin.

– Deporte-o para a China – declarou Ngugi.

– Espere aí! O quê? – reagiu Jin. – Não pode fazer isso!

– Claro que posso – disse ela. – Você foi cúmplice numa trama para assassinar uma pessoa. Coagido ou não, você não é bem-vindo aqui.

Jin abriu a boca para protestar de novo e Rudy apontou a garrafa na direção dele. Ele pensou melhor e ficou calado.

Ngugi suspirou e balançou a cabeça.

– Isso é perturbador. Muito perturbador. Você e eu… não somos amigos, mas nenhum de nós quer assassinatos na nossa cidade.

– Com relação a essa questão, pelo menos, concordamos.

– Já tivemos crimes assim, mas eram sempre cometidos por algum amante ciumento, um marido raivoso ou se davam numa briga de bêbados. Agora foi profissional. Não gosto disso.

– Sua postura gentil com os crimes insignificantes valeu a pena? – perguntou Rudy.

– Não é justo. Uma coisa de cada vez. Hoje vai partir um transporte de passageiros para o ciclador *Gordon*. Quero o Sr. Chu nele. Deportado para Hong Kong sem queixa legal. Segure o Sr. Alvarez por enquanto. Precisamos reunir provas para o tribunal em… Para onde ele vai?

– Landvik era norueguês e Vetrov era russa.

– Sei – disse Ngugi.

Se uma pessoa comete um crime sério, Artemis a deporta para o país da *vítima*. Que a nação dela se vingue. É justo. Mas Canhotinho – acho que eu deveria chamá-lo de Alvarez – tinha matado pessoas de dois países diferentes. E agora?

– Eu gostaria que a senhora me deixasse escolher – pediu Rudy.

– Por quê?

Rudy olhou para a cela.

– Se ele cooperar, vou mandá-lo para a Noruega. Se não cooperar, ele vai para a Rússia. Onde você preferiria ser julgado por assassinato?

– Excelente estratégia. Vejo que você também é um pequeno maquiavélico.

– Isso não é… – começou Rudy.

– Mas você deveria soltar Jasmine, não acha? – indagou ela.

Rudy ficou pasmo.

– Certamente não. Ela é contrabandista e sabotadora.

– *Supostamente* – falei.

– Por que a senhora se importa tanto com Jazz? – perguntou ele.

– A Alumínio Sanchez é uma empresa brasileira. Você quer deportá-la para o Brasil? Com sorte, ela duraria um dia lá, antes que O Palácio a matasse. Ela merece morrer?

– Claro que não – respondeu Rudy. – Recomendo deportação sem queixa para a Arábia Saudita.

– Recusado – disse Ngugi.

– Isso é ridículo – reagiu ele. – Ela é obviamente culpada. Qual é a sua fixação com essa menina?

– Menina? – perguntei. – Eu tenho 26 anos!

– Ela é uma de nós – respondeu Ngugi. – Ela cresceu aqui. Isso significa que tem mais margem de manobra.

– Que merda é essa? – perguntou Rudy rispidamente. Eu nunca o tinha ouvido falar um palavrão. – Tem alguma coisa que a senhora não está me contando. O que é?

Ngugi sorriu.

– Não vou deportá-la, policial. Quanto tempo você gostaria de mantê-la algemada aqui?

Rudy pensou, depois tirou uma chave do bolso e abriu minhas algemas.

Esfreguei os pulsos.

– Obrigada, administradora.

– Fique em segurança, querida. – A mulher saiu da delegacia.

Rudy ficou olhando, irritado, enquanto Ngugi ia embora.

– Você *não está* em segurança. Você ficaria melhor se confessasse sua participação nisso e fosse deportada para a Arábia Saudita. É mais fácil se esconder lá do que aqui. O Palácio não vai desistir só porque eu peguei o matador deles. Pode ter certeza de que vão mandar outro no próximo transporte de passageiros.

– Em primeiro lugar: dãã, eu sei! – falei. – Segundo: *eu* peguei o cara, não você. E por fim… como ele rastreou meu Gizmo?

Rudy franziu a testa.

– Isso me incomoda.

– Estou indo. Se precisar falar comigo, sabe qual é a identidade que estou usando. – Ele tinha confiscado meu Gizmo de Harpreet quando me prendeu. Peguei-o na mesa. – Você teve um monte de oportunidades de me matar e não fez isso.

– Obrigado pelo voto de confiança. Você deveria ficar perto de mim, para seu próprio bem.

Era tentador, mas não podia. Eu não sabia qual seria meu próximo passo, mas sem dúvida seria algo que eu não poderia fazer com Rudy olhando.

– Estou melhor sozinha, obrigada. – Eu me virei para Jin Chu. – O que é ZAFO?

– Vá se foder!

– Saia – disse Rudy a mim. – Volte apenas se quiser proteção.

– Tudo bem, tudo bem – falei.

O Hartnell’s estava com sua clientela de semialcoólicos tranquilos. Eu conhecia cada um deles de vista, alguns pelo nome. Não havia estranhos naquele dia, e nenhum dos frequentadores sequer me olhou. Era um dia comum no meu bar favorito.

Billy me serviu um copo da minha bebida de sempre.

– Você não está fugindo ou algo assim?

Balancei a mão.

– Mais ou menos.

Será que Alvarez era o único matador que O Palácio tinha na cidade? Talvez. Talvez não. Quero dizer, quantas pessoas você designaria para sua operação mafiosa de lavagem de dinheiro na Lua? Pelo menos eu sabia de uma coisa: eles não podiam ter mandado uma pessoa nova. Demora semanas para vir da Terra até aqui.

– É sensato vir ao seu bar predileto, então?

– Não. Foi uma das coisas mais idiotas que eu já fiz.

Ele jogou uma toalha no ombro.

– Então por quê?

Tomei um gole de cerveja.

– Porque fiz um trato.

Billy olhou para a entrada e arregalou os olhos.

– Nossa! Eis um rosto que eu não vejo há séculos!

Dale veio andando até seu antigo banco, perto do meu, e se sentou. Estava rindo de orelha a orelha.

– Um copo da sua pior, Billy.

– Para você essa é por conta da casa! – disse Billy e encheu um copo para Dale. – Como vai a minha bicha preferida?

– Não posso reclamar. Mesmo assim, reclamo.

– Rá! – Ele empurrou o copo para Dale. – Vou deixar os dois pombinhos que se odeiam.

Dale tomou um gole de cerveja e me deu um risinho.

– Eu não sabia se você ia aparecer.

– Trato é trato. Se alguém aparecer para me matar, talvez eu precise sair mais cedo.

– É, com relação a isso… o que está acontecendo? Segundo os boatos, você está envolvida com os assassinatos.

– Os boatos estão certos. – Terminei de tomar minha cerveja e bati com o copo duas vezes no balcão. Billy me empurrou outro; tinha enchido antecipadamente. – Eu seria a próxima vítima.

– Rudy pegou o assassino, não foi? Os sites de notícias dizem que é um português.

– Brasileiro. Não importa. Eles vão mandar outro atrás de mim. Na melhor das hipóteses, esta é apenas uma folga antes da minha próxima fuga.

– Que droga, Jazz. Eu posso fazer alguma coisa?

Olhei-o nos olhos.

– Não somos amigos, Dale. Não se preocupe comigo.

Ele suspirou.

– Poderíamos ser. Com o tempo, talvez?

– Isso não vai acontecer.

– Bom, eu tenho uma noite por semana para fazer você mudar de ideia. – Ele sorriu para mim. Sacaninha presunçoso. – E aí, por que você fez o serviço nas colheitadeiras?

– Trond ia me pagar um montão de dinheiro.

– É, mas… – Ele ficou pensativo. – Quero dizer, não é do seu estilo. Era arriscado, e você é inteligente de verdade. Não corre riscos a não ser que seja necessário. Você não está desesperada por dinheiro nem nada, pelo que eu saiba. Quero dizer, sei que você é pobre. Mas é estável. Está devendo a agiotas ou algo assim?

– Não.

– Dívida de jogo?

– Não. Pare com isso.

– Qual é, Jazz. – Ele se inclinou para perto. – O que é? Não faz sentido para mim.

– Não precisa fazer. – Verifiquei meu Gizmo. – Temos três horas e 52 minutos até a meia-noite, por sinal. Aí não será mais "noite".

– Então vou passar três horas e 52 minutos fazendo a mesma pergunta.

Que cara chato!

– Preciso de 416.922 grades.

– É um número muito… específico. Por que você precisa disso?

– Porque quero.

– Jazz…

– Não! – falei rispidamente. – É só isso que vou dizer.

Silêncio incômodo.

– Como vai o Tyler? – perguntei. – Ele… Não sei. Ele está feliz?

– Sim, está. Temos nossos altos e baixos como qualquer casal, mas damos um jeito. Ultimamente ele anda frustrado com o Sindicato dos Eletricistas.

Dei um risinho.

– Ele sempre odiou aqueles escrotos. Ainda não é sindicalizado?

– Ah, claro que não. E nunca vai ser. Ele é um eletricista muito bom. Por que mudaria só para ganhar menos?

– Estão pressionando? – Um dos lados negativos de praticamente não existirem leis: monopólios e táticas de pressão.

Dale abanou a mão.

– Um pouco. Boatos inventados e redução deliberada de preços. Nada que ele não possa enfrentar.

– Se forem longe demais, me avise – falei.

– O que você faria?

– Não sei. Mas não quero que ninguém o sacaneie.

Dale levantou seu copo.

– Então sinto pena de quem sacanear Tyler.

Brindamos e tomamos um gole.

– Mantenha-o feliz.

– Sem dúvida vou tentar.

O Gizmo de Harpreet vibrou. Peguei-o para olhar. Era um recado de Svoboda: Essa tal de ZAFO é incrível. Me encontre no meu laboratório.

– Só um segundo – falei com Dale e digitei uma resposta.

O que você descobriu?

Demoraria muito para escrever. Além disso, quero mostrar o que isso faz.

– Hummm – murmurei.

– Problema? – perguntou Dale.

– Um amigo quer se encontrar comigo. Na última vez em que encontrei alguém era uma emboscada.

– Precisa de apoio?

Balancei a cabeça e digitei no Gizmo:

Querido, sei o que você quer, mas estou cansada demais para fazer sexo agora.

O que você está falando? Ah, sei. Você está sendo esquisita para descobrir se estou sendo coagido. Não, Jazz, não estou aprontando para você.

Só quero ser cautelosa. No momento estou em um compromisso. Podemos nos encontrar no seu laboratório amanhã de manhã?

Parece bom. Ah, e se eu estiver sendo coagido no futuro, vou dar um jeito de colocar a palavra “golfinho” na conversa. Está bem?

Entendido.

Guardei o Gizmo no bolso. Dale franziu os lábios.

– Jazz… a coisa está muito feia?

– Bom, tem gente querendo me matar, de modo que… está bem feia.

– Quem é essa gente? Por que querem você morta?

Limpei o embaçado no copo de cerveja.

– É um cartel criminoso brasileiro chamado O Palácio. É dono da Alumínio Sanchez e sabe que eu fiz a sabotagem nas colheitadeiras.

– Você precisa de esconderijo?

– Estou bem. – Então, depois de alguns segundos, acrescentei: – Se precisar de ajuda, vou me lembrar da sua oferta.

Ele sorriu.

– Bom, pelo menos é um começo.

– Cale a boca e tome sua cerveja. – Esvaziei meu copo. – Você está atrasado dois copos.

– Ah, sei como é. – Ele sinalizou para Billy. – Garçom! Tem uma menininha achando que consegue beber mais do que eu. Precisamos de seis copos: três para o gay e três para a gói.

Acordei no meu esconderijo dolorida, grogue e de ressaca. Provavelmente não tinha sido boa ideia encher a cara, mas, como já falei, eu tomo péssimas decisões na vida.

Passei alguns minutos rezando pela morte, depois bebi o máximo de água que pude e saí do compartimento feito uma lesma.

Comi um pouco de Grude seco como café da manhã (desse jeito você sente menos gosto) e

fui para o banheiro público na Bean Superior 16. Passei o resto da manhã lá, enfiada numa banheira.

Então parti para uma loja de roupas de classe média na Bean Superior 18. Estava usando o macacão durante três dias. Ele quase conseguia ficar de pé sozinho.

Finalmente eu parecia humana de novo.

Andei pelos corredores estreitos da Armstrong até chegar à entrada principal do laboratório da Agência Espacial Europeia. Alguns cientistas passavam por ali, indo para o trabalho.

Svoboda abriu a porta antes mesmo que eu tivesse chance de bater.

– Jazz! Espere para ver… Nossa, você está com uma cara horrível.

– Obrigada.

Ele pegou um saquinho de balas de hortelã e colocou algumas na minha mão.

– Não é hora de zombar do seu alcoolismo. Preciso mostrar para você o tal de ZAFO. Venha!

Ele me levou pela entrada, até seu laboratório. O lugar inteiro parecia diferente. Svoboda tinha dedicado a mesa principal para a análise de ZAFO e empurrado todo o resto para perto das paredes, abrindo espaço. Vários equipamentos (a maioria deles misteriosa para mim) cobriam a mesa.

Ele se balançou de um lado para outro.

– Isso é incrível!

– Certo, certo – falei. – O que deixou você tão agitado?

Svoboda se sentou num banco e estalou os nós dos dedos.

– A primeira coisa que eu fiz foi um exame visual.

– Você olhou para ela. Pode só dizer “olhei para ela”.

– Pela aparência, é um cabo de fibra ótica normal, simples. O invólucro, o buffer e o revestimento são todos rotineiros. A fibra do núcleo tem oito mícrons de diâmetro, totalmente normal. Fiquei pensando que devia haver alguma coisa especial no núcleo. Por isso, cortei umas amostras e…

– Você *cortou*? – perguntei. – Eu não disse que você podia cortar!

– É, não me importo. – Ele bateu de leve num instrumento que estava na mesa do laboratório. – Usei esta belezinha aqui para verificar o índice de refração do núcleo. É uma característica muito importante para uma fibra ótica.

Peguei um pedacinho de ZAFO com 5 centímetros, na mesa.

– E descobriu alguma coisa esquisita?

– Não. É 1458. Um pouco mais alto do que as fibras óticas usuais, mas só um pouquinho.

Suspirei.

– Svoboda, será que dá para pular o que é normal e dizer o que você descobriu?

– Certo, certo. – Ele pegou um dispositivo pequeno. – Foi com esta coisinha linda que eu decifrei o mistério.

– Sei que você quer que eu pergunte o que é, mas honestamente eu não…

– É um equipamento de teste de perda ótica! Um ETPO. Ele diz qual é a atenuação de um cabo de fibra ótica. Atenuação é a quantidade de luz que se perde transformando-se em calor durante a transmissão.

– Sei o que é atenuação – falei.

De fato não importava. Assim que Svoboda começava, não havia como fazê-lo parar. Jamais conheci alguém que amasse o trabalho tanto quanto esse cara.

Ele recolocou o ETPO na mesa.

– Bom, uma atenuação típica para um cabo de alta qualidade é de cerca de 0,4 decibéis por quilômetro. Adivinhe qual é a atenuação de ZAFO.

– Não.

– Ande. Adivinhe.

– Só diga.

– É zero. *Zero*. – Ele formou um círculo com os braços. – Zeeerooooo!

Sentei-me num banco ao seu lado.

– Então… nenhuma luz se perde na transmissão? Nenhuma?

– Isso! Bom, pelo menos foi o que pude verificar. A precisão do meu ETPO é de 0,001 decibéis por quilômetro.

Olhei o pedacinho de ZAFO na minha mão.

– Mas tem que haver alguma atenuação, não é? Quero dizer, não pode ser realmente zero.

Ele deu de ombros.

– Os supercondutores têm resistência zero para a corrente elétrica. Por que não pode existir um material com resistência zero à luz?

– ZAFO… – revirei a palavra na boca. – Zero Atenuação em Fibra Ótica?

– Ah! – Ele deu um tapa na testa. – Claro!

– Isso é feito de quê?

Ele girou para uma máquina presa à parede.

– É aí que entra o espectrômetro! – Svoboda o acariciou suavemente. – Eu o chamo de Nora.

– E o que Nora disse?

– O núcleo é principalmente de vidro. O que não é nenhuma surpresa, a maior parte dos núcleos de fibra ótica é de vidro. Mas também havia traços de tântalo, lítio e germânio.

– Para que servem?

– Não faço a mínima ideia.

Esfreguei os olhos.

– Certo, e por que isso é tão empolgante? Dá para usar menos energia para transmitir dados?

– Ah, é muito mais espantoso do que isso. Os cabos de fibra ótica normais só podem ter 15 quilômetros de comprimento. Depois disso, o sinal fica fraco demais para continuar. Por isso são necessários repetidores. Eles leem o sinal e retransmitem. Só que os repetidores custam dinheiro, precisam de energia e são complicados. Ah, e também diminuem a velocidade da transmissão.

– Então com a ZAFO os repetidores não são necessários.

– Isso! A Terra tem cabos de dados *enormes*. Eles atravessam continentes inteiros, passam embaixo dos oceanos, por todo o mundo. Pense em como seria muito mais simples sem todos esses repetidores. Ah! E haveria muito poucos erros de transmissão. Isso significa maior largura de banda. Isto aqui é fantástico!

– Ótimo. E vale a pena matar por isso?

– Bom… Imagino que toda empresa de telecomunicações queira usar. Quanto você acha que vale *toda a rede de comunicação do planeta Terra*? Porque é mais ou menos esse o dinheiro que a ZAFO daria para os donos. Sim, provavelmente é um dinheiro pelo qual valeria matar.

Hummm… Quanto mais pensava nisso, menos gostava. Então todas as peças se encaixaram.

– Ah!

– Epa – disse Svoboda. – O que houve?

– Isso não tem a ver com o alumínio! – Levantei-me do banco. – Obrigada, Svobo. Estou devendo uma para você.

– O quê? – perguntou ele. – Como assim, não tem a ver com alumínio? Então o que é?

Eu já estava um passo à frente.

– Continue estranho, Svobo. Vou manter contato.

Antigamente o escritório da administradora ficava na Bolha Armstrong, porque era a única bolha. Assim que a Armstrong virou apenas ruídos e máquinas, elas se transferiram. Atualmente Ngugi trabalhava numa salinha na Conrad Superior 19.

É, você leu certo. A administradora de Artemis – a pessoa mais importante e poderosa da Lua, que literalmente poderia ocupar qualquer lugar sem pagar aluguel – escolheu trabalhar na área mais operária de todas. Se eu fosse Ngugi teria uma sala enorme dando para a Galeria na Aldrin. E teria frigobar, poltronas de couro e outras coisas de gente poderosa.

E um assessor pessoal. Um cara gentil e fortão que me chamasse de "chefe" o tempo todo. Isso aí.

Ngugi não tinha nada disso. Nem secretária. Só uma placa na porta com a inscrição ADMINISTRADORA FIDELIS NGUGI.

Para ser justa, não é como se ela fosse presidente dos Estados Unidos. Na verdade, seria mais a prefeita de uma cidade pequena.

Apertei a campainha e ouvi um zumbido simples emanar da sala do outro lado.

– Entre – disse a voz de Ngugi.

Abri a porta. A sala dela era ainda menos chique do que eu tinha esperado. Até mesmo espartana. Algumas prateleiras com fotos de família se projetavam de paredes de alumínio sem pintura. A mesa de metal parecia algo da década de 1950. Pelo menos ela possuía uma cadeira de escritório de verdade: a única concessão ao conforto pessoal. Quando eu tiver 70 anos provavelmente vou querer uma cadeira legal também.

Ela estava digitando num laptop. As gerações mais antigas ainda preferiam isso aos Gizmos ou aos dispositivos com interface verbal. De algum modo, ela mantinha graça e autoconfiança mesmo encurvada sobre a mesa. Usava roupas casuais e, como sempre, o tradicional lenço *dhuku* na cabeça. Terminou de digitar uma frase e sorriu para mim.

– Jasmine! Que maravilhoso revê-la, querida. Por favor, sente-se.

– Obrigada. Vou… me sentar. – Acomodei-me numa das duas cadeiras viradas para a mesa.

Ela cruzou as mãos e se inclinou para a frente.

– Andei tão preocupada com você, querida! Em que posso ajudar?

– Tenho uma pergunta sobre economia.

Ela levantou a sobrancelha.

– Economia? Bom, eu tenho algum conhecimento na área.

O eufemismo do século. Essa mulher tinha transformado o Quênia no centro da indústria espacial global. Merecia um Prêmio Nobel. Na verdade, dois. Um de Economia e outro da Paz.

– O que a senhora sabe sobre a indústria de telecomunicações da Terra?

– É um assunto bem amplo, querida. Pode ser mais específica?

– Quanto a senhora acha que ela vale? Tipo, qual é o lucro conjunto?

Ela gargalhou.

– Eu só poderia fazer uma suposição. *Toda* a indústria de comunicação global? Algo entre 5 e 6 trilhões de dólares por ano.

– Puta que pariu! É… Desculpe o palavreado, senhora.

– Sem problema, Jasmine. Você sempre foi pitoresca.

– Como elas ganham tanto assim?

– Elas têm uma enorme base de clientes. Cada linha telefônica, cada conexão de internet, cada assinatura de TV a cabo, tudo isso cria lucros para a indústria, seja direto do cliente ou por meio de publicidade.

Olhei para o chão. Precisava respirar um pouco.

– Jasmine?

– Desculpe. Estou meio cansada. Bom, para ser honesta, estou de ressaca.

Ela sorriu.

– Você é jovem. Vai se recuperar logo, tenho certeza.

– Digamos que alguém inventasse algo revolucionário. Um cabo de fibra ótica realmente espantoso. Que reduzisse os custos, aumentasse a largura de banda e melhorasse a confiabilidade.

Ngugi se recostou na cadeira.

– Se o preço fosse comparativo ao dos cabos existentes, seria uma vantagem gigantesca. E o fabricante desse produto nadaria em dinheiro, claro.

– É – falei. – E digamos que o protótipo dessa nova fibra ótica tenha sido criado num satélite construído numa órbita baixa da Terra. Com uma centrífuga a bordo. O que isso diria à senhora?

Ela pareceu perplexa.

– Essa é uma discussão muito estranha, Jasmine. O que está acontecendo?

Tamborilei na minha perna.

– Veja bem, para mim isso significa que o negócio não pode ser criado na gravidade da Terra. É o único motivo para se fazer em um satélite especial.

Ela assentiu.

– Parece razoável. Imagino que alguma coisa assim esteja em fase de teste, não é?

Continuei pressionando:

– O satélite tem uma centrífuga. Por isso eles precisam de *alguma* força. Só que a gravidade da Terra é alta demais. E se a gravidade da Lua fosse suficientemente baixa para o processo que eles estão usando?

– É uma hipótese estranhamente específica, querida.

– Seja condescendente comigo.

Ngugi pôs a mão no queixo.

– Então obviamente eles poderiam fabricar aqui.

– Então, na sua opinião de especialista, qual é o melhor lugar para fabricar esse produto imaginário: a órbita baixa da Terra ou Artemis?

– Artemis. Sem dúvida. Temos trabalhadores hábeis, uma base industrial, infraestrutura de transporte local e para a Terra.

– É – confirmei com a cabeça. – Foi mais ou menos o que pensei.

– Isso parece muito promissor, Jasmine. Alguém lhe deu uma chance de investir? Foi por isso que você veio aqui? Se essa invenção for verdadeira, definitivamente valeria a pena colocar dinheiro.

Enxuguei a testa. Conrad Superior 19 ficava sempre a confortáveis 22 graus. Mesmo assim, eu estava suando.

Olhei nos olhos dela.

– Sabe o que é estranho? A senhora não mencionou rádio nem satélites.

Ela inclinou a cabeça.

– Desculpe, querida. O que foi?

– Quando falou sobre a indústria de telecomunicações. A senhora mencionou internet, telefone e TV. Mas não falou sobre rádio ou satélites.

– Isso certamente também faz parte.

– É, mas a senhora não mencionou. Na verdade, a senhora falou *apenas* das partes da indústria que dependem de fibra ótica.

Ngugi deu de ombros.

– Bom, estávamos falando sobre fibra ótica, de modo que isso é natural.

– Só que eu ainda não tinha falado em fibra ótica.

– Devia ter falado.

Balancei a cabeça.

– Eu tenho uma memória muito boa.

Ela estreitou os olhos ligeiramente. Tirei uma faca do coldre da bota e a segurei, preparada.

– Como O Palácio descobriu o meu Gizmo?

Ela tirou uma pistola de baixo da mesa.

– Porque *eu* disse onde estava.



– Uma pistola! – falei. – Como uma pistola entrou na cidade?! Eu *nunca* contrabandeei armas!

– Sempre apreciei isso. Não precisa erguer as mãos, mas largue essa faca.

Obedeci. Ela manteve a arma apontada na minha direção.

– Posso perguntar como você suspeitou de mim?

– Processo de eliminação. Rudy provou que estava do meu lado. A senhora é a única outra pessoa com acesso às informações sobre a localização do meu Gizmo.

– Razoável. Embora eu não seja o monstro que você está pensando.

– Aham. – Dei-lhe um olhar de dúvida. – Mas a senhora sabe sobre a ZAFO, não é?

– Sei.

– E vai ganhar uma porrada de dinheiro com ela?

Ngugi fez uma carranca.

– Você realmente pensa tão mal sobre mim? Não vou ganhar uma única grade.

– Então…?

Ela se recostou na cadeira e relaxou o aperto na arma.

– Você estava certa com relação à gravidade. A ZAFO é uma estrutura cristalina parecida com quartzo que só se forma a 0,216G. É impossível de ser produzida na Terra, mas dá para fazer aqui com uma centrífuga. Você é uma garota muito inteligente, Jasmine. Se ao menos se dedicasse!

– Se isso vai virar um discurso do tipo “você tem muito potencial”, pode atirar em mim. Por favor.

Ela sorriu. Podia parecer uma vovó mesmo segurando uma pistola. Como se me desse um biscoito amanteigado antes de abrir um buraco na minha cabeça.

– Você sabe como Artemis ganha dinheiro?

– Turismo.

– Não.

Pisquei.

– O quê?

– Não ganhamos o suficiente com turismo. É uma parte importante da nossa economia, mas não o principal.

– Mas a economia funciona. Os turistas compram coisas das empresas locais, as empresas pagam os empregados, os empregados compram comida e pagam aluguel, e assim por diante. E ainda estamos aqui, de modo que a coisa deve estar funcionando, certo? O que não estou vendo?

– Imigração. Quando as pessoas se mudam para Artemis, trazem as economias de toda a

vida. Gastam aqui. Enquanto nossa população estava crescendo, isso era ótimo, mas agora chegamos a um limite.

Ela virou a arma para longe de mim. Ainda a segurava com firmeza, mas pelo menos não me mataria sem querer se espirrasse.

– Todo o sistema virou um esquema de pirâmide não intencional. E estamos chegando ao topo da curva.

Pela primeira vez minha atenção foi afastada da arma.

– Ah, nós…? Esta cidade inteira vai falir?

– Sim, se não agirmos. A ZAFO é nossa salvação. A indústria de telecomunicações vai querer se renovar, e ela só pode ser feita a preço acessível aqui. Haverá uma nova leva para cá. Fábricas vão ser abertas, pessoas virão trabalhar aqui e todo mundo vai prosperar. – Ela ergueu os olhos, pensativa. – Finalmente teremos uma economia de exportação.

– Vidro. Isso sempre teve a ver com vidro?

– Sim, querida. A ZAFO é um material incrível, mas, como todas as fibras óticas, é principalmente vidro. E vidro não passa de silício e oxigênio, duas coisas criadas no refino do alumínio.

Ngugi passou a mão pela mesa de alumínio.

– É interessante como a economia funciona, não é? Em um ano o *alumínio* vai ser um subproduto da indústria do *silício*. E esse alumínio também será útil. Precisaremos aumentar a produção para o crescimento que teremos.

– Uau. A senhora realmente curte economia.

– É o que eu faço, querida. E, no fim das contas, é a única coisa que importa. A felicidade das pessoas, a saúde e a segurança dependem dela.

– Nossa, a senhora é boa nessa coisa. Criou uma economia para o Quênia e agora está fazendo o mesmo por nós. É uma verdadeira heroína. Eu realmente deveria ser mais agradecida… Não, espere! *Você me vendeu, porra!*

– Ah, por favor. Eu sabia que você não era idiota a ponto de ligar o seu Gizmo sem tomar precauções.

– A senhora contou ao Palácio onde meu Gizmo estava?

– Indiretamente. – Ela colocou a arma na mesa. Longe demais para que eu tentasse pegar. Ngugi tinha crescido numa zona de guerra, eu não iria testar seus reflexos. – Há alguns dias o Departamento de TI informou uma tentativa de hackear a rede de Gizmos. Alguém na Terra estava tentando conseguir sua localização. Mandei o TI deliberadamente afrouxar a segurança e deixar que o hacker entrasse. Na verdade, foi mais complicado do que isso. Eles trocaram um dos drivers de rede por um antigo, que tinha uma falha de segurança conhecida, de modo que o hacker não precisou se esforçar muito. Não sei dos detalhes, já que não sou da área técnica. De qualquer modo, o resultado é que o hacker instalou um programa que informaria sua localização caso você ligasse o seu Gizmo.

– Por que a senhora fez isso?

– Para atrair o assassino. – Ela apontou para mim. – Assim que você ligou o seu Gizmo, eu alertei sobre sua presença. Presumi que O Palácio diria ao Alvarez também. Esperava que Rudy o pegasse.

Franzi a testa para ela.

– Rudy não parecia saber de nada disso.

Ela suspirou.

– Rudy e eu temos um… relacionamento complexo. Ele não aprova os cartéis nem medidas

indiretas como as que eu tinha tomado. Quer se livrar de mim e, com toda a honestidade, o sentimento é mútuo. Se eu o alertasse de que o matador ia para lá, ele perguntaria como eu sabia. Depois procuraria entender como a informação vazou, e isso me causaria problemas.

– A senhora colocou Rudy numa rota de colisão com um assassino e não avisou.

Ngugi inclinou a cabeça.

– Não me olhe desse jeito. Isso me deixa triste. Rudy é um profissional muito capaz, que sabia que estava entrando numa situação potencialmente perigosa. E quase pegou o Alvarez. Minha consciência está limpa. Se eu tivesse que fazer de novo, faria. Veja o quadro geral, Jasmine.

Cruzei os braços.

– A senhora esteve na casa do Trond há algumas noites. Estava metida nisso desde o começo?

– Não estou "metida" em nada. Ele me contou sobre a ZAFO e os planos de entrar no ramo do silício. Queria falar sobre o contrato de oxigênio da Sanchez. Tinha motivos para acreditar que eles iam ter problemas em breve e queria se certificar de que eu soubesse que ele possuía oxigênio, caso isso acontecesse.

– A senhora não suspeitou disso?

– Claro que achei estranho. Mas o futuro da cidade corria perigo. Um cartel do crime estava a ponto de controlar o recurso mais importante da Lua. Trond me ofereceu uma solução: ele assumiria o contrato, mas com renovação a cada seis meses. Se inflacionasse o preço artificialmente ou tentasse controlar uma parte grande demais da indústria da ZAFO, perderia o contrato. Ele contaria comigo para manter a renovação e eu contaria com ele para alimentar meu plano com silício. Haveria um equilíbrio.

– E o que deu errado?

Ela franziu os lábios.

– Jin Chu. Ele veio à cidade com um plano de ganhar o máximo de dinheiro possível. E foi bem-sucedido. Tinha contado sobre a ZAFO ao Trond, meses antes, mas Trond queria uma amostra para que o pessoal dele examinasse, prova de que a ZAFO realmente existia e não era só um conto de fadas.

– Então Jin Chu mostrou a ZAFO a ele e Trond pagou – falei. – E aí Jin Chu deu meia-volta e vendeu a informação ao Palácio.

– Esse é o problema dos segredos. Você pode vendê-los várias vezes.

– Babaca.

Ela suspirou.

– Imagine só que revelação isso foi para O Palácio. De repente, sua insignificante empresa de lavagem de dinheiro estava em condições de encurralar uma indústria de bilhões de dólares. A partir daí eles se empolgaram. Mas Artemis fica muito longe do Brasil e eles só tinham um assassino aqui.

– E o que vai acontecer agora?

– Nesse momento tenho certeza de que O Palácio está comprando o máximo possível de passagens para a Lua. Em um mês Artemis vai estar lotada de mafiosos. Eles vão ser donos da produção de silício e aquela porcaria de contrato de oxigênio em troca de energia vai garantir que ninguém possa competir. E já começaram a próxima fase: assumir o controle da indústria de fabricação de vidro.

Ela me lançou um olhar de quem sabia das coisas.

– Ah, porra. O incêndio na Fábrica de Vidro Queensland.

Ngugi assentiu.

– Tenho quase certeza de que o incêndio foi causado por Alvarez. Sujeitinho ocupado, não é? Assim que O Palácio montar sua própria fábrica de vidro, vai ter a produção e a linha de suprimentos garantidas. E, claro, eles vão matar qualquer um que tente ficar no caminho. É esse o tipo de "capitalismo" que podemos esperar a partir de agora.

– A senhora é a administradora! Faça alguma coisa!

Ela fitou o teto.

– Juntando a base financeira e os capangas, eles vão ser donos da cidade. Pense em Chicago na década de 1920, mas cem vezes pior. Eu ficarei impotente.

– Seria bom se a senhora ajudasse de algum modo.

– Eu *estive* ajudando. Rudy descobriu imediatamente que você era a sabotadora. Ele me mostrou o vídeo daquele disfarce ridículo que você usou no Centro de Visitantes.

Baixei a cabeça.

– Ele queria prendê-la imediatamente. Eu disse que não estava convencida e precisava de mais provas. Sabia que isso lhe daria algum tempo.

– Certo, e por que a senhora virou meu anjo da guarda?

– Porque você é um para-raios. Eu sabia que O Palácio teria pelo menos um assassino na cidade. Você o atraiu para o terreno aberto. Agora ele foi apanhado. Obrigada.

– Eu era uma isca?

– Claro. E *ainda* é. Por isso fiz Rudy soltar você. Não sei o que O Palácio vai fazer em seguida, mas o que quer que seja vai fazer com você.

– A senhora… A senhora é uma tremenda filha da puta, sabia?

Ela assentiu.

– Quando preciso. Construir uma civilização é uma coisa feia, Jasmine, mas a alternativa é não haver civilização alguma.

Olhei-a com puro desprezo. Ela não se impressionou.

– Então o que devo fazer?

– Não tenho ideia. – Ela indicou a porta. – Mas é melhor começar.

Me arrastei de volta para o esconderijo e fechei o painel. Fiquei enrolada feito uma bola no escuro. Estava tão cansada que deveria ter caído no sono imediatamente, mas não consegui.

Estava arrasada. Perigo constante, pobreza, raiva e, o pior de tudo, uma fadiga pura, sem mitigação. Eu tinha passado do ponto do sono, chegando ao que o meu pai chamava de "hipercansada". Em geral ele usava a palavra enquanto levava meu rabo irritado e velho até a cama, para um cochilo forçado.

Fiquei me revirando o máximo que podia no espaço apertado. Nenhuma posição era confortável. Queria apagar e, ao mesmo tempo, dar um soco em alguém. Não conseguia pensar direito. Precisava sair dali.

Abri o painel com um chute. Quem liga se alguém me vir? Eu não ligava.

– E agora? – murmurei.

Senti uma gota bater no braço. Olhei para o teto. O ar gélido da Bean Inferior 27 costumava formar pontos de condensação. A tensão superficial da água versus a gravidade lunar significava que uma boa quantidade precisava se juntar antes que começasse a pingar. Mas não vi nada em cima de mim.

Então encostei a mão no rosto.

– Ah, droga.

A fonte da água era eu. Estava chorando.

Precisava de um lugar para dormir. Dormir de verdade. Se estivesse pensando com clareza iria para um hotel. Ngugi não ajudaria O Palácio a me encontrar de novo.

Nesse momento eu não confiava em nada que fosse eletrônico. Pensei em ir à casa do imã, onde papai se escondeu. O imã iria me receber e, em algum nível muito profundo, eu queria o meu pai.

Balancei a cabeça e me censurei. Sob nenhuma circunstância colocaria papai nessa merda toda.

Quinze minutos depois, estava me arrastando por um corredor até o meu destino. Toquei a campainha. Passava das três da madrugada, mas eu nem ligava mais para a falta de educação.

Depois de um minuto Svoboda abriu a porta. Usava pijama completo, porque aparentemente tinha acabado de vir de 1954 para a Lua. Ele me espiou com os olhos remelentos.

– Jazz?

– Eu preciso… – Minha garganta fechou. Quase caí vítima de um choro histérico. *Fica calma!* – Preciso dormir. Svoboda. Ah, meu Deus, eu preciso dormir.

Ele abriu mais a porta.

– Entre, entre.

Passei por ele.

– Eu estou… Eu preciso… Estou cansada demais, Svoboda.

– É, é, tudo bem. – Ele esfregou os olhos. – Fique com a cama. Eu ponho uns cobertores no chão para mim.

– Não, não. – Meus olhos já tinham se fechado por vontade própria. – O chão está bom para mim.

Meus joelhos se dobraram e eu desmoronei. A Lua é um lugar legal para se apagar. A gente cai no chão muito suavemente.

Senti os braços de Svoboda me pegando. Então senti a cama, ainda quente do corpo dele. Cobertores me envolveram e eu me aninhei. Caí no sono instantaneamente.

Acordei com aqueles poucos segundos de amnésia agradável que todo mundo tem de manhã. Infelizmente não durou muito.

Me lembrei do comportamento grotesco da noite anterior. Meu Deus. Uma coisa é ser uma fraca patética, outra é fazer isso na frente de alguém.

Em seguida, me espreguicei na cama de Svoboda e bocejei. Não era a primeira vez que eu acordava na casa de um cara, arrasada e cheia de arrependimento. Mas preciso admitir: foi a melhor noite de sono que eu tive em muito tempo.

Svoboda não estava à vista. Um travesseiro e um cobertor no chão mostravam que ele era um tremendo cavalheiro. A cama era *dele*. Eu é que deveria estar no chão. Ou poderíamos ter dormido juntos.

Minhas botas estavam lado a lado, perto da mesinha de cabeceira. Pelo jeito ele as havia descalçado enquanto eu dormia. Tirando isso, eu estava totalmente vestida. Não era o melhor modo de dormir, mas era melhor do que alguém despir meu corpo inconsciente durante a noite.

Tirei o Gizmo do bolso para ver a hora.

– Puta merda!

Já era de tarde. Eu tinha dormido catorze horas.

A mesinha de cabeceira ao lado tinha três barras de Grude numa pilha bem arrumada, com um bilhete: *Jazz.*

Café da manhã para você. Tem suco na geladeira.

– Svoboda.

Engoli uma barra de Grude e abri a minigeladeira dele. Não tinha ideia do que era o suco, mas bebi assim mesmo. Por acaso era suco reconstituído de maçã com cenoura. Tinha gosto de urina velha. Quem combina essas coisas? Pelo jeito, os ucranianos.

Pensei em como pagar a ele. Uma refeição realmente legal? Um equipamento maneiro para o laboratório? Sexo? Essa última opção é brincadeirinha, claro. Ri da ideia. Depois parei de rir, mas fiquei pensando que…

Epa. Eu precisava acabar de acordar.

Tomei um longo e gostoso banho e me lembrei de qual era o meu verdadeiro objetivo: um chuveiro próprio. É tremendamente agradável andar 3 metros e estar num chuveiro privativo. *Tremendamente* agradável.

Eu não queria usar as roupas sujas com as quais tinha dormido, por isso ataquei o armário de Svoboda. Encontrei uma camisa que servia e a vesti por cima da roupa de baixo (infelizmente Svoboda não tinha roupas de baixo femininas no armário. Eu lhe faria algumas perguntas, se ele tivesse). A camisa parecia um vestido curto em mim: Svoboda é consideravelmente mais alto do que eu.

Certo. Eu estava descansada, com banho tomado e mais tranquila. Hora de me acomodar e pensar a sério. Como eu iria sair dessa? Sentei-me à mesa e conectei meu Gizmo. O monitor embutido na mesa subiu do cubículo e mostrou meus ícones. Estalei meus dedos e estendi a bandeja do teclado.

Nas horas seguintes beberiquei suco de maçã com cenoura (a gente acaba se acostumando) e pesquisei a Alumínio Sanchez. As operações, a liderança, as estimativas de lucros e por aí vai. Como era uma empresa privada (de propriedade da “Santiago Holdings, Inc.”, que eu presumi que fosse o correspondente em português para “O Palácio”), não havia muitas informações disponíveis.

Pesquisei Loretta Sanchez e encontrei um artigo que ela havia escrito sobre suas melhorias para o refino em alta temperatura. Precisei parar para aprender um pouco de química básica, mas encontrei tudo isso facilmente na internet. Assim que entendi, precisei admitir: ela era mesmo um gênio. Tinha revolucionado todo o sistema e o tornou prático para o uso na Lua.

Mesmo assim, eu iria enchê-la de porrada se a encontrasse. Não me entenda mal.

Devia fazer algumas horas que eu estava nisso, porque finalmente Svoboda chegou do trabalho.

– Ei – disse ele. – Como está se sentindo? Ah…

Afastei a atenção do monitor para ver o que tinha provocado a expressão dele. Svoboda estava me encarando. Olhei para baixo. Ainda usava só a camiseta que tinha pegado no armário dele. Estava bem sensual, devo admitir.

– Espero que você não se importe. – Indiquei a camiseta.

– Nã-não. Sem problema. Está bonita. Quero dizer, caiu bem. Quero dizer, como o seu peito faz com que ela… é…

Olhei-o se debater por um segundo.

– Quando tudo isso acabar, se eu ainda estiver viva, preciso *mesmo* ensinar você a falar com mulheres.

– Que… Hein?

– Você só… Você realmente precisa aprender sobre as mulheres e como interagir com elas.

– Ah. Isso pode ajudar muito, sim.

Ele tirou seu jaleco e o pendurou na parede. Por que precisava usar o jaleco vindo para casa em vez de deixar no laboratório? Porque homens também gostam de acessórios de moda. Só que não admitem.

– Parece que você dormiu bem – disse. – O que está fazendo?

– Pesquisando sobre a Alumínio Sanchez. Preciso descobrir um jeito de fechar a empresa. É minha única chance de sobreviver.

Ele se sentou na cama atrás de mim.

– Tem certeza de que quer ferrar com eles?

– O que eles vão fazer? Me matar com mais intensidade? Já estão atrás de mim.

Svoboda olhou para a tela.

– Verdade. Hummm… Esse é o processo de refino deles?

– É. Chama-se Processo FFC Cambridge.

Ele se animou.

– Ah, o nome é maneiro!

Claro que era. Svoboda era esse tipo de cara. Inclinou-se para analisar melhor a tela. Ela mostrava a química de cada passo do processo de refino.

– Ouvi falar no processo, mas nunca soube dos detalhes.

– Eles estão vigiando a colheitadeira agora. Por isso terei que atacar a própria refinaria.

– Você tem algum plano?

– Tenho. Um começo de plano. Implica fazer uma coisa que eu odeio.

– O quê?

– Pedir ajuda.

Ele estendeu os braços.

– Bom, você tem a mim. Para o que precisar.

– Obrigado, amiguinho, vou aceitar.

– Não me chame de amiguinho – resmungou ele.

Hesitei.

– Certo, não vou chamar você de amiguinho. Por quê?

– Você realmente precisa aprender sobre os homens e como interagir com eles.

Toquei a campainha pela quarta vez. Ela estava lá; só não queria atender.

A entrada principal da propriedade Landvik estava cheia de flores, enviadas por pessoas que se solidarizavam e davam pêsames. A maioria das flores era sintética, mas alguns buquês meio murchos revelavam como alguns amigos de Trond eram mesmo ricos.

Nunca pensei que sentiria falta da cara mal-humorada de Irina, mas uma tristeza me dominou quando percebi que não seria ela a abrir a porta.

Afinal de contas, talvez ninguém atendesse.

Bati à porta com os nós dos dedos.

– Lene! É Jazz! Sei que não é uma boa hora, mas precisamos conversar.

Esperei mais um pouco. Já ia desistir quando a porta se abriu com um estalo. Esse era o máximo de convite que eu receberia.

Passei por cima dos buquês de condolências e entrei. O saguão que já fora muito iluminado

estava escuro. Só a luz fraca da sala de estar entrava, dando alguma claridade.

Alguém tinha desenhado mais de uma dúzia de círculos numa parede: onde antes estavam as manchas de sangue. O sangue tinha sumido, presumivelmente limpo por algum serviço profissional depois que Rudy e a Dra. Roussel terminaram de examinar o local do crime.

Acompanhei a luz até a sala de estar. Também tinha mudado para pior. Toda a mobília estava encostada nas paredes. O grande tapete persa que antes adornava o piso tinha sumido. Certas coisas não podem ser limpas.

Lene estava sentada num sofá no canto, quase totalmente no escuro. Como uma adolescente rica, geralmente gastava horas com a aparência. Hoje usava calça de moletom e uma camiseta. Não tinha maquiagem e lágrimas secas marcavam o rosto. O cabelo estava amarrado num rabo de cavalo frouxo, sinal universal de quem estava alheia à vida. As muletas estavam largadas no chão.

Ela segurava um relógio de pulso e olhava para ele com expressão vazia.

– Ei – falei naquele tom débil que as pessoas usam quando se dirigem a alguém de luto. – Como você está indo?

– É um Patek Philippe – disse ela, baixinho. – Os melhores fabricantes de relógios na Terra. Corda automática, cronógrafo, fuso horário, tudo. Para o meu pai, só do melhor.

Sentei-me no sofá ao lado dela.

– Ele mandou os melhores relojoeiros de Genebra alterá-lo – continuou ela. – Tiveram que substituir o peso da corda automática com tungstênio para ter força suficiente para trabalhar na gravidade da Lua.

Ela se inclinou para mim e mostrou o relógio.

– E mandou que mudassem o indicador de fases da Lua para um indicador de fases da Terra. Foi complicado, porque as fases da Terra acontecem em ordem inversa. Eles até modificaram o mostrador de fuso horário para indicar “Artemis” em vez de “Nairóbi”.

Ela prendeu a correia em volta do pulso fino.

– É grande demais para mim. Nunca vou poder usá-lo.

Peguei-o. Eu não sabia nada sobre relógios, mas esse parecia bem legal. Diamantes marcavam cada número no mostrador, a não ser o 12. Esse tinha uma esmeralda.

– Rudy pegou o cara – falei.

– Ouvi dizer.

– Ele vai apodrecer pelo resto da vida numa cadeia da Noruega. Ou ser executado na Rússia.

– Isso não vai trazer papai nem Irina de volta.

Pus a mão no ombro dela.

– Sinto muito.

Ela assentiu. Suspirei, só para preencher o silêncio incômodo.

– Olha, Lene, não sei quanto Trond lhe contava sobre os negócios dele…

– Ele era um trambiqueiro. Eu sei. Não me importo. Era o meu pai.

– As pessoas que o mataram são os donos da Alumínio Sanchez.

– O Palácio – disse ela. – Rudy me contou. Antes de ontem eu nunca tinha ouvido falar deles.

Ela pôs as mãos no rosto. Esperei uma crise de choro, Lene tinha direito a isso. Não aconteceu. Em vez disso, ela se virou para mim e enxugou os olhos.

– Você destruiu as colheitadeiras da Sanchez? Papai mandou você fazer isso?

– Sim.

– Por quê?

– Ele queria tomar a indústria do alumínio. Bom, na verdade a indústria do silício. A interrupção da produção da Sanchez permitiria que ele conseguisse um contrato com a administração da cidade, necessário para que isso acontecesse.

Lene ficou olhando para o nada, inexpressiva, depois assentiu devagar.

– Parece coisa dele. Sempre querendo uma vantagem.

– Olha, eu tenho uma ideia. E preciso da sua ajuda.

– Você precisa da ajuda de uma órfã aleijada?

– De uma órfã aleijada *bilionária*, sim. – Dobrei as pernas em cima do sofá para encará-la, de garota para garota. – Vou levar adiante o plano de Trond. Vou interromper a produção de oxigênio da Sanchez. Preciso que você esteja pronta para assumir o contrato. Assim que fizer isso, O Palácio estará disposto a lhe vender a Alumínio Sanchez.

– Por que eles venderiam para mim?

– Porque, se não venderem, você vai criar sua própria empresa, cortar os preços dele com seu poder e levá-los à falência. Eles são mafiosos, mas também são empresários. Você vai oferecer uma grande compensação para saírem do ramo quando a alternativa deles é ver a empresa desmoronar. Eles vão aceitar o acordo. Você é dona de todos os bens de Trond, não é?

– Ainda não. São bilhões de euros, dólares, ienes e todas as outras moedas que existem. Além de empresas inteiras, carteiras de ações… Deus sabe o que mais. Até eu fazer 18 anos tudo isso é administrado por um *trust*. A legitimação do testamento vai demorar meses, talvez anos.

– Não para as grades artemisenses dele. Nossa falta de regulação funciona a seu favor. As contas dele se tornaram suas no instante em que a Dra. Roussel declarou que ele estava morto. E ouvi dizer que ele converteu um porrilhão de dinheiro em grades, preparando-se para a compra da Sanchez. Você tem dinheiro para fazer com que isso aconteça.

Ela fitou o nada.

– Lene?

– Não é o dinheiro – disse ela. – Sou eu. Não posso fazer isso. Não sou o meu pai. Ele era mestre nesse tipo de coisa. Não sei o que estou fazendo.

Virei o relógio nas mãos. O fundo, de platina, tinha um texto em norueguês gravado. Segurei-o na frente dela.

– Ahn… O que está escrito?

Ela olhou.

– *Himmelen er ikke grensen*. Significa "O céu não é o limite".

– Ele era um homem confiante.

– Agora é um homem morto.

Enfiei a mão no bolso e peguei meu canivete suíço. Com a ajuda da pinça, soltei os pinos de ajuste da pulseira de metal. Tirei três elos e recoloquei os pinos.

Segurei a mão de Lene e pus o relógio em seu pulso. Ela me deu um olhar confuso, mas não resistiu. Apertei o fecho.

– Pronto. Agora está justo.

Ela balançou o braço e o relógio continuou no lugar.

– É pesado.

– Você vai se acostumar.

Ela olhou para o mostrador do relógio por um longo tempo. Tirou um grão de poeira do vidro.

– Acho que vou precisar me acostumar mesmo.

– Então…? – instiguei.
– Certo, eu faço. – Ela olhou direto em frente. – Vamos acabar com esses escrotos.
Eu nunca havia notado, mas Lene tinha os olhos do pai.

Kelvin,
Obrigada por me ajudar. Eu estava numa merda profunda. Agora estou atolada numa merda ligeiramente mais rasa. Basicamente guerreando contra uma empresa chamada Alumínio Sanchez. Mais tarde conto a história toda. Por enquanto preciso de outro favor.

A refinaria da Alumínio Sanchez é uma minibolha perto dos reatores. O complexo de reator/refinaria fica a 1 quilômetro da cidade.

Pesquisei um pouco e descobri uma matéria publicada há vinte anos sobre "negociações" entre a Sanchez e a CEQ. A CEQ se envolveu de verdade no processo de projeto da refinaria e a Sanchez não gostou. Eles quase tiveram um litígio num tribunal do Quênia.

O argumento da Sanchez foi: "A refinaria é nossa. Não precisamos de aprovação de ninguém. Fodam-se."

A resposta da CEQ foi: "A refinaria fica a 200 metros dos nossos reatores. Precisamos saber que não vai explodir. Deem-nos os direitos de aprovação. Caso contrário, não alugamos o espaço a vocês, seus bostinhas."

A CEQ acabou ganhando porque é dona da minibolha. Jamais vende propriedades, só quer saber de alugar.

De qualquer forma, o resultado é que a CEQ deve ter plantas detalhadas da refinaria da Sanchez em algum lugar. Tipo… superdetalhadas, com cada caso de falha potencial analisado e abordado. Preciso que você consiga esses documentos. Sei que seu trabalho é numa parte totalmente diferente da CEQ, mas você ainda tem um acesso que a maioria das pessoas não tem. Sinta-se livre para espalhar algum dinheiro nesse processo. Eu pago.

Jazz,
As plantas estão anexadas. Foi surpreendentemente fácil achar. Nenhuma parte era considerada segredo empresarial ou processo industrial. A Sanchez manteve em sigilo a química exata na refinaria, mas todo o resto estava bem ali, nas plantas arquitetônicas.

Tenho um amigo de copo no laboratório de metalurgia no Prédio 27. O laboratório foi consultado como parte da supervisão de segurança. Ele pegou as plantas no computador do chefe (que não tem senha). Só precisei pagar uma cerveja.

De modo que o custo foram duas cervejas (precisei tomar uma também, claro), ou seja, 50 grades.

Kelvin,
Obrigado, camaradinha. Arredonde para 75 grades e tome mais uma cerveja por minha conta.



A placa dizia FECHADO PARA EVENTO PARTICULAR.

– Você não precisa fazer isso, Billy – falei.

– Bobagem, querida. Você disse que precisava de um local para reunião, então é isso.

Fechei a porta do Hartnell's e me sentei no lugar de sempre.

– Você está perdendo dinheiro.

Ele riu.

– Acredite, querida, eu ganhei muito mais com você do que vou perder ficando fechado por uma hora de manhã.

– Bom, obrigada. – Bati no balcão. – Já que estou aqui…

Ele serviu um copo e o empurrou para mim.

– E aí? – disse Dale junto à porta. – Queria falar comigo?

– Queria – respondi e tomei um gole de cerveja. – Mas não quero ficar contando a mesma história várias vezes. Portanto, sente-se até que todo mundo chegue.

– Sério? – lamentou ele. – Tenho coisas melhores para fazer do que…

– A cerveja é por minha conta.

– Um copo da sua melhor, Billy!

Ele ficou à vontade no banco.

– Nesse caso, lixo reconstituído – disse Billy.

Lene Landvik entrou apoiada nas muletas. É, ela tinha 16 anos e o Hartnell's era um bar, mas em Artemis não há idade mínima para beber. É outra daquelas regras vagas impingidas a socos. Se Billy vendesse uma cerveja ocasional para adolescentes, não era grande coisa. Mas se ele se desgarrasse para muito abaixo da idade razoável, receberia a visita de pais raivosos.

Ela se sentou a uma mesa ali perto e apoiou as muletas numa cadeira.

– Como vai, garota? – perguntei.

– Melhor. Não me sinto alegre nem nada. Só estou melhor.

– Um passo de cada vez. – Levantei meu copo para ela. – Continue assim.

– Obrigada. Não sei como puxar esse assunto, mas… papai pagou a você? Ou… não teve chance?

Ah, cara, qual é! Eu tinha planejado abordar Lene sobre isso com o tempo, mas não antes de ela curtir o luto.

– Bom… não. Não teve. Não se preocupe com isso.

– Quanto ele devia a você?

– Lene, vamos falar disso mais tarde…

– Quanto?

Bom, merda. Acho que a conversa iria acontecer, então.

– Um milhão de grades.

– Puta que o pariu! – exclamou Dale. – Um milhão de grades?

Ignorei-o.

– Não tenho como provar. Você não tem motivo para aceitar minha palavra.

– Sua palavra basta – disse ela. – Papai sempre disse que você era a profissional mais honesta com quem ele já havia trabalhado. Vou transferir o dinheiro hoje.

– Não. Eu não cumpri o prometido. O serviço era acabar com a produção de oxigênio da Sanchez. Se você quiser, pode me pagar depois que eu fizer isso. Você sabe que a coisa agora não tem a ver com dinheiro, não sabe?

– Sei. Mas negócio é negócio.

– Billy! – disse Dale. – De agora em diante todas as minhas bebidas são por conta da Jazz! Ela é milionária!

– Neste momento eu sou uma pobretona – argumentei. – Pague sua própria bebida.

Dale e eu tomamos mais duas cervejas e Lene ficou mexendo no seu Gizmo. Iria se passar muito tempo até que a vida dela voltasse à normalidade, mas pelo menos por enquanto ela podia ser uma adolescente grudada no Gizmo.

Bob Lewis apareceu exatamente às dez da manhã.

– Bob – cumprimentou.

– Jazz.

– Cerveja?

– Não.

Ele se sentou à frente de Lene, à mesa dela, e não disse mais nada. Os fuzileiros sabiam esperar.

Svoboda entrou em seguida, carregando uma caixa com material eletrônico. Acenou e começou a arrumar as coisas. O idiota tinha trazido um projetor digital e uma tela. Conectou seu Gizmo e, como sempre acontece com a tecnologia, o negócio não funcionou. Sem se abalar, ele mexeu nos ajustes. Feliz como um pinto no lixo.

Ainda faltava uma pessoa. Olhei para a porta, cada vez mais nervosa à medida que os minutos passavam.

– Que horas são? – perguntei a ninguém especialmente.

Lene olhou seu relógio.

– Dez e meia… Por sinal, no momento há uma meia Terra. Está minguando.

– Bom saber – falei.

Por fim a porta se abriu e o último convidado entrou. Ele examinou o bar até que seu olhar encontrou o meu.

Empurrei o copo de cerveja para longe. Eu nunca bebia na frente dele.

– Oi, Sr. Bashara – disse Lene.

Papai foi até ela e apertou sua mão.

– Srta. Landvik. Lamentei muito quando ouvi falar sobre o seu pai. Chorei quando soube.

– Obrigada. Tem sido difícil, mas estou melhorando.

Bob se levantou.

– Ammar. Que bom ver você.

– É bom ver você também. Como está aquela escotilha do veículo?

– Perfeita. Não vazou nada.

– Que bom.

Billy jogou uma toalha no ombro.

– Bom dia, Ammar. Quer um suco? Tenho alguns sabores em pó. O mais popular é de uva.

– Você tem de amora?

– Tenho! – Billy pegou um copo e reconstituiu um suco de amora.

Dale levantou seu copo.

– Sr. Bashara.

Papai lançou um olhar frio para ele.

– Dale.

– Esqueci – disse Dale. – O senhor me odeia porque sou gay ou porque sou judeu?

– Odeio porque você partiu o coração da minha filha.

– É justo. – Dale engoliu o resto da sua cerveja.

Papai se sentou perto de mim.

– Um muçulmano entra num bar… – falei.

Ele não riu.

– Estou aqui porque você disse que precisava de mim. Se só está fazendo uma festinha, prefiro voltar à casa do imã.

– Não estou…

– Sr. Bashara? – Svoboda enfiou a cabeça entre nós dois. – Oi, a gente não se conhece. Sou Martin Svoboda. Sou amigo de Jazz.

Papai apertou a mão dele.

– Uma daquelas "amizades coloridas"?

– Eca. – Revirei os olhos. – Eu não faço isso, papai. Isso pode chocá-lo, mas não fiz sexo com ninguém que está aqui.

– Bom, é uma sala pequena.

– Rá-rá-rá! Gostei dele! – exclamou Svoboda. – De qualquer modo, eu só queria dizer que o senhor fez um serviço incrível criando Jazz.

– Você acha? – perguntou papai.

– Certo – falei. – Vamos começar.

Fui em direção à tela branca. Svoboda conseguiu que o negócio funcionasse, claro. Ele sempre fazia as coisas funcionarem.

Respirei fundo.

– Tem muita coisa acontecendo, e alguns de vocês têm perguntas. Tipo o Bob, que quer saber por que eu fiz uma AEV não autorizada para explodir as colheitadeiras. E papai, que quer saber por que o fiz se esconder na casa do imã durante a última semana. Podem se acomodar, vou contar tudo que sei…

Então contei toda a história sórdida. Tudo sobre o incêndio na Fábrica de Vidro Queensland, como Trond me contratou, como o trabalho deu errado e como tudo estava ligado aos assassinatos. Isso levou ao Palácio, a Canhotinho e a Jin Chu. Contei sobre o contrato de oxigênio da Alumínio Sanchez e o plano de Trond para assumir o controle da empresa. Em seguida passei a palavra a Svoboda, para explicar a ZAFO e como ela funcionava. Depois acabei contando ao mar de rostos chocados que dezenas de mafiosos estavam a caminho de Artemis.

Quando parei de falar, um silêncio baixou na sala.

Dale foi o primeiro a se manifestar:

– Acho que todos podemos concordar que é um problemão. Mas algumas dúzias de mafiosos não podem simplesmente assumir o controle de Artemis. Quero dizer, já tivemos brigas

de bar maiores do que isso.

– Isso não é um filme de gângster – retruquei. – Eles não vão chegar e começar uma briga. Só vão vigiar a Alumínio Sanchez para garantir que mantenham o contrato de oxigênio em troca de energia. Temos apenas uma pequena oportunidade antes de eles chegarem.

– Presumo que qualquer coisa que você tenha planejado seja ilegal – disse papai.

– Muito.

Ele se levantou de seu banco.

– Então não vou participar.

– Papai, essa é a minha única chance de permanecer viva.

– Bobagem. Podemos voltar para a Terra. Meu irmão em Tabuk pode nos receber…

– Não, papai. – Balancei a cabeça. – Nada de fugir. A Arábia Saudita é seu antigo lugar, mas não é o meu. Não há nada para mim lá, a não ser doença da gravidade. Artemis é meu *lar*. Não vou embora e certamente não vou deixar mafiosos tomarem conta disso aqui.

Ele se sentou de novo. Estava irritado, mas não foi embora. Já era alguma coisa.

– Conte o plano a eles! – disse Svoboda. – Estou com toda a parte visual pronta!

– Certo, certo. Mostre as plantas.

Ele bateu o dedo no Gizmo algumas vezes e o projetor mostrou plantas de arquitetura. O texto na caixinha dizia BOLHA DA REFINARIA DA ALUMÍNIO SANCHEZ – ANÁLISE METALÚRGICA.

Apontei para a tela.

– A bolha da refinaria é muito menor do que uma bolha municipal. Só tem 30 metros de diâmetro. Mesmo assim, tem o mesmo tipo de construção com casco duplo de qualquer outra bolha. Onde quer que haja seres humanos, a CEQ exige casco duplo.

Fui para a frente da tela e apontei para as características enquanto falava.

– Aqui fica a sala de controle. Há uma janela grande que dá para toda a instalação, de modo que preciso ser discreta.

– A sala de controle tem seu próprio compartimento de ar? – perguntou papai.

– Não, ela compartilha o ar com o resto da instalação. Eles precisam ter acesso ao piso principal com tanta frequência que não vão querer uma porta estanque no caminho. Pelo menos é o que eu presumo. Eles têm um abrigo de ar na sala de controle, para o caso de alguma coisa dar errado. Se o trem estiver atracado, eles podem simplesmente ir para lá também.

– Certo – disse papai.

Continuei:

– Os trituradores ficam do lado de fora e a brita entra por uma comporta de compressão. Então ela desce para o nível inferior. A centrífuga separa a anortita dos outros minérios. Então ela é sinterizada em anodos. Depois volta para cima, para o forno.

Bati num grande retângulo no meio da planta.

– É aqui que acontece a mágica. O forno reduz a anortita a seus elementos básicos usando uma porrada de eletricidade.

– Processo FFC Cambridge – disse Svoboda. – É incrível! O anodo é mergulhado num banho de sal de cloreto de cálcio, depois a eletrólise literalmente *arranca* os átomos! Ah, e os catodos de carbono são desgastados, de modo que eles precisam sinterizá-los de novo a partir do carbono que recuperam do subproduto de CO_2. Eles usam parte do alumínio em pó resultante para fazer combustível de foguete, mas o resto…

– Calma – interrompi. – De qualquer modo, vou invadir o local e fazer o forno se fundir até a morte.

– Como você vai fazer isso? – perguntou Dale.

– Vou aumentar a potência do aquecedor. O banho normalmente fica a 100 graus, mas se eu puder levá-lo a 400, o vaso de contenção, que é de aço, vai derreter. Então o banho de sal superaquecido vai escapar e destruir tudo na bolha.

Papai fez uma careta.

– De que vai servir esse vandalismo?

– Em primeiro lugar, pai, não é um mero vandalismo. É vandalismo *extremo e com classe*. Segundo: com a refinaria destruída, a Sanchez não vai poder produzir oxigênio e o contrato com a cidade estará aberto para quem quiser pegar. É aí que a Lene entra.

Lene se remexeu enquanto todo mundo se virava para ela.

– Ah, é. Papai tinha… é… Eu tenho oxigênio suficiente para sustentar Artemis durante um ano. Vou me oferecer para assumir assim que a Sanchez tiver quebrado o contrato.

– E Ngugi vai carimbar – falei. – Ela quer O Palácio fora de Artemis tanto quanto nós.

Bob bufou.

– Por que eu deveria me envolver nisso?

– Que droga, Bob. Não quero gastar meu tempo com a parte do "você vai me ajudar ou não". Se você não entende por que precisamos fazer isso, vá ficar de castigo no canto da sala até descobrir.

– Você é uma escrota – disse Bob.

– Ei! – Papai lançou um olhar que fez o fuzileiro corpulento recuar.

– Ele está certo, pai. Eu sou uma escrota. Mas Artemis precisa de uma escrota agora e eu fui convocada.

Fui até o meio da sala.

– Este é o momento em que precisamos decidir que tipo de cidade Artemis vai ser. Podemos agir agora ou deixar nosso lar se degenerar sob o comando de um cartel durante gerações. Não é um cenário teórico. Eles queimaram uma empresa. Assassinaram duas pessoas. Há uma quantidade *gigantesca* de dinheiro em jogo. Eles não vão parar.

"Isso não é uma coisa nova – continuei. – Nova York, Chicago, Tóquio, Moscou, Roma, Cidade do México, todas passaram o *diabo* para controlar as máfias. E essas são as histórias de sucesso. Grande parte da América do Sul *ainda* está sob o controle de cartéis. Não vamos fazer isso. Vamos tratar do câncer antes que ele se espalhe."

Olhei cada um nos olhos.

– Não estou pedindo que façam isso por mim. Estou pedindo que façam por Artemis. Não podemos deixar O Palácio assumir o controle. Essa é a nossa única chance. Eles vão trazer um *exército* para a cidade. Assim que esses capangas chegarem, *nunca* conseguiremos interromper o fluxo de oxigênio da Sanchez. Ele vai estar mais vigiado do que o Fort Knox.

Parei brevemente, só para o caso de alguém querer discutir esse ponto. Ninguém se mexeu.

– Olhem, nós temos um monte de planos para elaborar, então vamos cortar o papo furado. Bob, você é fuzileiro. Passou metade da vida protegendo os Estados Unidos. Agora Artemis é o seu lar e está correndo perigo. Você vai protegê-la?

Isso o acertou em cheio. Dava para ver no rosto dele.

Fui até o meu pai.

– Pai, faça isso porque é o único modo de salvar a vida da sua filha.

Ele franziu os lábios.

– Golpe baixo, Jasmine.

Virei-me para Dale.

– Será que ao menos preciso explicar por que você precisa fazer isso?

Dale se desviou da pergunta pedindo outra cerveja a Billy com um gesto.

– Você não é uma escrota *completa*, Jazz. Presumo que tenha um plano para que os trabalhadores não se machuquem, não é?

Bob levantou a mão.

– E como você vai entrar na bolha? Mesmo sem os capangas a caminho, a Sanchez tem uma segurança rígida.

– E os sistemas de proteção? – perguntou Svoboda. – Olhei as plantas que o seu camaradinha da Terra mandou. A refinaria tem três sistemas de controle de temperatura redundantes e um tampão de proteção contra derretimento, feito de cobre.

– E por que você precisa de mim? – perguntou papai.

– Certo, certo. – Levantei as mãos. – Posso responder a tudo isso. Primeiro preciso saber: terminamos com a parte do convencimento? Estamos todos nessa?

O lugar ficou em silêncio. Até Billy parou com os preparativos da manhã para ver no que a coisa daria.

– Não estou convencido de que você esteja certa – disse Bob. – Só que não posso correr o risco de Artemis ter o futuro que você descreveu. E eles mataram dois dos nossos. Estou dentro.

Papai assentiu.

– Estou dentro.

– Você sabe que eu estou dentro – disse Svoboda. – Adoro uma tramoia!

– Eu também – declarou Lene. – Quero dizer… a parte de estar dentro. Quanto às tramoias ainda não me decidi.

– Isso paga a minha dívida – disse Dale. – Estou farto da culpa por causa do Tyler. Chega disso. O que acha?

Franzi a testa.

– Não posso simplesmente parar de sentir raiva.

– Não, mas pode parar de chafurdar nela. E pode falar comigo como se eu fosse um ser humano normal. – Ele engoliu a cerveja sem interromper o contato visual. – É o meu preço.

– Ótimo – falei.

Não tinha certeza de como faria isso, mas pelo bem da cidade precisava engolir o orgulho.

Bob usou seu corpo enorme e a postura militar para abrir caminho pelo Porto de Entrada. Papai e eu fomos atrás, empurrando um carrinho cheio de material para solda.

Vi o Gatilho na vaga de estacionamento. Ultimamente não tivera chance de usá-lo. Não tive tempo para entregas durante todo o caos em que minha vida havia se transformado. Sentia falta do carinha. Talvez desse uma volta nele só para curtir, quando tudo isso acabasse.

Bob nos levou até um canto da câmara enorme. Tinha montado uns tapumes. Passamos em volta deles até nossa base de operações improvisada.

– Espero que isso sirva – disse Bob e indicou o abrigo de ar no centro do espaço. – Foi o maior que pude encontrar.

O vaso de pressão cilíndrico tinha uma única escotilha manual e quatro tanques de ar. Na parte de trás havia um sistema de bateria para alimentar os ventiladores internos e um sistema químico de absorção de dióxido de carbono. Sobre a escotilha principal ficava uma placa dizendo CAPACIDADE MÁXIMA: 4 PESSOAS. DURAÇÃO MÁXIMA: 72 HORAS.

– Onde você conseguiu? – perguntou papai, cauteloso.

– Na minha casa. É o abrigo de emergência da minha família.

– Merda – falei. – Você não precisava fazer isso, Bob.

– Eu sabia que Ammar não iria querer que eu roubasse um. Além disso, você vai comprar um novo para mim.

– Pelo jeito vou.

Droga, isso me custaria alguns milhares de grades, com certeza.

Papai inspecionou o abrigo com seu olhar experiente. Deu uma volta ao redor, analisando cada detalhe de cima a baixo.

– Vai servir.

– Certo. Vou deixar vocês – disse Bob. – Avisem se precisarem de alguma coisa.

Bob deu a volta no tapume e saiu. Papai e eu ficamos nos encarando.

Peguei uma máscara de soldador no carrinho.

– Como nos velhos tempos, hein? Faz um bocado de tempo que não temos um projeto juntos.

– Nove anos. – Ele jogou um macacão para mim. – Use o equipamento de segurança. Todo.

– Ah, qual é. O macacão é quente feito o inferno e…

Ele me interrompeu com um olhar. Era como se eu tivesse 16 anos de novo. Vesti o macacão de má vontade e comecei a suar imediatamente. Eca.

– Como vamos fazer isso? – perguntei.

Ele pegou uma pilha de chapas de alumínio no carrinho.

– Vamos cortar o buraco na parte de trás. Precisamos tirar os tanques e as baterias, mas isso não vai ser problema.

Coloquei a máscara de soldador.

– E depois? Como vamos fazer um ponto de conexão?

Ele encostou as chapas no vaso.

– Vamos soldar essas placas em volta do buraco novo, para fazer uma saia.

Peguei um dos painéis. Vi o logotipo do fabricante no canto.

– Ora, isso é irônico. É da Alumínio Sanchez.

– Eles fazem material de qualidade.

– A Alumínio Landvik também vai fazer material de qualidade. – Pus o painel no chão. – Uma solda de canto vai aguentar o vácuo?

Ele pegou um marcador e tirou a tampa.

– Não teremos canto. Vamos amolecer os painéis com maçaricos não focalizados e dobrá-los na mesma curvatura do vaso de pressão. Vamos fazer um cilindro com eles. – Ele me olhou. – E quantos painéis serão necessários?

Ele tinha sempre uma pergunta.

– Bom… Não devemos curvar peças de 5 milímetros mais do que num raio de 50 centímetros. Acho que vamos precisar de uns seis para fazer o arco completo.

– Seis funcionariam. Vamos usar oito, por segurança. Agora me entregue a trena.

Obedeci. Ele mediu cuidadosamente e marcou pontos no abrigo.

– E quando vai começar o sermão? – perguntei.

– Você é adulta. Não tenho o direito de lhe fazer sermão.

– Então vai continuar com as cutucadas passivo-agressivas, não é? Não quero que você se prive disso.

Ele se levantou.

– Nunca fingi que aprovava suas escolhas, Jasmine. Não tenho obrigação de aprovar. Ao

mesmo tempo, não tento controlar você. Pelo menos desde que você saiu de casa. A vida é sua.

– Que maravilha!

– Essa situação em que você foi parar é terrível. Ao ajudar você, eu estou escolhendo o menor de dois males. Nunca infringi a lei.

Eu me encolhi e olhei para os pés.

– Lamento de verdade por ter incluído você nisso.

– Bom, o que está feito está feito. Agora ponha a máscara e me entregue uma cabeça de corte.

Pus a máscara e entreguei a ferramenta desejada. Ele fixou a cabeça e verificou duas vezes. Então verificou meticulosamente as válvulas de mistura de gases. Depois verificou de novo a cabeça de corte.

– O que há, pai? Hoje você está devagar feito uma lesma.

– Só quero ser meticuloso.

– Está brincando? Já vi você acender um maçarico com uma das mãos e ajustar os níveis da mistura com a outra. Por que está…

Ah. Parei de falar.

Esse não era um serviço normal. No dia seguinte a vida da filha dele dependeria da qualidade daquelas soldas. Percebi lentamente que, para ele, esse era o projeto mais crítico da vida. Ele não aceitaria nada menos do que o absolutamente melhor. E se isso significasse demorar o dia todo, que fosse.

Recuei e o deixei trabalhar. Depois de mais verificações meticulosas, ele começou. Ajudei e fiz o que ele mandava. Podemos ter nossos atritos, mas, quando se tratava de solda, ele era o mestre, e eu, a aprendiz.

Muito poucas pessoas têm a chance de quantificar o amor do pai. Eu tinha. O serviço deveria demorar 45 minutos, mas papai demorou três horas e meia. Meu pai me ama 366% mais do que ama qualquer outra coisa.

Bom saber.

Sentei-me na beira da cama de Svoboda e olhei enquanto ele arrumava as coisas.

Ele realmente tinha ido com tudo. Além do monitor normal na mesa, havia montado quatro outros monitores na parede.

Digitou no teclado e fez cada monitor ligar por magia.

– Um pouco exagerado, não acha? – perguntei.

Ele continuou digitando.

– Duas câmeras em seu traje de AEV, duas no do Dale, e preciso de uma tela para os diagnósticos. São cinco telas.

– Poderiam ser janelas na mesma tela, não é?

– Pff. Amadora.

Caí de costas na cama e suspirei.

– Numa escala de um até “invadir a Rússia no inverno”, qual é o nível de idiotice desse plano?

– É tremendamente arriscado, mas não vejo outra possibilidade. Além disso – ele se virou para mim, rindo –, você tem um *personal* Svoboda. Como pode perder?

Contive o riso.

– Eu abordei todas as possibilidades?

Ele deu de ombros.

– Não existe isso. Acho que você abordou tudo em que eu consigo pensar.

– Isso significa muito. Você é bem meticuloso.

– Bom, há uma coisa – disse ele.

– O que é?

– Bom, é meia coisa. – Ele se virou de volta para o computador e pôs na tela a planta da bolha da Sanchez. – O tanque de metano me incomoda.

– Como assim?

Fui até lá e parei atrás dele. Meu cabelo bateu um pouco no rosto dele, mas Svoboda não pareceu se incomodar.

– Há milhares de litros de metano líquido aqui.

– Por que eles precisam de metano?

– O combustível de foguete que eles fabricam tem 1% de metano. É necessário como regulador de combustão. Eles o importam da Terra em tanques enormes.

– Certo, qual é a sua preocupação?

– Ele é inflamável. Tipo… muito, muito, muito inflamável. – Svoboda apontou para outra parte da planta. – E aqui tem um tanque enorme de oxigênio puro.

– E então eu vou acrescentar um bocado de aço derretido na sala. O que poderia dar errado?

– Certo, essa é a minha preocupação. Não deve ser problema. Quando o forno derreter, não haverá ninguém por perto.

– É. E se os tanques vazarem e explodirem, ótimo. Mais danos ainda!

– Acho que sim – disse ele, obviamente sem se convencer. – Só que isso me incomoda, saca? Não faz parte do plano. Não gosto de coisas que não foram planejadas.

– Se isso é o pior em que você pode pensar, estou numa boa.

– Acho que sim.

Alonguei as costas.

– Imagino se vou conseguir dormir esta noite.

– Vai ficar aqui?

– Ah… Ngugi não vai me entregar de novo. Já falei que ela é uma vaca?

– Duas ou três vezes.

– De qualquer modo, ninguém pode me rastrear pelo meu Gizmo. Assim, vou pagar por um hotel. Provavelmente vou ficar me revirando até tarde. Não quero manter você acordado.

– Certo.

Será que havia um tom de desapontamento na voz de Svoboda?

Pus as mãos nos ombros dele. Não sei por quê, mas fiz isso.

– Obrigada por estar sempre do meu lado. Isso significa muito para mim.

– Claro. – Ele esticou o pescoço para me olhar. – Sempre vou estar do seu lado, Jazz.

Trocamos um olhar por um momento.

– Ei, você já experimentou a camisinha? – perguntou ele.

– Cacete, Svoboda!

– O que foi? Estou esperando informações.

Levantei as mãos e me afastei.

A porta enorme da câmara de pressurização de carga se abriu e revelou a desolada paisagem lunar.

Dale verificou uma leitura no painel de controle do veículo.

– A pressão está boa, a mistura de ar também, absorção de dióxido de carbono no automático.

Olhei as telas na frente do meu banco.

– Baterias a 100%, a luz dos diagnósticos dos motores das rodas está verde, comunicações funcionando.

Ele pegou a alavanca de controle.

– Câmara de pressurização do Porto de Entrada, requisitando permissão para sair.

– Concedida – disse a voz de Bob no interfone. – Cuide bem do meu veículo, Shapiro.

– Faremos isso.

– Tente não fazer merda, Bashara – completou Bob.

– Vá se catar.

Dale bateu no botão para silenciar o microfone e me lançou um olhar.

– Sabe de uma coisa, Jazz? Estamos violando todas as regras do sindicato aqui. Se formos apanhados, Bob e eu vamos ser expulsos. Para sempre. Estamos arriscando nosso meio de vida. Será que você pode ter um *pouquinho* mais de consideração?

Liguei o microfone de novo.

– Ah… Obrigada, Bob. Por… tudo isso.

– Ok – foi a resposta curta.

Dale guiou o veículo para fora da câmara, saindo no regolito. Eu esperava que as coisas começassem a sacudir, mas a suspensão era muito suave. Além disso, a área do lado de fora tinha sido aplainada e alisada por anos e anos de uso frequente.

O veículo de Bob era simplesmente o melhor da Lua. Não era um jipe de duna com bancos desajeitados para passageiros com trajes de AEV. Era totalmente pressurizado e tinha um interior espaçoso com suprimentos e energia suficientes para dias. Nossos trajes de AEV estavam guardados em prateleiras ao longo das paredes. O veículo tinha até mesmo uma câmara de pressurização separada na parte de trás, o que significava que a cabine jamais precisava perder pressão, mesmo se alguém saísse.

Dale olhava direto em frente enquanto dirigia. Recusava-se até mesmo a me espiar de lado.

– Sabe de uma coisa? – falei. – É o Sindicato de AEV que ameaça seu meio de vida, e não eu. Talvez a babaquice protecionista não seja a melhor política.

– Você provavelmente está certa. Deveríamos deixar todo mundo brincar com as câmaras. Tenho certeza de que podemos confiar que pessoas sem treino não vão aniquilar a cidade apertando um botão.

– Ah, por favor. O sindicato poderia ter membros operando as câmaras e deixar que as pessoas cuidassem das próprias AEVs. Eles não passam de uns sacanas gananciosos administrando um cartel profissional. Os cafetões saíram de moda há muito tempo, você sabe.

Ele riu, mesmo contra a vontade.

– Senti falta das nossas discussões políticas.

– Eu também.

Olhei as horas. Tínhamos uma programação rígida. Até agora, tudo bem.

Viramos para sudeste em direção à Berma, a 1 quilômetro dali. Não era uma viagem longa, mas a pé seria muito longa, especialmente arrastando o abrigo de ar modificado.

O abrigo começou a chacoalhar contra o teto quando entramos em terreno mais irregular. Nós dois olhamos para cima, para a fonte do ruído, depois um para o outro.

– Está bem preso, não é? – perguntou ele.

– Você estava lá quando nós prendemos.

Clang. Encolhi os ombros.

– Se ele cair, a gente pega. Vai custar um tempo que não temos, mas podemos nos apressar.

– É. Com relação a isso, você vai conseguir fazer as próximas soldas?

– Vou.

– E se não conseguir?

– Vou morrer. Então estou razoavelmente motivada.

Ele se virou ligeiramente para a esquerda.

– Segure-se firme. Vamos cruzar o tubo.

A tubulação de ar que levava o oxigênio recém-produzido da refinaria para a Bolha Armstrong ficava no chão.

Na Terra ninguém seria insano a ponto de transportar oxigênio pressurizado numa tubulação. Já na superfície lunar não há o que pegar fogo. Além disso, na Terra geralmente enterram as tubulações para proteger o sistema contra o clima, os animais e os humanos idiotas. Não é assim aqui. Por que seria? Não temos clima nem animais, e os humanos idiotas ficam principalmente confinados à cidade.

Dale usou os controles enquanto a parte da frente do veículo subia e descia, depois a traseira fez o mesmo.

– É mesmo seguro? – perguntei. – Passar por cima de uma linha de alta pressão assim?

Ele ajustou os controles motores de uma roda.

– A parede daquele tubo tem 8 centímetros de espessura. Não poderíamos danificar nem se tentássemos.

– Eu tenho equipamento de solda. Poderia danificar.

– Você é muito pedante, sabia?

– Sabia.

Olhei pela escotilha do teto. A Terra pendia no céu. Uma meia Terra, como o relógio de Lene mostrara.

Tínhamos nos afastado da cidade a ponto de o terreno se tornar completamente natural. Dale se desviou de uma pedra.

– Tyler mandou lembrança.

– Mande um beijo para ele.

– Ele realmente se importa com…

– Não.

Meu Gizmo tocou. Coloquei-o numa conexão do painel e ele se conectou com o sistema de áudio do veículo. Claro que o veículo tinha um sistema de áudio. Bob viajava em grande estilo.

– E aí?

– E aí, Jazz? – disse a voz de Svoboda. – Onde vocês estão? Não tenho imagem de câmera.

– Ainda a caminho. As câmeras dos trajes estão desligadas. Papai está aí?

– Está ao meu lado. Diga oi, Ammar!

– Olá, Jasmine – disse papai. – Seu amigo é… interessante.

– Você se acostuma – falei. – Diga olá ao Dale.

– Não.

Dale bufou.

– Liguem quando estiverem com os trajes – pediu Svoboda.

– Está bem. Até depois. – E desliguei.

Dale balançou a cabeça.

– Cara, seu pai me odeia mesmo. E não é por causa do Tyler. Ele me odiava antes disso.

– Não pelos motivos que você pensa. Ainda me lembro de quando lhe contei que você era gay. Achei que ele ia ficar puto, mas ficou aliviado. Chegou a sorrir.

– Hein?

– Quando descobriu que você não estava me comendo, ele passou a gostar um bocado de você. Aí, você sabe, depois veio o negócio de roubar meu namorado.

– Certo.

Chegamos ao topo de uma pequena colina e vimos a planície à frente. A Berma ficava a 100 metros dali. Logo depois estaria o complexo do reator e a bolha da Sanchez.

– Quinze minutos para chegarmos – disse Dale, aparentemente lendo meus pensamentos. – Nervosa?

– Me cagando de medo.

– Sei que você é impecável nas AEVs, mas lembre-se de que não passou naquela prova.

– Obrigada pelo papo animador.

– Só estou dizendo que um pouco de humildade faz bem.

Olhei pela janela lateral.

– Acredite, essa última semana já me deu essa lição.



Olhei a cúpula prateada da bolha da refinaria Sanchez. De novo.

Minha visita anterior tinha sido apenas seis dias antes, mas parecia uma eternidade. Claro, desta vez as coisas estavam um pouco diferentes. Só havia uma colheitadeira fazendo o serviço. Tudo bem, de qualquer modo eu não estava atrás da colheitadeira. Isso era coisa antiga.

Dale levou o veículo até a beira da bolha, manobrou e apontou a traseira para a parede.

– Distância? – perguntou ele.

Olhei minha tela.

– Dois metros e quarenta. – As leituras de proximidade são uma firula nos carros da Terra, mas são de uma importância vital para os veículos lunares. Bater com seu vaso pressurizado em coisas é ruim. Pode levar a uma morte não programada.

Satisfeito, Dale acionou o freio de mão.

– Certo. Pronta para se vestir?

– Estou.

Saímos dos bancos e nos arrastamos para a parte de trás do veículo.

Em seguida, nos despimos até ficarmos com a roupa de baixo. (O quê? Eu deveria ser recatada perto do meu amigo gay?) Depois colocamos os trajes de resfriamento. A luz do dia lá fora seria capaz de ferver água. Os trajes de AEV precisavam de resfriamento central.

Em seguida vinham os trajes pressurizados. Ajudei-o a vestir o dele e ele me ajudou a colocar o meu. Por fim fizemos testes de pressão, de tanques, de leituras e um monte de outras merdas.

Assim que todas as verificações terminaram, nos preparamos para sair.

Cabiam duas pessoas na câmara de pressurização do veículo, mas era apertado. Nós nos espremememos e fechamos a escotilha.

– Pronta para liberar a pressão? – perguntou Dale pelo rádio.

– Ah, sim! Ando muito pressionada ultimamente.

– Sem piadinhas. Principalmente com os procedimentos da câmara.

– Cara, pare de me… pressionar.

– Jazz!

– Entendido, pronta para a descompressão.

Ele girou um volante. O ar saiu sibilando da câmara para o vácuo lá fora. Não havia necessidade de um sistema de bombeamento de alta tecnologia. Não havia carência de oxigênio. Graças à refinaria, Artemis tinha tanto que não sabíamos o que fazer com todo ele…

Pelo menos por enquanto (riso irônico e maligno).

Dale girou o volante, abriu a porta e saiu. Eu o segui.

Ele subiu a escada até o teto do veículo e soltou as correias. Fui ao outro lado e fiz o mesmo. Então, juntos, baixamos o abrigo de ar modificado.

Como pesava 500 quilos, nós dois fomos necessários para garantir que ele descesse suavemente.

– Tente manter a poeira longe da saia – falei.

– Entendido.

Papai tinha feito um ótimo serviço no abrigo. Mal daria para reconhecê-lo. Tinha um buraco grande na parte de trás com uma saia de alumínio com meio metro de largura em volta. Parecia um sino de motor de foguete. Alguém pode dizer que abrir um buraco enorme num vaso de pressão é má ideia. Não tenho como refutar.

Subi de novo no teto do veículo e peguei meu equipamento de solda.

– Pronto para receber?

Ele se posicionou abaixo e estendeu os braços.

– Pronto.

Entreguei os tanques, os maçaricos, o cinto de ferramentas e outros acessórios necessários para o serviço. Ele colocou tudo no chão. Por fim, tirei uma sacola enorme do compartimento de carga.

– Aí vai o túnel inflável – falei. E o empurrei do teto.

Dale o pegou e pôs no chão. Pulei do teto e pousei ao lado dele.

– Você não deveria pular de uma altura tão grande – disse ele.

– Você não deveria trepar com o namorado dos outros.

– Ah, qual é!

– Eu poderia me acostumar com esse nosso novo relacionamento. Me ajude a levar toda essa bosta até a bolha.

– Certo, certo.

Carregamos – ou arrastamos – tudo até a parede.

O arco da cúpula, partido em triângulos de 2 metros, era vertical ao nível do solo. Escolhi um triângulo razoavelmente limpo e o esfreguei com uma escova de aço. Não há clima na Lua, mas há eletricidade estática. A fina poeira lunar se espalha por todo canto e se gruda a qualquer coisa com a menor carga.

– Este está bom – falei. – Me ajude a posicionar o abrigo.

– Entendido.

Levantamos o abrigo de ar e o arrastamos até a cúpula. Encostamos a saia de alumínio contra a parede brilhante e pousamos o abrigo no chão.

– Incrível, papai é muito bom – elogiei.

– Meu Deus – disse Dale.

Ele tinha feito um trabalho absolutamente *perfeito* na saia. Quero dizer, ele só precisava tornar liso o ponto de contato com a parede, mas havia menos de 1 milímetro de espaço entre a saia e a parede.

Levantei o mostrador do braço do traje, que era basicamente apenas uma tela maneira para o meu Gizmo. O Gizmo em si estava em segurança dentro do traje, comigo (eles não são feitos para suportar os rigores do exterior). Digitei alguns botões e fiz uma ligação.

– E aí, Jazz? – indagou Svoboda. – Como vão as coisas?

– Até agora tudo bem. Como estão as imagens das câmeras?

– Funcionando perfeitamente. Estou com as câmeras dos seus trajes nas telas.

– Tenha cuidado aí fora – disse a voz de papai.

– Vou ter, papai, não se preocupe. Dale, está recebendo o áudio do telefone?

– Positivo – respondeu Dale.

Voltei para perto da saia e me virei de modo que a câmera do capacete apontasse para ela.

– Bom alinhamento da saia. Tipo… muito bom *mesmo*.

– Hummm – murmurou papai. – Estou vendo alguns espaços. Mas são menores do que a solda que você vai fazer. Deve ficar bom.

– Pai, isso está entre os trabalhos mais precisos que eu já…

– Vamos trabalhar – interrompeu ele.

Arrastei os tanques de oxigênio e acetileno para o local e fixei a cabeça do maçarico.

– Certo – concordou papai. – Você sabe como acender uma chama no vácuo?

– Claro – respondi.

De jeito nenhum admitiria que tinha aprendido do modo mais difícil apenas havia alguns dias. Aumentei muito a mistura de oxigênio, provoquei a chama e estabilizei.

Ao trabalhar nas colheitadeiras antes, tinha feito juntas muito rudimentares. Só precisava que ela sustentasse a pressão por tempo suficiente para explodir. Essas agora seriam muito mais complicadas. O serviço seria trivial para papai, mas ele não sabia nada sobre AEVs. Daí nosso trabalho em equipe.

– Parece uma chama boa – disse papai. – Comece pelo topo e deixe a gota empoçar para baixo. A tensão superficial vai mantê-la alinhada com a fenda.

– E a pressão do fluxo de ar? – perguntei. – Não vai soprar gotas na saia?

– Um pouco, mas não muito. No vácuo não há forças de turbilhão em volta da chama. Só há a pressão da própria chama.

Segurei uma haste de solda de alumínio junto ao topo da saia e encostei a chama. Era incômodo fazer isso usando o traje de AEV, mas não muito ruim. Uma gota de metal derretido se formou na ponta e escorreu. Como papai tinha previsto, ela veio ao longo da fenda e preencheu o espaço.

Por hábito, desci a chama para o local de preenchimento, para manter a gota derretida.

– Não precisa fazer isso – explicou papai. – O metal vai continuar líquido por mais tempo do que você espera. Não há ar para espalhar o calor. Um pouco de calor se perde pelo metal, mas a mudança de estado suga a maior parte da energia. Ela não pode se irradiar para muito longe.

– Vou aceitar sua palavra – falei e voltei a chama para a haste de solda.

Dale ficou a alguns metros de mim, pronto para salvar minha vida.

E lá estava eu de novo. Derretendo metal no vácuo. Se uma gota derretesse meu traje de AEV, minha vida estaria nas mãos de Dale. Se eu tivesse um vazamento, ele precisaria me levar para a câmara de pressurização do veículo lunar. Eu não poderia fazer isso porque estaria muito ocupada morrendo por asfixia.

Pouco a pouco, fui trabalhando no perímetro da saia. Papai dizia quando eu estava indo devagar ou rápido demais.

Por fim, cheguei de volta ao início da emenda.

– Uau – falei. – Hora de um teste de pressão.

– Não é, não – interferiu papai. – Faça outra linha. A toda volta. Certifique-se de cobrir totalmente a primeira solda.

– Está brincando?! – protestei. – Papai, essa solda está *sólida*.

– Faça outra linha, Jasmine – insistiu ele com firmeza. – Você não está com pressa. Só impaciente.

– Na verdade, *eu estou* com pressa. Preciso fazer isso antes da mudança de turno da Sanchez.

– Faça. Outra. Linha.

Bufei feito uma adolescente. Papai de fato provocava isso em mim.

– Dale, me dê mais hastes.

– Não – disse Dale.

– O quê?

– Enquanto você estiver segurando esse maçarico não vou afastar meus olhos daí, não vou me afastar mais de 3 metros e não vou segurar nada.

Bufei de novo, mais alto desta vez.

Demorou mais vinte minutos, mas fiz outra solda ao redor da saia sob o olhar atento de papai.

– Muito bem – disse ele.

– Obrigada, pai.

Ele estava certo. Eu havia feito um bom trabalho. Agora tinha um abrigo de ar perfeitamente soldado ao casco da bolha da refinaria. Só precisava abrir um buraco na parede, por dentro do abrigo, e teria uma câmara de pressurização improvisada.

Coloquei o maçarico numa pedra ali perto e abri as mãos na direção de Dale. Agora que tinha cumprido com seus rígidos requisitos de segurança, ele foi na direção do inflável.

O inflável era do mesmo tipo que eu tinha ajudado a usar no incêndio da Fábrica de Vidro Queensland: um tubo tipo acordeão com um conector rígido para câmaras de compressão em cada extremidade. Cada um de nós pegou um aro e nos afastamos um do outro. Fui na direção do abrigo de ar recém-soldado e Dale foi para o veículo.

Coloquei todo o meu equipamento de solda e os tanques no túnel, depois conectei minha extremidade ao abrigo de ar. Em seguida, eu me juntei a Dale e nós entramos na câmara do veículo. Juntos, colocamos no lugar o outro conector do túnel.

Olhei pelo tubo, na direção da escotilha ainda lacrada do abrigo de ar.

– Hora de testar, acho – avisei.

Ele estendeu a mão para a válvula.

– Fique atenta. Não é porque estamos com trajes de AEV que estamos seguros. Se der errado, podemos sofrer uma descompressão explosiva.

– Obrigada pela dica. Vou estar pronta para pular fora do caminho se uma válvula de pressão vier na minha direção na velocidade do som.

– Você poderia ser menos pentelha.

– Poderia – falei. – Só que não.

Ele girou a válvula e um sopro de ar nebuloso saiu do compartimento pressurizado do veículo. Verifiquei as leituras do meu traje e vi que estávamos chegando a 2 kPa, uns 10% da pressão normal em Artemis.

Um alarme soou no interior do veículo.

– Que porra é essa? – perguntei.

– Alerta de vazamento. O veículo sabe quanto ar deve ser necessário para encher a câmara, e ultrapassamos isso em muito. Estamos enchendo todo o túnel.

– Isso é um problema?

– Não. Temos ar suficiente nos tanques. Muito mais do que precisamos. Bob se certificou disso.

– Legal.

Pouco a pouco o túnel se inflou. Sustentou a pressão perfeitamente, claro. Era projetado exatamente para isso: conectar uma escotilha a outra.

– Parece bom.

Dale girou a válvula de volta e abriu a porta interna da câmara do veículo. Entrou no compartimento principal e se acomodou no banco do motorista. O veículo era projetado para acomodar um motorista com ou sem traje de AEV.

Ele verificou o painel de controle.

– Ei, 20,4 kPa, 100% de oxigênio. Podemos continuar.

– Lá vamos nós. – Abri a ventilação do meu traje de AEV. Respirei fundo algumas vezes. – O ar está bom.

Dale se juntou a mim no conector e me ajudou a tirar o traje.

– M-m-meu Deus.

Comecei a tremer. Quando você libera gás pressurizado, ele esfria. Ao encher o túnel com os tanques com alta pressão do veículo tínhamos feito uma porcaria de um congelador.

– Aqui.

Dale me entregou meu macacão. Nunca me vesti tão depressa na vida. Bom… houve uma vez em que fui mais rápida (quando os pais do meu namorado no ensino médio chegaram mais cedo do que esperávamos).

Então ele me entregou o macacão dele. Dale era um cara suficientemente grande para que suas roupas coubessem facilmente por cima das minhas. Nem discuti. Me enfiei direto. Depois de um minuto cheguei a uma temperatura suportável.

– Tudo bem? – perguntou ele. – Seus lábios estão azuis.

– Estou bem – falei com os dentes chacoalhando. – Assim que ligar o maçarico vai ficar bem quente aqui.

Peguei meu Gizmo no coldre do traje de AEV e coloquei um fone no ouvido.

– Ainda estão aí, pessoal?

– Estamos – respondeu Svoboda.

Um pensamento me veio.

– Vocês me viram tirar a roupa, pela câmera do Dale?

– Vimos. Obrigado pelo show!

– Hummm – disse a voz de papai.

– Ah, relaxe, Sr. B – disse Svoboda. – Ela ficou com a roupa de baixo.

– Mesmo assim – protestou papai.

– Certo, certo – falei. – Svoboda, considere que isso é um pagamento por todos os favores que está fazendo para mim. Papai, algum conselho sobre esse corte?

– Vamos dar uma olhada no material.

Fui pelo túnel em direção ao abrigo de ar e Dale me seguiu. Olhei de volta para ele.

– Vai ficar na minha cola assim o tempo todo?

– Vou. Se houver um rasgo preciso levar seu corpo sem traje pelo túnel e entrar no veículo. Terei três ou quatro minutos antes que você fique com dano cerebral permanente. Ou seja, sim, vou ficar por perto.

– Bom, não chegue perto demais. Preciso de espaço para trabalhar e você não vai querer a chama perto do seu traje.

– Concordo.

Girei a válvula do abrigo e deixei que o ar do túnel entrasse nele. Ouvimos o chiado com atenção. Se ele parasse, isso significava que a solda da saia era estanque. Se continuasse chiando,

significava que havia um vazamento e precisaríamos voltar e encontrá-lo.

O chiado foi diminuindo cada vez mais, até parar. Abri a válvula totalmente e nada mudou.

– O lacre está bom – avisei.

– Muito bem! – exclamou papai pelo rádio.

– Obrigada.

– Não, sério – disse ele. – Você fez uma solda estanque com 3 metros usando um traje de AEV. Poderia de fato ser uma perita.

– Pai… – falei com uma nota de alerta na voz.

– Certo, certo.

Ele não podia ver o meu sorriso. Foi mesmo uma solda incrível.

Abri a escotilha e entrei. O tubo de metal estava gelado. Água se condensava nas paredes. Sinalizei para Dale entrar na minha frente. Ele acendeu as luzes do capacete e chegou perto do local da solda, para que papai pudesse ver pela câmera.

– A borda interna da solda parece boa.

– Concordo – disse papai. – Mas certifique-se de que o Sr. Shapiro fique por perto.

– Vou estar logo atrás dela. – Dale voltou para o conector.

Virei a cabeça para ele.

– Tem certeza de que a pressão aqui é de *exatamente* 20,4 kPa?

Dale verificou as leituras em seu braço.

– Sim: 20,4 kPa.

Tínhamos pressurizado até 20,4 kPa em vez de 21, o padrão de Artemis. Por quê? Porque é assim que funcionam os sistemas de casco duplo.

Entre os dois cascos há um bocado de rocha triturada (você já sabia disso), mas também existe ar. E esse ar está a 20,4 kPa, cerca de 90% da pressão de Artemis. Além disso, o espaço entre os cascos é uma gigantesca casca vazia. Ela é dividida em centenas de triângulos equiláteros com 2 metros de lado. Cada um desses compartimentos tem um sensor de pressão dentro.

Assim, do lado de fora há vácuo, entre os cascos há 90% da pressão de Artemis, e dentro da bolha há a pressão total de Artemis.

Se houver uma brecha no casco externo, o ar do compartimento vai vazar para o vácuo lá fora. Mas se houver uma brecha no casco interno, o compartimento vai ser ocupado com ar em maior pressão, vindo de dentro da bolha.

É um sistema elegante. Se a pressão do compartimento cair, você sabe que há um vazamento no casco externo. Se ela subir, você sabe que há um vazamento no casco interno.

Eu não queria que um alarme de rompimento do casco soasse no meio da minha operação, por isso nos certificamos de que a pressão do ar fosse igual à de dentro do casco.

Fiz uma inspeção rápida do bico do maçarico para garantir que não havia empenado com as mudanças de temperatura às quais tinha acabado de ser exposto. Não vi nenhum problema.

– Pai, segundo as especificações, isso vai ser igual ao casco da bolha da cidade: 6 centímetros de alumínio, 1 metro de regolito triturado, mais 6 centímetros de alumínio.

– Certo – disse papai. – O início do corte não vai ser fácil por causa da espessura do material. Fique firme e tente não oscilar. Quanto mais firme sua mão estiver, mais rápido será o corte.

Puxei os tanques de oxigênio e acetileno para o abrigo e preparei o maçarico.

– Não se esqueça da máscara de respiração – disse papai.

– Eu sei, eu sei.

Eu tinha me esquecido completamente. O oxiacetileno enche o ar com fumaça tóxica. Normalmente não é o suficiente para importar, mas você precisa de um aparato de respiração num vaso de pressão confinado. Ei, eu teria me lembrado assim que começasse a tossir incontrolavelmente.

Enfiei a mão na sacola e peguei uma máscara. O tanque de ar preso a ela tinha alças de mochila para mantê-lo fora do caminho. Coloquei-o e respirei algumas vezes só para garantir que estava funcionando.

– Estou pronta para acender. Mais algum conselho?

– Sim – respondeu ele. – O regolito contém muito ferro. Tente não demorar demais ou ele pode se aglutinar em volta do ponto do corte. Se isso acontecer, você terá dificuldade para tirar a parte cortada.

– Entendi.

Coloquei o capacete de solda e liguei o maçarico. Dale deu um passo para trás. Por mais que os peritos em AEV sejam intrépidos, ainda há em todos os seres humanos um instinto de evitar o fogo.

Eu ri. Finalmente tinha conseguido alguma vingança. Hora de abrir um buraco no bucho da Sanchez.



Ajustei a mistura de gases até conseguir uma chama comprida. Escolhi um lugar na parede, me inclinei e segurei o maçarico da maneira mais firme que pude. O calor enorme, junto com o suprimento de oxigênio, cavou o metal, abrindo um buraco cada vez mais fundo.

Por fim, a chama atravessou o alumínio. Não posso dizer exatamente como eu soube. Simplesmente soube. Seria pelo som? Pelo tremor da chama? Não tenho certeza. De qualquer modo, o corte havia começado.

– Não há fluxo de ar para dentro nem para fora – comentei. – Parece que a pressão está igual. Bom trabalho, Dale.

– Obrigado.

Movi o maçarico num ritmo deliberado e cortei um círculo com 1 metro de diâmetro. Fiz as bordas inclinadas de modo que a placa caísse um pouco mais fácil quando o corte fosse terminado.

– Estamos um pouquinho atrasados – informou Dale.

– Entendido.

Não me apressei. Já estava indo o mais rápido que podia. Tentar ir mais depressa só estragaria o corte e acabaria custando mais tempo.

Completei o círculo e a placa de alumínio se inclinou para a frente. Desliguei o maçarico e saltei para trás quando uma avalanche de regolito cinza se derramou na câmara.

Tirei o capacete de solda e apertei a máscara de respiração com força contra o rosto. Certamente não queria respirar aquela poeira. Gosto de ter os pulmões sem partículas mortais afiadas lá dentro, obrigada.

Meus olhos arderam e lacrimejaram. Eu me encolhi de dor.

– Você está bem? – perguntou Dale.

A máscara abafou minha voz.

– Deveria ter posto óculos – respondi.

Levantei a mão para limpar os olhos, mas Dale segurou meu braço.

– Não!

– Verdade – concordou.

Sabe o que é pior do que ter pedras afiadas nos olhos? *Esfregar* pedras afiadas nos olhos. Resisti à ânsia, mas por pouco.

Esperei que a poeira se acomodasse. Então, com os olhos ardendo e a visão turva, fui na direção do buraco. Foi então que os choques elétricos saltaram no meu corpo.

Gritei, mais de surpresa do que de dor.

Dale verificou suas leituras.

– Cuidado. A umidade está quase zero.

– Por quê?

– Não faço ideia.

Dei mais um passo e recebi outra metralhada de descargas elétricas.

– Que porcaria!

– Você não aprendeu na primeira vez? – perguntou Dale.

– Ah, merda. – Apontei para a pilha de regolito que crescia lentamente diante do buraco. – É o material de preenchimento. O ar de Artemis é umidificado, mas o ar nos compartimentos do casco é totalmente seco.

– Por quê?

– A água é corrosiva e cara. Por que alguém colocaria isso num casco? A poeira agiu como secante e tirou toda a umidade do ar.

Dale soltou a unidade de armazenamento de água de seu traje, abriu o tambor e tirou um saco plástico com um quarto de água. Rasgou o canto do saco e o apertou com os dedos. É incrível a habilidade manual que um verdadeiro perito em AEV consegue ter com aquelas luvas desajeitadas.

Ele espirrou a água na minha cara.

– Ei!

– Fique de olhos abertos.

Obedeci. A princípio foi difícil, mas o alívio por ter a poeira lavada me fez continuar. Então Dale borrifou água na minha roupa, nos braços e nas pernas.

– Melhor? – perguntou ele.

Sacudi a cabeça para tirar a água do rosto.

– É, está melhor.

Nosso improvisado concurso de camiseta molhada me protegeria de mais alguma descarga. Pelo menos por um tempo. Claro, a poeira grudada em mim virou uma lama cinza e nojenta. Eu não venceria nenhum concurso de beleza, mas pelo menos me sentia confortável.

Próximo passo: precisava cavar o material de preenchimento para expor o sensor de pressão e, mais importante, chegar ao casco interno.

Apertei o fone de ouvido com um dedo.

– Svoboda e papai, vou cavar por um tempo. Ligo daqui a pouco.

– Vamos estar aqui – respondeu Svoboda.

Interrompi a ligação.

– Me dê uma mãozinha para cavar isso – pedi.

Dale levantou uma pá.

– Há dois tipos de pessoas neste mundo: as que estão com trajes de AEV e as que cavam.

Bufei.

– Certo, se vamos brincar de *Três homens em conflito*, eu sou Clint Eastwood, e não você. Segundo: coloque esse rabo preguiçoso para trabalhar e me ajude!

– Preciso estar pronto para arrastar seu rabo de volta para o veículo se as coisas derem errado. – Ele estendeu a pá de novo. – Aceite que é o Eli Wallach e comece a cavar.

Gemi e peguei a pá com ele. Isso ia demorar um tempo.

– Estamos atrasados, você sabe – disse ele.

– Eu sei.

Bob estava sendo um pé no saco, como sempre. Mas desta vez ele estava fazendo isso *por* mim, e não *comigo*. Eu não estive presente durante nada disso. Estava ocupada tirando regolito de uma parede. Fiquei sabendo mais tarde.

A Alumínio Sanchez tinha uma ferrovia própria que ia do Porto de Entrada da Aldrin até a refinaria. Três vezes por dia o trem pegava 24 empregados e ia para a usina. A viagem curta, de 1 quilômetro, só demorava alguns minutos. Eles trocavam de turno e o responsável pelo turno anterior voltava a Artemis no mesmo trem.

Eu tinha ajustado o tempo do meu pequeno ataque para coincidir com a mudança de turno. Só que estava atrasada. Precisava estar *dentro* da usina antes que o trem chegasse. E ainda não tinha cortado o casco interno.

Os funcionários da Sanchez se aglomeraram na estação de trem. O trem já havia atracado e estava com a escotilha aberta. A condutora pegou seu scanner Gizmo, preparando-se para cobrar as passagens. É, a Alumínio Sanchez cobrava dos empregados para viajar num trem até a refinaria da empresa.

Bob foi até a condutora e pôs a mão no scanner dela.

– Espere aí, Mirza.

– Algum problema, Bob?

– Estamos fazendo uma inspeção de vazamento na câmara de pressurização de carga. Os protocolos de segurança dizem que ninguém pode operar outra câmara de compressão no porto enquanto isso estiver sendo feito.

– Está brincando? Isso precisa ser feito agora?

– Desculpe. Detectamos uma anomalia e precisamos fazer o teste antes do pouso de amanhã.

– Pelo amor de Deus, Bob. – Ela indicou o pessoal reunido. – Tenho 24 pessoas que precisam ir trabalhar. E mais 24 na refinaria esperando para vir para casa.

– É, desculpe. O teste já está atrasado. Já deveria ter terminado a esta hora.

– Quanto tempo a mais?

– Não sei bem. Dez ou quinze minutos, talvez. Não posso prometer nada.

Ela se virou para os funcionários.

– Desculpe, pessoal. Temos um atraso. Descansem um pouco. Deve demorar uns quinze minutos.

Um gemido coletivo brotou dos trabalhadores.

– Com certeza não vou fazer hora extra para compensar – resmungou um para o outro.

– Desculpe – disse Bob a Mirza. – Vou compensar você: tenho três ingressos para o show dos Acrobatas de Artemis no Playhouse. São seus. Leve os seus maridos e se divirta.

O rosto de Mirza se iluminou.

– Uau! Certo, então. Está perdoado!

Um pagamento ridiculamente exagerado, se você quer minha opinião. Aqueles ingressos custam 3 mil grades cada. Mas vou fazer o quê? Era dinheiro do Bob, e não meu.

Depois de uma eternidade cavando e xingando, finalmente tirei todo o regolito do compartimento do casco. Caí de costas e suspirei.

– Acho que você inventou palavrões novos – disse Dale. – Tipo… o que é uma “foduceta”?

– Acho que dá para entender pelo contexto – respondi.

Ele se inclinou acima de mim.

– De pé. Estamos muito atrasados e o Bob não pode segurar o trem por muito tempo.

Fiz um gesto obsceno. Dale me chutou.

– De pé, sua preguiçosa.

Gemi e me levantei outra vez.

Eu tinha encontrado o sensor do compartimento durante meu momento "abrindo um buraco até a China". (É, essa expressão se aplica até na Lua. Eu sentia que tinha acabado de cavar um buraco de 380 mil quilômetros.)

Até agora nosso joguinho de "enganar o sensor de pressão" tinha funcionado. No entanto, a pressão do nosso lado subiria para o padrão Artemis assim que eu rompesse o casco interno. Então o sensor diria: "Puta que pariu! Ar a 21 kPa! Tem um buraco no casco interno!"

O alarme iria disparar, o pessoal iria pirar e os peritos em AEV viriam dar uma olhada e seríamos apanhados. Dale e Bob seriam expulsos do sindicato, mas eu não viveria o suficiente para ver isso, porque o pessoal leal à Sanchez me esfaquearia na hora.

Você não acha que um punhado de miseráveis da sala de controle faria uma coisa assim? Pense de novo. *Alguém* na Sanchez tentou me matar com uma colheitadeira, lembra?

O sensor era um cilindro de metal com dois fios ligados. Os fios tinham uma boa folga, o que era útil. Tirei da sacola uma lata de aço com tampa rosqueada. Tinha modificado a lata antes exatamente com esse objetivo, fazendo um pequeno entalhe na tampa.

Coloquei o sensor na lata e puxei o cabo pelo entalhe. Depois atarraxei a tampa. Em seguida, coloquei seis camadas de fita de alta aderência sobre o ponto em que os fios entravam na tampa. Não me senti muito inteligente com relação a essa parte. Só um idiota confia em fita adesiva para manter um lacre de pressão, mas eu não tinha escolha. Pelo menos a pressão mais alta estaria do lado de fora, de modo que a fita seria empurrada contra o buraco.

– Acha que isso vai servir? – perguntou Dale.

– Vamos saber em um minuto. Coloque a gente no padrão Artemis.

Dale digitou nos controles do seu braço. Claro que o veículo de Bob poderia ser controlado remotamente. Bob tinha todos os itens de luxo para veículos.

O ar fresco ecoou pelo túnel inflável e meus ouvidos estalaram com a leve mudança de pressão.

Olhei a lata atentamente. A fita em cima do buraco afundou um pouquinho, mas aguentou. Encostei o ouvido na parede do casco interno.

– Nenhum alarme – falei.

Liguei de novo para Svoboda.

– E aí?! – perguntou ele. – Equipe de Apoio Criminal a postos e esperando.

– Não sei se gosto desse título – comentou papai.

– Vou fazer o corte interno – respondi. – Algum conselho de última hora, pai?

– Não seja presa.

Baixei a máscara. O casco interno era igual ao externo: 6 centímetros de alumínio. E, como no externo, o corte só demorou alguns minutos. Desta vez inclinei o corte de modo que a placa caísse para longe de mim, e não para o meu lado. No casco interno eu não tinha opção, mas normalmente prefiro que o metal quente e fervendo caia *longe* de mim.

Esperei que a placa terminasse a lenta queda até o chão e olhei para dentro.

O piso da fábrica era um grande hemisfério cheio de maquinário industrial. O forno dominava o centro. Tinha uns 10 metros de altura, cercado por tubos, cabos de força e sistemas de monitoramento.

Da minha posição, não conseguia ver a sala de controle. O forno estava no caminho. Por

sinal, isso não era coincidência. Escolhi especificamente essa parte do casco porque ficava num ponto cego. Não importando quanto o pessoal pudesse estar concentrado no trabalho, é improvável que 24 pessoas deixem de notar um buraco flamejante na parede.

Enfiei a cabeça pelo buraco para dar uma olhada. Sem pensar, pus a mão na borda, para me equilibrar.

– Porra! – Recolhi a mão e a sacudi.

– Os maçaricos esquentam as coisas – disse Dale.

Fiz uma careta e verifiquei os danos. A palma da mão estava meio vermelha, mas, tirando isso, ficaria bem.

– Você está legal?

– Estou – respondi. – Só queria que você não tivesse me visto fazendo isso.

– A gente também viu! – disse a voz de Svoboda.

– Só faltava essa – falei. – Aliás, vou desligar. Aviso quando o negócio estiver feito.

Cortei a ligação.

Passei pela abertura, me certificando de não tocar as bordas de novo. Dale me entregou a sacola. Quando tentei pegá-la, ele segurou.

– Sabe – disse ele. – Esse buraco não tem tamanho suficiente para eu passar com o traje de AEV. Se alguma coisa der errado, não vou poder ajudar.

– Eu sei.

– Tenha cuidado.

Assenti e puxei a sacola. Ele olhou do buraco enquanto eu ia me esgueirando até o forno.

A unidade em si não era nada de mais. Só um grande bloco com grossos tubos de metal entrando e saindo. Um sistema transportador com caçambas subia por um buraco no chão e colocava anortita britada num funil em cima do forno. Dentro, um turbilhão de calor, eletricidade e química transformava as pedras em metal. Fora era calmo e ligeiramente quente ao toque, e tinha um zumbido suave.

Sentei-me no chão e espiei pelo canto.

A sala de controle ficava acima da fábrica. Através das grandes janelas de vidro dava para ver funcionários trabalhando. Alguns estavam sentados diante de computadores e outros andavam de um lado para outro com tablets. Toda a parede dos fundos era coberta por monitores mostrando cada detalhe das instalações e seu processo.

Uma mulher estava obviamente no comando. Pessoas iam até ela, falavam brevemente e ela dava respostas rápidas. Isso é que era uma chefe. Ela tinha uns 50 anos e aparência latina. A mulher se virou para falar com alguém e eu finalmente vi seu rosto. Era Loretta Sanchez. Reconheci por causa das fotos que tinha visto na internet enquanto pesquisava sobre
a empresa.

Ela é que havia projetado a refinaria. Tinha fundado a Alumínio Sanchez. E O Palácio era tão completamente dono dela que era como se a mulher estivesse com uma coleira. Era interessante alguém como ela estar nas trincheiras junto com os empregados, e não num confortável escritório na Aldrin.

Os outros empregados eram simplesmente… pessoas. Sem chifres nem capas pretas. Sem dar risadas sádicas com os dedos em garras. Só um monte de babacas trabalhando.

Fui me arrastando até o outro lado do forno, mas só poderia ir até ali. Os sistemas de controle térmico podiam me ver da sala de controle. Liguei para Bob pelo Gizmo.

– Diga – atendeu Bob.

– Estou posicionada. Libere o trem.

– Positivo. – Ele desligou.

Esperei atrás do forno. Depois de dez minutos me remexendo impaciente, finalmente ouvi o eco de um clangor pela parede. O trem tinha chegado. Nesse momento, o turno de saída estava atualizando o de chegada. Eu tinha um tempo curto, talvez dez minutos, antes que as pessoas embarcassem e o trem partisse.

Ainda estava com a máscara de respiração e o suprimento de oxigênio portátil. Agora acrescentei uns óculos de proteção tirados da sacola. Seriam importantes para o que viria em seguida. Grudei a máscara e os óculos no rosto com fita adesiva – dessa vez precisava de um lacre estanque.

Eu era uma louca coberta de lama com coisas aleatórias grudadas na cara. Provavelmente parecia saída de um filme de terror. Ah, tudo bem. Eu estava a ponto de fazer algo terrível mesmo.

Tirei um cilindro de gás da sacola. Segurei a válvula, depois parei e verifiquei de novo os lacres de fita adesiva. Certo, tudo estava no lugar. De volta à válvula. Dei um quarto de giro.

O cilindro liberou um gás de cloro puro no ar.

O gás cloro é perigoso e dissolve os pulmões. Ele foi usado como arma na Primeira Guerra Mundial e funcionou muito bem. Onde eu consegui um tanque com morte comprimida? Precisava agradecer ao meu coleguinha Svoboda. Ele roubou do laboratório de química da AEE.

O Processo FFC Cambridge implicava um bocado de cloreto de cálcio derretido. Em teoria ele estava todo contido dentro do forno lacrado e extraordinariamente quente. Para o caso de o forno ter uma falha, a usina tinha detectores de gás cloro em toda parte. E eram muito sensíveis. Eram projetados para dar o alarme muito antes que o gás tóxico fizesse mal às pessoas.

Deixei a válvula aberta brevemente e fechei de novo. Em segundos o alarme de gás cloro disparou. E, meu amigo, que show!

Luzes amarelas relampejaram em vinte lugares diferentes. Um alarme incrivelmente alto soou na usina. Senti uma brisa. As aberturas de circulação de emergência tinham sido acionadas. Elas substituiriam todo o ar da usina por oxigênio novo, vindo de uma reserva de emergência.

Na sala de controle os empregados correram para a segurança. Normalmente o procedimento seria entrar no abrigo de ar nos fundos da sala. Mas por que eles fariam isso quando havia um trem ali mesmo? É muito melhor estar num trem que pode voltar para a cidade do que ficar num abrigo de ar esperando o resgate. Não demorou muito para tomarem a decisão: eles se amontoaram no trem, que lacrou a escotilha.

Provavelmente estava lotado lá dentro. Os dois turnos estavam compartilhando o trem, um total de 48 pessoas.

Dei uma espiada na sala de controle e fiz uma dancinha da vitória quando vi que estava vazia. Eles tinham feito exatamente o que eu desejava.

Obviamente eu precisava tirar todo mundo dali antes de fazer o forno derreter. Poderia ter disparado o alarme de pressão quando estava cortando o casco interno. Com certeza isso faria as pessoas darem no pé. Só que um vazamento de pressão traria também equipes de emergência. Isso provocaria alguma desconfiança quando vissem o veículo lunar, a câmara de pressurização improvisada, Dale ruborizando desajeitado *etc.* Um vazamento de gás tóxico era muito melhor. Era um negócio puramente interno.

Abri de novo a válvula do tanque de cloro, só um filete. Desse jeito o sistema de ventilação não poderia limpá-lo. E enquanto o alarme de cloro soasse, os trabalhadores ficariam no trem.

Eu não precisava mais me esconder. Dei a volta até a frente do forno. Então me enfiei sob ele e entrei na bacia de coleta, embaixo.

Como uma última defesa contra o derretimento, o forno tinha um tampão de cobre no fundo do tanque. O cobre tem um ponto de fusão mais alto do que a temperatura do banho, porém mais baixo do que o do aço. Assim, se as coisas ficassem quentes demais (1.085 graus, para ser exata), o cobre derreteria. O banho de sal superaquecido escorreria para a bacia de cimento embaixo. Haveria uma sujeira tremenda para limpar, mas o forno em si estaria salvo.

Isso eu não poderia admitir!

Puxei o equipamento de solda e a sacola para dentro do buraco comigo. Mais uma vez estaria soldando. Suspiro. E desta vez estava usando aço com aço usando como solda hastes de aço. Assim, para o caso de não estar claro: aço. É isso aí. Bom, pelo menos dessa vez eu não estava utilizando um traje de AEV. Qualquer aço derretido que batesse em mim só iria me desfigurar pelo resto da vida, em vez de me matar. Isso eu tinha a meu favor.

Comecei o trabalho. Me desloquei para o lado enquanto unia a placa à parte de baixo do forno. Admito que perdi a gota de solda algumas vezes lançando uma bolota de morte flamejante para o chão. Mas continuei. Depois de quinze minutos tinha uma placa de aço sólido cobrindo o tampão de cobre.

Eu não sabia direito de que tipo de aço as paredes do forno eram feitas, porém a maioria derrete a 1.540 graus ou abaixo disso. Assim, só por segurança, minha placa e as hastes de solda eram de grau 416 com ponto de fusão de 1.530. O forno derreteria antes do meu remendo.

O remendo era fino, de modo que seria de pensar que ele derreteria primeiro, mas a física não funciona assim. Antes que a temperatura pudesse chegar ao ponto de fusão do remendo, 1.530 graus, tudo que podia derreter a uma temperatura mais baixa precisaria derreter primeiro. E o ponto de fusão das paredes do forno era de 1.450. Assim, mesmo que o remendo fosse fino e o forno fosse grosso, o fundo do forno cederia antes que o remendo chegasse ao ponto de fusão.

Não acredita? Ponha gelo numa panela e acenda o fogo. A temperatura da água vai permanecer em zero grau até que o último cubo derreta.

Me arrastei para fora do buraco e verifiquei a sala de controle. Ainda estava vazia. Mas não por muito tempo. O trem tinha partido.

Com todo aquele cloro no ar, fazia sentido mandar os funcionários de volta para a cidade. Assim que eles chegassem, um punhado de engenheiros com roupas isolantes embarcaria e voltaria imediatamente. Eu tinha dez minutos para o trem alcançar a cidade, uns cinco para a mudança de passageiros e mais uns dez até que a cavalaria inimiga chegasse. Total: 25 minutos.

Corri até a caixa de controle térmico. Desatarraxei quatro parafusos e tirei o painel de acesso. Puxei a placa de controle de termopar e peguei na sacola uma placa de substituição. Svoboda tinha passado a tarde anterior montando aquilo. Na verdade, era bem simples. Ela agia como a placa normal, mas mentiria para o computador sobre a temperatura do banho, sempre informando que estava baixa. Encaixei-a na fenda.

Para objetivos de verificação, a placa de Svoboda tinha uma tela de LCD mostrando a temperatura real e a informada. A temperatura real era de 900 graus e a informada era de 825. O computador, acreditando que a temperatura estava baixa demais, ativou o aquecedor principal.

Houve um estalo audível, mesmo não existindo nenhum relé. O cabo de força – o mais grosso que eu já tinha visto na vida, por sinal – chegou a estremecer por um momento quando a corrente começou. Havia tanta eletricidade passando pelo cabo que o campo magnético resultante o fez se sacudir enquanto a energia aumentava. Ele se acomodou assim que a corrente chegou à amperagem máxima.

Olhei a placa de Svoboda. Logo a temperatura real chegou a 901. Então, num tempo muito menor, chegou a 902. Em seguida, passou direto a 904. Depois 909.

– Meeerda – falei.

Aquilo era tremendamente mais rápido do que eu esperava. Quem diria que um enorme cabo de eletricidade carregando a potência de dois reatores nucleares pode esquentar as coisas depressa?

Deixei o painel de acesso no chão e corri de volta para minha entrada particular.

Dale me esperava no conector inflável.

– E então? – perguntou ele.

Fechei a porta do abrigo de ar depois de passar.

– Missão cumprida. O forno está esquentando *depressa*. Vamos sair daqui.

– Muito bom! Toca aqui! – Dale levantou a mão enluvada.

Bati na palma da mão dele e Dale partiu pelo túnel na direção do veículo lunar.

Dei uma última olhada na escotilha do abrigo de ar para garantir que estava bem lacrado. Então me virei de volta e fui pelo túnel… Espere um minuto. Girei de volta para a escotilha. Poderia jurar que tinha visto movimento atrás de mim.

A escotilha tinha uma janelinha redonda. Cheguei mais perto e olhei. Ali, inspecionando equipamentos no lado oposto da parede da bolha da refinaria, estava Loretta Sanchez.

Pus as duas mãos na cabeça.

– Dale, temos um problema.



Sanchez olhou para o sistema de ar de emergência. Usava óculos de proteção e uma máscara para respirar. Aparentemente um pouco de gás cloro não a amedrontava.

Dale, na metade do caminho pelo tubo, indicou o veículo.

– Ande, Jazz! Vamos!

– Loretta Sanchez está lá!

– O quê?

Apontei para a janela da comporta de pressurização.

– Ela está andando por lá, como se fosse dona do lugar.

– Ela *é* dona do lugar. Vamos sair daqui.

– Não podemos deixá-la.

– Ela é uma mulher inteligente. Vai fugir assim que notar o derretimento.

– Vai fugir para onde?

– Para o trem.

– O trem foi embora.

– Para o abrigo de ar, então.

– Não vai protegê-la do aço derretido! – Virei-me para a escotilha. – Preciso salvá-la.

Dale voltou para perto de mim.

– Está maluca? Essas pessoas tentaram *matar* você, Jazz!

– E daí? – Verifiquei a fita na máscara e nos óculos. – Vá para o veículo. Esteja pronto para partir rápido.

– Jazz…

– Vá – falei, ríspida.

Ele hesitou um segundo, provavelmente tentando decidir se conseguiria me forçar fisicamente a voltar ao veículo. Escolheu não fazer isso e foi andando pelo tubo inflável.

Girei a válvula da escotilha e voltei para a usina. A princípio Sanchez não me viu. Sua atenção estava no sistema de ar de emergência. Provavelmente tentando descobrir por que ele não limpava o ar.

Como é que a gente se apresenta numa situação assim? Não creio que tenha um capítulo chamado “Salvar a vida de um inimigo durante uma sabotagem industrial” em livros de etiqueta. Assim, usei um método conhecido e eficaz: – Ei! – gritei.

Ela se virou, com a mão no coração.

– Meu Deus!

Sanchez ofegou algumas vezes e recuperou a compostura. Era pouco mais velha e

desgastada do que nas fotos que eu tinha visto. Mesmo assim, parecia ágil e saudável para uma mulher de 50 anos.

– Quem é você?

– Isso não é importante – respondi. – Aqui não é seguro. Venha comigo.

Ela não se abalou.

– Você não é minha funcionária. Como entrou aqui?

– Cortei um buraco na parede.

– O quê? – Ela examinou as paredes e não viu nada. O buraco ficava do outro lado do forno. – Você fez um buraco? Na minha fábrica?

– Por que você não está no trem?! Você deveria estar no trem!

– Eu queria ver se conseguia resolver o problema. Mandei os outros para a segurança e… – Ela parou e levantou um dedo. – Espere um momento. Não preciso me explicar. *Você* é que precisa se explicar a *mim*!

Dei um passo na direção dela.

– Escute, essa usina inteira vai derreter. Você tem que vir comigo *agora mesmo, porra*!

– Olhe a boca! Espere aí… Estou reconhecendo você. Você é Jasmine Bashara. – Ela apontou um dedo acusador. – Foi você que arruinou minhas colheitadeiras.

– É eu sabotei sua refinaria. A situação está ficando cada vez mais crítica enquanto falamos.

– Bobagem. Eu mesma a projetei. A segurança é infalível.

– O aquecedor está no máximo, o sistema térmico foi hackeado e eu soldei uma placa de aço em cima do tampão de derretimento.

Ela ficou boquiaberta.

– Precisamos ir embora! Venha!

Sanchez olhou para o forno, depois de volta para mim.

– Ou… eu poderia consertar.

– Isso não vai acontecer.

– Você planeja me impedir?

Firmei a postura.

– Você não quer se meter comigo, vovó. Tenho metade da sua idade e cresci nessa gravidade. Vou carregar você para fora se for preciso.

– Interessante. Eu cresci nas ruas de Manaus. E estou acostumada a derrubar homens com o dobro do seu tamanho.

Certo, eu não estava esperando por isso.

Ela saltou para cima de mim.

Eu também não estava esperando por isso.

Abaixei-me e a vi passar voando por cima. Os terráqueos sempre subestimavam até onde um pulo iria levá-los. Por isso foi fácil…

Ela abaixou a mão, agarrou meu cabelo e bateu com minha cabeça no chão ao pousar. Depois montou no meu peito e recuou o braço para me dar um soco na cara. Chutei para cima, joguei-a longe e me levantei.

Antes que eu pudesse me orientar, ela estava em cima de mim de novo. Dessa vez atacou por trás com uma chave de pescoço.

Eu tenho muitos defeitos, mas o machismo não é um deles. Sei quando estou numa classe inferior. Manaus é uma cidade muito mais violenta do que Artemis. Essa mulher era capaz de acabar comigo numa luta justa.

É por isso que eu evito lutas justas.

Levei a mão por cima do ombro e puxei a máscara dela. Ela me soltou imediatamente e recuou. Prendeu o fôlego e demorou pegando a máscara pendurada. Isso me deu uma abertura.

Girei, abaixei-me e a agarrei pelas pernas. Depois a levantei com toda a força. Ela voou uns 5 metros.

– Você pode fazer isso em Manaus? – gritei.

Ela se sacudiu no ar e chegou ao ponto máximo do voo. Peguei meu tanque de acetileno no chão enquanto ela começava a descer. Não tinha como evitar o que veio em seguida.

Girei o tanque com o máximo de força que pude. Fiz questão de não acertar a cabeça. Afinal, não queria matá-la. Acabei acertando o tornozelo esquerdo. Ela gritou de dor e despencou embolada no chão. Preciso admitir que a mulher era dura na queda, e se recuperou de novo. Pior: partiu na minha direção.

– Pare! – Estendi a mão. – Isso é ridículo. Seu forno está ficando cada vez mais quente. Você é química. Faça as contas. Não quer simplesmente vir comigo?!

– Você não pode… – Ela parou. Virou-se lentamente para o forno. A metade inferior reluzia num vermelho-escuro. – Ah, meu Deus…

Sanchez girou de volta para mim.

– Onde fica a tal saída?

– Por aqui – indiquei.

Juntas corremos para o buraco, ela um pouco mais devagar porque eu tinha arrebentado seu tornozelo.

A mulher mergulhou pelo buraco e eu fui atrás. Passamos pelo abrigo de ar e chegamos ao túnel de conexão. Fechei a escotilha atrás de nós.

– Aonde isso vai dar? – perguntou ela.

– Longe daqui.

Corremos pelo tubo. Dale passou a cabeça pela câmara de pressurização do veículo lunar. Tinha tirado o traje de AEV.

Sanchez pulou no veículo e eu entrei logo depois. Fechei a escotilha com uma pancada.

– Ainda precisamos soltar o inflável! – disse ele.

– Não há tempo – respondi. – Teríamos que pôr os trajes para isso. Vá para longe no torque máximo, para rasgar o túnel.

– Segurem-se aí – disse Dale e apertou o acelerador.

O veículo saltou para a frente. Sanchez caiu do banco. Eu mantive a posição perto da janela de trás.

O veículo tinha um torque insano, mas não existe muita tração no regolito lunar. Só andamos 1 metro antes que o túnel nos fizesse parar com uma sacudida. Sanchez, que tinha acabado de se levantar, caiu para a frente em cima de Dale. Ela agarrou os ombros dele para se sustentar.

– Precisamos sair daqui – disse ela. – Há tanques de metano e oxigênio lá dentro…

– Eu sei! – falei.

Lancei um olhar pela janela lateral. Uma pedra com uma borda afiada atraiu minha atenção. Pulei para a parte da frente do veículo e me sentei no banco do carona.

– Tenho um plano, Dale, mas vai demorar demais para explicar. Me dá o controle.

Dale virou um interruptor na coluna central para dar prioridade ao meu lado. Sem discussão, sem perguntas, simplesmente fez. Os peritos em AEV são muito racionais durante uma crise.

Pus o veículo em marcha a ré e recuei 4 metros.

– Está indo para o lado errado – disse Sanchez.

– Cale a boca! – Virei-me para a pedra inclinada e engrenei o veículo. – Segurem-se em alguma coisa.

Os dois se agarraram um ao outro. Acelerei ao máximo.

Partimos para a pedra. Guiei a roda dianteira direita por cima dela e todo o veículo subiu num ângulo agudo. Batemos no chão sobre lado esquerdo do veículo e capotamos. Demos trabalho à grade de proteção. A cabine parecia uma secadora de roupas. Tentei não vomitar.

Eis o que eu pensei que fosse acontecer: o inflável ficaria todo torcido, coisa que ele não era projetado para suportar, de modo que se rasgaria. Então eu usaria movimentos para trás e para a frente para aumentar o rasgo em toda a volta. Então estaríamos livres.

Eis o que aconteceu de verdade: o inflável aguentou feito um campeão.

Era projetado para ter ocupantes humanos, de modo que, por Deus, iria protegê-los contra qualquer coisa. Não rasgou. Mas o ponto de conexão com a câmara de pressurização do veículo não era tão forte. A torção arrancou os parafusos.

O ar dentro do túnel explodiu, soprando o veículo mais para a frente (nota: os veículos lunares não são projetados para serem aerodinâmicos). Derrapamos de lado por mais 1 metro e depois caímos pesadamente sobre as rodas.

Estávamos livres.

– Puta que pariu! – disse Dale. – Isso foi genial!

– Ah, é.

Dirigi o veículo para longe.

Uump!

O estrondo abafado durou uma fração de segundo. Era um daqueles sons que a gente mais sente do que ouve.

– Isso foi alto – disse Sanchez.

– Não, não foi. – Dale arrancou os braços dela de seus ombros. – Eu mal pude ouvir.

– Ela está certa. – Mantive os olhos no terreno à frente enquanto dirigia. – O som viajou pelo solo frouxo, subiu pelas rodas e entrou na cabine. O fato de termos ouvido alguma coisa significa que foi tremendamente alto.

Olhei a imagem da câmera de ré. A bolha estava intacta, claro. Seria preciso alguma coisa nuclear para abri-la. A parte surpreendente foi meu abrigo de ar. Continuava bem onde eu tinha deixado.

Pisei no freio.

– Puta que pariu! Você viu aquilo?! Minha solda aguentou a explosão!

Sanchez olhou para mim, irritada.

– Desculpe se não estou muito animada para parabenizá-la.

– Sério? – perguntou Dale. – Vai contar vantagem agora?

– Só estou dizendo. Tremenda solda.

– Que merda, Jazz. – Ele virou a chave de controle de volta para o seu lado e nos levou de volta para a cidade.

– Você deveria ligar para o Svoboda e o seu pai, para avisar que está bem.

– E deveria ligar para um advogado – disse Sanchez. – Vou garantir que você seja deportada para o Brasil para enfrentar as acusações.

– Caguei para sua ameaça.

Peguei meu Gizmo e liguei para Svoboda. Ele não atendeu. Caiu na caixa postal.

– Epa.

– O que foi? – perguntou Dale.

– Svobo não atendeu.

Liguei de novo. Caiu na caixa postal outra vez.

– Será que alguém o encontrou?

Eu me virei para Sanchez.

– Vocês têm mais algum capanga em Artemis?

– Não vejo motivo para cooperar com você.

– Não me sacaneie. Se meu pai ou meu amigo se machucarem, eu mando você de volta para o Brasil um pedaço de cada vez.

– Não tenho nenhum "capanga". Essas pessoas não prestam contas a mim.

– Babaquice. Seu focinho está tão enfiado no rabo do Palácio que você consegue enxergar os dentes dele.

Ela franziu o cenho.

– Eles são os donos. Eu não sou dona.

– Vocês são *sócios*!

– O mercado de alumínio afundou quando Artemis parou de construir novas bolhas. Eu precisava de verbas para continuar. Eles ofereceram ajuda financeira e eu aceitei. Eles fazem a coisa deles e ficam fora do meu caminho enquanto eu administro a refinaria. Uma refinaria em que eu pus a vida e a alma, e que você acaba de destruir, sua poça de exsudação!

– Não pense que eu não vou procurar o significado disso!

Liguei para o número de papai e segurei o Gizmo junto ao ouvido. Cada toque fazia aumentar minha pressão sanguínea.

– Papai não atende.

Tamborilei no console. Dale dirigiu com uma das mãos e pegou o seu Gizmo.

– Tente falar com Lene, eu tento Bob.

Liguei para o número de Lene. Tocou e tocou. Desliguei quando caiu na caixa postal.

– Nada.

– Bob também não atende – disse Dale.

Trocamos olhares nervosos.

– Talvez o Rudy tenha ficado sabendo e prendido todo mundo…

Parei com os polegares acima do Gizmo e franzi os lábios. Ligar para a polícia no meio de um crime não era o melhor plano. Logicamente eu deveria ter esperado até estarmos de volta na cidade: eles seriam presos, então. Mas não podia esperar.

Liguei para o número dele. Quatro toques e ninguém atendeu. Desliguei.

– Meu Deus.

– Sério? – perguntou Dale. – Nem Rudy atende? O que está acontecendo?

Sanchez pegou seu Gizmo e tocou na tela.

– Ei! – Tentei agarrar o Gizmo, mas ela o puxou antes que eu pudesse pegá-lo. – Me dá isso!

– Não – respondeu ela, irritada. – Preciso saber se o meu pessoal voltou em segurança.

– Babaquice! Você está ligando para pedir ajuda!

Saltei para cima dela. Ela me puxou para o chão.

– Parem com isso! – disse Dale.

Sanchez tentou me dar um soco, mas só tinha uma das mãos para usar: a outra segurava o Gizmo. Bloqueei o soco e lhe dei um tapa na cara. Ah, meu Deus, que sensação boa.

– Parem com essa merda! – berrou Dale. – Se vocês apertarem algum botão errado, suas idiotas, todos nós morremos!

– Você mandou aquela colheitadeira me matar! Admita! – Tentei dar um soco nela.

Ela desviou e me deu uma chave de braço.

– Claro que mandei! Como você *ousa* tentar destruir o trabalho da minha vida?!

– Que merda! – Dale parou o veículo derrapando.

Ele entrou na briga e me separou de Sanchez. Apesar do que você vê nos filmes de ação e nas revistas em quadrinhos, maior é mesmo melhor. Um homem com mais de 1,80 metro tem vantagem demais sobre duas mulheres magras.

– Escutem, as duas! Sou gay demais para curtir briga de mulheres. Parem com isso ou eu bato a cabeça de uma na cabeça da outra, porra!

– Olhe a boca. – Sanchez voltou a digitar em seu Gizmo.

– Quer fazer ela parar, por favor? – pedi a Dale.

– Se ela puder falar com *alguém*, eu fico feliz.

Ele nos soltou, mas ficou de olho em mim. De algum modo presumiu que eu era a agressora. Só porque queria arrancar os olhos daquela vaca e enfiá-los pela uretra dela.

Sanchez tentou ouvir alguma resposta pelo Gizmo. Sua expressão ficava mais temerosa a cada segundo. Desligou.

Dale olhou para mim.

– E agora?

– Desde quando eu sou a líder?

– A ideia foi sua. O que vamos fazer agora?

– Ah…

Passei o rádio para a frequência principal.

– Aqui é Jazz Bashara chamando algum perito em AEV. Câmbio?

– Câmbio! – responderam imediatamente. – Aqui é Sarah Gottlieb. Estou com Arun Gosal. Não conseguimos falar com mais ninguém. O que está acontecendo?

Eu conhecia os dois. Sarah era perita e Arun estava em treinamento. Tínhamos apagado juntos o incêndio na Vidros Queensland havia alguns dias.

– Não sei, Sarah. Estou num veículo do lado de fora e não consigo que ninguém atenda na cidade. Onde você está?

– Na área de colheita das colinas Moltke.

Desliguei meu microfone.

– Ah, certo. Eles estão vigiando a colheitadeira contra mim.

– Agora isso é meio irrelevante – disse Sanchez. – É bom saber que o Sindicato de AEV levou o contrato a sério.

Liguei o microfone de novo.

– Vocês podem voltar para a cidade?

– Tínhamos planejado levar a colheitadeira de volta para a refinaria e ir a pé de lá. Só que não conseguimos falar com a Alumínio Sanchez, para pedir que a mandem de volta.

– Provavelmente é melhor começarem a andar – falei.

Tentei não olhar para a cara furiosa de Sanchez.

– Negativo – disse Sarah. – Isso pode ser uma distração para nos atrair para longe. Vamos ficar aqui.

– Entendido.

– Ei… Você ainda está em treinamento. Não deveria estar fora sozinha. Tem algum perito com você? Quem está com você?

– Ah… Não estou ouvindo…

Passei o rádio de novo a para a nossa frequência particular.

– Isso vai exigir alguma explicação mais tarde – disse Dale.

– Uma bosta de cada vez. Vamos ao Porto de Entrada ver o que está acontecendo lá.

– É – concordou Sanchez. – É onde o trem vai estar, onde meu pessoal vai estar.

Dale ocupou o banco do motorista e partimos de novo. Sanchez e eu ficamos sentadas em silêncio, evitando contato visual pelo resto da viagem.

Dale dirigiu a uma velocidade perigosa de volta à cidade. Enquanto nos aproximávamos do Porto de Entrada, pudemos ver o trem atracado na câmara de pressurização.

Sanchez se animou.

– Como vamos entrar?

– Normalmente a gente liga para o perito em AEV de serviço na câmara de carga – respondeu Dale. – Como eles não estão atendendo, terei que colocar o traje e usar as válvulas manuais do lado de fora.

– Verifique o trem – falei. – Poderemos enxergar o porto pelas janelas.

Dale assentiu e levou o veículo pelo terreno muito trafegado. Passamos pela câmara de carga e paramos junto ao trem atracado. As janelas eram consideravelmente mais altas do que as nossas. De onde estávamos, só podíamos enxergar o teto lá dentro.

– Espere aí, vou conseguir uma visão melhor. – Dale batucou nos controles e a cabine começou a subir.

Por acaso o veículo de Bob tinha um elevador pantográfico também. Claro que tinha. Por que não teria? Tinha tudo que você pudesse desejar.

Ficamos no mesmo nível das janelas e Sanchez ofegou. Eu também teria ofegado, mas não queria que ela me visse fazendo isso.

Havia corpos espalhados – alguns nos bancos, outros amontoados no corredor. Uma mulher tinha uma poça de vômito em volta da boca.

– O que…? – conseguiu balbuciar Dale.

– Minha equipe!

Sanchez se remexeu freneticamente para olhar a partir de vários ângulos.

Encostei a testa no vidro para enxergar melhor.

– Eles ainda estão respirando.

– Estão? – perguntou ela. – Tem certeza?

– Tenho – respondi. – Olhe o cara de camisa azul. Está vendo a barriga dele?

– Michael Mendez. – Ela relaxou um pouco. – Certo, é. Estou vendo movimento.

– Eles desmaiaram onde estavam sentados – concluí. – Não estão agrupados e jogados na câmara nem nada.

Dale apontou para a escotilha que ligava o trem ao porto.

– A câmara de pressurização do trem está aberta. Está vendo a bandeira do Quênia na estação?

Franzi a testa.

– O ar.

Sanchez e Dale me olharam.

– É o ar. Tem alguma coisa errada com o ar. Todo mundo no trem estava ótimo até que o condutor abriu a escotilha. Então todos apagaram.

Dale torceu as mãos.

– Justo quando a gente fodeu com a refinaria. Não pode ser coincidência.

– Claro que não é coincidência! – gritou Sanchez. – Minha refinaria tem uma tubulação de

ar que leva direto ao Suporte de Vida da Bolha Armstrong. De onde você acha que o ar de vocês vem?

Agarrei-a pelos ombros.

– Mas os tubos têm sistemas de segurança, não é? Válvulas e coisas assim?

Ela afastou minhas mãos com um tapa.

– São feitas para impedir vazamentos, não para aguentar uma *enorme explosão*!

– Merda, merda, merda, merda… – disse Dale. – A explosão foi contida pela bolha da refinaria. Não tinha para onde ir. Você fez uma solda boa demais. O tubo de ar era o único local para onde a pressão poderia ir. Ah, merda!

– Espere aí. Não, não pode ser. O Suporte de Vida tem sensores de segurança para o ar que entra. Ele não é bombeado direto para a cidade, certo?

– É, você está certa – concordou Sanchez, acalmando-se um pouco. – Eles verificam o dióxido e o monóxido de carbono. Também verificam cloro e metano, para o caso de haver um vazamento na minha refinaria.

– Como eles verificam? – perguntei.

Ela foi até outra janela para olhar melhor os funcionários desmaiados.

– Eles têm compostos líquidos que mudam de cor na presença de moléculas indesejadas. E monitoramento por computador para reagir imediatamente.

– Então é química. É o seu negócio, certo? Você é química, não é? E se a explosão na refinaria causou outra reação? Alguma coisa que o Suporte de Vida não possa detectar?

– Bom… – Ela ponderou. – Teria havido cálcio, cloro, alumínio, silício…

– Metano – acrescentei.

– Certo, acrescente isso e poderia surgir clorometano, diclorometano, clo… Ah, meu Deus!

– O quê? O quê?

Ela apoiou a cabeça nas mãos.

– Metano, cloro e calor geram vários compostos, a maioria inofensiva. Mas também faz *clorofórmio*.

Dale suspirou aliviado.

– Ah, graças a Deus.

Sanchez pôs a mão na boca e conteve um soluço.

– Eles vão morrer. Todos vão morrer!

– Do que você está falando? – perguntei. – É só clorofórmio. Gás para dormir. Não é?

Ela balançou a cabeça.

– Vocês assistiram a filmes demais. O clorofórmio não é um anestésico inofensivo. É muito, *muito* mortal.

– Eles ainda estão respirando.

A mulher enxugou as lágrimas com a mão trêmula.

– Eles apagaram instantaneamente. Isso significa que a concentração é de pelo menos quinze mil partes por milhão. Nessa concentração todos estarão mortos em uma hora. E essa é a *melhor* hipótese.

As palavras dela me acertaram como uma marreta. Congelei. Simplesmente congelei. Tremi na cadeira e lutei contra a ânsia de vomitar. O mundo ficou turvo. Tentei respirar fundo. O ar escapou como um soluço.

Minha mente entrou em aceleração máxima.

– Certo… Certo… Espere aí…

Recursos: Dale, uma vaca de quem eu não gostava e eu. Um veículo lunar. Dois trajes de

AEV. Um monte de ar de reserva, mas não o suficiente para alimentar uma cidade. Equipamento de solda. Também havia uma perita em AEV e um em treino (Sarah e Arun), mas eles estavam longe demais para servir de alguma coisa. Tínhamos uma hora para resolver o problema e eles provavelmente não conseguiriam voltar a tempo.

Dale e Sanchez me olhavam desesperados.

Recurso adicional: toda a cidade de Artemis, sem contar com as pessoas dentro.

– Ce-certo – gaguejei. – O Suporte de Vida fica na Armstrong Térreo. No mesmo corredor da Agência Espacial. Dale, vamos para a câmara de pressurização da ISRO.

– Entendido.

Ele acelerou ao máximo. Fomos chacoalhando pelo terreno e demos a volta no arco da Bolha Aldrin. Entrei na câmara, na traseira do veículo.

– Quando eu tiver entrado, vou correndo para o Suporte de Vida. Eles têm *toneladas* de ar de reserva nos tanques de emergência. Vou abrir todos.

– Você não pode simplesmente diluir o clorofórmio – disse Sanchez. – A molaridade no ar vai ser a mesma.

– Eu sei, mas as bolhas têm válvulas de escape para o excesso de pressão. Quando eu abrir os tanques de reserva, a pressão do ar na cidade vai subir e as válvulas de escape vão começar a abrir. O ar bom vai substituir o ruim.

Sanchez pensou e depois assentiu.

– É, pode funcionar.

Paramos derrapando do lado de fora da câmara da ISRO. Dale pôs o veículo em marcha a ré e fez o procedimento de atracação mais rápido e hábil que eu já tinha visto. Mal diminuiu a velocidade para encaixar as duas comportas.

– Meu Deus, você é bom nisso, hein? – falei.

– Ande! – gritou ele.

Coloquei a máscara para respirar.

– Fiquem aqui. Dale, se eu fizer merda e o clorofórmio me pegar, você vai ter que me substituir.

Girei o volante da câmara. O chiado do ar equalizando encheu a cabine.

– Sanchez, se o Dale fizer merda, você é a próxima. Espero que isso não…

Inclinei a cabeça.

– Esse chiado parece estranho?

Dale lançou um olhar para a porta da câmara.

– Merda! A câmara do veículo foi danificada quando o túnel inflável foi arrancado! Feche a válvula, precisamos…

O chiado cresceu tanto que não consegui mais ouvir Dale. A comporta da câmara estava falhando.

Minha mente disparou: se eu fechasse a válvula, o que faria em seguida? Dale e eu tínhamos trajes de AEV, por isso poderíamos andar até a câmara da ISRO e usá-la normalmente. Mas isso exigiria que saíssemos do veículo, e acabaríamos matando Sanchez. A única solução seria levar todo o veículo para a cidade pela câmara de carga no Porto de Entrada. Só que ninguém estava acordado lá dentro para deixar que a gente entrasse. Precisaríamos abrir a comporta manualmente, o que significava sair do veículo, e mais uma vez a gente mataria Sanchez.

Tomei uma decisão rápida e abri a válvula totalmente.

– O que você está…? – começou Dale.

O veículo chacoalhou com a força do ar escapando. Meus ouvidos estalaram. Mau sinal: o ar estava escapando mais depressa do que o veículo podia substituí-lo.

– Feche a escotilha atrás de mim! – gritei.

Quatro portas. Eu precisava passar por *quatro portas* para entrar em Artemis. A câmara de pressurização do veículo tinha duas e a da ISRO tinha mais duas. Até que eu passasse pela última estaria em perigo. Dale e Sanchez ficariam bem quando ele fechasse a primeira porta atrás de mim.

Abri a Porta Número Um e pulei na câmara do veículo. A Porta Número Dois era a que estava tentando nos matar. Gelo se condensava nas bordas, onde um jato constante de ar escapava. Como Dale tinha previsto, a abertura estava empenada onde o túnel inflável estivera fixado.

Girei o volante e puxei a escotilha. Será que a porta ao menos se abriria, naquele estado miserável? Rezei a Alá, Javé e Cristo. Um deles me escutou, porque a escotilha se abriu. Usei toda a força para aumentar a abertura e finalmente foi o suficiente para me espremer e passar. Às vezes ser pequena é uma vantagem. Cheguei ao túnel de 1 metro entre as duas câmaras.

Tanto a porta externa do veículo quanto o túnel tinham sido bem empenados. Ambos deixavam o ar escapar como uma peneira. Mas pelo menos não havia nenhum buraco grande. Os tanques de ar do veículo estavam mantendo o lugar pressurizado por um momento, mas iam perdendo a batalha. E se você está se perguntando sobre minha máscara de respiração: não, ela não ajudaria no vácuo. Simplesmente sopraria oxigênio na minha cara morta.

Girei o volante da escotilha externa da ISRO e a abri. Entrei na câmara da ISRO e olhei de volta, para verificar os outros.

Tinha presumido que Dale já estaria fechando a escotilha interna do veículo. Presumi errado. Se ele tivesse fechado a escotilha, meu suprimento de ar acabaria até que eu entrasse em Artemis. Será que ele estava levando isso em consideração? Será que aquele idiota estava sendo nobre?

– Feche a porra da escotilha! – gritei acima do vento.

Então eu os vi. Os dois estavam pálidos e tontos. Dale caiu no chão. Merda. A câmara da ISRO tinha clorofórmio. No calor do momento, e com o planejamento de última hora, eu tinha me esquecido desse pequeno detalhe.

Certo. Uma coisa de cada vez. Primeiro abrir a última porta. O veículo tinha ar limitado, mas Artemis tinha bastante. Girei o volante da última escotilha e tentei empurrá-la. Não se mexeu.

Claro que não. O veículo estava numa pressão menor do que a cidade por causa do vazamento constante.

– Porraaaaa!

Abri a válvula central da escotilha para equalizar a câmara de pressurização com o ar do outro lado. A válvula de equalização da ISRO suplantou o vazamento. Qual das duas tinha um fluxo de ar maior? Não esperei para descobrir.

Firmei as costas contra a parede externa da câmara e usei as pernas para chutar a escotilha. As primeiras duas tentativas a fizeram tremer, mas não romperam a vedação. A terceira conseguiu.

A escotilha se abriu com um estalo. Um sopro de ar entrou na câmara e no veículo. Enfiei um pé na abertura para impedir que a escotilha se fechasse contra o fluxo de ar.

Dale e Sanchez estavam a salvo… mais ou menos. Se você considerar que respirar gás venenoso num veículo pressurizado vazando era estar “a salvo”.

Minhas costas doíam muito. Eu pagaria por isso no dia seguinte. Se tivesse um dia seguinte. Tirei o sapato e o deixei ali, para manter a escotilha aberta. Voltei ao veículo. Dale e Sanchez estavam completamente inconscientes. Droga! Nota para mim mesma: não tire a máscara.

Os dois estavam respirando bem. Fechei a escotilha interna do veículo para lacrá-los lá dentro e voltei à porta interna da ISRO. Abri-a de novo (muito mais fácil porque meu sapato impedia que a porta se fechasse) e entrei no laboratório.

Peguei o sapato de volta e a escotilha se fechou automaticamente, com a pressão do ar.

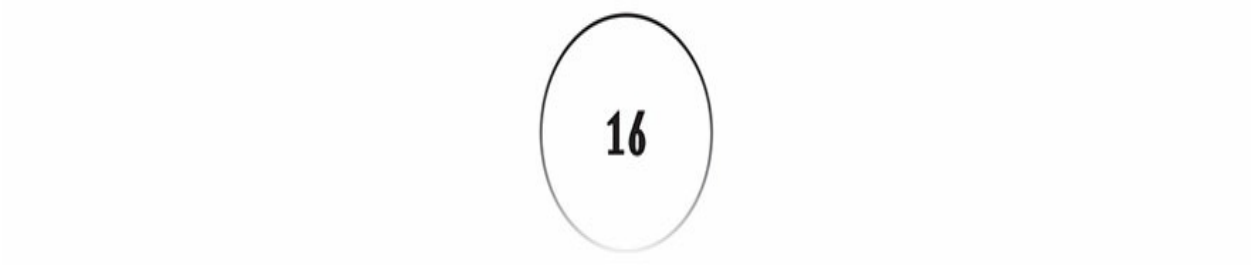
Pronto! Eu estava dentro.

Sentei no chão e calcei o sapato de volta. Depois verifiquei o lacre da máscara. Parecia bom. E eu não estava vomitando nem desmaiando, o que achei um bom sinal.

O laboratório da ISRO estava cheio de cientistas inconscientes. Era uma visão esquisita. Quatro deles tinham apagado sentados às mesas, e um estava caído no chão. Passei por ele e fui até o corredor.

Verifiquei meu Gizmo. Fazia vinte minutos desde o início do vazamento de clorofórmio. Assim, se a estimativa de Sanchez estivesse correta, eu tinha quarenta minutos para consertar o ar da cidade. Caso contrário, todo mundo morreria.

E a culpa seria minha.



Eu precisava de Rudy. Ou, para ser mais específica, precisava do Gizmo de Rudy.

Lembre-se: o Centro de Suporte de Vida é uma área segura. Você precisa trabalhar lá para entrar – as portas não vão se abrir a não ser que reconheçam o seu Gizmo. O aparelho de Rudy abre qualquer porta da cidade. Áreas seguras, casas, banheiros… Não importa. Não há *nenhum lugar* aonde Rudy não possa ir.

O escritório dele na Armstrong Superior 4 ficava a alguns minutos do laboratório da ISRO, correndo. E, puta que pariu, foi uma viagem surreal. Corpos se espalhavam nos corredores e nas portas. Era como uma cena do apocalipse. Para não perder as estribeiras, repeti o mantra:

– Eles não estão mortos. Não estão mortos. Não estão mortos…

Peguei as rampas para ir de um andar para o outro. Os elevadores provavelmente teriam corpos bloqueando as portas.

A Armstrong Superior 4 tem um espaço aberto perto das rampas chamado Parque Pedregulho. Por que se chama assim? Não faço ideia. Enquanto passava, tropecei num cara caído de lado e numa turista que segurava um menininho. Ela havia enrolado o corpo em volta do menino – a última linha de defesa de uma mãe. Fiquei de pé de novo e continuei correndo.

Parei derrapando na porta da sala do Rudy e entrei. Rudy estava caído sobre a mesa. Mesmo apagado, de algum modo parecia manter a postura. Revistei seus bolsos. O Gizmo devia estar ali em algum lugar.

Alguma coisa atraiu meu olhar e incomodou meu cérebro. Não consegui deduzir o que era. É um daqueles alertas que a gente recebe, mais como uma sensação de “algo errado” do que qualquer coisa. Mas tudo estava “errado” naquele momento. Não tinha tempo para babaquices do subconsciente. Precisava salvar uma cidade.

Encontrei o Gizmo de Rudy e o enfiei no bolso. Minha Jazz interna fez outro apelo, desta vez com mais urgência. Ela gritava: *Tem alguma coisa errada!*

Parei um segundo olhando em volta. Nada esquisito. O pequeno escritório espartano parecia o de sempre. Eu conhecia bem o lugar: fora ali dezenas de vezes quando era uma adolescente babaquinha, e tenho uma memória muito boa. Nada estava fora do lugar. Absolutamente nada.

Então, quando saía da sala, a coisa me acertou. No caso, um objeto na nuca.

Meu couro cabeludo ficou entorpecido, e a visão turva, mas permaneci consciente. Tinha sido um golpe de raspão. Alguns centímetros à esquerda e meus miolos estariam vazando. Cambaleei à frente e me virei para o agressor.

Alvarez estava com um cano comprido de aço na mão e um tanque de oxigênio na outra. Uma mangueira ia do tanque direto para sua boca.

– Está de sacanagem, né? Só tem mais uma pessoa acordada, e é *você*?!

Ele deu outro golpe. Eu me desviei.

Claro que era Alvarez. Era isso que meu subconsciente tinha tentado avisar. O escritório de Rudy continuava como eu me lembrava. *Mas Alvarez deve ter sido trancado no abrigo de ar.*

Toda a sequência de acontecimentos passou pela minha cabeça: o abrigo tinha protegido Alvarez do clorofórmio. Assim que Rudy apagou, o assassino agora sem supervisão tinha soltado um tubo de 1 metro e o usado para forçar o volante da escotilha. O cadeado com corrente do outro lado não tinha chance contra esse torque.

Alvarez podia não ser engenheiro químico, mas não seria necessário um gênio para deduzir que havia alguma coisa errada com o ar. Ou isso ou ele tinha passado um segundo quase apagando antes de perceber. De qualquer forma, o abrigo tinha tanques de ar e mangueiras. Por isso ele montou um sistema de Suporte de Vida.

Como bônus, o tubo tinha uma extremidade afiada, serrilhada, onde ele o havia partido. Maravilhoso. Ele não tinha somente um porrete. Tinha uma lança.

– Há um vazamento. Todo mundo na cidade vai morrer se eu não consertar.

Ele atacou sem hesitação. Era um assassino com um serviço a cumprir. Eu precisava admirar seu profissionalismo.

– Ah, foda-se!

Alvarez era maior, mais forte, lutava muito melhor e estava armado com um porrete de metal pontudo.

Virei como se fosse correr, depois chutei para trás. Achei que isso atrapalharia seu ataque, e estava certa. Em vez de acertar minha cabeça com o cano, ele errou por alguns centímetros. Agora eu estava com a mão dele na minha frente e minhas costas viradas para o seu peito. Nunca teria chance melhor de desarmá-lo do que essa.

Agarrei sua mão e a torci. Clássico movimento de desarme. Deveria ter funcionado, mas não funcionou. Ele simplesmente estendeu a outra em volta de mim e levantou o cano contra a minha garganta.

Ele era forte. *Muito* forte. Mesmo com o ferimento no braço podia me dominar facilmente. Pus as duas mãos entre o cano e o meu pescoço. Mesmo assim, ele fez pressão. Eu não conseguia respirar. Há um tipo especial de pânico que domina a gente quando isso acontece. Eu me sacudi inutilmente por alguns segundos, depois usei toda a força de vontade que tinha para recuperar o controle.

Ele ia quebrar meu pescoço ou me sufocar e depois quebrar meu pescoço. A máscara de respiração era inútil, não conseguiria forçar o ar através da garganta fechada. Mas o tanque de ar no meu quadril poderia ser útil. Um objeto feito de metal sólido. Melhor do que nada. Baixei a mão para ele.

Dor!

Afastar a mão do tubo foi uma ideia terrível. Ele se livrou de metade da minha resistência. Alvarez o afundou mais na minha garganta. Minhas pernas cederam e eu tombei de joelhos. Ele me acompanhou e manteve o cano na minha garganta.

A escuridão se fechou em volta de mim. Se ao menos eu tivesse outra mão!

Outra mão…

O pensamento ecoou na minha mente cada vez mais turva.

Outra mão.

Outra mão.

Mãos demais.

Alvarez tinha mãos demais.

O quê?

Meus olhos se abriram bruscamente. Alvarez tinha mãos demais!

Um segundo antes ele tinha o cano numa das mãos e um tanque na outra. Agora as duas estavam no cano. Isso significava que ele havia largado o tanque *no chão!*

Juntei a quantidade minúscula de força que me restava, enrolei as pernas e dei uma guinada para a frente. O cano afundou mais ainda na minha garganta, mas tudo bem: a dor ajudava a me manter acordada. Apertei de novo, dessa vez com mais força, e finalmente o desequilibrei. Nós dois tombamos para a frente, eu embaixo, ele em cima de mim.

Então ouvi o som mais doce que já escutei.

Ele tossiu.

Seu aperto relaxou ligeiramente e ele tossiu de novo. Passei o queixo por baixo do cano e finalmente minha garganta estava livre! Ofeguei dentro da máscara e minha visão voltou aos poucos a clarear.

Agarrei o cano com as duas mãos e empurrei, arrastando Alvarez. Ele se segurou, mas estava mais fraco a cada momento.

Me esgueirei por debaixo dele e me virei para encará-lo. Ele estava no chão, tossindo com violência.

Como eu tinha esperado, ele havia largado o tanque no chão para me estrangular. Quando eu o arrastei para a frente, a mangueira de ar saiu da sua boca. Ele poderia ficar segurando o cano ou pegar a mangueira de ar. Tinha escolhido o cano. Provavelmente esperava me sufocar e depois pegar o ar de volta, antes de cair inconsciente.

Levou uma das mãos atrás, procurando a mangueira, mas eu agarrei seu colarinho e o arrastei pelo chão. Ele ofegou de novo e a cor sumiu do seu rosto. Eu me abaixei e arranquei o cano dele de uma vez por todas.

Finalmente ele caiu no chão. Estava nocauteado. Arquejei alguns segundos, depois me levantei.

A fúria ferveu dentro de mim. Avancei com a ponta afiada do cano. Alvarez estava impotente no chão: um assassino conhecido que tinha acabado de tentar me matar. Um golpe entre a quarta e a quinta costela… direto no coração… Pensei nisso. Pensei *mesmo*. Não é uma coisa da qual me orgulhe.

Pisei na parte de cima do seu braço direito com o calcanhar. O osso fez barulho.

Isso era mais meu estilo.

Não tinha tempo a perder, mas não podia deixar aquele escroto escapar de novo. Arrastei seu corpo inconsciente para a sala do Rudy. Empurrei o Rudy de lado e remexi na mesa até achar algemas. Algemei o braço bom de Alvarez no volante do abrigo de ar e joguei a chave no corredor. De nada, Rudy.

Verifiquei meu Gizmo para ver quanto tempo restava: 35 minutos.

Era só uma estimativa. Esperava que com um pouco de folga. Mesmo assim, com mais de duas mil pessoas na cidade, algumas certamente morreriam antes da hora programada.

“Embainhei” o cano, enfiando-o entre o cinto e o macacão. Alvarez estava apagado, respirando clorofórmio, tinha um braço quebrado e estava algemado. Eu não iria me arriscar mais. Chega de emboscadas!

Corri para o Suporte de Vida. Estava cada vez mais ofegante e minha garganta tinha inchado devido ao estrangulamento. Provavelmente teria um hematoma infernal, mas ela ainda não estava fechada. Só isso importava.

Senti gosto de bile na respiração, mas não tinha tempo para descansar. Corri pela pista de obstáculos feitos de corpos. Aumentei o fluxo de ar no meu tanque para insuflar mais oxigênio nos pulmões doloridos. Não ajudou muito (esse truque não funciona quando toda a atmosfera já é de oxigênio). Pelo menos o ligeiro aumento de pressão me impedia de inalar o ar cheio de clorofórmio. Já era alguma coisa.

Cheguei ao Suporte de Vida e balancei o Gizmo de Rudy diante da porta. Ela se abriu.

Havia vietnamitas inconscientes em toda parte. Olhei para as principais telas de status ao longo da parede. Para os sistemas automáticos, tudo estava perfeito! Boa pressão, bastante oxigênio, a separação de gás carbônico funcionando perfeitamente… O que mais um computador poderia querer?

O lugar do Sr. Đoàn, perto do painel principal, estava vazio. Eu me sentei nele e olhei os controles de ar. O texto estava em vietnamita, mas eu entendi a ideia. Principalmente porque uma parede mostrava um mapa de cada tubulação e linha de ar no sistema. Como dá para imaginar, era um esquema bem grande.

Fiz uma longa e intensa análise. Imediatamente vi o sistema de ar de emergência. Todas as linhas dele estavam marcadas em vermelho.

– Certo… Onde fica a válvula de ativação? – falei.

Segui várias linhas vermelhas com o dedo até encontrar uma que dava no próprio Suporte de Vida. Então encontrei algo que parecia um ícone de válvula.

– Canto noroeste…

A sala era um labirinto de canos, tanques e válvulas. Mas eu sabia de qual precisava agora. A terceira a partir da esquerda no canto noroeste. No caminho passei pelo Sr. Đoàn caído no chão. Pelo jeito ele tinha tentado chegar à válvula, mas não conseguiu.

Peguei a válvula com as duas mãos e a girei. O rugido gutural da liberação de pressão ecoou na sala.

Meu Gizmo soou no bolso. Foi uma coisa tão inesperada que eu saquei o cano, pronta para uma luta. Balancei a cabeça diante do gesto idiota e embainhei a arma de novo. Atendi.

– Jazz? – soou a voz de Dale. – Você está bem? Apagamos durante um minuto.

– Dale! É, estou bem. Estou no Suporte de Vida e acabei de abrir a válvula de fluxo. Vocês estão bem?

– Estamos acordados. É uma sensação de merda. Não faço ideia do motivo para termos apagado.

Sanchez falou ao fundo:

– Nossos pulmões absorveram o clorofórmio que estava no ar do veículo. Assim que a concentração caiu abaixo de 2.500, ele parou de atuar como anestésico.

– Estamos no viva-voz, por sinal – disse Dale.

– Sanchez – chamei. – Estou *tão feliz* que esteja bem.

Ela ignorou meu tom sacana.

– O fluxo está funcionando?

Corri de volta para as telas de status. Agora cada bolha tinha várias luzes amarelas piscando, que não existiam ali antes.

– Acho que sim. Há luzes de cautela e alerta em toda parte. Se estou entendendo direito, provavelmente são as válvulas de escape. Estão abertas.

Cutuquei um técnico na cadeira ao meu lado. Ele não se mexeu. Claro, mesmo com o ar perfeito, esses caras demorariam um tempo para acordar. Estavam respirando anestésico do século XIX durante meia hora.

– Esperem aí – falei. – Vou fazer um teste.

Tirei a máscara do rosto por um segundo e respirei só um pouquinho. Caí *imediatamente* no chão. Estava fraca demais para ficar de pé. Quis vomitar, mas resisti. Encostei a máscara no rosto de novo.

– Não está bom… – murmurei. – Ar… ruim, ainda…

– Jazz? – disse Dale. – Jazz! Não apague!

– Estou bem – falei enquanto me ajoelhava.

Cada inspiração de oxigênio fazia com que eu me sentisse melhor.

– Estou… bem… Acho que só precisamos esperar. Demora um tempo para substituir todo esse ar. Estamos indo bem.

Acho que os deuses ouviram e morreram de rir. Nem bem falei isso e o som do ar através dos canos diminuiu e silenciou.

– Ah… Pessoal? O ar parou.

– Por quê? – perguntou Dale.

– Estou trabalhando nisso!

Analisei as telas de status. Nada óbvio ali. Então voltei ao esquema da tubulação na parede. A válvula principal ficava ali mesmo no Suporte de Vida e levava a um tanque naquela sala. A indicação disse que estava vazio.

– Ah! Ficamos sem ar! Não tem suficiente!

– O quê? – disse Dale. – Como é possível? O Suporte de Vida tem ar para meses.

– Não exatamente – expliquei. – Eles têm ar suficiente para encher uma ou duas bolhas e bateria suficiente para transformar CO_2 de volta em oxigênio durante meses. Só que não têm oxigênio suficiente para encher a cidade toda. É uma coisa em que ninguém pensou.

– Ah, meu Deus… – murmurou Dale.

– Temos uma chance. Trond Landvik juntou uma quantidade enorme de oxigênio. Os tanques dele ficam aí fora.

– Aquele sacana – disse Sanchez. – Eu *sabia* que ele estava querendo o meu contrato de oxigênio em troca de eletricidade.

Olhei de novo por cima do painel de controle. Felizmente os vietnamitas usam um conjunto ampliado do alfabeto inglês. Num trecho do esquema estava escrito LANDVIK.

– Os tanques do Tront estão no esquema! – gritei.

– Claro que estão – disse Sanchez. – Trond devia estar de conluio com eles para garantir que seu sistema de ar pudesse fazer uma interface com o deles.

Passei o dedo pelo mapa.

– Segundo isso aqui, os tanques do Trond já estão conectados com o sistema. Tem todo um conjunto complicado de válvulas no caminho, mas há um caminho.

– Então faça isso! – disse Dale.

– As válvulas são registros manuais e estão do lado de fora – expliquei.

– O quê?! Por que há válvulas manuais na superfície?!

– Por segurança. Trond me explicou antes. Não importa. Acabei de memorizar o esquema dos canos. É tremendamente complicado e não sei em que estado as subválvulas vão estar. Vou pensar nisso quando chegar lá.

Saí correndo do Suporte de Vida para os conectores da Armstrong.

– Espera, você vai sair? – perguntou Dale. – Usando o quê? Seu traje de AEV está aqui.

– Estou indo para a câmara de pressurização Conrad e tenho um cano. Vou arrombar o armário do Bob e usar o equipamento dele.

– Aqueles armários são de alumínio com 1 centímetro de espessura. Você nunca vai conseguir a tempo.

– Certo, bem pensado. Ah…

Corri pelo túnel de conexão entre a Armstrong e a Conrad e verifiquei meu Gizmo. Tínhamos 25 minutos.

– Vou usar uma bola de hamster de turista.

– Como vai girar os registros?

Maldição, ele estava certo de novo. As bolas de hamster não tinham braços, luvas nem pontos de articulação. Eu não conseguiria segurar nada do lado de fora.

– Acho que você vai ter que ser as minhas mãos. Os tanques estão no triângulo entre a Armstrong, a Shepard e a Bean. Encontre-se comigo no Conector Bean-Shepard. Vou precisar de sua ajuda para entrar no triângulo.

– Entendido. Estou indo para o conector. Vou chegar o mais perto que puder e andar o resto do caminho.

– Como você vai sair do veículo sem matar Sanchez?

– Eu também gostaria de saber isso – acrescentou Sanchez.

– Vou colocá-la no seu traje antes de abrir a câmara – respondeu ele.

– No *meu* traje?

– Jazz!

– Tudo bem. Desculpe.

Corri pela Conrad Térreo o mais rápido que podia. A bolha onde moro tinha algumas das passagens mais exóticas da cidade. Quando você coloca um punhado de artesãos num lugar sem regras de zoneamento, as oficinas se expandem para preencher cada reentrância e cada nicho. Mas eu conhecia o caminho de cor.

Naturalmente a câmara de pressurização para os turistas ficava no *ponto mais distante* do túnel conector com a Armstrong. Onde mais seria?

Finalmente cheguei. Dois peritos em AEV estavam caídos no chão, na frente de dezesseis turistas que tinham apagado em suas cadeiras. O vazamento os havia pegado no meio das orientações.

– Dale, estou junto da câmara.

– Entendido. – Ele estava longe do microfone do seu Gizmo. – Estou demorando um pouco para enfiar Sanchez no seu traje. Ela é meio alta…

– Desculpe – disse ela. – Tenho 1,64 metro, a média exata para uma mulher. Não sou alta, sua amiga sabotadora é que é baixinha.

– Não estique o meu traje – avisei.

– Acho que vou cagar nele!

– Ei!

– Não é hora para brigas, Sanchez! – disse Dale. – Jazz, salve a cidade!

Entrei correndo na grande câmara e peguei num cubículo uma bola de hamster desinflada.

– Aviso quando estiver do lado de fora.

Abri o plástico flácido no chão com o zíper da abertura virado para cima, peguei na parede uma mochila de sobrevivência e a coloquei às costas. Hora de um pouco de “magia do Gizmo” do Rudy. Fechei a porta interna da comporta de pressurização e balancei o Gizmo sobre o painel de controle, que me deu acesso.

Próximo problema: as câmaras de pressurização devem ser operadas por peritos em AEV usando trajes e luvas. Isso exigiria um pouco de sutileza.

Desativei os controles do computador e passei para a opção manual. A primeira coisa que fiz foi girar o volante da porta externa. A porta, como todas as escotilhas das câmaras, servia como vedação: a pressão do ar atrás dela a empurrava contra o lacre. Dessa maneira, apesar de ter tornado possível abrir a porta, você precisaria ser o Super-Homem para abri-la contra a pressão. Mas eu tinha tirado as trancas físicas do caminho, pelo menos.

Girei muito lentamente a válvula de ventilação. Assim que ouvi o chiado do ar escapando, parei de girá-la. Totalmente aberta, a válvula deixaria todo o ar da câmara sair para o espaço em menos de um minuto. Mas nesse ritmo demoraria um pouco mais: o suficiente para eu não morrer, ou pelo menos era o que esperava.

Corri para a bola de hamster e me enfiei dentro. Era um negócio desajeitado, como entrar numa barraca desmontada, mas era assim que essas coisas funcionavam.

Fechei os lacres com zíperes (há três camadas deles, por segurança). Em seguida, abri a válvula de ar na mochila de sobrevivência durante alguns segundos. A bola cresceu apenas o suficiente para eu me mover.

Normalmente você faz essa merda quando a câmara de pressurização *não* está liberando o ar. Você demora, infla e espera que o perito em AEV verifique seus lacres. Eu não teria esse luxo.

A pressão na câmara diminuiu, e minha bola enfim cresceu como um balão numa câmara de vácuo. Isso não é uma analogia. Era literalmente um balão numa câmara de vácuo.

Engatinhei para a frente (é difícil se mover numa bola parcialmente inflada) e estendi a mão para o volante da escotilha. Como minha bola não estava totalmente rígida, eu podia dobrar a película o suficiente para segurar o volante da escotilha. Segurei-o com as duas mãos enquanto a pressão tentava me soltar.

A bola foi se enrijecendo mais à medida que a câmara ficava sem ar, tornando cada vez mais difícil me segurar ao volante. Aquela borracha queria *mesmo* virar uma esfera. Ela parecia não querer que a enrolasse em volta de um volante.

Cheguei à beira de soltá-lo algumas vezes, mas consegui permanecer firme. Por fim a pressão na câmara ficou suficientemente baixa para eu abrir a porta.

O ar que restava saiu e minha bola ficou totalmente rígida. Ela arrancou minhas mãos da borda com tanta força que eu caí de bunda. Não importava: eu estava segura na minha bola de hamster e a câmara estava aberta.

Fiquei de pé outra vez e alguma coisa raspou na minha perna. Era o cano que eu tinha tomado do Canhotinho. Com toda a empolgação eu havia me esquecido de que ainda estava com ele. Geralmente não é boa ideia trazer uma haste pontuda para o seu sistema de Suporte de Vida inflável, mas era tarde demais para fazer qualquer coisa a respeito. Apertei o cinto para garantir que o cano ficasse preso. Não ia querer que ele se soltasse.

Verifiquei a mochila de sobrevivência. Estava tudo bem. Lembre-se: elas são projetadas para turistas. Cuidam de tudo sozinhas.

Saí para a superfície.

Apesar de todas as limitações, as bolas de hamster são ótimas para correr. Nada de botas desajeitadas, nada de traje grosso para atrapalhar, nenhuma necessidade de carregar 100 quilos de equipamento. Nada disso. Só eu com roupas normais e uma mochila moderadamente pesada.

Acelerei e rolei pelo terreno. Sempre que batia num calombo saltava no ar (bom, não no "ar", mas você entendeu). Havia um motivo para os turistas pagarem milhares de grades por isso. Em outras circunstâncias, seria tremendamente divertido.

Corri junto ao arco da Bolha Conrad até que a Bean surgiu. Parti para a Bean, depois segui

pelo seu perímetro.

Bati no fone de ouvido para me certificar de que estava ligado.

– Como está indo, Dale?

– Sanchez está com o traje e eu levei o veículo até o Conector Shepard-Bean. Vou sair. E você?

– Estou quase lá.

Passei pela borda da Bean e vi a Shepard. Continuei seguindo a parede da Bean até o túnel conector. Dale, junto à parede do conector, me viu e acenou. O veículo de Bob estava parado ali perto. Através das janelas dava para ver Sanchez sentada desajeitadamente com o meu traje. Fui até o conector e verifiquei meu Gizmo. Restavam quinze minutos.

Dale se agachou e pôs os dois braços embaixo da minha bolha.

– No três – disse ele.

Eu me encolhi, pronta para saltar.

– Um… dois… *três*!

Ajustamos o tempo perfeitamente. Eu pulei uma fração de segundo antes de ele atirar a bola para cima com toda a força. Assim, eu voei e Dale jogou a bola, acompanhando meu movimento. Minha bola e eu saltamos facilmente por cima do conector. Claro, quiquei feito uma idiota quando pousei do outro lado.

Dale passou por cima do conector com facilidade treinada, usando as muitas alças de suporte. Pousou ao meu lado assim que eu consegui ficar em pé de novo.

Com a Bean e a Shepard atrás de nós, viramos para o domo menor da Armstrong. Os tanques externos ficavam de um lado, parcialmente escondidos pela complicada rede de tubos e válvulas.

– Meu rosto está coçando – disse Sanchez pelo rádio.

– Que droga, hein? – comentei.

Dale e eu fomos para os tanques.

– O traje é muito desconfortável – continuou Sanchez. – Não posso simplesmente fechar a escotilha do veículo, pressurizar e esperar vocês no conforto?

– Não – respondeu Dale. – Precisamos ter sempre o veículo pronto para uma entrada rápida. É assim que fazemos as coisas.

Ela resmungou, porém não disse mais nada.

Rolei até a primeira linha de tubos. Três enormes tanques pressurizados dominavam a estrutura. Cada um deles tinha LANDVIK inscrito na lateral.

Apontei para a válvula central, das quatro que havia no tubo mais próximo.

– Feche essa válvula totalmente.

– Fechar?! – perguntou Dale.

– É, feche. Confie em mim. Esses tubos têm zonas de escape, acesso para limpeza e um punhado de outras merdas que tornam um saco mexer nisso.

– Entendi. – Ele segurou o registro com as luvas grossas e fechou à força.

Apontei para outra válvula, num tubo a 3 metros do chão.

– Agora abra aquela totalmente.

Ele pulou para cima e agarrou o tubo com as duas mãos. Deslocou-se pendurado até a válvula, firmou os pés em dois tubos abaixo e girou a válvula. Grunhiu com o esforço.

– Essas válvulas estão *apertadas*.

– Ninguém nunca mexeu nelas. Estamos usando pela primeira vez.

Finalmente o registro cedeu e Dale expirou com alívio.

– Pronto!

– Certo, aqui embaixo. – Indiquei uma confusão de tubos com quatro válvulas. – Feche todas, menos a terceira. Essa deve ficar totalmente aberta.

Verifiquei meu Gizmo enquanto Dale trabalhava. Dez minutos.

– Sanchez, até que ponto essa estimativa sobre a toxicidade do clorofórmio é exata?

– Bastante exata – respondeu ela. – Algumas pessoas já devem estar em situação crítica.

Dale apressou o ritmo.

– Pronto. E agora?

– Só mais uma. – Levei-o para longe do labirinto de tubos até um com meio metro de diâmetro e apontei para uma válvula que o controlava. – Abra essa totalmente e está feito.

Ele agarrou o volante e tentou girá-lo. Ele não se mexeu.

– Dale, você precisa *girar* o volante – falei.

– O que você acha que estou tentando fazer?

– Tente com mais força!

Ele se virou, agarrou-o com as duas mãos e fez força contra o chão com as pernas. O volante continuou se recusando a se mover.

– Ah, meu Deus! – disse Dale.

Meu coração quase pulou do peito. Olhei para minhas mãos inúteis. Com a bola de hamster em volta eu não tinha como segurar a válvula. Só podia olhar.

Dale fazia o máximo de força possível.

– Ah… meu… Deus…

– O veículo tem uma caixa de ferramentas? – perguntei. – Algum tipo de chave inglesa?

– Não – respondeu ele com os dentes trincados. – Tirei para dar espaço para o inflável.

Isso significava que a chave inglesa mais próxima estava na cidade. Demoraria demais para pegar uma.

– E eu? – perguntou Sanchez pelo rádio. – Posso ajudar?

– Não adianta – respondeu Dale. – Demora horas para aprender a escalar usando um traje de AEV. Eu teria que pegar você e carregar para cá. Demoraria muito e, mesmo assim, você não é muito forte. Não ajudaria.

Era isso. Era o máximo que conseguiríamos fazer. Estávamos a uma válvula da vitória. Duas mil pessoas morreriam. Talvez pudéssemos voltar para a cidade e salvar algumas arrastando-as para os abrigos de ar. Provavelmente não. Quando entrássemos, todo mundo estaria morto.

Olhei em volta procurando qualquer coisa que pudesse ajudar. Mas a superfície em volta de Artemis é a própria definição de “nada”. Um monte de regolito e poeira. Nem uma pedra amigável com a qual bater na válvula. Nada.

Dale tombou de joelhos. Eu não podia ver seu rosto pelo visor, mas ouvi seus soluços pelo rádio.

Meu estômago deu um nó. Eu estava a ponto de vomitar. Meus olhos se encheram de lágrimas. Isso só fez a garganta doer mais ainda. Eu quase morri tantas vezes desde que tudo começou e…

E…

E então eu soube o que fazer.

A percepção deveria ter me deixado em pânico. Não sei por que não deixou. Em vez disso, senti uma calma enorme. O problema estava resolvido.

– Dale – chamei baixinho.

– Ah, meu Deus – disse ele com a voz embargada.

– Dale, preciso que você faça uma coisa para mim.

– O-o quê?

Tirei o cano do cinto.

– Preciso que você diga a todo mundo que eu sinto muito. Que lamento tudo que eu fiz.

– O quê?

– E preciso que você diga ao meu pai que eu o amo. Isso é o mais importante. Diga a papai que eu o amo.

– Jazz. – Ele se levantou. – O que você vai fazer com esse cano?

– Precisamos de uma alavanca. – Segurei o cano com as duas mãos e virei a ponta afiada para a frente. – E eu tenho uma. Se isso não girar a válvula, nada vai girar.

Rolei minha bola até o volante.

– Mas o cano está dentro da sua bola de ham… Ah, não!

– Provavelmente não vou durar o suficiente para girar o volante. Você vai ter que pegar o cano e terminar por mim.

– Jazz! – Ele estendeu a mão na minha direção.

Era agora ou nunca. Dale tinha perdido o foco. Não posso culpá-lo. É difícil ver sua melhor amiga morrer, mesmo que seja pelo bem maior.

– Eu perdoo você, camarada. Por tudo. Adeus.

Enfiei a extremidade afiada do cano através da película da bola. O ar sibilou: eu tinha dado um canudinho para o vácuo sugar. O cano esfriou na minha mão. Empurrei com mais força e enfiei-o nos raios do volante da válvula.

Minha bola de hamster se esticou e se rasgou perto do local do furo. Eu tinha uma fração de segundo, no máximo.

Com toda a força empurrei o cano para o lado e senti o volante ceder.

Então a física apareceu com um ar de vingança.

A bola se despedaçou. Num segundo eu estava fazendo força contra o cano, no outro estava voando pelo vácuo.

Todos os sons pararam imediatamente. A luz ofuscante do Sol atacou meus olhos e eu franzi as pálpebras com força. O ar saiu dos meus pulmões. Tentei respirar, mas nada entrava. Sensação esquisita.

Caí no chão. Minhas mãos e meu pescoço ardiam enquanto o resto do corpo, protegido pelas roupas, assava mais lentamente. Meu rosto doía com o ataque da luz que queimava. Minha boca e meus olhos se encheram de bolhas – os líquidos fervendo no vácuo.

O mundo ficou preto e minha consciência se esvaiu. A dor parou.

Jazz,

Segundo o noticiário, aconteceu alguma coisa muito errada em Artemis. Dizem que toda a cidade saiu do ar. Não houve nenhum contato, ninguém dá sinal de vida. Não sei por que eu seria a exceção, mas preciso tentar.

Você está aí? Está bem? O que aconteceu?



Acordei no escuro.

Espere um minuto. Acordei?

"Como não estou morta?", tentei dizer.

– Cmm nn ft mmmt? – foi o que disse.

– Filha?! – Era a voz de papai. – Está me ouvindo?

– Mmf.

Ele segurou minha mão. Isso não parecia certo. A sensação estava embotada.

– *N… não con… sigo… ver…*

– Você está com bandagens nos olhos.

Tentei segurar a mão dele, mas doeu.

– Não. Não use as mãos. Também estão machucadas.

– Ela não devia estar acordada – disse uma voz de mulher. Era a Dra. Roussel. – Jazz? Está me ouvindo?

– *A coisa está tão ruim assim?* – perguntei.

– Você está falando em árabe – avisou ela. – Não entendo.

– Ela perguntou se a coisa está muito ruim – disse papai.

– Vai ser uma recuperação dolorosa, mas você vai sobreviver.

– Não… Eu não… A cidade. A coisa está muito ruim?

Senti uma picada no braço.

– O que você está fazendo? – perguntou papai.

– Ela não deveria estar acordada – respondeu a Dra. Roussel.

E então eu não estava.

Durante um dia inteiro fiquei perdendo e recobrando a consciência. Lembro uma coisa aqui e ali. Testes de reflexos, alguém trocando as bandagens, injeções, e assim por diante. Só ficava alerta pela metade, até que paravam de me cutucar, então eu retornava ao vazio.

– Jazz?

– Hein?

– Jazz, está acordada? – Era a Dra. Roussel.

– Sim?

– Vou tirar as bandagens dos seus olhos.

– Está bem.

Senti as mãos dela na cabeça. A bandagem foi desenrolada e finalmente pude enxergar. Estreitei os olhos por causa da luz. Enquanto eles se ajustavam, enxerguei mais partes do cômodo.

Eu estava num quartinho tipo de hospital. Digo “tipo de hospital” porque Artemis não tem um hospital. Só a enfermaria da Dra. Roussel. Esse lugar era um cômodo nos fundos, em algum lugar.

Minhas mãos ainda estavam com bandagens. A sensação era medonha. Elas doíam, mas não demais.

A médica, uma mulher de 60 e poucos anos com cabelo grisalho, apontou uma lanterna acesa para cada um dos meus olhos. Depois levantou três dedos.

– Quantos dedos?

– A cidade está bem?

Ela balançou a mão.

– Uma coisa de cada vez. Quantos dedos?

– Três.

– Certo. De que você se lembra?

Olhei para o meu corpo. Tudo parecia estar ali. Eu estava vestindo uma camisola de hospital e tinha sido presa à cama. Minhas mãos ainda estavam com bandagens.

– Lembro-me que estourei uma bola de hamster. Esperava morrer.

– E deveria ter morrido. Dale Shapiro e Loretta Sanchez salvaram você. Pelo que eu soube, ele jogou o seu corpo por cima do Conector Armstrong-Shepard. Sanchez estava do outro lado. Ela arrastou você até um veículo lunar e pressurizou a cabine. Você ficou no vácuo por um total de três minutos.

Olhei minhas mãos de múmia.

– E isso não me matou?

– O corpo humano consegue sobreviver a alguns minutos no vácuo. A pressão do ar em Artemis é suficientemente baixa para que você não sofresse o mal da descompressão. A maior ameaça é a falta de oxigênio. É como se afogar. Eles salvaram você bem a tempo. Mais um minuto e você estaria morta.

Ela pôs os dedos no meu pescoço e olhou para um relógio na parede.

– Você tem queimaduras de segundo grau nas mãos e na nuca. Presumo que essas partes tenham entrado em contato direto com a superfície lunar. E tem uma queimadura de sol intensa no rosto. Durante um tempo precisaremos examinar você uma vez por mês, para ver se surge algum câncer de pele, mas você vai ficar bem.

– E a cidade?

– Você deveria falar com Rudy sobre isso. Ele está aí fora. Vou chamá-lo.

Segurei a manga do jaleco dela.

– Mas…

– Jazz, eu sou médica, por isso vou cuidar de você. Não somos amigas. Me solte.

Soltei-a. Ela abriu a porta e saiu.

Vi Svoboda na sala do outro lado. Ele esticou o pescoço para me olhar. Então a figura impressionante de Rudy bloqueou a visão.

– Olá, Jazz – disse Rudy. – Como está se sentindo?

– Alguém morreu?

Ele fechou a porta.

– Não. Ninguém morreu.

Suspirei aliviada e minha cabeça caiu no travesseiro. Só então percebi como tinha ficado tensa.

– Graças a Deus.

– Você ainda está numa enorme encrenca.

– Imagino.

– Se isso houvesse se passado em qualquer outro lugar, teriam ocorrido mortes. – Ele cruzou as mãos às costas. – Por acaso tudo aconteceu a seu favor. Não temos carros, de modo que ninguém estava operando veículos na hora. Graças à gravidade baixa, ninguém se machucou quando caiu no chão. Foram apenas alguns arranhões e hematomas.

– Foi sem querer…

Ele me lançou um olhar feroz.

– Três pessoas tiveram problemas cardíacos devido à intoxicação por clorofórmio. As três eram idosas e tinham doenças pulmonares.

– Agora estão bem?

– Estão, por sorte. Assim que as pessoas acordaram, verificaram quem estava perto. Se não fosse nossa comunidade unida, isso não teria acontecido. Além disso, é fácil carregar uma pessoa inconsciente na nossa gravidade. E nenhuma parte da cidade está muito longe da Dra. Roussel. – Ele virou a cabeça na direção da porta. – Ela não está empolgada com você, por sinal.

– Notei.

– Ela leva a sério a saúde das pessoas.

– É.

Ele ficou quieto por um momento.

– Pode me dizer quem estava nisso com você?

– Não.

– Sei que Dale Shapiro estava envolvido.

– Não sei do que você está falando. Por acaso Dale estava trabalhando lá fora.

– No veículo do Bob Lewis?

– Eles são amigos. Emprestam coisas um para o outro.

– Com Loretta Sanchez?

– Talvez eles estejam namorando.

– Shapiro é gay.

– Talvez ele não seja muito bom nisso.

– Sei. Pode explicar por que Lene Landvik transferiu 1 milhão de grades para sua conta hoje de manhã?

Bom saber! Mas fiz cara de santa.

– Um pequeno empréstimo comercial. Ela vai investir na minha empresa de turismo de AEV.

– Você não passou na prova de AEV.

– É um investimento de longo prazo.

– Isso é uma mentira descarada.

– Tanto faz. Estou cansada.

– Vou deixar você descansar. – Ele voltou para a porta. – A administradora quer falar com você assim que estiver em boas condições. Talvez seja bom fazer a mala com roupas leves: é verão na Arábia Saudita.

Svoboda entrou assim que Rudy saiu.

– Ei, Jazz! – Svoboda pegou uma cadeira e se sentou ao lado da cama. – A doutora disse

que você está indo bem demais!

– Ei, Svobo. Desculpe pelo clorofórmio.

– Ah, não foi grande coisa. – Ele deu de ombros.

– Imagino que o resto da cidade não esteja tão a fim de perdoar, não é?

– As pessoas não parecem furiosas. Bom, algumas estão. A maioria não.

– Sério? Eu apaguei a cidade inteira.

Ele abanou a mão.

– Não foi só você. Houve um monte de falhas de engenharia. Tipo, por que não há detectores de toxinas complexas na tubulação de ar? Por que Sanchez armazenava metano, oxigênio e cloro numa sala com um forno? Por que o Centro de Suporte de Vida não tinha uma área de ar separada para garantir que os funcionários ficassem acordados quando o resto da cidade tivesse um problema? Por que o Suporte de Vida é centralizado, em vez de ter uma área separada para cada bolha? São perguntas que as pessoas estão fazendo.

Ele pôs a mão no meu braço.

– Fico feliz que esteja bem.

Pus a mão na dele. O efeito meio se perdeu com toda aquela bandagem.

– De qualquer forma – disse ele –, a coisa toda me deu uma chance de ficar próximo do seu pai.

– Verdade?

– É! Depois que acordamos, formamos uma dupla para verificar meus vizinhos. Foi maneiro. Depois ele me pagou uma cerveja.

Arregalei os olhos.

– Papai… pagou uma cerveja?

– Para mim. Ele tomou suco. Passamos uma hora falando sobre metalurgia! O cara é incrível.

Tentei imaginar papai e Svoboda juntos. Não consegui.

– O cara é incrível – repetiu Svoboda, dessa vez um pouco mais baixo.

Seu sorriso sumiu.

– Svobo?

Ele olhou para baixo.

– Você… vai embora, Jazz? Vão deportar você?

Pus a mão coberta de gaze no ombro dele.

– Vai ficar tudo bem. Não vou a lugar algum.

– Tem certeza?

– É, eu tenho um plano.

– Um plano. – Ele pareceu preocupado. – Seus planos são… hummm… Será que eu devo me esconder em algum lugar?

Eu ri.

– Desta vez, não.

– Certo… – Ele obviamente não estava convencido. – Como você vai sair dessa? Tipo… você apagou a cidade *inteira*.

Sorri para ele.

– Não se preocupe. Vou dar um jeito.

– Certo, tudo bem.

Ele se inclinou e beijou meu rosto, quase como um pensamento de última hora. Não fiz ideia do que o induziu, honestamente não achava que ele tivesse pique para isso. Mas sua

coragem não durou. Assim que percebeu o que tinha feito, seu rosto virou uma máscara de terror.

– Ah, merda! Desculpe! Eu não estava pensando…

Gargalhei. A expressão do coitado… Não consegui evitar.

– Relaxa, Svobo. Foi só um beijo no rosto. Não é para ficar todo abalado.

– C-certo. É.

Pus a mão na sua nuca, puxei sua cabeça e lhe dei um beijo na boca. Um beijo bom, longo, sem ambiguidade. Quando nos separamos, ele pareceu totalmente confuso.

– Bom, com relação a *isso* – falei. – Com relação a *isso* você pode ficar abalado.

Esperei num corredor vazio e cinza perto de uma porta onde estava escrito CI2-5186. A Conrad Inferior 2 tinha um pouquinho mais de classe do que a área normal na Conrad Inferior, mas não muito. Era estritamente classe operária, mas sem aquele cheiro de desespero dos andares inferiores.

Abri e fechei a mão algumas vezes. As bandagens tinham sido tiradas, mas minhas mãos estavam cheias de bolhas vermelhas. Eu parecia uma leprosa. Ou uma puta que só masturbava leprosos.

Papai virou a esquina, seguindo as instruções do seu Gizmo. Finalmente me viu.

– Ah, você está aí.

– Obrigada por vir, pai.

Ele segurou minha mão direita e a inspecionou. Encolheu-se ao ver os danos.

– Como você está? Dói? Se doer, você deve procurar a Dra. Roussel.

– Tudo bem. A aparência é pior do que a sensação. – Lá estava eu, mentindo de novo para meu pai.

– Bom, estou aqui. – Ele apontou para a porta. – CI2-5186. O que é?

Balancei meu Gizmo sobre o painel e abri a porta.

– Entre.

A oficina era grande, praticamente vazia, e tinha paredes de metal. Nossos passos ecoavam. Havia uma bancada no centro, coberta com equipamentos industriais. Mais ao fundo, cilindros de gás presos nas paredes alimentavam tubos que percorriam toda a sala. No canto ficava um abrigo de ar padrão.

– São 141 metros quadrados. Era uma padaria. Totalmente à prova de fogo e certificada pela administração para uso de altas temperaturas. Sistema de filtragem de ar autocontido. Cabem quatro pessoas no abrigo de ar.

Fui até os tanques.

– Mandei instalar esses. Linhas centrais de acetileno, oxigênio e neônio acessíveis de qualquer lugar da oficina. Tanques cheios, claro.

Apontei para a bancada.

– Cinco cabeças de maçaricos, 20 metros de linha de alimentação e quatro acendedores. Além disso, três conjuntos de equipamento de proteção e três kits de filtro e máscara.

– Jasmine, eu…

– Embaixo da mesa: 23 hastes de solda de alumínio, cinco hastes de aço e uma de cobre. Não sei por que você tinha aquela haste de cobre, mas tinha, de modo que está aí. Aluguel pago antecipadamente por um ano e o painel da porta já está programado para aceitar o seu Gizmo.

Dei de ombros e deixei os braços caírem ao lado do corpo.

– Portanto, é isso. Tudo que eu destruí naquele dia.

– Foi seu namorado idiota que destruiu.

– Eu fui a responsável.

– Foi, sim. – Ele passou a mão pela bancada. – Deve ter sido muito caro.

– Foram 416.922 grades.

Ele franziu a testa.

– Jasmine… você comprou isso com o dinheiro que…

– Papai, por favor, só… – Afrouxei o corpo e me sentei no chão. – Sei que você não gosta da origem do dinheiro, mas…

Papai cruzou as mãos às costas.

– Meu pai, seu avô, tinha depressão severa. Cometeu suicídio quando eu tinha 8 anos.

Assenti. Era um canto escuro da história da nossa família. Papai raramente falava nisso.

– Mesmo quando estava vivo, ele não estava "vivo" de verdade. Não cresci com um pai. Nunca soube o que era isso. Por isso me esforcei…

– Você é um excelente pai. Eu é que não sou uma boa filha…

– Deixe eu acabar. – Ele se ajoelhou e depois se sentou nos calcanhares. Tinha rezado nessa posição cinco vezes por dia durante sessenta anos. Sabia como ficar confortável assim. – Como pai, eu improvisei. Você sabe disso. Não tinha como aprender. Não existia manual. E escolhi uma vida dura para nós. Uma vida de imigrantes numa cidade de fronteira.

– Nesse aspecto não há do que reclamar. Prefiro ser uma pobre trabalhadora em Artemis do que uma mulher rica na Terra. Este é o meu lar…

Ele levantou a mão, me silenciando.

– Tentei preparar você para o mundo. Nunca peguei leve com você porque o mundo certamente não pegaria, e queria que você estivesse preparada. Nós brigamos às vezes, é claro. Encontre um pai e um filho ou filha que não tenham brigado. E certamente há aspectos da sua vida que eu desejaria que fossem diferentes. Mas, no geral, você virou uma mulher forte, confiante, e sinto orgulho de você. E, por extensão, sinto orgulho de mim por ter criado você.

Meu lábio tremeu um pouco.

– Eu vivi segundo os ensinamentos de Maomé – disse ele. – Tento ser honesto e verdadeiro em todas as minhas decisões. Mas, como qualquer homem, tenho defeitos. Peco. Se sua paz de espírito cobrar o preço de uma pequena mancha na minha alma, que seja. Só espero que tenha conseguido graça suficiente com Alá para que ele me perdoe.

Ele segurou minhas mãos.

– Jasmine, aceito sua recompensa, mesmo sabendo que a fonte é desonesta. E perdoo você.

Apertei a mão dele com força e consideramos o negócio encerrado.

Na verdade, não. Desmoronei nos braços dele e chorei feito criança. Não quero falar disso.

Hora de encarar a fera. Esperei do lado de fora do escritório de Ngugi. Os minutos seguintes determinariam se eu iria ficar ou ir embora.

Lene Landvik saiu apoiada nas muletas.

– Ah! Oi, Jazz. Transferi o dinheiro para sua conta há alguns dias.

– Eu vi. Obrigada.

– O Palácio me vendeu a Alumínio Sanchez hoje de manhã. Vão ser necessárias semanas para completar a papelada, mas concordamos com um preço e estamos prontos para ir em frente. Loretta já está projetando a próxima refinaria. Ela tem algumas melhorias em mente. A nova vai priorizar a extração de silício e…

– Você vai manter Loretta Sanchez?!

– Ah, vou.

– Está maluca?

– Acabei de pagar meio bilhão de grades por uma refinaria que não pode refinar. Preciso de alguém para reconstruí-la. Quem melhor do que Sanchez?

– Ela é o inimigo!

– Qualquer um que faça você ganhar dinheiro é amigo. Aprendi isso com meu pai. Além disso, ela ajudou a salvar sua vida *há quatro dias*. Será que vocês não estão quites?

Cruzei os braços.

– Essa merda vai acabar respingando na sua bunda, Lene. Ela não é de confiança.

– Ah, eu não confio nela. Só *preciso* dela. Há uma grande diferença. – Lene inclinou a cabeça na direção da porta. – Ngugi disse que a CEQ está ansiosa para retomar a produção de oxigênio. A cidade não vai ser tão rígida com as regras de segurança. Estranho, não é? Seria de pensar que eles ficariam *mais* exigentes, e não menos.

– Sanchez no comando… – Suspirei. – Não era isso que eu estava pensando quando bolei o plano.

– É, apagar a cidade inteira também não. Os planos mudam. – Ela olhou o relógio. – Preciso fazer uma teleconferência. Boa sorte. Avise se eu puder ajudar.

Lene se afastou mancando. Olhei-a por um momento. Ela parecia mais alta do que antes. Talvez fosse um truque da luz.

Respirei fundo e entrei na sala de Ngugi.

Ela estava sentada atrás da mesa, com um olhar irritado por cima dos óculos.

– Sente-se.

Fechei a porta e me acomodei diante dela.

– Acho que você sabe o que eu preciso fazer, Jasmine. E não é fácil para mim.

Ela empurrou um papel na minha direção. Reconheci o formulário: tinha-o visto alguns dias antes na sala do Rudy. Era uma ordem formal de deportação.

– É, eu sei o que a senhora precisa fazer: me agradecer.

– Você deve estar brincando.

– "Obrigada, Jazz" – falei. – "Obrigada por impedir que O Palácio tomasse conta da cidade. Obrigada por eliminar um contrato ultrapassado que ficaria no caminho de um enorme crescimento econômico. Obrigada por se sacrificar para salvar Artemis. Aqui está o seu troféu."

– Jasmine, você vai voltar para a Arábia Saudita. – Ela deu uma batidinha com o dedo na ordem de deportação. – Não vamos abrir nenhum processo e vamos cobrir suas despesas até você se ajustar à gravidade da Terra. Mas isso é o melhor que eu posso fazer.

– Depois de tudo que eu fiz por vocês? A senhora vai simplesmente me pôr para fora junto com o lixo de ontem?

– Não é uma coisa que eu *quero* fazer, Jasmine. Eu *preciso* fazer. Precisamos nos apresentar como uma comunidade que vive sob o domínio da lei. Isso é mais importante agora do que antes, porque a indústria da ZAFO está chegando. Se as pessoas acharem que seus investimentos podem ser explodidos sem que o perpetrador enfrente a justiça, elas não vão investir.

– Elas não têm escolha. Somos a única cidade da Lua.

– Não somos insubstituíveis. Somos apenas convenientes. Se as empresas ligadas à ZAFO acharem que não podem confiar em nós, vão fazer sua própria cidade lunar. Uma cidade que proteja as empresas delas. Agradeço o que você fez, mas preciso sacrificá-la pelo bem da cidade.

Peguei um papel meu e empurrei para ela.

– O que é isso? – perguntou Ngugi.

– Minha confissão. Note que deixei de fora qualquer menção à senhora, aos Landviks e a qualquer outra pessoa. Sou só eu. Assinei embaixo.

Ela me lançou um olhar perplexo.

– Está me ajudando a deportá-la?

– Não. Estou lhe dando um bilhete de "Deportar Jazz de Graça". Você vai colocar isso em alguma gaveta e deixar para qualquer emergência.

– Eu vou deportar você agora mesmo.

– Não vai, não. – Eu me recostei na cadeira e cruzei as pernas.

– Por quê?

– Parece que todo mundo esquece, mas eu sou uma contrabandista. Não sou sabotadora, nem heroína de ação, nem planejadora urbana. Sou *contrabandista*. Trabalhei duro para montar minha operação e ela funciona muito bem. No início eu tinha concorrência. Não tenho mais. Pus todo mundo para fora dos negócios cobrando mais barato, fazendo um serviço melhor e criando a reputação de que cumpro com a palavra.

Ela estreitou os olhos.

– Você deve querer chegar a algum lugar com isso, mas não vejo onde.

– A senhora já viu alguma arma em Artemis? Quero dizer, além da que a senhora tem na sua mesa?

Ela balançou a cabeça.

– Não.

– E drogas pesadas? Heroína? Ópio? Esse tipo de coisa?

– Não em escala significativa. Às vezes Rudy pega um turista com uma quantidade para uso próprio, mas é raro.

– Já pensou por que essa merda não entra na cidade? – Apontei para o meu peito. – Porque eu não deixo. Nada de drogas, nada de armas. E tenho um punhado de outras regras também. Mantenho os inflamáveis num nível mínimo. E nenhuma planta viva. A última coisa de que precisamos é a infestação por algum fungo esquisito.

– É, você é muito ética, mas…

– O que vai acontecer quando eu for embora? A senhora acha que o contrabando vai parar? Não. Vai haver um curto vazio de poder e outra pessoa vai assumir. Não faço ideia de quem será. Será que a pessoa vai ter uma mente tão cívica quanto a minha? Provavelmente não.

Ela ergueu uma sobrancelha. Fui em frente:

– Essa cidade está prestes a mudar para melhor com a ZAFO. Vai haver um monte de empregos, construções e uma chegada maciça de trabalhadores. Haverá novos fregueses para cada tipo de negócio na cidade. Novas empresas vão ser abertas para suprir a demanda. A população vai aumentar. A senhora já tem as estimativas, não tem?

Ngugi me encarou por um momento.

– Acho que teremos dez mil pessoas em um ano.

– Aí está. Mais pessoas significa mais demanda para contrabando. Milhares de pessoas que podem querer drogas. Uma porrada de dinheiro voando, o que significa mais crimes. Esses criminosos vão querer armas. Vão tentar trazê-las por meio de qualquer sistema de contrabando e mercado negro que existam. Que tipo de cidade a senhora quer que Artemis seja?

– É… um argumento muito bom.

– Certo. Então a senhora tem minha confissão. Isso vai me impedir de sair da linha. É um tipo de controle.

Ela pensou nisso por um tempo desconfortavelmente longo. Sem interromper o contato visual, pegou a ordem de deportação e colocou numa gaveta. Suspirei aliviada.

– Mas ainda temos um problema de punição… – Ela se inclinou para seu teclado antiquado e começou a digitar. Passou o dedo pela tela. – Segundo isso, o saldo de sua conta é de 585.966 grades.

– E daí?

– Achei que Lene tinha pagado 1 milhão.

– Como a senhora sa…? Deixa pra lá. Eu paguei uma dívida recentemente. Por que isso é relevante?

– Acho que é necessário algum tipo de restituição. Uma multa, por assim dizer.

– O quê?! – Eu me empertiguei. – Artemis não tem multas!

– Chame de contribuição voluntária para os fundos da cidade.

– Não há nada de "voluntário" nisso!

– Claro que há. – Ela se acomodou de volta na cadeira. – Em vez disso, você pode ficar com todo o seu dinheiro e ser deportada.

Bom, para mim isso era uma vitória. Eu sempre poderia ganhar mais dinheiro, mas não poderia ser "desdeportada". E ela tinha razão: se não me castigasse, qualquer escroto poderia fazer o que eu fiz e esperar que se livraria. Eu precisaria levar um tapa na mão.

– Certo. Quanto?

– Quinhentos e cinquenta mil grades devem bastar.

Ofeguei.

– Está de sacanagem, né?

Ela deu um risinho.

– É como você disse. Preciso de você para controlar o contrabando. Se você tiver um bocado de dinheiro, poderá se aposentar. E aí onde eu ficaria? É melhor manter você com fome.

Logicamente eu me dei bem. Tinha limpado a consciência. Mesmo assim, a perspectiva de meu saldo bancário ir de seis dígitos para cinco doía fisicamente.

– Ah! – Ela sorriu. – E obrigada por ter se oferecido como instrumento regulador de importações de Artemis, um cargo não remunerado e não oficial. Claro, eu vou considerá-la responsável por qualquer contrabando perigoso que surgir na cidade, independentemente de como tenha chegado aqui. Assim, se algum contrabandista aparecer e deixar que entrem armas ou drogas, você pode esperar uma conversinha comigo.

Fiquei olhando para ela sem expressão. Ela me encarou de volta.

– Espero a transferência das grades até o fim do dia – concluiu.

Minha empolgação sumiu completamente. Fiquei de pé e fui para a porta. Quando estendi a mão para a maçaneta, parei.

– Qual é o estágio final? – perguntei. – Assim que as empresas começarem a produzir a ZAFO, o que acontece?

– O próximo grande passo são impostos.

– Impostos? – Eu bufei. – As pessoas vêm para cá porque não querem pagar impostos.

– Elas já pagam impostos como o aluguel para a CEQ. Precisamos mudar para um sistema de propriedades particulares e um modelo de impostos de modo que a riqueza da cidade esteja ligada diretamente à economia. Isso ainda vai demorar um tempo.

Ela tirou os óculos.

– Tudo faz parte do ciclo de vida de uma economia. Primeiro é o capitalismo sem lei, até que ele começa a impedir o crescimento. Em seguida vêm a regulamentação, as leis e os

impostos. Depois disso: benefícios públicos e sociais. Depois, finalmente, o excesso de gastos e o colapso.

– Espere aí... Colapso?

– É, colapso. Uma economia é um organismo vivo. Nasce cheia de vitalidade e morre quando fica rígido e gasto. Então, pela necessidade, as pessoas se dividem em grupos econômicos menores e o ciclo recomeça, porém com mais economias. Economias bebês, como Artemis é agora.

– Entendi. E se a senhora quer fazer bebês, alguém precisa ser fodido.

Ngugi gargalhou.

– Você e eu vamos nos dar muito bem, Jasmine.

Saí sem mais comentários. Não queria gastar mais tempo dentro da mente de uma economista. Era um lugar escuro e perturbador.

Eu precisava de uma cerveja.

Não era a garota mais popular da cidade. Recebi alguns olhares de ódio nos corredores. Também vi alguns polegares levantados por meus apoiadores. Esperava que isso diminuísse com o tempo. Não quero fama. Quero que as pessoas não me notem.

Entrei no Hartnell's sem saber direito o que esperar. O pessoal de sempre estava nos lugares de sempre – inclusive Dale.

– Ei, é a Jazz! – gritou Billy.

De repente todo mundo "apagou". Cada freguês tentou superar os outros com demonstrações ridículas de que estavam inconscientes. Alguns puseram a língua para fora, outros roncaram com um chiado cômico e alguns ficaram esparramados no chão.

– Ha-ha-ha – falei. – Muito engraçado.

Assim que reconheci a brincadeira, ela acabou. Todos voltaram ao normal, bebendo em silêncio com alguns risinhos baixos.

– E aí? – disse Dale. – Já que você me perdoou, acho que posso aparecer a qualquer hora e ficar com você.

– Só perdoei porque achei que ia morrer. Mas tudo bem.

Billy colocou uma cerveja gelada na minha frente.

– Os fregueses votaram e decidiram que essa rodada é por sua conta. Sabe, como compensação por quase ter matado todo mundo.

– Ah, é? – Examinei o bar. – Acho que não tenho saída. Ponha na minha conta.

Billy se serviu de um copo pequeno e o ergueu.

– A Jazz, por ter salvado a cidade!

– A Jazz! – gritaram os fregueses, e levantaram os copos.

Estavam felizes em brindar a mim se eu pagasse a cerveja. Acho que era um começo.

– Como estão as mãos? – perguntou Dale.

– Queimadas, cheias de bolhas e doendo muito. – Tomei um gole. – Por sinal, obrigada por salvar minha vida.

– Sem problema. Talvez você queira agradecer a Sanchez também.

– Não.

Ele deu de ombros e tomou mais um gole.

– Tyler ficou preocupado de verdade com você.

– Hummm.

– Ele gostaria de ver você uma hora dessas. A gente poderia almoçar junto, que tal? Por minha conta, claro.

Engoli o comentário maldoso que pensei em falar. E ia ser dos grandes. Em vez disso, me ouvi respondendo: – É, tudo bem.

Ele obviamente não esperava essa resposta.

– Verdade? Porque… Espere aí, verdade?

– É. – Olhei para ele e assenti. – É. Podemos fazer isso.

– Uau. F-fantástico! Ei, quer levar aquele tal de Svoboda?

– Svobo? Por que eu o levaria?

– Vocês dois estão juntos, não estão? Ele é obviamente maluco por você, e você pareceu um pouco…

– Não! Quero dizer… não é bem assim.

– Ah. Então vocês são só amigos?

– Ah…

Dale deu um risinho.

– Sei.

Bebemos em silêncio por um momento. Depois ele disse:

– Claro que você vai transar com aquele cara.

– Ah, cale a boca!

– Aposto mil grades que vocês dois vão ficar maluquinhos em menos de um mês.

Olhei-o furiosa. Ele me encarou.

– E então? – perguntou ele.

Terminei meu copo.

– Nada de apostas.

– Viu?

Kelvin,

Desculpe a demora em responder. Tenho certeza de que você leu tudo sobre o vazamento de clorofórmio no noticiário. As pessoas aqui chamam de “O Grande Cochilo”. Não houve mortes nem ferimentos sérios, mas estou mandando um e-mail só para confirmar que estou bem.

Realmente passei três minutos fervendo na superfície lunar sem traje espacial. Isso meio que não foi uma boa ideia. Além disso, todo mundo sabe que eu fui responsável pelo “Grande Cochilo”.

O que me leva ao meu próximo problema: estou falida. De novo. Resumindo a história, a administradora pegou quase todo o meu dinheiro como castigo por minhas indiscrições. Infelizmente eu não tinha transferido sua parte nos lucros deste mês, de modo que vou ter que ficar devendo. Pago assim que puder, dou minha palavra.

Tenho um trabalhinho para você. Há um cara chamado “Jin Chu” (pode ser nome falso) indo para a Terra agora mesmo. Ele diz que é de Hong Kong e isso é provavelmente verdade. Ele trabalha para uma empresa chinesa de pesquisa de materiais. Não sei qual.

Ele foi expulso de Artemis por uma tramoia. Foi embarcado há alguns dias, de modo que deve estar a bordo do *Gordon*. Isso significa que você tem quatro dias antes que ele chegue à CEQ. Contrate um detetive ou algo assim para descobrir onde ele trabalha. Precisamos do nome da empresa.

Porque, Kelvin, meu velho, essa é a oportunidade de toda uma vida. Essa empresa está para faturar bilhões. Vou investir o máximo que puder e sugiro que você faça o mesmo. É uma longa história: mando um e-mail mais detalhado depois.

Tirando isso, estamos de volta aos negócios de sempre. Mantenha a mercadoria rumo à Lua. E vamos aumentar o volume de contrabando em breve. Artemis vai ter uma explosão populacional. Mais clientes pela frente!

Vamos ficar ricos, meu camarada. Podres de ricos.

E, assim que isso acontecer, você deveria me fazer uma visita. Ultimamente aprendi um bocado sobre o valor dos amigos, e você é um dos melhores que já tive. Gostaria de conhecê-lo pessoalmente. Além disso, quem não quer visitar Artemis?

É a melhor cidadezinha de todos os mundos.

AGRADECIMENTOS

Pessoas a quem quero agradecer:

David Fugate, meu agente, sem o qual eu ainda estaria publicando minhas histórias em blogs à noite e nos fins de semana.

Julian Pavia, meu editor, por ser um pé no saco exatamente nas horas certas.

Toda a equipe da Crown e a equipe de vendas da Random House pelo trabalho duro e pelo apoio. Vocês formam um exército numeroso demais para que eu os cite individualmente, mas, por favor, saibam que sou incrivelmente grato por ter tantas pessoas inteligentes acreditando no meu trabalho e o levando para o mundo.

Preciso dar uns parabéns especiais à minha divulgadora de longa data, Sarah Breivogel, cujos esforços foram fundamentais para me manter são nos últimos anos.

Por suas opiniões inteligentes em várias áreas, mas especialmente por me ajudar a enfrentar o desafio de escrever com um ponto de vista feminino: Molly Stern (editora), Angeline Rodriguez (assistente de Julian), Gillian Green (minha editora na Inglaterra), Ashley (minha namorada), Mahvash Siddiqui (amiga, que também me ajudou a garantir que o retrato do Islã fosse preciso) e Janet Tuer (minha mãe).

LEIA UM TRECHO DE OUTRO LIVRO DO AUTOR


PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO THE NEW YORK TIMES
ANDY WEIR
AGORA UMA SUPERPRODUÇÃO DA TWENTIETH CENTURY FOX
PERDIDO EM MARTE

Perdido em Marte

DIÁRIO DE BORDO: SOL 6

Estou ferrado.

Essa é a minha opinião abalizada.

Ferrado.

Seis dias após o início daqueles que deveriam ser os dois meses mais importantes da minha vida, tudo se tornou um pesadelo.

Nem sei quem vai ler isto. Acho que alguém vai acabar encontrando. Talvez daqui a cem anos.

Que fique registrado: não morri em Sol 6. O restante da tripulação certamente achou que eu tivesse morrido, e não posso culpá-los. Talvez decretem um dia de luto nacional em minha homenagem e minha página na Wikipédia vá dizer: "Mark Watney foi o único ser humano que morreu em Marte."

E, provavelmente, isso estará correto. Porque, sem dúvida, vou morrer aqui. Só que não em Sol 6, como todo mundo está achando.

Vejamos... por onde começar?

O Programa Ares. A humanidade voltando-se para Marte com o intuito de mandar pessoas para outro planeta pela primeira vez e expandir o horizonte da raça humana, blá-blá-blá. Os tripulantes da Ares 1 fizeram o que tinham de fazer e voltaram como heróis. Foram recebidos com desfiles, conquistaram a fama e o amor do mundo inteiro.

A Ares 2 fez a mesma coisa, em outro local de Marte. Receberam um aperto de mão firme e uma xícara de café ao chegar em casa.

A Ares 3. Bem, essa foi minha missão. Certo, não exatamente *minha*. A comandante Lewis era a responsável. Eu era apenas um dos tripulantes. Só ficaria "no comando" da missão se fosse a última pessoa que restasse.

Quem diria?... Estou no comando.

Fico me perguntando se este diário será recuperado antes que o restante da tripulação morra de velhice. Imagino que tenham voltado à Terra sãos e salvos. Pessoal, se estiverem lendo isto: a culpa não foi sua. Vocês fizeram o que tinham de fazer. No seu lugar, eu teria feito a mesma coisa. Não os culpo e fico feliz que tenham sobrevivido.

Acho que eu deveria explicar para algum leigo que talvez esteja lendo isto como funcionam as missões a Marte. Chegamos à órbita terrestre normalmente, em uma nave comum até a *Hermes*. Todas as missões Ares usam a *Hermes* para ir e vir de Marte. É uma nave muito grande e foi caríssima, então a Nasa só construiu uma.

Uma vez na *Hermes*, quatro missões adicionais não tripuladas nos levaram combustível e suprimentos enquanto nos preparávamos para a viagem. Quando tudo estava pronto, partimos

para Marte. Mas não muito depressa. Já passou o tempo das grandes queimas de combustível químico e órbitas de injeção transmarciana.

A *Hermes* é alimentada por motores iônicos. Eles expelem argônio pela traseira da nave rápido o bastante para obter uma pequena aceleração. Não é necessária muita massa reagente, então um pouco de argônio (e um reator nuclear para alimentar tudo) nos permite acelerar constantemente durante todo o percurso. Vocês ficariam surpresos com a velocidade que podemos alcançar com uma aceleração ínfima ao longo de muito tempo.

Eu poderia deleitar vocês com as histórias de quanto nos divertimos durante a viagem, mas não vou fazer isso. Não estou a fim de reviver esses momentos agora. Basta dizer que chegamos a Marte 123 dias depois, sem estrangular uns aos outros.

De lá, pegamos o VDM (veículo de descida em Marte). O VDM é basicamente uma grande lata com alguns propulsores leves e paraquedas acoplados. Seu único objetivo é levar seis seres humanos da órbita até a superfície de Marte sem matar nenhum deles.

E, agora, chegamos ao ponto crucial da exploração de Marte: ter toda a nossa tralha lá de antemão.

Ao todo, catorze missões não tripuladas levaram tudo de que precisaríamos para as operações de superfície. Tentaram fazer as naves de abastecimento pousar na mesma área e fizeram um trabalho razoavelmente bom. Os suprimentos não são nem de longe tão frágeis quanto os seres humanos e podem se chocar com força contra o solo. Mas tendem a quicar muito.

É óbvio que não nos mandaram para Marte antes de confirmarem que todos os suprimentos haviam chegado à superfície e que os contêineres não estavam avariados. Do início ao fim, incluindo as missões de abastecimento, uma missão a Marte demora cerca de três anos. Na verdade, os suprimentos para a Ares 3 já estavam a caminho enquanto a tripulação da Ares 2 voltava para casa.

A parte mais importante dos suprimentos prévios era o VAM, o veículo de ascensão de Marte. Era assim que voltaríamos à *Hermes* após concluídas as operações de superfície. O VAM era pousado com suavidade (ao contrário das bolas quicantes usadas para os outros suprimentos). Obviamente, estava em comunicação constante com Houston e, se houvesse algum problema, teríamos passado por Marte e voltado para casa sem aterrissar.

O VAM é bem legal. Por meio de um belo conjunto de reações químicas com a atmosfera marciana, é possível, a partir de cada quilo de hidrogênio que você leva para Marte, produzir 13 quilos de combustível. O processo, porém, é lento. São necessários 24 meses para encher o tanque. É por isso que o enviaram muito antes de chegarmos aqui.

Vocês podem imaginar como fiquei decepcionado ao descobrir que o VAM tinha ido embora.

Foi uma sequência ridícula de acontecimentos que quase me fez morrer, e uma sequência ainda mais ridícula que me fez sobreviver.

A missão é projetada para suportar rajadas de tempestades de areia de até 150km/h. Então, é compreensível que o pessoal em Houston tenha ficado preocupado quando fomos castigados por ventos de 175km/h. Todos nós vestimos nossos trajes espaciais e nos amontoamos no centro do Hab, para o caso de haver perda de pressão. Mas o Hab não foi o problema.

O VAM é uma nave espacial. Tem um monte de peças delicadas. Pode aguentar tempestades até certo ponto, mas não suporta ser exposto a uma tempestade de areia tão longa.

Depois de uma hora e meia de ventos fortes, a Nasa ordenou que abortássemos a missão. Ninguém queria interromper uma missão de um mês passados apenas seis dias, mas, se o VAM continuasse a ser castigado, todos nós ficaríamos isolados em Marte.

Precisávamos sair na tempestade para irmos do Hab ao VAM. Seria arriscado, mas que alternativa nós tínhamos?

Todo mundo conseguiu, menos eu.

Nossa principal parabólica de comunicação, que retransmitia sinais do Hab à *Hermes*, se tornou um paraquedas quando foi arrancada das suas fundações e carregada pela ventania. No caminho, chocou-se contra o conjunto de antenas de recepção. Então, a extremidade de uma daquelas antenas longas e finas me acertou, rasgando o meu traje como faca atravessando manteiga. Senti a pior dor da minha vida enquanto ela cortava a lateral do meu corpo. Lembro-me vagamente de ter perdido o ar por causa do golpe (foi como se tivessem arrancado o ar de dentro de mim, na verdade) e meus ouvidos começaram a estalar, de forma dolorosa, à medida que meu traje perdia pressão.

A última coisa que recordo foi ter visto Johanssen tentando desesperadamente me segurar.

Acordei com o alarme de oxigênio do meu traje. Um bipe contínuo e irritante que acabou me despertando de um profundo desejo de morrer.

A tempestade havia acalmado; eu estava de bruços, enterrado na areia quase por completo. Aturdido, recobrando os sentidos, me perguntei por que não estava morto.

A antena teve força suficiente para atravessar o traje e a lateral do meu corpo, mas havia sido detida pela minha bacia. Portanto, só tinha um buraco no traje (e em mim, é claro).

Eu tinha sido jogado longe e rolara por uma colina íngreme. De alguma maneira, aterrissei de bruços, o que forçou a antena a ficar em um ângulo muito oblíquo que exercia uma força de torque no buraco do traje. Funcionou como um lacre frágil.

O sangramento da minha ferida gotejou até o buraco. Quando o sangue atingiu o rasgo, a água nele evaporou depressa, por causa do fluxo de ar e da baixa pressão, deixando um resíduo grudento. Isso acabou lacrando as fendas em volta do buraco, reduzindo o vazamento a um volume que o traje podia contrabalançar.

O traje funcionou muito bem. Sentindo a queda de pressão, inundou-se constantemente de ar do meu tanque de nitrogênio para se reequilibrar. Quando o vazamento se tornou administrável, o traje só tinha de liberar aos poucos uma pequena quantidade de ar novo para contrabalançar o que era perdido.

Depois de um tempo, os absorvedores de CO_2 (dióxido de carbono) no traje foram descartados. Esse é o fator realmente limitante do sistema de suporte à vida. Não a quantidade de oxigênio que você leva, mas a quantidade de CO_2 que consegue remover. No Hab, tenho o oxigenador, um equipamento grande que divide o CO_2 para criar oxigênio outra vez. Mas os trajes espaciais precisam ser portáteis. Por isso, usam um processo simples de absorção química com filtros descartáveis. Eu havia ficado adormecido tempo suficiente para inutilizar meus filtros.

O traje percebeu esse problema e entrou em um modo de emergência que os engenheiros chamam de “derramamento de sangue”. Sem ter como separar o CO_2, deliberadamente expeliu ar para a atmosfera marciana e se preencheu com nitrogênio. Isso, somado ao rasgo, fez o nitrogênio acabar logo. Tudo o que restava era o meu tanque de oxigênio.

Então, o traje fez a única coisa possível para me manter vivo: começou a se encher de

oxigênio puro. Eu corria o risco de morrer de hiperóxia, pois o nível excessivamente alto de oxigênio ameaçava queimar meu sistema nervoso, meus pulmões e olhos. Oxigênio demais: uma morte irônica para alguém com um traje espacial furado.

A cada instante, devia haver alarmes, alertas e avisos. Mas foi o alarme de nível excessivo de oxigênio que me acordou.

O volume de treinamento para uma missão espacial é impressionante. Passei uma semana inteira na Terra fazendo exercícios relativos a emergências com trajes espaciais. Eu sabia o que fazer.

Alcançando com cuidado a lateral do meu capacete, peguei o kit para vazamentos, que nada mais é do que um funil com uma válvula na extremidade mais estreita e uma resina grudenta na extremidade mais larga. A ideia é ficar com a válvula aberta e grudar a parte mais larga em cima de um furo. O ar pode escapar pela válvula e, assim, não interfere no lacre feito pela resina. Depois, é só fechar a válvula e o vazamento está lacrado.

A parte complicada era tirar a antena do caminho. Puxei-a para fora o mais depressa possível, estremecendo quando a repentina queda de pressão me deixou tonto e fez a ferida na lateral do meu corpo latejar.

Pus o kit para vazamentos sobre o buraco e o lacrei. Deu certo. O traje preencheu o ar que estava faltando com mais oxigênio. Verificando os mostradores no meu braço, vi que o traje estava com 85 por cento de oxigênio. Só a título de referência, a atmosfera terrestre tem cerca de 21 por cento. Eu ficaria bem desde que não continuasse naquela situação por muito tempo.

Subi a colina cambaleando rumo ao Hab. Chegando ao topo, vi algo que me deixou muito feliz e algo que me deixou muito triste. O Hab estava intacto (oba!) e o VAM tinha ido embora (droga!).

Naquele exato momento, me dei conta de que estava ferrado. Mas eu não queria simplesmente morrer na superfície. Fui mancando até o Hab e me arrastei até uma eclusa de ar. Assim que a pressão equalizou, tirei o capacete.

No Hab, tirei o traje e, pela primeira vez, avaliei bem o ferimento. Precisaria de pontos. Por sorte, fomos treinados em procedimentos médicos básicos e o Hab tinha excelentes suprimentos médicos. Uma rápida injeção de anestésico local, assepsia da ferida, nove pontos e pronto. Eu ia ter que tomar antibióticos por umas duas semanas, mas, fora isso, ficaria bem.

Eu sabia que seria em vão, mas tentei ligar o equipamento de comunicação. Nenhum sinal, claro. A principal antena parabólica havia se partido, lembra? E levou junto as antenas de recepção. O Hab possuía sistemas de comunicação secundários e terciários, mas ambos só serviam para falar com o VAM, que usaria seus sistemas muito mais potentes para retransmitir a comunicação até a *Hermes*. A questão é que isso só funciona se o VAM ainda está por perto.

Eu não tinha como falar com a *Hermes*. Depois de algum tempo, poderia localizar a parabólica na superfície, mas levaria semanas para fazer algum conserto e seria tarde demais. Em caso de missão abortada, a *Hermes* deveria deixar a órbita em 24 horas. A dinâmica orbital torna a viagem mais segura e curta se você parte quanto antes, então por que esperar?

Ao verificar meu traje, vi que a antena havia perfurado meu computador biomonitor. Em uma atividade extraveicular (AEV), todos os trajes da tripulação estão ligados em rede para que possamos ver o estado uns dos outros. O restante da tripulação deve ter visto a pressão no meu traje cair a quase zero e, logo depois, meus sinais vitais desaparecerem. Além disso, eles me viram rolar colina abaixo perfurado por uma lança no meio de uma tempestade de areia... Pois é. Devem ter pensado que eu estava morto. E com toda a razão.

Talvez até tenham discutido rapidamente se deveriam resgatar meu corpo ou não, mas o

regulamento é claro: se um tripulante morre em Marte, ele fica em Marte. Deixar o cadáver para trás reduz o peso para o VAM na viagem de volta. Isso significa mais combustível disponível e uma margem de erro maior para o empuxo de retorno. Não faz sentido abrir mão disso em nome de sentimentalismo.

Então, esta é a situação: estou perdido em Marte. Não tenho como me comunicar com a *Hermes* nem com a Terra. Todos acham que estou morto. Estou em um Hab projetado para durar 31 dias.

Se o oxigenador quebrar, vou sufocar. Se o reaproveitador de água quebrar, vou morrer de sede. Se o Hab se romper, vou explodir. Se nada disso acontecer, vou ficar sem alimento e acabar morrendo de fome.

Então, é isso mesmo. Estou ferrado.

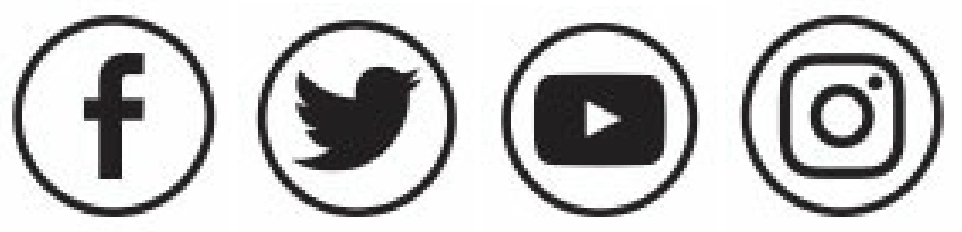
SOBRE O AUTOR



ANDY WEIR fez carreira como engenheiro de softwares até que o sucesso de seu romance de estreia, *Perdido em Marte*, permitiu que ele passasse a escrever em tempo integral. *Artemis* é seu segundo livro, vencedor do Goodreads Choice Awards 2017 de Ficção Científica. Durante toda a vida, Weir foi um nerd em questões do espaço sideral. Seu hobby é se dedicar a assuntos como física relativista, mecânica orbital e a história dos voos espaciais tripulados. Andy atualmente mora na Califórnia.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br




PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO THE NEW YORK TIMES
ANDY WEIR
AGORA UMA SUPERPRODUÇÃO DA TWENTIETH CENTURY FOX
PERDIDO EM MARTE

Perdido em Marte Weir, Andy

9788580413366

336 páginas

Compre agora e leia

MAIS DE 70 SEMANAS NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO THE NEW YORK TIMESHá seis dias, o astronauta Mark Watney se tornou a décima sétima pessoa a pisar em Marte. E, provavelmente, será a primeira a morrer no planeta vermelho.Depois de uma forte tempestade de areia, a missão Ares 3 é abortada e a tripulação vai embora, certa de que Mark morreu em um terrível acidente.Ao despertar, ele se vê completamente sozinho, ferido e sem ter como avisar às pessoas na Terra que está vivo. E, mesmo que conseguisse se comunicar, seus mantimentos terminariam anos antes da chegada de um possível resgate.Ainda assim, Mark não está disposto a desistir. Munido de nada além de curiosidade e de suas habilidades de engenheiro e botânico – e um senso de humor inabalável –, ele embarca numa luta obstinada pela sobrevivência.Para isso, será o primeiro homem a plantar batatas em Marte e, usando uma genial mistura de cálculos e fita adesiva, vai elaborar um plano para entrar em contato com a Nasa e, quem sabe, sair vivo de lá.Com um forte embasamento científico real e moderno, Perdido em Marte é um suspense memorável e divertido, impulsionado por uma trama que não para de surpreender o leitor."Não consegui largar este livro! É a rara combinação de uma ótima trama original, personagens incrivelmente reais e uma precisão técnica fascinante. É como um episódio de MacGyver na Ilha misteriosa." – ASTRONAUTA CHRIS HADFIELD, comandante da Estação Espacial Internacional e autor de An Astronaut's Guide to Life on Earth.

Compre agora e leia


ORGANIZADO POR
GEORGE R. R. MARTIN
E GARDNER DOZOIS
COM AVENTURAS ESPACIAIS DE JAMES S. A. COREY / MICHAEL MOORCOCK
MIKE RESNICK / IAN MCDONALD / S. M. STIRLING / MARY ROSENBLUM
E OUTROS GRANDES EXPLORADORES
AS CRÔNICAS DE
MARTE
ARQUEIRO

As crônicas de Marte Martin, George R. R.

9788580418040

496 páginas

Compre agora e leia

QUINZE CONTOS INÉDITOS ESCRITOS POR GRANDES AUTORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA REUNIDOS PELA PRIMEIRA VEZ NUM SÓ VOLUMEUma princesa de Marte e As crônicas marcianas, dos mestres Edgar Rice Burroughs e Ray Bradbury, foram clássicos que influenciaram a imaginação de milhões de leitores e mostraram que aventuras espaciais não precisavam se passar numa galáxia distante, a anos-luz da Terra, para serem emocionantes. Elas podiam ser travadas logo ali, no planeta vizinho. Antes mesmo do programa Mariner e da corrida espacial, a imaginação já povoava nosso sistema solar com seres estranhos e civilizações ancestrais, nem sempre dispostos a fazer contato amigável com a Terra. E, de todos os planetas que orbitavam o nosso Sol, nenhum tinha uma aura de maior romantismo, mistério e aventura do que Marte. Com contos escolhidos e editados por George R. R. Martin e Gardner Dozois, As crônicas de Marte retoma esse sentimento ao celebrar a Era de Ouro da ficção científica, um período recheado de histórias sobre colonizações interplanetárias e conflitos antigos. Para essa missão, autores consagrados como Michael Moorcock, Mike Resnick, Joe R. Lansdale, S. M. Stirling, Mary Rosenblum, Ian McDonald, Liz Williams e James S. A. Corey foram convidados a revisitar o misterioso planeta vermelho, aqui representado como um destino exótico e desértico, com cidades em ruínas, civilizações impressionantes... e, é lógico, perigos inimagináveis. Enfim, o bom e velho Marte está de volta."Intenso, divertido e inebriante." – Tor
Compre agora e leia


"Um épico
emocionante
que você não vai
esquecer tão cedo."
– Woman's Weekly
Esperança
LESLEY
PEARSE

Esperança

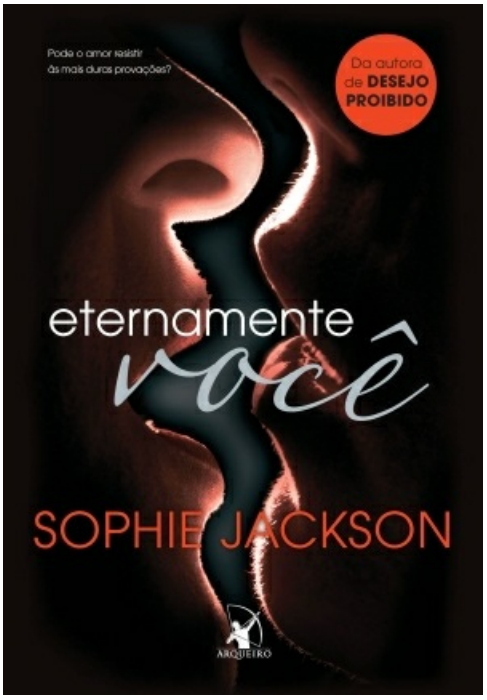
Pearse, Lesley

9788580418606

560 páginas

Compre agora e leia

Inglaterra, 1836. O nascimento de Hope pode ser o prelúdio de um escândalo. Prova do adultério da aristocrata lady Harvey, a menina é entregue a uma das empregadas e cresce sem saber de sua verdadeira origem.Porém, quando completa 14 anos e vai trabalhar na mansão dos Harveys, ela vê algo que não deveria e é forçada a fugir para os cortiços de Bristol, em meio à miséria e à doença.Durante uma epidemia de cólera, a coragem e a gentileza de Hope provocam uma reviravolta em sua vida e ela se vê envolvida em uma guerra, cuidando dos doentes. Mas o destino parece ter outros planos para Hope, e logo a jovem precisará enfrentar os segredos por trás de seu nascimento.Esperança é um romance impactante sobre uma mulher que, apesar de todos os empecilhos, mantém em seu coração o desejo de um dia encontrar a felicidade que tanto merece."Um épico emocionante que você não vai esquecer tão cedo."– Woman's Weekly"Lesley Pearse é uma das autoras mais amadas em todo o mundo." – My Weekly"Uma saga apaixonante." – Bella"Lesley cria personagens cativantes e se destaca como uma verdadeira contadora de histórias." – Daily Mail Compre agora e leia


Pode o amor resistir
às mais duras provações?
Da autora
de DESEJO
PROIBIDO
eternamente
você
SOPHIE JACKSON
ARQUEIRO

Eternamente você Jackson, Sophie

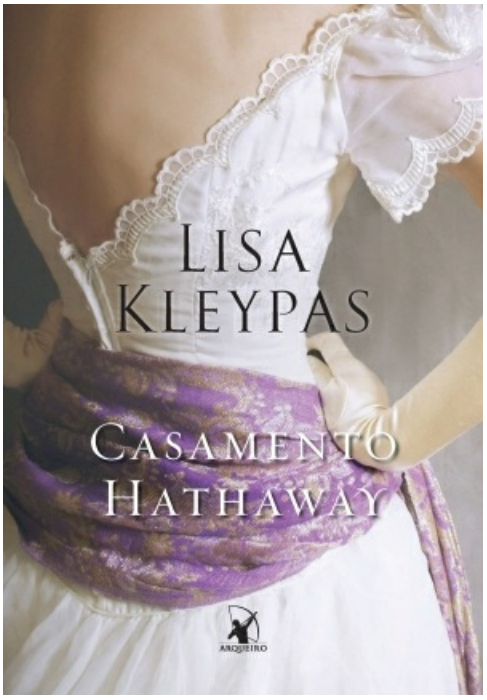
9788580414820

80 páginas

Compre agora e leia

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido.Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele.Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas.Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois.Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

Compre agora e leia


LISA
KLEYPAS
CASAMENTO
HATHAWAY
ARQUEIRO

Casamento Hathaway Kleypas, Lisa

9788580418484

36 páginas

Compre agora e leia

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância.Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improviso e convidados surpresa.Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

Compre agora e leia

Table of Contents

Créditos
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
Agradecimentos
Leia um trecho de outro livro do autor
Sobre o autor
Informações sobre a Arqueiro